



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

| CPI - SISTEMA CARCERÁRIO | | |
|-----------------------------|-------------------|-------------------|
| EVENTO: Audiência Pública | Nº: 1360/07 | DATA: 24/08/2007 |
| INÍCIO: 12h00min | TÉRMINO: 22h49min | DURAÇÃO: 10h49min |
| TEMPO DE GRAVAÇÃO: 10h49min | PÁGINAS: 423 | QUARTOS: 130 |

| DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO |
|--|
| <p>MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR – Secretário de Defesa Social de Minas Gerais. GENILSON RIBEIRO ZEFERINO – Subsecretário de Administração Prisional de Minas Gerais. ANTÔNIO DE PÁDOVA MARCHI JÚNIOR - Procurador de Justiça e Corregedor-Geral do Ministério Público. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA – Agente da Polícia Civil. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO – Doméstica. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA – Doméstica. LUIZ CARLOS CHARTOUNI – Delegado Regional do Município de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA – Delegado de Polícia. MARIA GORETH BELMIRO – Presidiária. MÔNICA LIMA ALVES – Presidiária. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA – Policial Militar. PAULO CÉZAR LOPES – Delegado de Polícia. ANA MARIA FERREIRA – Vereadora do Município de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES – Presidente do Conselho de Segurança Pública e Integração Social – CONSPIS, do Município de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. TIAGO DE LIMA MIGUEL – Presidiário. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL – Presidiário. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS – Policial. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA – Policial. WENDERSON MACEDO PINTO – Presidiário. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO – Presidiário. VÂNIO MARQUES GOMES – Policial Militar. ARAKEN RESENDE COSTA – Perito Criminal. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA – Perito Criminal.</p> |

| |
|---------------------------------|
| SUMÁRIO: Tomada de depoimentos. |
|---------------------------------|

| OBSERVAÇÕES |
|---|
| <p>Diligência da CPI ao Município de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. Houve exibição de imagens. Há palavras e expressões inaudíveis e ininteligíveis. Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.</p> |



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estão abertos os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito criada para investigar o sistema carcerário brasileiro. Então declaro abertos os trabalhos desta oitiva.

A Comissão Parlamentar de Inquérito que foi criada na Câmara Federal para investigar o sistema carcerário brasileiro é de autoria do Deputado proponente Domingos Dutra, do PT do Maranhão, assinada por demais Parlamentares para garantir a quantidade de assinaturas necessárias para a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Foi criada no mês de julho, foi instalada na quarta-feira agora na Câmara Federal, e ontem pela manhã nós elegemos os Presidentes desta Comissão.

O Presidente é o Deputado Neucimar Fraga, que lhes fala; o 1º Vice-Presidente é o Deputado Bruno Rodrigues, do PSDB de Pernambuco; a 2ª Vice-Presidente é Deputada Maria Lúcia Cardoso; o 3º Vice-Presidente é o Deputado Luiz Carlos Busato. O Relator é o Deputado Domingos Dutra. E temos aqui a presença de 2 Deputados membros da Comissão, a Deputada Maria do Carmo, do PT de Minas Gerais, e o Deputado Alexandre Silveira, do PPS de Minas Gerais.

Esta oitiva é a primeira oitiva que está sendo realizada pela Comissão. Nós fomos surpreendidos, ontem pela manhã, com as informações veiculadas na imprensa sobre os fatos ocorridos aqui na cidade de Ponte Nova, onde, após uma rebelião e uma suposta briga de gangues dentro do sistema prisional, levou a óbito 25 presos, que morreram queimados em uma única cela, a cela 8, da cadeia pública aqui do Município de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais.

A CPI aprovou o requerimento autorizando que a Comissão estivesse aqui, e aqui não está uma Subcomissão, aqui está a Comissão Parlamentar de Inquérito. Eu estou representando, junto com o Relator e os Deputados aqui presentes, os demais Parlamentares da nossa Comissão. São 25 Parlamentares titulares e mais igual número de suplentes. Então aqui está a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Federal que foi criada para investigar e fazer o inquérito sobre o sistema carcerário brasileiro. Nós vamos atuar durante o prazo determinado e prorrogável, de acordo com a necessidade da Comissão Parlamentar de Inquérito, para que possamos aprofundar as investigações e fazer um diagnóstico completo sobre o sistema prisional brasileiro.



Temos inúmeros problemas que atingem o sistema prisional brasileiro. Vamos investigar as denúncias sobre torturas nos presídios brasileiros, vamos investigar as mortes violentas que têm ocorrido dentro do sistema prisional brasileiro, vamos investigar a atuação de facções criminosas que atuam nos presídios brasileiros, queremos investigar a corrupção dentro do sistema prisional brasileiro, queremos conhecer experiências exitosas do sistema prisional que estão dando certo em alguns Estados e que poderão servir de modelo nacional. Vamos visitar as instalações de alguns presídios para verificar *in loco* a situação do sistema penitenciário brasileiro, ou seja, teremos oportunidade, durante esse período estabelecido pelo Regimento Interno para funcionamento da Comissão Parlamentar de Inquérito, de fazer um levantamento, um diagnóstico completo, e no final queremos propor, por intermédio das experiências adquiridas pelos Parlamentares, um conjunto de normas, de técnicas legislativas, de alterações da legislação, para que possamos contribuir com a segurança do País.

Falo em segurança porque investir em presídio com certeza é investir em segurança. Muitas vezes nós somos induzidos a pensar que depois que o cidadão foi preso, julgado e condenado, acabou o problema para a sociedade. Nós sabemos que isso tem sido um engano muito grande. Sabemos que a maioria dos crimes hoje cometidos no Brasil, do tráfico de drogas, tráfico de armas, crimes de execução, seqüestros e assaltos são comandados de dentro dos presídios por aqueles que já foram julgados e condenados e foram apenados, estão cumprindo pena, e que deveriam estar longe para não causar mais transtornos à sociedade. E é muitas vezes de lá, sob o salvo-conduto inclusive da prisão, que eles cometem crimes, e quem sabe, se estivessem até soltos, não teriam condições de executar.

Então nós sabemos que simplesmente prender, julgar e condenar não resolve os problemas. Nós temos que ter um sistema prisional capaz de cumprir o que estabelece a Constituição, de manter presos e longe de causar perigo à sociedade aqueles que já foram julgados e condenados. E também um sistema prisional capaz de contribuir para que os que ali estão sejam ressocializados e reintegrados às suas famílias e à sociedade brasileira.

Este é o papel da CPI: produzir, no final do nosso trabalho, um relatório que possa contribuir com esse sentimento da Comissão. Aqui, nesta Comissão



Parlamentar de Inquérito, nós podemos afirmar que aqui nós não temos disputas políticas entre partidos de Oposição e de Governo, porque a responsabilidade de combater a violência no Brasil é uma responsabilidade de todos, que independe de siglas partidárias, de ideologias políticas e de situações políticas que nós vivemos no momento no Brasil.

Temos Parlamentares aqui do PT, do PR, temos do PPS, temos do PSDB, temos do PMDB, temos do PTB, do PFL, do PV. Quase todas as siglas com representação no Parlamento têm representantes aqui nesta Comissão. E o nosso único objetivo é trabalhar para convergir a nossa experiência, os nossos esforços, a nossa luta em prol de uma política no Brasil capaz de atender às expectativas da população brasileira. E é com esse objetivo que nós estamos aqui em Ponte Nova, porque fomos surpreendidos com os fatos. São fatos gravíssimos, e que nós queremos apurar.

Nós só viemos aqui em busca da verdade, e mais nada. Viemos aqui acompanhar as investigações que já estão sendo feitas pelo Governo de Minas, através da Secretaria de Segurança e das Polícias do Governo, e viemos aqui iniciar as nossas investigações, que, com certeza, farão parte do relatório que será apresentado no final pelo Deputado Domingos Dutra, autor proponente desta Comissão.

É com esse sentimento que nós declaramos abertos os trabalhos desta oitiva. Nós vamos ouvir durante o dia o depoimento de policiais civis e militares que estavam no local. Nós vamos tomar o depoimento do Delegado Dr. Chartouni, que é Delegado Regional, mas que no momento do episódio estava no local. Vamos tomar o depoimento também do Delegado Wanderley, que é delegado da cadeia, Dr. Wanderley. Vamos tomar depoimento do Sr. Carlos Eduardo, Presidente do Conselho de Segurança do Município. Vamos tomar depoimento da Sra. Ana Maria Ferreira, Vereadora integrante da Comissão de Comissão de Direitos Humanos do Município. Vamos tomar depoimento de representantes dos familiares das vítimas, que estão sendo definidos pelos familiares. Estivemos com eles para prestar nossa solidariedade e convidá-los a participar conosco desta investigação. E também vamos tomar depoimento de 2 presos albergados. Vamos tomar também depoimentos de 2 presas da cela 7, são 2 mulheres. Vamos tomar depoimento de 2



presos da cela 9, que é a cela acusada de promover esse massacre; e 2 presos da cela 10, que é uma cela aparentemente neutra dentro desse processo, mas as investigações vão apontar qual foi a participação realmente de cada um nesse episódio.

E nós vamos aproveitar também esta oportunidade, convidamos o Secretário de Defesa do Estado de Minas Gerais, para que também possa colaborar com esta Comissão, prestando as informações necessárias, para que nós possamos também incluir essas informações nas notas taquigráficas deste depoimento.

Neste momento, antes de iniciarmos de fato aqui a oitiva, nós vamos conceder a palavra ao Secretário de Defesa aqui do Estado de Minas Gerais, o Secretário Maurício, que em seguida vai fazer uma pequena apresentação do trabalho que está sendo feito aqui no Estado. É uma apresentação rápida. E, logo em seguida, enquanto a assessoria técnica da Comissão está providenciando o aparato necessário para realizarmos a audiência, nós vamos, enquanto se faz essa preparação, ouvir o Secretário em uma saudação. Logo em seguida, vamos ter uma explanação e, assim, iniciar o depoimento.

Com a palavra o Secretário Maurício, Secretário de Defesa do Estado de Minas Gerais.

O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR - Bom-dia a todos. Sr. Deputado Federal Neucimar Fraga, que é o Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário; Deputado Federal Domingos Dutra, Relator desta mesma Comissão Parlamentar de Inquérito; Deputada Federal Maria do Carmo Lara; Deputada Federal Maria Lúcia Cardoso; Deputado Federal Alexandre Silveira. Eu quero também aqui fazer uma saudação especial, registrando ainda assim a presença do Dr. Antônio de Pádova Marchi Júnior, que é Procurador de Justiça e Corregedor-Geral do Ministério Público; do Dr. Joaquim Miranda, também membro do Ministério Público, que presta um serviço excepcional no trabalho de acompanhamento de todo o funcionamento e gestão do sistema prisional; do Dr. Genilson Zeferino, que é o nosso Subsecretário de Administração Prisional; e do Dr. Marco Antônio Monteiro, que é o Chefe da Polícia Civil do Estado de Minas Gerais. Na pessoa dessas pessoas, eu cumprimento e saúdo todos os demais representantes e autoridades relacionadas ao Governo do Estado de Minas Gerais.



Saúdo também e agradeço de maneira especial ao Vereador Dennis Mendonça Ramos, Presidente desta Casa, que faz a cessão deste espaço, Sr. Presidente, para que o trabalho da Comissão Parlamentar de Inquérito possa fluir bem. Também agradeço e registro, saudando a Vereadora Ana Maria Ferreira, a Vereadora Valéria Alvarenga, o Vereador Wagner Mol, o Vereador Antônio Lopes, o Vereador Antônio Araújo, a Vereadora Pastora Rosângela, a Vereador José Mauro Raimundi e o Vereador Paulo Roberto. Se a alguém aqui não fiz referência, por favor, escuse-me, mas também nessas pessoas eu faço a saudação e o registro especial, porquanto esta é a Casa Legislativa dos Parlamentares que representam esta comunidade e, pela experiência que sofreram, como comunidade ontem, têm se desdobrado — e tenho sido testemunha através do gabinete da Secretaria —, desdobrado de maneira muito especial para dar amparo às famílias dos presos e toda a gestão e logística relacionadas às necessidades tanto da Secretaria do Estado quanto da própria hoje presença da Comissão Parlamentar de Inquérito. Então esse registro de público faço, porque naturalmente merece destaque.

Sr. Presidente, eu gostaria, em primeiro lugar, de registrar que a Secretaria de Estado de Defesa Social está plenamente à disposição da Comissão Parlamentar de Inquérito. O Governador Aécio Neves assim determinou e determinou também que nós prestássemos todas as informações necessárias e fundamentais ao bom trabalho e escopo desta Comissão.

Eu gostaria apenas de fazer um registro, até porque eu considero que esta oportunidade do episódio que é marcante e lamentável, ocorrido em Ponte Nova, propiciará de algum modo uma grande reflexão acerca do sistema carcerário, não mineiro só, mas de todo o País. Isso considerando inclusive o fato de que Minas Gerais seguramente tem os mesmos problemas carcerários de qualquer unidade da federação. Os mesmíssimos problemas em Minas Gerais repercutem e se multiplicam em cada Estado deste País: delegacias de polícia, unidades antigas, problemas de contingente e outros tantos aspectos e mazelas que V.Exa. destacou na abertura deste trabalho.

Contudo, esta também é uma oportunidade para que a Comissão conheça o trabalho que Minas vem desenvolvendo como forma de solução desses problemas. Quero crer, inclusive, que, se a Comissão Parlamentar de Inquérito puder identificar



problemas, seguramente, como eu dizia, encontrará os mesmos problemas em qualquer Estado do País, mas as soluções que cada Estado está implementando, estas soluções têm diferença, e são um diferencial importante que esta Comissão Parlamentar de Inquérito também haverá de identificar, para que repercutam, como solução, quem sabe, para este País.

Minas Gerais adotou um modelo de gestão que é extremamente complexo. Hoje, a Secretaria de Estado de Defesa Social contempla toda a coordenação operacional do sistema de defesa social. Ou seja, há uma coordenação operacional da Polícia Civil, da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros Militar e da Defensoria Pública, todos como órgãos autônomos, mas integrantes de um sistema de defesa social. E mais, essa mesma Secretaria ainda contempla todo o trabalho de administração prisional, de atendimento às medidas socioeducativas com os adolescentes em conflito com a lei. E vai além, faz o trato de todo o sistema no sentido da prevenção à criminalidade.

Basta dizer que essa é uma Secretaria, talvez, entre todas as de Minas Gerais, de maior complexidade. Mas por quê? Porque Minas adotou um modelo, um modelo que procura identificar o problema ligado à criminalidade e tentar solucioná-lo de maneira completa e cabal.

Em várias unidades da Federação encontraremos modelos diversos: Secretaria de Segurança Pública diversa de uma Secretaria de Administração Prisional; trato da prevenção em outras secretarias ligadas a ações sociais. Em Minas há uma transversalidade dos programas das demais secretarias com a Secretaria de Defesa. E dentro desta Secretaria há sempre a preocupação de trazer o trato do sistema como um todo; do trabalho ostensivo da Polícia Militar, passando pelo trabalho de investigação da Polícia Civil, percorrendo aí o parceiro, o Poder Judiciário, o Ministério Público, e ainda a administração prisional como uma ponta desse sistema, que busca então equacionar e dar a solução para esse sistema.

Este modelo, Presidente, é de fato um modelo especial, e que procura, a partir do ano de 2003 — o senhor verá — dar um trato todo completo e complexo ao sistema. O senhor verá que em Minas Gerais, desde 2003, nós saímos de 6 unidades prisionais, sob o cargo da Defesa Social, e hoje temos 45 unidades. Ou seja, de 2003 até aqui, de 6 para 45 unidades construídas, constituídas, reformadas



e estabelecidas. Isso gerou a possibilidade de que a Defesa Social assumisse um contingente de presos que saiu de 6 mil presos, em 2003, para quase 19 mil presos em 2007. Isto é um esforço hercúleo. A velocidade com que a Secretaria tem feito isto é uma velocidade assustadora, alucinante, que tem imposto a realização de concursos públicos.

Hoje, em curso está o concurso público para Agente de Segurança Penitenciária. São 1.250 vagas. A prova, a primeira da seleção, será agora dia 9 de setembro. De 2003 até a presente data, o salto de agentes penitenciários concursados saiu de 600 para 1.850 agentes de segurança penitenciária. E como havia um *déficit* de vagas e um problema estrutural das cadeias públicas pelo interior de Minas, a Secretaria se desdobrou ainda mais, porque a velocidade é intensa. Chegou mesmo a fazer seleção e contratos administrativos, que não são os ideais, porque o ideal é o concurso público, mas contratos administrativos para sair assumindo as cadeias públicas no interior na velocidade possível a uma administração responsável e que não faz uma só promessa que não possa cumprir.

Este é o compromisso do Governador Aécio Neves, e este é o trato que a Defesa Social tem feito no sistema carcerário e na política de segurança pública, aliada à prevenção à criminalidade.

Com essas palavras, Sr. Presidente, eu quero reiterar toda a disposição do Governo do Estado de Minas Gerais, da Secretaria de Estado de Defesa Social, da complexidade do seu sistema de defesa social, e renovar a disposição, como dizia, de contribuir ao máximo possível, porque, antes de tudo, esta Comissão Parlamentar de Inquérito não investiga um fato ou um episódio, ela investiga toda a estrutura do sistema carcerário. E mais do que tudo, ela propõe soluções.

Minas tem os mesmos problemas que todo o País tem, e Minas tem uma solução diferente para esses problemas, quiçá a melhor entre as soluções deste País.

Portanto, reiterando e agradecendo a oportunidade, vou também pedir a licença ao Presidente, a fim de que o Subsecretário Genilson possa fazer a exposição, que não durará mais do que 10 minutos. Muito embora não seja uma exposição específica do sistema carcerário, pode ilustrar, junto de algumas lâminas, aspectos relacionados ao sistema de defesa. E aí o Professor Genilson



naturalmente ilustrando um pouco com esses números que eu aqui superficialmente mencionei e que são impactantes, são relevantes. Sempre lembrando que problemas são comuns a todos, as soluções é que são diferentes.

De maneira que eu agradeço, Sr. Presidente, esta oportunidade, e, com a sua licença, se puder, passaria ao Professor Genilson, apenas para fazer uma exposição, aquela de 10 minutos, que é apenas como uma introdução do nosso sistema. É a do vídeo e é muito rápida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Convido o professor, então, que está com a palavra para fazer a exposição do vídeo.

Logo em seguida, vamos iniciar o depoimento das testemunhas que foram convidadas e convocadas pela CPI para prestar depoimento. E nós vamos tomar primeiro o depoimento do Sr. Marco Aurélio Crisóstomo de Oliveira, que é agente de polícia que estava de plantão no dia do episódio.

Com a palavra o professor.

O SR. GENILSON RIBEIRO ZEFERINO - *(Segue-se exibição de imagens.)*

Essa apresentação tem como característica, na verdade, apresentar dados absolutos da gama de investimentos que o Estado vem fazendo e de que forma que a Secretaria de Defesa Social, após essa estrutura e esse arranjo institucional com o qual nosso Estado lida, vem enfrentando os problemas de combate à criminalidade.

Esse arranjo institucional dá ao nosso Estado esse desenho de uma Secretaria de Defesa Social diferente do que outros Estados vêm acompanhando, que é juntar, sob uma só coordenação, não só a questão prisional, mas as medidas socioeducativas envolvendo a questão do menor, que é um problema nacional, mas também o sistema prisional e, além de tudo, a prevenção à criminalidade. Isso dá, de uma certa forma, para o Estado a condição de planejar políticas que sejam integradas.

E aí, nesse sentido, há uma otimização da utilização dos recursos desde o início, não só do planejamento, mas fazendo com que esse recurso chegue de uma forma oportuna, em tempo certo e garantindo a efetivação lá na ponta.

Esse é o desenho, o organograma da Secretaria de Defesa Social, com os diversos segmentos. Em verde são as subsecretarias, que são 3, e abaixo, as diretorias, enfim, a composição do nosso *staff*.



Os investimentos. Nesse quadro, a gente tenta apresentar objetivando um cronograma. A data de início é 2003, e até 2007. Nelas vocês podem perceber a origem do recurso, recurso do Tesouro, do Tesouro ordinário, e o fundo penitenciário, de que forma esses recursos vão sendo compostos e de que forma que o Estado vem administrando. Vocês podem perceber que a parte fundamental do recurso vem do próprio Governo, e uma parte, que a gente espera que seja aumentada, do Governo Federal.

O Governo do Estado, a partir de 2003, num crescente — o nosso quadro aponta isso, com uma ordem crescente de investimentos —, e o do Governo Federal, numa relação inversa.

Esse quadro demonstra e nos ajuda a entender o desafio que nós temos pela frente de ter como meta e como escopo do trabalho o enfrentamento aos crimes violentos. Nesse sentido, uma estrutura poderosa tem sido montada que articula as Polícias Militar e Civil para esse enfrentamento. Nós temos algumas metodologias com as quais a gente lida em que a questão dos homicídios, eles têm tido um tratamento diferenciado no enfrentamento da criminalidade.

Para que essas coisas se dêem de forma articulada, a Polícia Militar e a Polícia Civil, não só em termos de grupos estratégicos, mas de ações estratégicas, têm recebido investimentos poderosos, não só as delegacias especializadas, mas também as Polícias que cuidam na ponta desse investimento, não só com recurso, mas também com treinamento. E aí nós temos tentado reverter a situação de criminalidade violenta, exatamente casando investimento e planejamento.

Bom, este quadro tenta demonstrar que, na medida em que... Aí não está escrito, mas é uma leitura que nós podemos apreender, é de que, com o investimento no sistema prisional e aí produzindo um efeito quase que psicológico, mudando a sensação de segurança no nosso Estado, ao aumentar a oferta de vagas nas unidades prisionais — e aí botando fim à impunidade —, a criminalidade violenta vem caindo.

Há uma teoria da Sociologia que acredita, de fato, que, se a gente de fato investir... Se a gente pudesse manter investimentos na área de contenção, a criminalidade vai reduzindo. Esse dado é absoluto, ele tem mostrado de que forma, com o aumento da nossa capacidade prisional, a criminalidade tem caído.



Nós temos ainda um desafio, que é a contenção dos homicídios. Tem a região metropolitana como destaque, até porque a complexidade do enfrentamento numa região metropolitana nos orienta e aponta saídas para que a gente consiga ampliar essa ação não só de investimentos, mas também operacional no resto do Estado. E aí a evolução dos crimes na região metropolitana, a partir de estudos do próprio CRISP, que é um órgão da universidade que vem nos ajudando, monitorando as nossas ações e orientando, com a própria atuação das polícias, os investimentos, a queda de homicídios em Belo Horizonte é significativa. *(Pausa.)*

Bom, nós destacamos aí o enfrentamento à violência e à criminalidade na região metropolitana de Belo Horizonte. Há uma tendência de queda desses indicadores de criminalidade e violência, e a gente tenta, a partir dessa experiência de Belo Horizonte, reaplicar no interior do Estado. Como estratégia de intervenção, temos dividido o Estado em regiões integradas de segurança pública. Belo Horizonte é a primeira região integrada de segurança pública, e no entorno de Belo Horizonte — Contagem, Vespasiano — vão se consolidando em forma de região. E a partir daí, todo o investimento é focalizado nessas regiões. Neste momento, o recurso para o interior está voltado para 5 regiões, cuja população e cujo índice de criminalidade é o mais alto. E nesses, a cidade aqui é contemplada exatamente com uma ação de planejamento. A idéia era de não transformar isso como uma história de cobertura, tentando trazer dados positivos, mas efetivamente colocar a discussão do investimento e como o Estado está disposto a investir. *(Pausa.)*

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Boa-tarde a todos. Dando continuidade a esta oitiva, em substituição, como 2ª Vice desta Comissão Parlamentar de Inquérito, nós vamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos.

O primeiro a ser ouvido da lista é o agente policial Marco Aurélio Crisóstomo de Oliveira.

O SR. ANTÔNIO DE PÁDOVA MARCHI JÚNIOR - Pela ordem, Sra. Presidente. Gostaria de pedir licença para me retirar também, já que agora vão começar os trabalhos. Representando o Ministério Público, o Dr. Joaquim vai acompanhar os trabalhos. Eu pediria licença à Mesa para me retirar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Pois não, Sr. Corregedor. Muito obrigada pelo apoio dado. Dr. Marco Antônio Monteiro, agradeço



a presença, o apoio dado. Secretário Maurício, eu agradeço em nome desta Comissão Parlamentar de Inquérito também essa sua colaboração, sua gentileza de nos receber e nos dar um apoio que, na realidade, será valioso para os nossos trabalhos na Comissão. Agradeço a sua presença. Muito obrigada a todos vocês.

Passo a palavra ao Presidente da Comissão, que acaba de chegar. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós queremos agradecer, em nome da Comissão Parlamentar de Inquérito, toda a atenção dispensada a esta Comissão pelo Secretário, pela equipe do Governo do Estado, que colocou todo o aparato à disposição da Comissão. Queremos agradecer à Câmara Municipal, aos Vereadores Municipais, Presidente da Câmara de Vereadores, Vereadoras do município, pela presença e por ceder esse espaço para que a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Federal pudesse realizar aqui o seu trabalho. Queremos agradecer a presença de todas as autoridades.

Neste momento, então, vamos iniciar os depoimentos.

Nós queríamos convidar o Sr. Marco Aurélio de Oliveira, agente de polícia. Pediria à assessoria que possa.... *(Pausa prolongada.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Marco Aurélio Crisóstomo de Oliveira?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - CPF 724.578.056-00, RG 966.254, de Minas Gerais. O senhor é agente...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Agente de polícia de segunda classe do Estado de Minas Gerais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está lotado na Cadeia Pública de Ponte Nova há quanto tempo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Atualmente há 8 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Antes de vir para Ponte Nova, atuou onde?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu atuei antes no... primeiramente, em 90, em Ponte Nova; depois atuei no Aeroporto de Confins, e retornei novamente a Ponte Nova há 8 anos.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É natural de Ponte Nova?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, natural de Belo Horizonte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Belo Horizonte. Já morou aqui antes?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Já, em 1990.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas quando veio a trabalho, ou morou antes de ingressar na Polícia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Somente a trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Somente a trabalho.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Somente a trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Atualmente está há 8 anos na Cadeia Pública de Ponte Nova?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É, na Delegacia de Polícia, prestando serviço de plantão na Delegacia e cadeia pública.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No dia do episódio, da madrugada de quinta-feira, estava de plantão normal, ou estava tirando alguma escala...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, plantão normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual a sua escala?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Minha escala são 2 dias, de 8h30min da noite às 8h30min da manhã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, estava na escala normal?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estava na escala normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o horário que havia entrado no trabalho?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Às 20h30min, com saída às 8h30min do dia seguinte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Às 20h30 min de quarta-feira?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ia sair...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Às 8h30min da manhã da quinta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Às 8h30min da manhã. Quem é seu companheiro da noite?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Agente Maurício Alvim Campos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maurício Alvim...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Campos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Campos. Além de vocês 2, quem mais estava no local?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - No local estavam o Agente Antero...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Agente Antero...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - E o Digníssimo Delegado Regional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Agente Antero é Policial Civil?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Policial Civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Também estava escalado para o dia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Ele estava no local. Ele reside na delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, ele reside...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na delegacia. Então, além de você e do Maurício Alvim, estava também no local o Agente Antero de quê?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Marcos de Souza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Antero Marcos de Souza, que mora no local?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Mora no local.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Além dos policiais civis, os agentes, quem mais estava no local além de vocês?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Os policiais militares que fazem a guarda da cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos são?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - São 2.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o nome deles?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Agora não me recordo de memória.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles trabalham lá há muito tempo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Trabalham.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não posso precisar, porque existe a variação, eles trocam normalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De escalas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - De escalas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas eles já haviam trabalhado lá antes, tirado escala lá antes, esses 2?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim, já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mais de uma vez?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Mais de uma vez coincidiu com o meu plantão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você nunca procurou saber o nome deles?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, porque eles ficam na guarita. Eles ficam na parte externa, e eu tiro plantão dentro da delegacia.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando que vocês acionam esses 2 policiais?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Quando há algum problema na cadeia, algum barulho diferente, de conversação anormal dentro da cadeia. E normalmente eles percebem primeiramente por eles estarem na área externa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o procedimento? Normalmente, eles percebem algum movimento diferente e acionam vocês, ou vocês percebem e acionam eles?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Normalmente, eles acionam, porque eles têm acesso às janelas das celas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse dia, eles acionaram vocês?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Foi conjunto, porque o barulho foi muito alto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Onde você estava no momento?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Dentro da sede da delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dentro...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Da sede da delegacia, que é o prédio ao lado da cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... da delegacia. Quando você ouviu o barulho, você foi acionado, ou não foi acionado pelo policial militar?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, eu ouvi o barulho de onde eu estava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você ouviu, e aí qual foi sua providência?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Me deslocar para a cadeia pública, para verificar o que estava acontecendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Chegando lá...



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Chegando lá, encontramos barulhos no andar superior...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O portão de entrada da cadeia estava aberto?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Fechado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava fechado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Fechado. Fica todo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem fecha?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É fechado das... Ele fica normalmente fechado. A gente não entra na cadeia na parte noturna. Só durante o dia que os carcereiros têm acesso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aquele portão da escada ali, que nós tivemos acesso, fica fechado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Fica trancado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ninguém poderia ter entrado ali, além de você?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Além do Agente Antero?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Ele é trancado com cadeado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem foi o último a sair lá de dentro? Quem foi que trancou o portão?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É impossível determinar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É impossível... por mim, é impossível determinar, porque eu pego o serviço às 20h30min...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem deveria ter fechado o portão? Que hora... Fica aberto durante o dia e fechado só à noite?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Fechado durante o dia. Só é aberto para...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Visita.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - ... entrada de alimentação para os presos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem foi o último a ter acesso àquelas celas, aos corredores das celas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não posso determinar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não sabe?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o último horário que você teve acesso às celas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não tive... o último...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você chegou, não teve acesso, foi direto para o local para onde você estava?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu fui direto... Eu saí da delegacia, fui direto para esse portão. Nós temos as chaves, mas é proibido o acesso fora do expediente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você ouviu o barulho, você foi até...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Até essa porta, para verificar o que estava acontecendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ela estava fechada?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Trancada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trancada?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Trancada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o barulho muito grande lá dentro?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Muito grande.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você ouviu tiros?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Quatro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quatro?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Quatro.

Espaçados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pela experiência que você tem, de trabalho na Polícia, você sabe especificar que tipo de arma poderia produzir o barulho que você ouviu?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É uma arma de fogo. Por ser um local fechado...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Calibre?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Por ser um local fechado, ecoa. Se reconhece que é uma arma de fogo. Agora, o calibre, é impossível determinar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que você chegou à porta, você ouviu os 4 tiros, ou tinha ouvido algum tiro antes?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na hora que eu estava me dirigindo para o local, eu comecei a ouvir os estampidos. Primeiramente, pensei: o que está acontecendo? Não sei de onde viriam, porque eu estava na parte externa. Ao chegar nessa porta, eu percebi que vinha de dentro da cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ouviu algum tiro, você percebeu que estava atirando em sua direção, ou não?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Isso foi depois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você chegou sozinho ao local?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu e o Agente Maurício.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você e o Agente Maurício?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual foi a reação do Agente Maurício também diante do fato?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ele não entendeu como... como estava ocorrendo disparo lá dentro, se prontificou a ficar nessa porta, e eu fui para a área externa, onde se encontravam os policiais militares, para verificar se eles também tinham percebido se era dentro da cadeia ou de onde estavam vindo esses estampidos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E qual foi a informação que eles passaram?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eles falaram que estava vindo de dentro da cadeia, do corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles ficaram o tempo todo na guarita? Não deixaram a guarita para...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficaram o tempo todo no local em que estavam.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Era um local protegido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então eles estavam se protegendo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estavam se protegendo dentro da guarita, onde eles têm visão dos 2 lados da cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você sabe se eles acionaram uma solicitação de reforço, tendo em vista que estava havendo...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Com certeza. Com certeza, que em aproximadamente 10...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem acionou foram eles ou foram vocês?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Nós acionamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós, quem?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Assim que descobrimos que era dentro da cadeia o problema, eles acionaram o apoio deles, e eu voltei e acionei o Delegado Regional e todos os policiais que estavam de prontidão.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A que horas aconteceu tudo isso?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Por volta de 1h da manhã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Iniciou 1h da manhã?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Uma hora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você solicitou... Quem pediu ajuda de reforço para a Polícia Militar?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que horário você solicitou ajuda?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Desculpe, o apoio da Polícia Civil, eu pedi. A Polícia Militar, através de rádio, os próprios policiais militares solicitaram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quanto tempo depois vocês pediram o apoio da Polícia? Você chegou lá por volta de 1 hora. Quanto tempo? Que horas você pediu apoio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Menos de 2 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foi em seguida. Foi de imediato.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - De imediato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo demorou o apoio para chegar?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Menos de 10 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Normalmente, esse trajeto seria feito por 10 minutos mesmo, ou poderia ser mais rápido?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. O trajeto... Eles chegaram bem rápido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é a distância entre a delegacia e o local onde estava o apoio solicitado?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Aproximadamente 5 quilômetros, no máximo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cinco quilômetros?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Cinco quilômetros da Polícia Militar. E as viaturas que estavam na rua — eu não sei onde elas estavam — em menos de 10 minutos já estavam lá. E o nosso pessoal também, pouco tempo depois, menos de 5 minutos, também já começaram a chegar os policiais que estavam na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês permaneceram pelo lado de fora? Você e o Maurício?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em momento algum pensaram em abrir o portão para ver o que estava acontecendo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Dois policiais. Nós decidimos que não era aconselhável entrar na cadeia sozinhos, principalmente existindo o disparo de armas de fogo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você ouviu 4 tiros?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ouvi 4.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E gritos de...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Gritaria normal. A gritaria da algazarra, da rebelião.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O que mais ouvia durante essa bagunça toda?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É impossível definir o que se ouvia em palavras. Se ouvia a algazarra. Por ser um local fechado, faz muito barulho do lado de fora. Não dá para definir quantas pessoas estavam...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E, após a chegada do reforço, qual foi a providência que vocês tomaram? Abrir a portão?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tentar entrar para saber o que estava acontecendo. E, no momento em que o nosso pessoal chegou e se uniu ao pessoal da Polícia Militar, começou a sair fumaça pelas janelas da cela 8. Vendo isso, a providência foi tentar chegar...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Como é que você sabe que era a cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É visível pela parte externa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De onde você estava ali, você sabia que a fumaça da cela 8 estava saindo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estava vindo da cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dava para saber?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Dava para saber.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava escuro, ou as luzes estavam acesas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - A iluminação da cadeia estava funcionando totalmente. Depois que começou a sair fumaça, ficou difícil de se enxergar lá dentro, devido ser uma fumaça muito escura.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você chegou as luzes estavam acesas ainda?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todas acesas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dava para enxergar o corredor?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não? Mas por quê?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - O ângulo de visão é limitado, por ser uma cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois, a luz foi cortada?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ela apagou?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ela foi ofuscada....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Interrompida?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Ela foi ofuscada. Simplesmente, a fumaça deixou ela completamente fosca. Ficou negra, não dava mais para enxergar nada nos corredores.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os portões das celas, quando vocês entraram no corredor, estavam trancados, ou não?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos abertos, com exceção do portão de saída para o acesso ao andar inferior. Esse estava trancado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Naquele andar estavam todos os portões...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Abertos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Abertos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Arrombados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos das outras celas haviam deixado o local, ou estavam no local?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos estavam no corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todos os presos estavam no corredor?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - No corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quantos presos estavam ali lotados?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu calculo — não posso dar a certeza do número exato — aproximadamente uns 70.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Setenta? No pavilhão de cima ali?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - No pavilhão de cima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E embaixo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Circulando entre as celas e o corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Havia mulheres também?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - As mulheres estavam em qual cela?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - As mulheres ficam no andar inferior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E qual é a cela delas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Número 2.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Número 2? Na cela 7, quem estava lá?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Cela 7? Albergados. Os albergados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os albergados estavam na cela 7?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Fica no mesmo pavimento?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. No andar inferior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No andar de cima, então, fica a cela 8...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - 8, 9, 10 e 11.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - 8, 9, 10 e 11?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - E 12 também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todas as celas estavam abertas, inclusive a cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todas abertas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O cadeado estava no local, quebrado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Depois que nós entramos, nós conseguimos localizar os cadeados no corredor, quebrados. As portas estavam abertas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que você chegou, você ouviu os 4 tiros. Correto?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois dos tiros, você ouviu algazarra?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois você percebeu a saída de fumaça das celas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto. Aí, o pessoal já havia chegado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim. Você falou que foi 10 minutos.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Exatamente. Depois, o lapso de tempo entre percepção do problema, chegada dos presos, chegada dos policiais, 10 minutos a 15, no máximo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quando eles chegaram, invadiram de imediato?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Primeiro, a gente se organizou, para ver o que iria fazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo demorou essa organização?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É coisa rápida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Uns 5 minutos, para ver o que se vai fazer e distribuir o pessoal...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você chegou ao local, você escutou tiro e barulho, pediu apoio; 10 minutos após, chegou o apoio. Correto?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cinco minutos após a chegada do apoio, vocês estavam organizados. Aí invadiram o local?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Organizados, a cadeia cercada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo vocês demoraram para abrir o cadeado central para entrar nos corredores?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Aconteceu o seguinte: após a organização, tentamos entrar; efetuaram um disparo contra os policiais, que pegou no portão, impedindo a gente chegar ao hidrante que tem no corredor da cela para poder apagar esse incêndio que a gente percebeu de fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles atiraram de dentro...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - De dentro do corredor em direção aos policiais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os policiais estavam em cima na escada ?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Os policias estavam entrando pelo corredor de acesso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem outro corredor de acesso? Vocês tiveram acesso pelo andar de baixo então?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Pelo andar de cima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De cima?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Pelo andar de cima, no mesmo andar onde os presos se encontravam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ali são quantos pavimentos, 2 ou 3?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Dois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dois. Vocês entraram por onde nós também tivemos acesso também, a Comissão, por aquela escada. Aquele ali é o segundo andar?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Aquele é o segundo andar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os policiais também entraram por ali?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Por ali. Na hora que chegou na primeira grade, que se abriu a primeira grade, eles dispararam em direção aos policiais. Acertou na porta, na segunda grade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí houve o recuo?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Aí fomos obrigados... não conseguimos ter acesso ao extintor de incêndio, à mangueira de incêndio, que fica no final do corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês chegaram a abrir o cadeado do portão que dá acesso ao segundo pavimento?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Do segundo portão, só depois que o Dr. Chartouni...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando a gente ali, sobe a escadinha, tem o primeiro portão, não é isso?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - O primeiro portão. Estávamos parados ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aquele portão vocês abriram?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Abrimos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o segundo, não conseguiram abrir?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não conseguimos chegar nele. Nós pretendíamos primeiro chegar na mangueira de incêndio, que fica em frente àquele portão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando vocês abriram o primeiro portão, vocês estavam ouvindo gritos ainda?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estávamos. Ainda estava a algazarra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ouviram grito de socorro?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não dá para precisar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não dá para identificar?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos gritam ao mesmo tempo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Demoraram quanto tempo para abrir o segundo cadeado, o segundo portão, para ter acesso ao corredor das salas 8 e 9?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Uns 20 minutos, no total.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vinte minutos para abrir?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Para abrir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas por que tanto tempo assim para abrir um cadeado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eles estavam armados e disparando contra os policiais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos tiros eles dispararam contra os policiais?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na minha presença, dispararam 1.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Um.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E fora da sua presença, você ouviu falar quantos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não ouvi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, só 1 tiro?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Que eu vi. Esse eu vi e ouvi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então eles tinham dado 4 tiros antes e deram 1 tiro depois?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E aí, depois de 20 minutos, vocês tiveram acesso ao corredor?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Depois de o Dr. Chartouni negociar com eles a saída deles, que ninguém ia ser ferido, ia ser todo mundo colocado no pátio de visitas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando vocês abriram o segundo portão, eles acuraram para o final do corredor? Porque lá faz um L à direita, assim. Como é que... eles estavam onde?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eles estavam escondidos atrás do L.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Lá no L. Então vocês tiveram logo uma visão da cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, só da porta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só da porta?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Só da porta. Não passamos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês ficaram negociando também do outro lado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não passamos daquele segundo portão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ainda estava tendo incêndio na cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ainda estava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muito?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Bastante fumaça. E, nesse momento, já havia chegado o caminhão-pipa da prefeitura, que já estava apagando o incêndio pela janela externa, porque não tínhamos acesso por esse corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês só tiveram acesso à cela 8 depois que todos os presos que estavam no corredor saíram?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos os presos do andar superior saíram e foram para o pátio interno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Demorou quanto tempo isso, até que todos saíssem?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - A descida deles demorou menos de 10 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cinco minutos desceram todos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Desceram todos.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês se depararam com a cela depararam com a cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Com a cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual era a situação?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na hora que entramos os policiais para verificar se tinha mais alguém lá dentro, antes da contagem dos presos, foram revistando cela por cela. A cela 8 estava completamente pegando fogo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês deixaram para revistar por último a cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ela estava pegando fogo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ela é a primeira.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ela é a primeira. Viu-se o fogo, o calor intenso....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí vocês passaram por ela e foram nas outras?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Começamos a passar, e cada equipe indo para uma cela, verificando se tinha mais alguém, se tinha alguém ferido. Aí...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, quando vocês passaram pela cela 8, estava queimando ainda?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estava queimando, completamente, e impossível de se enxergar ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas estava aberto o portão?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estava aberto, mas era impossível enxergar qualquer coisa lá dentro, devido ao rescaldo que o caminhão-pipa estava fazendo. O vapor era muito grande, não se conseguia ficar na porta daquele cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O caminhão-pipa estava jogando água...



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Jogando água pela janela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí vocês passaram por ela, foram na cela 12, 11...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na 9, 10, 11 e 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí depois...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Verificado que não tinha mais ninguém, infelizmente fui eu que vi, cheguei na porta da cela abaixado, porque a fumaça estava toda na parte de cima, e percebi que tinha um vulto deitado mais para o fundo. Eu falei: "*Tem uma pessoa queimando aqui. Joga mais água, tem uma pessoa aqui.*" Na hora que jogou mais água, aí tivemos de sair, porque saiu um vapor extremamente quente de lá. Pararam de jogar água, aí que foi observado que os presos estavam lá dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Passo a palavra para o Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente desta Comissão Parlamentar de Inquérito; Sra. Deputada Maria Lúcia, Vice-Presidente; Deputada Maria do Carmo, aqui também de Minas; Deputado Alexandre, bom-dia a todos. Como disse o Presidente, esta Comissão Parlamentar de Inquérito, como a Constituição estabelece a necessidade de fato determinado, nós listamos alguns fatos determinados que queremos nós apurar, como por exemplo a superlotação, a existência de encarcerados de regimes diferenciados no mesmo espaço. Nós queremos investigar a influência do crime organizado dentro das penitenciárias e cadeias, queremos investigar a situação das mulheres encarceradas e também dos seus filhos que estão fora das cadeias no mais completo abandono, queremos investigar a corrupção onde ela existir, queremos saber sobre a saúde dos encarcerados.

Perguntaria ao Sr. Marco Aurélio: aqui na cela 8, está escrito 25... estão listados 25 presos. Na cela 9 também tinha 25; na cela 8, 11. A cela 11 fica em cima também, não é isso?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na cela 11, 14. Na cela 12, também fica em cima?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Cela?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Doze.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto. É em cima também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A cela 12 com 20 presos. A cela 13 fica em cima?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, andar inferior.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Primeira pergunta para o senhor, se o senhor puder informar, por que tem essa diferença, se as celas são do mesmo tamanho. Todas as celas são do mesmo tamanho?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - São.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Se são do mesmo tamanho, por que uma tem 25, outra tem 12 e outra tem 14? Sabe explicar essa diferença de...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Infelizmente eu não vou poder declinar corretamente o motivo da separação. O que eu tenho conhecimento é que os presos são separados primeiramente pela sua periculosidade, e segundo, acredito que, por problemas na cadeia, o Diretor tenta evitar ao máximo contato entre presos que são inimigos, vamos colocar assim, de gangues diferentes, para evitar um confronto dentro daquela cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe informar que tipos de crimes foram cometidos pelos que estavam na cela 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe informar que tipos de crimes os 25 da cela 8 praticaram?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe informar se os detentos da cela 9 eram amigos, todos eles eram amigos, pertenciam ao mesmo grupo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É difícil informar se eles eram amigos. Eles conviviam na cadeia bem, dentro da mesma cela.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor disse que já trabalha há mais de 10 anos. Você sabe informar se na cela 9... qual o tempo de cada preso, se tinha um mais antigo, outro mais novo, qual o mais recente, o mais antigo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Somente a carceragem vai poder informar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na cela 8, você sabe dizer também o tempo dos 25?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei. Eu gostaria de esclarecer ao senhor que o serviço que eu pratico na delegacia é o serviço de plantão, e o serviço de plantão não tem acesso. É proibido o acesso durante o período noturno às dependências da cadeia pública. A cadeia tem que permanecer fechada, abrindo-se exceção somente às 7 horas da manhã, em que é passado o café da manhã para os presos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe, mesmo por ouvir dizer, quais os motivos que levaram os presos da cela 9 a ter essa atitude tão violenta com relação aos presos da cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Oficiosamente, eles eram de facções diferentes.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que facções? Qual o nome da facção a que pertenciam os presos da cela 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - O nome eu não sei falar, mas eles, parece que é algum caso de tráfico de drogas, mas não posso precisar. Mas eles não eram... não conviviam bem dentro da cadeia, se estivessem dentro da mesma cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não sabe se tinha denominação essa facção?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem era a liderança dos presos da cela 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei informar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor ouviu falar do Sr. Biju, o Sr. Vanderson Luiz Januário, chamado Biju?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que você sabe sobre ele?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tráfico de drogas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele estava numa dessas... na cela 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei qual cela ele estava.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas estava nessa noite nessa delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei declinar, porque eu não tenho acesso à relação de presos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se, na cela 8, tinha alguma liderança expressiva?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor só ouviu falar sobre Cleverson Alexandre da Cruz?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Também foi preso por tráfico. Eu não sabia que ele estava na cela 8.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos os 2 são da cidade?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E essa atuação do tráfico, do Biju, você sabe se se resumia só a essa cidade, ou à região ou ultrapassava as fronteiras aqui, do Estado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, eu só sabia que ele foi autuado por tráfico de drogas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem informação se o Biju tinha ligação com alguma outra liderança de delegacias, presídios no Estado de Minas ou outro Estado do País?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não tenho conhecimento.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você podia informar como é que é a revista? Como é que os presos fazem revista, como vocês fazem revista na delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Nas revistas, os presos são colocados nus e revistada toda a sua roupa e todo o material que eles possuem dentro da cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos os dias?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é a periodicidade?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Normalmente, semanalmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Semanalmente?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Semanalmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é o dia da semana que é feita essa revista?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É determinado pelo diretor do presídio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não sabe o calendário?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei, eu trabalho somente no período noturno.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E as visitas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - As visitas... as visitas acontecem às terças-feiras.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Terças. Qual horário?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na parte da tarde. Na parte da manhã, é a entrada das sacolas, que são deixadas, revistadas, passadas para dentro da cela e, depois, as visitas entram sem nenhum objeto na mão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nada?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Nada. E são revistadas também.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem é que faz, dentro da delegacia, essa vigilância sobre os objetos, sobre o que entra na...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos os policiais são escalados para a visita. Para visita e sol de preso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Marco Aurélio, ali é bem pequeno, na delegacia os espaços são bem próximos. O senhor falou que houve 5 tiros. Aqui, há depoimentos, depoimentos do Maurício Alvim Campos, do Vânio Marques, que falam em armas. O senhor tem informação se havia mais de uma arma de fogo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não tenho informação sobre mais de uma arma, mas mais uma arma foi localizada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor viu os cadeados. Pela sua experiência, que tipo de objeto foi usado para quebrar os cadeados?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Um objeto contundente. Eles estavam amassados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Amassados. Então, é ferro.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Provavelmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Explica aqui para a Comissão: o cadeado fica do lado externo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pela sua experiência, é possível o preso estar do lado de dentro da cela, mesmo com esse objeto contundente, ele romper o cadeado que fica pelo lado externo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É possível, através da janela do banheiro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas ele saiu pela janela do banheiro, ou foi pela frente?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Ele pode colocar o braço pela janela do banheiro e, com um objeto contundente, acertar o cadeado que está abaixo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, o senhor está afirmando que eles saíram pela janela do banheiro?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não estou afirmando por onde eles saíram, o senhor pediu uma suposição de como eles poderiam ter feito isso. Poderiam ter feito colocando o braço pela janela do banheiro, de onde eles abrem o registro e logo abaixo do registro fica o cadeado que tranca a cela. Mas não é possível alcançar com o braço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - no caso da arma — que já está comprovado que houve uma arma, pelo menos uma arma —, e há uma certeza de que havia um objeto contundente, bastante forte, suficiente para romper os cadeados, e foram todos os cadeados do andar de cima.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - São quantos? Quantas celas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Cinco.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então romperam cinco...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Cinco cadeados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Cinco cadeados. O senhor já falou que a entrada de pessoas, os presos são vistoriados, ficam despídos para ser feita semanalmente a revista e que as visitas também têm um controle rigoroso. A que o senhor atribui a existência de pelo menos uma arma de fogo e pelo menos um objeto contundente no interior da cela nº 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu prefiro não conjecturar sobre o assunto, porque eu não vou poder provar nada, eu não sei como essa arma entrou na cadeia, mas que ela de fato estava lá, ela foi encontrada e ela efetuou disparos dentro da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Houve outros casos, outros incidentes nesta delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você podia relatar o que ocorreu e em que período?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Foram rebeliões isoladas, somente requisitando mais visitas de presos, o normal que acontece numa cadeia pública, mas todas elas foram dominadas, como esta, só que sem o saldo dessa infelicidade que aconteceu agora.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ainda voltando à arma de fogo e a esse objeto contundente a que o senhor se referiu. Pela sua experiência aqui, nesta delegacia, o que o senhor pode informar para a Comissão, de que forma, de que maneira esses presos tiveram acesso a esses instrumentos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Esses instrumentos eu só posso afirmar que não entraram durante a noite, porque o acesso à cadeia fica completamente fechado; agora, durante o expediente, eu não posso afirmar nada de como poderia ter havido esse lapso no serviço policial.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem conhecimento se tinha pessoa muito idosa na cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, pela sua experiência, a faixa de idade.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Faixa de idade de 40 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não tinha nenhum menor?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, os menores ficam num andar inferior, completamente isolados do resto da população carcerária.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E na cela nº 9, tinha alguma pessoa acima de 60 anos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não posso precisar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E também menor, não?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Menor, com certeza não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor já relatou que depois que chegou o reforço, vocês arrombaram...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Abrimos a primeira porta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aquele portão que dá para cela 8.



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, o primeiro portão que dá acesso ao corredor...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Certo.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Para chegar ao segundo que dá, aí, sim, a visão das portas das celas, só que nós não conseguimos chegar nesse segundo portão devido à reação dos presos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando o senhor chegou, todas as celas estavam com os portões abertos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Assim que conseguimos visualizar o corredor, estavam todas abertas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Certo. Os cadeados estavam onde? No chão? Estavam ainda ...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - No chão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos eles?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos eles.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem alguma informação se ... o que foi utilizado para tocar fogo? Primeiro, eu pergunto para o senhor, pela experiência, os presos à noite, ali tinha 25 presos, num espaço muito pequeno, todos eles usavam colchões.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha 25 colchões?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tinha.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vinte e cinco colchões. Pela sua experiência, a disposição dos presos à noite tomava todo o espaço naturalmente?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Toma todo o espaço, mas eles ainda conseguem circular entre os colchões.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tá. Os colchões ficavam próximos à porta da cela?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eles deixam um espaço na porta da cela para colocar gêneros alimentícios e receber alimentação. Então sobra espaço ainda.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os colchões tinham alguma cobertura de pano ou eram ...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos tinham lençóis e cobertas, inclusive às vezes com cobertas separando um colchão de outro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos lençóis cobertos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos os lençóis, todas as vezes que eu subi no andar superior, para passagem de café da manhã, todos os presos ficavam cobertos, cada um em seu colchão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem informação se o material dos colchões é muito sensível ao fogo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não tenho essa informação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Se senhor puder informar o que foi utilizado ali? Foi utilizado fogo.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Usaram o quê? Fósforo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Provavelmente, fósforo ou isqueiro, que eles têm acesso a isso por causa que muitos são fumantes.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Gasolina. Você acha que não foi usada?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Impossível.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Impossível?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Acho impossível.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por quê?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Porque é impossível se entrar com gasolina numa cadeia, porque não é permitido nem entrar com refrigerantes na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas como é que entrou uma arma de fogo?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não posso lhe informar. Não sei como aconteceu isso.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, se entra uma arma de fogo, entra um objeto contundente, que é mais visível, não é possível entrar um vidrinho, um frasco pequeno de gasolina ou álcool?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Durante a revista e durante a entrada de qualquer material, existe a listagem do que é permitido ou não dentro da cadeia. Se proibiu *pets*; só é permitido marcarão instantâneo, por exemplo, e refrescos em pó. Então, não entra nenhum tipo de frasco para dentro da cadeia. Quando acontece, o máximo seria um desodorante, que é aberto e verificado se realmente é desodorante para se verificar se é o desodorante e se existe alguma coisa ali dentro além do desodorante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, considerando que, pelo rigor das revistas, era muito difícil entrar uma arma e entrou uma arma de fogo; que, pelo rigor das revistas, era para não entrar nenhum objeto contundente e entrou. O senhor não acha que é mais fácil ter entrado um frasquinho, por menor que seja, de material sensível ao fogo, álcool, gasolina?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu não gosto de levantar hipóteses, mas acho difícil mesmo porque colchões, roupa de cama, roupa pessoal são altamente inflamáveis, principalmente quando se tem um volume como o que existia ali.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto para o senhor, pela sua experiência, e, depois, o que o senhor teve acesso, o cadeado que dava para a cela 8, ele foi rompido antes da agressão pelos presos da cela 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É impossível precisar quando e em qual a ordem das celas foram abertas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não. A 9 foi aberta primeiro, porque eles saíram.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A dúvida que a relatoria tem é que tinha 25 homens dentro de um espaço grande, tinha 25 homens que saíram da cela 9, em um corredor bem estreito, todos foram mortos por fogo. Já está comprovado que houve 5 tiros. O laudo vai dizer se houve algum preso da cela 8 que foi atingido pelos tiros. Mas fica para a relatoria e gostaria que o senhor, se pudesse, colaborar,



como é que se deu esse momento? Porque, se os presos não saíram na hora em que o fogo começou, pressupõe-se que, ou estava trancado, estava fechada a cela ou, então, os 25 homens fizeram uma barreira muito forte, que eles não tiveram coragem de sair. Aí, fica uma dúvida para a relatoria: se o portão estava aberto, mesmo com uma arma de fogo, uma só, que, por enquanto, está comprovado que existiu, 25 homens que já são acostumados a enfrentar polícia não teriam força para escapar da morte, de enfrentar os outros 25? Então, pressupõe-se que a cela estava trancada. Se estava trancada, para pegar fogo, colchão que estava coberto, fica, assim, muito estranho, simplesmente através do fósforo. O senhor não concorda?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Discordo no ponto de 25 homens não terem força para revidar um ataque, porque, como o senhor mesmo citou, eles enfrentam a polícia, quando eles estão armados. Lá, existia apenas uma arma. Essa arma, provavelmente, estava em posse de quem estava agredindo a cela 8. E eu acho que eles, a partir do momento que houve um disparo e alguém foi ferido, eu acho que os outros acuaram. Eles não tiveram coragem de encarar, por não ter como revidar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto para o senhor quantos albergados estavam na parte de cima?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Nenhum. Eles ficam no andar inferior.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Debaixo. Qual é a liberdade dos albergados dentro da delegacia e entre os 2 andares?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eles não têm acesso ao andar superior. Eles entram às 20h30 e saem às 6 horas da manhã.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A imprensa tem especulado que essas armas poderiam ter sido levadas por albergados. O senhor acha possível isso?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Acho difícil, impossível eu não posso falar, porque os albergados, quando chegam, são revistados.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na sua opinião, tinha 25 presos nas celas, nas 2 celas, na 9 e na 8. Ali estava... está caracterizada a superlotação. Você tem a noção de quantos presos era para caber naquelas 2 celas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Isso daí passa a ser um critério técnico. Eu não posso afirmar nada, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem informação de prática de corrupção na Delegacia ou em outros estabelecimentos penais?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Com relação à saúde dos presos, tem informação de pessoas que adoeceram ali, de doenças?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Os presos têm, durante a semana, assistência médica e odontológica, em dias separados. Eles têm visita às terças e, nos outros dias, eles têm sol, em um dia, atendimento odontológico em outro e atendimento médico em outro, dentro da própria cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Algum preso já sofreu alguma enfermidade na Delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Enfermidades normais de quem convive num local fechado com vários outros detentos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sobre as mulheres encarceradas, pela lista que nós temos, eram 5. O senhor sabe quantas tinham? Quantas mulheres?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei precisar quantas tinham na cela, mas, no mesmo dia do ocorrido, eu, pessoalmente, levei uma ao Hospital Arnaldo Gavazza para ser atendida por estar passando mal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual era a doença dela?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Segundo meu atestado médico e a opinião do médico no local, no hospital, ele falou que ela estava provavelmente com sinusite.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tá. Você tem informação sobre... onde é que ficam... se essas mulheres, todas elas, tinham filhos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não tenho essa informação.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não tem informação. Você tem informação sobre a existência de tráfico de droga no interior da Delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Já foram feitas buscas e, às vezes, encontradas quantidades de droga na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que tipo de droga?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Normalmente, maconha.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Maconha. Em grande quantidade?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Ou melhor, uma vez, houve uma apreensão grande.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei precisar a data.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Meio quilo, um quilo, uma quarta?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Trinta e poucas buchas de maconha.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Trinta e poucas buchas. Você tem informação se algum servidor da Delegacia já se envolveu com drogas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nenhum. Quantos servidores, além dos 2, estavam de plantão naquele dia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Somente eu, o Agente Maurício e os 2 Policiais Militares, além de todos os outros Policiais que ficam de prontidão em casa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Essa quantidade de servidores, esses 4, são suficientes para guarnecer a Delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Perfeitamente suficientes, visto que é uma cadeia relativamente calma. Nós não temos problemas, muitos problemas nessa cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vou fazer uma última pergunta, Sr. Presidente. Depois, reservo-me o direito de voltar a questionar. Mas, perguntaria à testemunha, gostaria de perguntar à testemunha. Esta Comissão, como disse o



Presidente, e eu sou autor do requerimento, não tem o objetivo de se dirigir a nenhum tipo de Governo nem Governos Estaduais nem Governo Federal. Sou do PT, portanto, somos, como a Deputada Maria do Carmo, portanto, temos responsabilidade pela segurança no País, pelos presídios, temos vários Governos Estaduais. Nosso objetivo é encontrar saídas para o sistema carcerário brasileiro, que está em situação bastante dramática. Então, a gente gostaria de pedir ao senhor o que o senhor souber, que pudesse informar à Comissão, porque o senhor estará dando uma grande contribuição, para, ao final, a Comissão apresentar sugestões ao Congresso Nacional, ao Governo Federal, aos Governos Estaduais, às instituições que trabalham no sistema. Então, se o senhor tiver receio de declarar alguma coisa, o senhor tem o direito de pedir uma sessão reservada da Comissão. E é nessa... é com essa pregação que volto a perguntar ao senhor: Ali, o espaço é muito pequeno, é uma Delegacia pequena, diferentemente dos grandes presídios que têm 8, 10 mil pessoas. Portanto, o acesso é de fácil vistoria. O senhor já falou que é rigorosa a vistoria, tanto dos presos quanto daqueles que os visitam. Mas o senhor já declarou para nós que foram encontradas drogas, numa das vezes, uma quantidade bem grande, nesse episódio, uma arma de fogo entrou para a cela nº 9 e, pelo menos, um objeto contundente. Gostaria que o senhor pudesse informar à Comissão por que isso ocorre. O que aconteceu? Quem conduziu, quem poderia ter conduzido droga, uma arma de fogo e um objeto contundente? São os albergados, ao irem para casa, conseguem entrar? São as visitas? São policiais servidores do sistema? Porque está comprovado que alguma coisa errada existe. Impossível cair do céu uma arma de fogo, um objeto contundente e drogas.

Portanto, a gente gostaria de fazer um apelo ao senhor para que fosse ajudada a Comissão, porque esse caso, depois do Carandiru, talvez seja o mais grave; são 25 pessoas que morreram queimadas! Não é uma coisa simples.

Portanto, eu gostaria de fazer a última pergunta, refazer para o senhor, se o senhor tem alguma informação de que forma essa droga chegou à delegacia e celas dos presos.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Com referência às drogas, o que se conhece no meio policial é que as visitas tentam entrar com drogas. Já foram feitas, efetuadas várias prisões, as revistas são cada vez mais



rigorosas, mas a criatividade também dos meliantes é cada vez maior. Eles conseguem fazer muitos artifícios para entrar com drogas. Com referência à arma de ser um objeto maior, fica difícil precisar como aquela arma entrou no presídio. Isso eu acredito que, durante o inquérito, vai ser elucidado esse fato. Com referência à exposição dos presos e o tamanho das celas, eles dormem no chão. É realmente difícil, as celas estão cheias. Eles tinham instalações melhores, mas eles próprios depredaram a cadeia pública de Ponte Nova. A cadeia tinha camas para todos em concreto, mas eles começaram a esconder as drogas dentro da alvenaria das próprias camas e, numa rebelião, começaram, eles mesmos, a quebrar essas camas. Então, eles que escolheram que iriam dormir no chão e daquela maneira. O que a polícia tem feito é tentado, através da experiência, como V.Exa. citou, prevenir o máximo possível a entrada de qualquer objeto proibido dentro da cadeia. É o que se está trabalhando para se fazer. Entretanto, à medida em que a gente evolui, os criminosos também vêm, percebem que não conseguem seu intento, vão também arranjando outros meios. Esses meios eu não posso precisar quais são, porque senão já teriam sido cerceados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor pode informar quando foi descoberta a existência da droga na delegacia? Que época?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu não entendi a pergunta, quando...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que época foi descoberto drogas na delegacia, inclusive esses — 26 papelotes?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Trinta e dois ou trinta e três.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Trinta e três papelotes.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu não me lembro a data correta, mas foi esse ano. Foi esse, não... Eu não me recordo, já tem bastante tempo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se já foi aberto procedimento investigatório?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se já foi concluído?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Provavelmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se houve punidos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Isso daí eu já não posso informar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há existência de celulares no interior da delegacia dos presos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Já foram apreendidos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei o número, porque isso é apreensão, ocorre durante o dia, durante a revista dos presos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi com algum preso da Cella 9?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não posso precisar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E nem sabe se foi com o Biju?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu passo a palavra a V.Exa. e me resguardo o direito de voltar a inquirir a testemunha, se assim eu achar conveniente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Agradecemos o nosso Relator, Deputado Domingos Dutra, autor, componente desta Comissão.

Nós vamos, neste momento, conceder a palavra à Deputada Maria Lúcia Cardoso, para que também possa fazer a sua oitiva.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Sr. Presidente, Sr. Relator, Deputado Alexandre Silveira, membro desta Comissão, desta CPI, Deputada Maria do Carmo Lara, meus caros presentes, caro Marco Aurélio - não é isso?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Agente da Polícia II.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Isso. Agente da Polícia II.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Agente da Polícia II, qual é a qualificação do senhor?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - É a segunda graduação dentro do cargo de Agente de Polícia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Segunda graduação.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Muito bem. Eu serei breve no meu questionamento, até porque isso já foi questionado bastante sobre essas questões e acredito que a maneira que cada um morreu dentro dessa Cella nº 8, acredito que o nosso Delegado talvez saiba responder: aqueles corpos que já foram reconhecidos, de que é que morreram, de que maneira; se foram asfixiados ou não, se foi com tiro ou não. Eu pergunto: o senhor faz a guarda dessa delegacia armado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - E o senhor estava, portanto, armado quando o senhor ouviu o tiro?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - E o senhor estava sozinho com o...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Maurício.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Maurício, que é o agente de polícia 1, que estava junto com o senhor, também armado?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Estava.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Então eram 2, portanto, no momento, que estavam armados.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - O senhor tem conhecimento... O senhor está há 8 anos servindo a essa delegacia. Portanto, o Biju, ele está preso há quanto tempo nessa delegacia?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei precisar, mas ele foi preso o ano passado, se não me engano.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ele foi preso o ano passado por quê?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tráfico de drogas.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Tráfico de drogas. Ele é assassino também?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei. O artigo que eu... que eu fiquei sabendo, oficiosamente, foi o tráfico de drogas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ele mora aqui na cidade de Ponte Nova?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim, ele era daqui de Ponte Nova.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Qual o bairro que ele mora aqui?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - São Pedro, se eu não me engano.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - São Pedro. Ele tem familiares que moram aqui também?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Sim. E o senhor teve conhecimento ou ouviu que recentemente um grupo foi preso no Paraná e esse grupo era de traficantes que fugiram de uma cadeia daqui de Ponte Nova, e que estava ligado a esse bandido Abadia, que foi morto recentemente?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Essa quadrilha que foi presa recentemente, eles tinha ligações no Paraná, de onde eles traziam as drogas aqui para Ponte Nova.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - O senhor conhece o Biju?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Conheço, conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ele estava em qual prisão, quando ele foi transferido daqui de... Em qual cela ele estava, quando ele foi transferido daqui? O senhor não sabe?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Bom, eu estou, por ora, satisfeita com as suas respostas.



Pergunto ao Deputado Alexandre e também à Deputada Maria do Carmo Lara se têm algum questionamento. *(Pausa.)*

Passo a palavra, então, à Deputada Maria do Carmo Lara.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Marco Aurélio, foi falado que os cadeados estavam abertos. Esses cadeados poderiam ter sido estourados com um tiro? Esses 4 tiros que o senhor disse que ouviu antes, ao ver o cadeado é possível ver se ele foi estourado com tiro?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, porque a marca de um objeto contundente é muito parecida com a de um projétil. O projétil é um objeto contundente. E todos estavam muito danificados. Pessoalmente, acredito que não, porque eu acho que eles não desperdiçariam um tiro num cadeado, porque arrebentar um cadeado com disparo de arma de fogo é coisa de filme.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você disse que os presos, além de ter o dia de sol, de banho de sol, médico, dentista, havia também dia, momento, horário em que os presos recebiam suas mulheres, suas esposas, para encontros íntimos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, não havia visitas íntimas na cadeia.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Eu pergunto ao Relator se está encerrado o seu questionamento, se continua com as questões ou se nós passamos ao próximo inscrito, para que possamos dar andamento aos trabalhos. *(Pausa.)* Pois não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Embora o senhor já tenha dito que tem limites para responder a algumas questões, porque não são da sua competência, pergunto para o senhor se havia algum preso já com sentença definitiva.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Decretado pela Justiça?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, já condenado definitivamente.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Vários, vários.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vários. Quantos?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Vários. Não posso precisar o número, mas vários já eram condenados pela Justiça.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há alguma penitenciária próximo daqui?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Viçosa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Viçosa.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - A cidade de Viçosa, a 50 quilômetros daqui.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não sabe dizer por que esses presos estavam na delegacia e não na penitenciária?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se o juiz, algum da comarca, fez algum pedido de transferência de presos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não sei. Isso daí seria com o diretor do presídio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não sabe onde é que está o Biju?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não. Obrigado.

Sra. Vice-Presidente.

(A Sra. Presidenta faz soar as campainhas.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Eu passo a palavra ao nosso Deputado Alexandre Silveira.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Agente Marco Aurélio, não é?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O senhor disse que, do primeiro estampido, quando vocês notaram o princípio da rebelião, do primeiro estampido até você ter visibilidade na cela, você calcula que foi quanto tempo? Foram quantos minutos?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Do primeiro estampido até o momento em que os presos começaram a sair, que foi o momento



em que abriu o segundo portão, aproximadamente uma hora, uma hora e meia no máximo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, o primeiro contato visual com a cela...

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Depois de uma hora.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - ... demorou quase um hora?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Demorou quase uma hora com o contato visual interno. O contato externo a gente tinha o tempo inteiro, tendo em vista que as janelas são fechadas com grade na área externa e a guarita circunda toda essa área de janelas.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, não teve como se ter idéia se o incêndio dentro da cela 8 estava só na parte... o que acontece normalmente: só estava de um lado, e os presos de outro.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, porque a janela se situa aproximadamente a um metro e sessenta de altura do chão.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Como nós não vamos ter oportunidade de ouvir nenhum perito, eu queria perguntar se você teve contato visual com a remoção dos corpos.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Fui eu que encontrei os corpos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então você teve contato e ajudou inclusive a removê-los?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - A removê-los, a removê-los juntamente com a perícia.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pelo estado dos corpos, você entende que o incêndio alcançou o local onde os detentos provavelmente se protegeram ou não? Ou eles ficaram no incêndio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eles ficaram no incêndio. O incêndio... Na hora em que eu percebi que no meio do fogo havia um corpo — que eu enxerguei, que era o que estava mais para o centro da cela —, a parte de trás estava em chamas.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eles não tentaram jogar esses colchões para fora da cela, o que normalmente é feito numa situação dessas?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - A cela foi completamente carbonizada, inteira, totalmente.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quando você teve o contato visual, quando a água já tinha... quando já se havia apagado o incêndio, havia restos de colchão, então, na cela inteira?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não havia nada dentro da cela, a não ser os corpos e restos de pano, pedaços de colchões...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É, esses pedaços.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Muito pequenos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Na cela inteira?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Na cela inteira, principalmente no fundo da cela. Acredito que, talvez, tenham tentado se proteger dos disparos com o colchão, coisa de desespero, mas não posso afirmar, porque não estava lá, vendo a hora que aconteceu o fato. Eu percebi somente a fumaça e o fogo. Isso, visualmente, da parte externa, vendo por cima da cela, porque eles estavam todos abaixados.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, não havia restos de colchões no corredor ou do lado de fora?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - O corredor estava repleto de colchões, mas em número muito menor do que o número que se tem ali, naquele andar da cadeia pública.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Perfeito. Era só isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Passo a palavra ao Relator, para continuar o questionamento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria perguntar ao Sr. Marco se algum dos presos exerceu algum trabalho.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Dentro da cadeia pública?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, fora os albergados, os que estavam em regime fechado.



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. Eles faziam artesanato para venda, entre eles, durante o horário de visita.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pergunto ao senhor se eles tinham algum tipo de lazer, esses presos.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Banho de sol, onde eles jogavam futebol.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantas vezes por semana?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Uma vez por semana.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem informação se havia algum preso da cela 8 que tinha algum tipo de rixa com algum servidor da delegacia, ou vice-versa, algum servidor da delegacia que tinha algum problema com... Qual era o comportamento dos presos da cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Os presos do andar superior são normalmente os mais perigosos, os mais belicosos que tem a cadeia. Então, qualquer coisa é motivo para eles declararem inimizade ou guerra a qualquer policial ou quem quer que vá ali. Inclusive, na última rebelião, me lembro, eles ameaçaram os radialistas que foram lá tentar negociar com eles.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto ao senhor: na hora... Quem primeiro chegou no interior da cela 8?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Eu.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como é que estavam dispostos os corpos? Estavam todos juntos ou espalhados?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Todos juntos, amontoados no fundo da cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No fundo da cela?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Totalmente carbonizados?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Irreconhecíveis.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E pergunto para o senhor: quanto tempo levou até vocês entrarem no interior da cela, entre o início e o término? Quando começou o...



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Entre quando se deu o primeiro disparo e entrar dentro da sala?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Sim, sim.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Uma hora, uma hora e pouco, uma hora e meia.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Só para corrigir, o senhor falou que em Viçosa tem uma penitenciária.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tem uma penitenciária.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Tem uma penitenciária?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Tem.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Sr. Presidente, eu estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós queremos agradecer o depoimento prestado pelo Agente Marco Aurélio Crisóstomo de Oliveira.

Eu queria pedir ao Marco Aurélio que, se pudesse — eu já fiz o depoimento — só repetir essas palavras, para que pudessem ficar gravadas aqui no nosso depoimento do jeito que está escrito.

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Juro, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, com essas palavras, nós encerramos o depoimento do Sr. Marco Aurélio Crisóstomo, a quem queremos agradecer. Está dispensado o Sr. Marco Aurélio de Oliveira e encerrado este depoimento.

Em seguida, a Sra. Lucinéia de Jesus Adão. É a senhora?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A Sra. Lucinéia de Jesus Adão é doméstica; CPF: 063.019.696-69. O.k.? *(Pausa.)* É irmã da vítima. Qual é a vítima?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Walter Antônio da Conceição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pode falar perto do microfone.



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Walter Antônio da Conceição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queria pedir, então, neste momento, à Sra. Lucinéia de Jesus Adão que faça, sob a palavra de honra, o juramento a esta Comissão, fazendo a leitura deste documento.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu queria alertar os depoentes de que constitui crime, segundo o art. 4º, II, do nosso código, "*fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete, perante a Comissão Parlamentar de Inquérito*". Então, segundo o art. 4º, esses itens constituem crime. Nós queremos aqui, neste momento, tudo que seja a verdade. Não queremos nada mais que não seja a verdade. Então, toda colaboração que a depoente puder prestar a esta Comissão com certeza vai servir para que nós possamos aprofundar a investigação sobre os fatos ocorridos.

Então, nós queremos simplesmente o cumprimento da palavra de honra de falar a verdade, de não se calar, de não se omitir de nada do que sabe que possa ajudar-nos a esclarecer os fatos ocorridos aqui.

Então, neste momento, nós estamos tomando depoimento da Lucinéia de Jesus Adão, e vamos tomar depoimento conjunto da Inatiane Silva de Oliveira, que é doméstica e é cunhada — queria que providenciassem outro microfone para a Inatiane — da vítima. Qual vítima?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Ulisses de Freitas Abreu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim, então as duas vão falar em nome dos familiares das vítimas tudo aquilo que sabem e que pode colaborar com os trabalhos desta Comissão.

Queria pedir neste momento à Inatiane que faça a leitura, também sob a palavra de honra, do juramento a esta Comissão.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Assim será.



Sra. Inatiane, o que a senhora tem para esclarecer a esta Comissão que pode colaborar? O que a senhora soube ou sabe sobre os fatos ocorridos? A senhora poderia narrar para nós?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Olha, o que eu sei é que nós reunimos com a Comissão dos Familiares das Vítimas e lá nós fizemos alguns questionamentos, perguntas do que ocorreu, que nós gostaríamos de saber. Então, passei para o papel e, assim, vou ler pra vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Olha, a comissão... Uma primeira pergunta é: *“Como entraram na delegacia as armas e gasolina, já que as visitas são revistadas?”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) – Próxima.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - *“Como os cadeados foram abertos? Onde estavam os policiais no momento da rebelião e do incêndio da cela 8? Quantos policiais estavam de plantão no momento? Qual a providência tomada quando os internos estavam gritando por socorro? Aqui estava falando que Antero, da delegacia, já filmou os casais... de encontro nas barracas. “Por que não filmou o incêndio aqui”? “Uma das vítimas, Walter Antônio da Conceição, já estava liberado para cumprir medida na clínica, mas não foi liberado pelo juiz. Por quê?”*

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava aguardando julgamento ainda, não é, o Walter?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Olha, eu não sei informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu sei. Prossegue.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não estava, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não foi condenado? Ele estava aguardando julgamento.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, ele já estava liberado. Aí Valério Alvarenga ajudou a gente, fez os exames todos dele. Era só o juiz liberar pra ele ir pra clínica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele foi condenado a quê? Qual o crime?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, ele era usuário.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Usuário.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha sido preso há quanto tempo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, na época que Valéria ajudou a gente, ele estava na cadeia tinha uns 2 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por uso?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É. Aí, ele saiu. Ele saiu, aí depois ele voltou de novo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por causa de quê?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - ... porque ele era albergado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Albergado, o.k.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Aí eu mais minha irmã é que levava ele pra dormir, porque ele tinha problema de cabeça. Então, ele usava remédio controlado e tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele foi liberado pra tratamento na clínica?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É. Mas, assim, aí Valéria foi, fez os exames tudo direitinho, pra levar ele pra clínica. O juiz foi, não quis assinar pra ele ir pra clínica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Aí ele voltou pra cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Prossegue.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Uma das vítimas já estava sendo ameaçada na cadeia, e os familiares informou ao delegado. Este não o transferiu, alegando a ausência de vagas no (*ininteligível*).

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual a vítima? Qual o nome dela, a que estava sendo ameaçada?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Eu não sei informar, no momento, porque eu não tive acesso. Por que em Ponte Nova não há...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sinésio.



A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - O que estava sendo ameaçado, ela está afirmando que é Sinésio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sinésio?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sinésio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sinésio de quê?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não sei o nome dele tá ali. Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É apelido?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sinésio de Paula Alves? Estava sendo ameaçado por quem?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Por alguns companheiros de dentro delegacia, de cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Companheiros presos?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - É, presos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não era por policiais, não?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, acho que não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, sim, tem que deixar claro.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, acho que não. Não sei. É a parente da vítima que sabe. No momento, eu não sei. *“Por que em Ponte Nova não há uma unidade do Corpo de Bombeiros e por que o Corpo de Bombeiros de Ouro Preto foi dispensado, já que estava a caminho?”* Aqui está falando: *“Antero prendeu uma das vítimas sem motivo e prova. Por que isso aconteceu?”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual a vítima?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não sei. Foi o Sinésio?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, Sinésio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sinésio foi preso...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - A irmã dele falou que é porque pintou o cabelo de amarelo, aí no outro dia o cabelo dele estava preto. Aí Antero foi, perguntou pra ele por que que ele estava com o cabelo amarelo num dia e preto no outro. Aí prendeu ele. Não tinha ordem de prisão nem nada pra ele.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Prossegue.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Aqui tá perguntando *“se havia extintores de incêndio e mangueiras e alarmes e câmeras que pudessem facilitar a ajuda e o socorro da vítimas”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Prossegue.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - *“Por que o Dr. Wanderlei colocou dois grupos rivais dentro da cadeia?”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Prossegue.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - *“Qual é o critério da escolha de quem era inocente e de quem era culpado, pelos internos?”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Prossegue.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - *“A vítima Darley José da Silva já estava com o alvará de soltura há 30 dias e não foi liberado. Além disso, a família informou o delegado, que sabia que ele estava sendo ameaçado e não transferiu ele para a cela 3”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Prossegue.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Aqui está falando: *“O delegado retirou alguns internos da cela 3 para a cela 8. Desses somente um não faleceu. Nem a metade de tudo o que os familiares levam são entregues aos internos”,* como alimento, cigarros, essas coisas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mais o quê?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Por que uma pessoa que tem problema mental, no caso aqui com distúrbio mental, não tinha uma cela especial e por que ajuntou com outras pessoas mais perigosas? No momento é só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quero advertir às depoentes que elas estão sob juramento. Fizeram uma promessa de falar a verdade, não omitir e nem fazer acusação falsa para esta comissão.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pergunto à depoente: quem falou que entrou combustível na delegacia?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Boatos, é o que nós no momento...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Boatos que surgiram de onde?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - De pessoas, familiares, na rua, até então.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não podemos fazer um depoimento em cima de boatos.

Alguém viu entrar combustível dentro da cadeia?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Que eu saiba, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Algum familiar de vítima de preso ouviu falar que alguém permitiu ou entrou com combustível dentro da cadeia?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Olha, eles estão falando isso, mas nada foi confirmado ainda. E eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ninguém viu.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não que eu saiba, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês conversaram entre os familiares e ninguém citou o nome de quem viu.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não. Nome não foi citado, não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A respeito da arma que estava lá dentro, tem alguma informação?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Além dessa ameaça que foi feita ao preso Sinésio, existia alguma outra briga dentro da cadeia por parte dos presos? Vocês têm informação?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Que eu tenha informação, não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês acham que tinha motivo de os presos do pavilhão da cela 9 matarem os presos da cela 8, por algum objetivo? Havia alguma pessoa da cela 8 que eles tinham interesse e, por isso, morreram todos?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Na cela 8, pelo que estou sabendo, não tinha ninguém antes de... O que eu vou falar aqui, não sei se a minha vida vai estar em risco, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É para falar tudo o que você sabe.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eu vou falar o nome do rapaz culpado de acontecer essa tragédia, que é o "Crevinho", porque muito antes, desde quando ele entrou lá na cadeia, que começou essa tragédia toda, essa confusão. Então, ele não estava na cela 8. Ele estava na cela 3, porque ele estava no seguro. Eles puseram eles na cela 8 porque diz que estava reformando a cela 3. Nós entramos em contato com o delegado, com advogado. Todo mundo falava que a cela 3 já tinha terminado a reforma. Iam transferir os presos que estavam no seguro para a cela 3. Só que isso não aconteceu. Então eles ficaram no meio dos presos que era mais humildes, porque muitos presos morreram por causa de Crevinho. Foi por causa dele que aconteceu essa tragédia toda, porque os presos todos queriam a cabeça dele, todo mundo. Ele não podia descer pro banho de sol, não podia descer pra visita. E vários presos desciam para banho de sol. O meu irmão descia pra banho de sol e descia pra visita. E por causa dele é que aconteceu isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por que o Clevinho era temido e odiado assim?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Porque ele era traficante perigoso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Traficante aqui da cidade?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, morava lá no São Pedro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava preso há quanto tempo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem pouco tempo que ele foi preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já tinha sido preso outras vezes?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Muitas vezes. E há muito tempo a Polícia estava atrás dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E por que não conseguia pegar?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, porque ele parece que tinha até parte com não sei quem lá, porque era difícil para os homens pegar ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês têm notícia se algum policial recebia propina dele para não prender ele?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Olha, eu vou ser sincera, isso aí eu não sei, porque, se eu soubesse, eu falava. A única coisa que eu sei é que eles não podiam ter posto ele no meio dos outros presos, dos presos que não tinham nada a ver com a gangue dele. E eles puseram e aconteceu isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele estava preso na cela 3?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Três, ele estava no seguro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava no seguro?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ele estava no seguro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele foi retirado e colocado na cela 8.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Oito. E por causa dele aconteceu isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E a justificativa para tirá-lo da cela 3 era porque a cela 3 estava em reforma.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Estava em reforma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E a informação que vocês têm... Quem deu a informação de que a cela tinha sido reformada?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - O advogado, que era advogado do meu irmão, entrou em contato com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o nome do advogado?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Toga Menezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Como?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Dr. Toga Menezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Toli...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Toga Menezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Toga Menezes.



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ele falou que a cela estava em reforma. Então, transferiram os presos que estavam no seguro para essa cela 8 e transferiram para as outras celas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele ficou preso quanto tempo na cela 8?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, isso aí eu não sei. Só sei que, desde o momento que eles foram reformar a cela 3, eles tiraram ele da cela 3 e pôs para a cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Clevinho tinha rixa com quem especificamente na cidade?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ó, eu vou ser sincera: ele parece que tinha rixa com Ponte Nova toda, porque ninguém gostava dele, porque ele já fez muita tragédia aqui em Ponte Nova.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele já matou muita gente aqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Pelo que eu fiquei sabendo, já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantas pessoas?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, quantas pessoas eu não sei, não, mas que ele já tirou a vida de muita gente ele já tirou. E ele foi agora e levou muito mais ainda com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele era ligado a algum traficante de fora daqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso aí eu também não sei informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele tinha alguma rixa com algum traficante também daqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com quem?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Biju.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem é Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Um outro também lá de São Pedro. A confusão foi por causa dos dois, porque os dois... Um queria matar o outro. Portanto,



o Biju foi até transferido, porque o Biju não podia ficar na cadeia, porque um estava querendo matar o outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Biju ficou preso quanto tempo na cadeia aqui de Ponte Nova?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, o Biju ficou uns tempos, porque não fica muito tempo, não, porque tem isso aqui, ó... Ele chucha um advogado, chucha não sei em quem mais, solta. Depois prende de novo, depois solta. Portanto, ele estava transferido. Disse que ele ia voltar para poder... Hoje ia ter... Ah, hoje ele ia no fórum. Disse que ele chegou ontem. Isso aí eu não sei, se ele chegou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Biju tinha rixa com o Clevinho?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tinha, os dois eram inimigos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Há quanto tempo o Biju foi transferido para a outra cadeia, você sabe?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Desde o começo de uma rebelião que teve uns dois meses atrás.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Onde?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Na cadeia também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Teve rebelião aqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Teve no começo, há pouco tempo. Nós estávamos tudo lá na hora da visita, e eles não respeitaram nem nós lá na visita. Assim que nós começamos a sair, ele começaram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Biju tem ligação com algum outro traficante de fora daqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Também isso aí eu não sei informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não sabe?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que o Biju pode ter... O Biju tinha comando na cadeia aqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não sei, não, porque igual a eles era o cabeça. Não sei.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os dois eram cabeça, então?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Os dois era cabeça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Biju liderava um grupo...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... e o Clevinho liderava o outro.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Da turma do Biju, quem era o mais forte?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É ele. Ele que é o comandante de tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E depois do Biju? Sempre tem um parceiro que está perto, que ajuda, que auxilia, que fala por ele quando ele não pode falar. Quem é que falava no lugar do Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, isso aí também não sei informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não sabe?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você só sabe que o Biju tinha uma rixa com o Clevinho...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Com o Clevinho, tudo por causa de droga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... que o Biju foi transferido para outra cadeia...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... e que o Clevinho estava preso no seguro, foi transferido para a cela 8.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você acha que a turma do Biju, para pegar o Clevinho, pegou todo mundo da cela dele.



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso, porque há pouco tempo teve um rapaz que morreu também lá, de São Pedro. Morreu na cela. Não sei qual cela que ele estava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual cela?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não sei qual cela que ele estava, mas ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Há pouco tempo? Quantos meses?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, deve ter uns 3 a 4 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, já morreu mais gente na cela aqui, não é? Não é o primeiro, não?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ele chamava Tuchinha. Ele trabalhava, eu acho que era pra Clevinho. Fazia parte...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse Tuchinha trabalhava para Clevinho?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso. E eles mataram ele lá na cadeia. Então...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles quem? O pessoal do Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso. E os pessoal de Biju que estava solto ficou tudo revoltado de eles terem matado esse menino. E lá onde nós mora foi uma bagunça danada, porque eles não estavam respeitando nem a gente: acertando tiro para tudo quanto é lado, porque eles não respeita ninguém. Eles não respeita nem uma criança que está na rua, eles não respeita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você acha que isso foi um acerto de contas dentro da cadeia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, isso é rixa velha deles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você acha que essas pessoas morreram por causa de acerto de conta, dentro da cadeia, de grupos rivais?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso, porque, pelo que eu fiquei sabendo, o Clevinho estava tentando comprar os presos, meu irmão, tentando comprar todo mundo. Estava chegando dinheiro neles, chegando drogas neles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Para passar para o lado dele?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Pra poder passar para o lado dele, porque a última...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O seu irmão é aliado do Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, meu irmão não tinha nada a ver com eles, mas só que, como a cadeia, a turma do Biju...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou dividida, não é?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - ... estava querendo pegar a turma de Crevinho, então eles, que são mais fortes, estavam querendo comprar os presos tudo, entendeu? Igual meu irmão e os outros parentes que estava lá, os outros pessoal que estava lá, o Crevinho estava tentando comprar todo mundo: era com droga, era com dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E como é que essa droga entrava na cadeia lá?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É isso o que nós estamos querendo saber, porque nós somos visitas — não desrespeitando vocês aqui —, nós tira a roupa toda, entendeu? Até espelho lá na cadeia tinha pra gente agachar. Agora, como essas coisas entravam a gente não sabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conhece algum familiar de vítima que já foi surpreendido entrando com droga ou com arma?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Alguma visitante? Nunca ouviu falar?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Nunca. Família de preso, todos os que eu conheço e que a gente ficava na fila, não tinha nada disso. Família de preso não tem nada disso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acredita que houve facilitação para que a arma entrasse na cadeia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem poderia ter facilitado?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Para mim, isso tem dedo de polícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem? Qual policial você acha que pode ter sido?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Qualquer um, porque não tem cabimento. Igual como... Como que uma gasolina entrou na cadeia?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E essa gasolina você acha que entrou mesmo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Pelo que nós ficou sabendo ontem, todo mundo que estava na porta da cadeia, todo mundo só comentava isso: que era gasolina, que era arma de fogo, que teve tiroteio, teve tudo. E nós, que tinha parente lá, nós nunca fizemos isso; nós nunca tivemos essas coragem de fazer uma coisa dessas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quem você acha que poderia ter facilitado a entrada dessa gasolina lá?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso eu não sei. Se eu soubesse, eu falava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não tem nem noção?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não. E, se eu soubesse, eu falava mesmo, porque eu estou muito revoltada com o que eles fizeram com meu irmão e com todos os inocentes que estavam lá dentro, que não merecia ter acabado do jeito que acabou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Obrigado, Sr. Presidente.

Eu perguntaria à Sra Dulcinéia Adão...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Lucinéia de Jesus Adão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... de Jesus Adão. Como era o nome do seu irmão?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Walter Antônio da Conceição.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Walter Antônio da Conceição estava preso há quanto tempo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Olhe, ele... Dessa vez que ele estava preso agora, já tinha feito um ano que ele estava lá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ainda não tinha havido sentença?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha sido interrogado?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, dessa vez que ele estava lá não, porque dessa vez que ele estava lá ele estava preso... É porque ele saiu, ano passado, e aconteceu uns negócio com ele onde que a gente mora. Então, ele voltou pra cadeia de novo, porque ele era albergado e ele não estava dormindo. E era eu e minha irmã que levava ele, porque, como ele tomava remédio controlado e tudo, então ele fazia tudo que eu mais minha irmã mandava, então era nós que levava ele. Aí o Dr. Wanderley, nessa parte, até ajudou nós, entendeu, porque nós precisou muito dele, porque meu irmão estava sendo ameaçado, nós estava sendo ameaçado por causa dele. Nós ia chorando ao Dr. Wanderley, pediu ele pra poder prender ele pra nós, e ele prendeu. No outro dia de manhã, quatro horas da manhã nós saía de casa, pegava ele na porta da delegacia cinco e meia da manhã, e nós ficava andando com ele o dia inteiro pela rua afora, porque não podia subir na minha casa, não podia subir na casa da minha irmã, porque os valentão lá do alto proibiu. Então, ele... Valério arrumou a clínica; ele fez exame, fez tudo, só o juiz que não quis liberar pra ele poder ir pra clínica.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Além do seu irmão... Portanto, era o seu irmão Walter Antônio da Conceição que tinha problema mental?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E há quanto tempo ele tinha voltado para a cadeia, a última vez?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Já tem um ano que ele estava lá, portanto eu e mais minha irmã fomos lá e conversamos com o Dr. Wanderley há pouco tempo. Ele falou para nós que meu irmão não tinha mais cadeia pra pagar, que a cadeia do meu irmão estava toda pagada. Era só o juiz liberar.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só para a Comissão, para ficar bem claro: o seu irmão estava há mais de ano, desde a última prisão dele?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E *sursis* por problemas mentais?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Era ele que estava com o alvará ou era o outro? Quem estava com o alvará já há um mês e também morreu?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É o irmão dela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como era o nome?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sinésio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, o Sinésio de Paula Alves. Esse estava com o alvará?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estava há um mês com o alvará e também morreu. O seu parente, o que ele era para a senhora?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Cunhado. Ulisses de Freitas Abreu.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ulisses. O Ulisses estava preso há quanto tempo?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Há mais ou menos uns seis meses já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha sido já interrogado?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Ah, creio que sim. Eu sou de Belo Horizonte; eu vim há pouco tempo para cá. Eu mudei, então eu não estou muito a par do assunto dele, mas o que eu sei é que ele também tem problemas mentais e que também ele tinha que apresentar um certo documento que o advogado tinha que apresentar, e não foi apresentado no tempo certo. Eu acho que o juiz entendeu, como ele não estava cumprindo — parece que ele tinha que dormir na cadeia —, e mandou recolher o menino.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual era a idade dele?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Vinte e dois para vinte e três anos.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Portanto, além desses dois presos, parentes das duas depoentes, que tinham problemas mentais, havia algum outro preso com problema mental?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Que eu saiba, eu acho que não. Eu, no momento, não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem foi preso porque mudou a cor do cabelo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - O Sinésio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É o mesmo Sinésio?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deixe-me ver aqui.... O Sinésio era seu parente?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, irmão daquela menina lá atrás.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, ele passou mais de mês preso só porque mudou a cor do cabelo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto tempo ele passou preso? Seis meses?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Dizem os familiares dele.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha sido preso antes por algum outro crime ou não?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe a idade dele?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual era a cor do seu irmão?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Meu irmão? Meu irmão era escuro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como a senhora, negro, não é?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Hum?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Negro, não é?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Sinésio era negro?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, acho que não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A maioria dos presos são negros ou são brancos?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não tenho informação.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não tenho informação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora falou que aqui não há Corpo de Bombeiros, já está claro que ele não havia. Através de quem a senhora soube que o Corpo de Bombeiros da cidade vizinha foi despachado?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Uai, eu soube através de boatos, não é? De pessoas falando que ouviram dizer em rádios, reportagens.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm conhecimento de outros incidentes, fora este, ocorridos na delegacia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Têm notícia de prática de tortura no interior da delegacia?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Têm notícia sobre doenças que envolvem os presos?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Também não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem notícia sobre a situação das mulheres que estão presas, como elas são tratadas?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Conhecem alguma presa?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem conhecem também, portanto, os filhos?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês já chegaram a entrar lá na delegacia depois?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não. Depois desse acidente?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois do incêndio.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, eles não deixaram. Deixou parente nenhum entrar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E quantas pessoas, quantos presos queimados já foram identificados?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - No momento, que eu sei são 15.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O seu parente já foi identificado?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, senhor. Estou aguardando.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O seu também não?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem o Sinésio, nem o Walter e nem...

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Ulisses.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem o Ulisses, nem o Sinésio e nem o Walter?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - No momento, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ainda não foram identificados?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto à questão da revista, é muito rigorosa a revista dos...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É uma revista muito humilhante, sabe? A gente passa por cada coisa! Tem policial que sabe tratar a gente muito bem, tem umas policial que trata a gente com muita ignorância, com muita falta de educação. Acha que a gente não tem dignidade, sabe? A gente chega lá, elas trata a gente de qualquer maneira. A gente vai fazer uma pergunta, elas responde a gente de qualquer maneira. Se a gente bobear, até bate na gente, se a gente der confiança pra elas.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, a senhora considera que os visitantes não podem, não têm facilidade de entrar com nada?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem informação de algum visitante, de algum parente de preso que tinha alguma regalia, que não tinha esse rigor que a senhora sofreu — e a senhora também — nas visitas?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem informação de como é que os albergados circulavam, que tipo de facilidades eles tinham na delegacia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe se havia algum preso da cela 9 que tinha certa facilidade com o comando da delegacia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe se havia algum policial que tinha algum tipo de rixa, algum tipo de desconforto com algum preso da cela 9, como o Clavinho?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Esse boato da gasolina... Aliás, você sabe, tem alguma idéia, alguém comentou sobre o acesso de arma no interior da delegacia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ouviu falar de que anteriormente foram encontradas drogas no interior da delegacia?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nesse “ouvi dizer”, o que as pessoas dizem quando falam da gasolina?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Bom, eu só sei que todo mundo comenta e quer saber como que entrou essa gasolina lá dentro...



A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - E quem permitiu.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - ... e quem permitiu, porque uma gasolina não ia sair de um posto e entrar numa cadeia sozinha, de jeito nenhum. Então, nós todos estamos querendo saber sobre isso aí.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas essas pessoas que... Se a senhora também considera, acha que é gasolina, a senhora não fique receosa, não. A senhora tem que... Se a convicção for sua, a senhora informe e diga por que a senhora acha que houve gasolina. Mas a senhora está dizendo que ouviu dizer. Essas pessoas comentam por quê? Dão algum detalhe?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Bom, é porque todo os pessoal que estava comentando lá na porta da delegacia é porque todo mundo ouviu alguém falar, porque todo mundo comentava, de uma boca só, que foi gasolina que entrou lá. Foi gasolina e arma que teve lá. Teve muita gente que mora por cima que falou com muitos familiares que escutou tiro, escutou os presos gritando “socorro”, entendeu? E não apareceu ninguém para acudir eles.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora chegou alguma vez — as duas — a ir lá à cela 8, à cela 9?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, eu não tenho permissão para entrar na delegacia, porque eu não sou parente próxima; somente pai, mãe e irmão, no meu caso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora chegou pelo menos alguma vez à porta da cela ou à cela?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Quando a gente ia para visitar ele, a gente já passava direto para o pátio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas o seu parente falou alguma vez como era o colchão, se era coberto, se tinha cobertor?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, ele não comentava nada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nada?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Hum, hum. (*A testemunha expressa negação.*)

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês estão recebendo alguma assistência da Prefeitura, do Governo do Estado?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Estamos.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Estamos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que tipo de assistência?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tudo o que eles está podendo fazer pra gente eles está fazendo até agora, não é? Igual a ônibus, para poder ir para Belo Horizonte, não é? Os caixão, diz que eles vai arrumar o enterro tudo direitinho.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - O velório.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Diz que tudo vai ser por conta deles.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sra. Vice-Presidenta, por enquanto, estou satisfeito. Reservo-me o direito de voltar a fazer novos questionamentos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Eu gostaria de fazer um questionamento à Lucinéia: essa revista às mulheres eram feitas por quem?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Por detetive.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Por um homem?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, por mulher.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Por uma mulher, o.k.

Quem era a turma do Sinésio? O Sinésio pertencia à turma de quem?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não sei informar, não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Sabe informar de quem era a turma do Sinésio?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não, senhora. Eu não tenho conhecimento a essas pessoas. Não faço nem...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Quem é a turma do Biju?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não tenho conhecimento.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Lucinéia, quem é a turma do Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eu não sei o nome todo deles. Eu só sei que ele tem uma gangue, mas os nome deles eu não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Quem é a gangue dele? Eles moram em que bairro aqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - O que eu sei, os que eu vejo, assim, que eu vejo de vista passando e coisa moram no São Pedro, moram no São Pedro, no (*ininteligível*) tem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - O Biju, ele está preso em outra penitenciária? Foi transferido daqui tem muito tempo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, tem pouco tempo, que teve um começo de rebelião de novo, antes dessa rebelião de ontem. Teve uns tempo atrás um começo de rebelião.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - E você disse que a culpa de todo esse problema do que aconteceu foi do Clevinho. Por que, se o Clevinho estava na cela 8? O Clevinho estava era na cela 9, não é?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ele estava no seguro, ele estava na 3.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ele estava na 3, foi transferido...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Foi transferido para a 8.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - E a culpa é dele por causa do Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Porque a rixa é dos dois. Então, um queria...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Então, você acha que o Biju mandou alguém lá, mandou combustível, incendiou?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, isso aí eu não sei informar, não. Isso aí eu não sei informar. Mas só sei que Biju queria Crevinho morto. Isso aí todo mundo sabe.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - O Biju tem dinheiro? Ele trabalha?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Vendendo...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ele vende droga?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Vende, vende droga!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Que droga que ele vende?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, tudo quanto é tipo de droga que vocês imaginar, lá, naquele São Pedro, tem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Você sabe onde que ele busca essas drogas?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Você ouviu falar, não?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Também não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Qual juiz que estava com o alvará de soltura e que não permitiu a saída do seu irmão?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eu não sei informar o nome.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Foi o juiz que deu o alvará e não permitiu a saída, não é isso?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, meu irmão ia para a "crínica". O juiz não assinou para ele ir para a "crínica".

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - O Darley da Silva, que você citou, que estava com alvará de soltura, que foi preso... Você obteve essa informação com os familiares? Você sabe pouca coisa.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - É, eu estou neutra. Nesse assunto, eu estou bem neutra.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Bom, muito obrigada, Lucinéia, que é a irmã do...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - De Walter Antônio da Conceição.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - ... do Walter, e a cunhada.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Inatiane Silva de Oliveira, cunhada de Ulisses de Freitas Abreu.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Lucinéia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Lucinéia, você citou o nome, várias vezes, de Antenor ou Agenor?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Seria Antero?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, não fui eu não.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Foi no que eu li. Os familiares lá que falaram. Eu não tenho informação. Isso daí eu só peguei para ler.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quem seria esse Antero? É Policial?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Antero é detetive.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O que vocês disseram dele?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Eu não sei, está anotado no papel.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, ela... Lê aí o negócio!

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Está com o papel ali. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quem teria dito ou afirmado que o *"Antero, da delegacia, já filmou os casais se encontrando nas barracas? Por que não filmou o incêndio?"*

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Um dos parentes dos familiares.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso, quando aconteceu, saiu até no jornal que ele filmou um casal na barraca lá, porque eles falaram que não podia, não podia, e muitos presos ia para a barraca com a esposa deles e eles ficava lá...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Barraca dentro da cela?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, dentro do pátio. No banho de sol, onde que a gente ficava pra visita.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - No banho de sol. A senhora falou que as revistas são humilhantes. Mas, além de humilhantes, elas são realmente rigorosas?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, humilhante que eu falo, assim, não é, porque elas fica com muita falta de educação com a gente, trata a gente muito mal, sabe?



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pois é, mas, além disso, elas são rigorosas? Elas olham bem tudo o que está entrando, inclusive, o corpo de vocês?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Olha, olha sim.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Olham bem?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Olham bem.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A senhora visita o irmão da senhora há muito tempo lá na Delegacia, não é?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, a senhora convive com vários familiares dos detentos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sim.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A senhora já ouviu falar em algum caso de algum familiar que teria conseguido entrar com alguma coisa, dando alguma coisa em troca para algum policial?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, não ouvi, não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Nenhuma vez?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, normalmente, são rigorosas as revistas e a senhora não tem nenhum caso de objeto que teria adentrado ali com facilitação?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Gostaria de requisitar, Sr. Relator, Sra. Vice-Presidenta, já que as testemunhas colaboraram e estão colaborando com a CPI — citaram o nome de um policial e também de duas facções criminosas do Município —, que fosse requisitado ao Secretário de Defesa Social, Dr. Maurício, que elas duas fossem incluídas no Serviço de Proteção à Testemunha no Estado de Minas Gerais. Acho que isso é fundamental, até para que nós possamos dar prosseguimento e as pessoas possam ter segurança para contribuir nesta missão tão importante que tem esta CPI: buscar uma solução ao sistema prisional nacional.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Dr. Maurício, está registrado o pedido feito pelo Deputado Alexandre Silveira para que haja proteção às duas testemunhas? *(Pausa.)*

Está confirmado, muito obrigada.

Sr. Relator? *(Pausa.)*

Deputada Maria do Carmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Lucinéia, o Deputado Alexandre Silveira já fez a pergunta, mas quero reafirmar o que foi dito na leitura e que, depois, vocês disseram: que o policial Antero, além de fazer essa filmagem, também prendeu o Sinésio só porque este estava com uma cor de cabelo mudada.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, pelo que a irmã dele falou com a gente ontem, ele pintou o cabelo de amarelo um dia, aí ele subiu lá em cima, não sei para que os policial subiu lá em cima. No outro dia, ele estava com a cor do cabelo normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Subiu lá em cima? Lá em cima, onde?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Lá no São Pedro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - No bairro?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É. Aí diz que Antero foi, chegou perto dele e perguntou para ele: *“Por que seu cabelo ontem estava amarelo e hoje seu cabelo está preto?”* E ele não tinha ordem de prisão, não tinha nada. Aí, prendeu ele.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E ele foi um dos que faleceu?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E ele foi preso sem... Ele já tinha sido preso antes, em algum momento?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso aí eu não sei informar.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O Sinésio foi preso, segundo informação da senhora, sem ter ordem de prisão?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso, foi o que a irmã dele passou.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E ele faleceu nessa cela?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Foi.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A outra informação, não sei se foi a Lucinéia... Como é o seu nome mesmo?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Inatiane.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Inatiane. Falaram que os alimentos que entram também não chegam todos na mão dos presos. Uma de vocês duas fizeram essa afirmação.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Foi.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Eu queria perguntar isso de novo. Como é isso? Vocês levam alimentos, passam pela vistoria, os alimentos são liberados e não chegam à mão dos presos? Como é isso?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Alguns dizem que não chegam totalmente o que a gente manda, no caso, que é cigarro...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Mesmo sendo autorizado?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - É.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Porque os alimentos são levados, têm que passar pela vistoria e são autorizados para entrar. Os autorizados para entrar é que não chegam à mão dos presos?

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - É, assim disseram alguns familiares de alguns presos. Eu não tenho muito conhecimento porque eu não freqüento a cadeia daqui de Ponte Nova, porque eu tenho pouco tempo aqui. Eu nunca entrei lá.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Lucinéia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Mas nem está chegando, nem está podendo entrar com alimento para eles mais, porque eles proibiram. A única coisa que eles estavam mandando levar para os presos era bala, pedindo para a família dos presos levar balas para eles, porque não podia entrar miojo, não podia mais, porque eles cortaram, açúcar, não podia entrar mais nada. Os presos... a gente... Eles estava passando era fome lá dentro, porque o almoço deles era cedo e janta era cedo. De noite eles não tinham nada para comer.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Lucinéia, foi dito também que vocês levavam para os presos... Não hoje, agora, você falou que já



recentemente estava proibido, mas tinha momento que podia levar refrigerante, suco de garrafinha?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Podia, podia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Essas garrafinhas PET, ou grande ou pequena?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Podia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Vocês levavam, passava na vistoria e ia para dentro da cela.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Podia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Garrafa PET, garrafa de refrigerante.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eles revistavam tudo direitinho perto da gente e passava.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - A partir de quando foi proibido entrar esse tipo de garrafa? Estou falando de garrafa de plástico PET.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Uma vez que teve uma confusão com um preso lá, que diz que os outros presos bateram nos presos com as garrafa de refrigerante vazia. Aí machucou o preso, o preso foi parar no hospital, e desde esse momento eles proibiram.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Este ano? Ano passado? Quando?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, eu acho que foi no ano passado, no final do ano passado isso aí aconteceu.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Vocês, além de levar refrigerante, levavam algum tipo de garrafa de suco de...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não. Eu, quando eu levava para o meu irmão, levava era garrafa, assim, garrafa de refrigerante de 2 litro.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Também não sei se foi você, Lucinéia — estou falando isso porque eu ouvi de não sei qual das duas —, que disse que os presos pediam para levar dinheiro. Parece que se distribuía dinheiro.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isso aí meu irmão nunca pediu.



A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Eu não tenho conhecimento desse fato.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Você sabe se algum familiar levava dinheiro a pedido de algum preso?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Também não sei.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - E a pergunta que eu faço é a seguinte: você também disse na sua fala que o Clevinho dava dinheiro para comprar os outros presos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, isso aí é o que família de muitos presos estava comentando, desde quando a gente estava freqüentando visita, porque ele estava pondo os presos da cela 8 e de várias celas tudo do lado dele, até o meu irmão disse que estava no meio, só que o meu irmão não comentava nada, porque ele não falava nem comigo nem com minha irmã. Mas tinha preso lá que comentava com a gente que ele estava comprando os presos tudo para o lado dele, para poder virar...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Mas comprando com o quê?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Dava dinheiro, dava droga.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Lá dentro da cadeia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não sei quem levava para ele, mas que estava entrando lá estava, para poder comprar os presos para poder tentar matar Biju.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Com dinheiro...

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Dinheiro, droga.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Que o Clevinho comprava outros presos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Outros presos.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Lá de dentro? Ele estava dentro da cadeia e isso acontecia lá dentro da cadeia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Lá dentro da cadeia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - O Clevinho, ele mora também nesse bairro que você disse.



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - São Pedro.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - São Pedro. A mãe dele, tem familiar, tem irmão, tem filho?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem, tem. A mãe dele, portanto, no grupo lá, perto de todo mundo lá, ela estava falando com os pessoal que enterrasse ele do jeito que o pessoal queria, que ela não ia nem lá em Belo Horizonte buscar o corpo deles, que o pessoal faz com o corpo dele o que quiser, de tão bom que ele era.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Você sabe de algum nome de preso da cela 9 amigo do Biju?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Está bom. Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Qual era a idade do seu irmão falecido?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Meu irmão ia fazer 22 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Sr. Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aqui, nesse questionamento, está escrito assim: "*O delegado retirou alguns internos da cela 3 para a cela 8. Desses, somente um não faleceu*". Algum preso da cela 8 não morreu?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É porque diz que ele pediu para sair, não é? Diz que quarta-feira ele pediu para sair da cela 8. Agora, por que eu não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, então estava lá e saiu antes do ocorrido.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, é, isto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe o nome dele?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, não sei o nome dele não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria perguntar para a senhora, a senhora fala aqui também, nas suas indagações sobre o número de policiais: onde estavam os policiais no momento da rebelião e o incêndio da cela? Vocês têm notícia de que, no momento do incêndio, os policiais não estavam próximos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, no momento não.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não tem essa informação?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não. Já foi questionado isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm informação de que em dias, fora o dia do ocorrido, quantos policiais ficavam normalmente na parte externa do prédio?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Que eu tenha conhecimento, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não sabe. Só terminando. A senhora mora aqui no bairro.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eu moro no bairro Palmeirense.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bairro Palmeirense.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É bairro de periferia, gente pobre?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora... O seu irmão trabalhava antes?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Seu pai e sua mãe ainda são vivos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não tenho pai e não tenho mãe. Só era, só era nós 3 só, eu, ele e a minha outra irmã que está ali.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. E você trabalha?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Trabalho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ganha quanto por mês?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ah, eu faço... Estou fazendo faxina, né? Vinte e cinco por dia que eu cobro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É, é, salário variado. Ganha por dia. Quando tem ganha; quando não, tem não ganha.

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É isto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora tem filhos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tenho 3.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Três. Qual é a idade do mais novo?



A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - O mais novo tem 13.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o mais velho?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eu tenho um de 15, um de 14 e um de 13.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E a sua irmã tem filhos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Minha irmã tem uma filha só.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Trabalha?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não. A filha dela está até grávida.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só tem uma filha, grávida. Vocês moram juntas?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Cada uma mora em casa separada?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Casa alugada?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto paga de aluguel?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Eu pago 150 de aluguel.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E paga como?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - É, meu marido... Eu tenho marido, eu tenho meu marido, né? Ele trabalha na Bartofil, e ele me ajuda e eu ajudo ele.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele ganha quanto?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Ele ganha um salário.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Salário mínimo. Tem água em casa?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem luz?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É de alvenaria a casa? Tijolo?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem esgoto no bairro?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E a senhora, o seu cunhado, qual é a idade do seu cunhado?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Vinte e dois para 23.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Era solteiro?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha pai e mãe?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vivos?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Trabalham?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é a renda?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - A renda da família é um salário mínimo, do pai dele.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mora em bairro da periferia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Mora no Primeiro de Maio, um bairro humilde.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aqui?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Isto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. E no bairro tem água, esgoto, luz?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Tem, tem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A casa é própria?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, alugada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto paga de aluguel?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Cem reais.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Essa é a situação de todos os outros detentos? Tem informação que é a mesma coisa de vocês?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não, não tenho.

A SRA. INATIANE SILVA DE OLIVEIRA - Não sei informar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deputada Maria do Carmo.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quem eram os detetives, o nome dos detetives que vocês ficavam na hora de fazer as revistas, que vocês conhecem, os detetives todos que prestam serviço aqui na cadeia?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não sei o nome deles não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O Antero prestava algum serviço?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Antero, não. Antero ele revistava os homens, né?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E o Marco Aurélio?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Marco Antonio, né? Marco Antonio?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - É, Marco Aurélio de Oliveira, Maurício Alvim, que são... Vocês conhecem, conheciam?

A SRA. LUCINÉIA DE JESUS ADÃO - Não conheço não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Bem, eu acho que esgotamos, né? Agradeço a vocês duas e já providenciamos a proteção para que, possivelmente, ir mais tarde, não hoje, mas assim que for possível, o que precisar, o Relator, nós estaremos convocando vocês para nova, novo depoimento.

Vamos passar ao próximo.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Já leram. Já fizeram a leitura, sim. Eu agradeço.

Dr. Luiz Carlos. por gentileza, poderia chamá-lo? É o Delegado Regional. E o Delegado Wanderley. Por gentileza, Dr. Luiz Carlos e Dr. Wanderley.

Passo a palavra ao Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Carlos...

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Chartouni.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vou chamá-lo só de Dr. Luiz Carlos para facilitar.

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - É mais fácil.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Wanderley Miranda.

O Dr. Luiz Carlos é Delegado Regional?



O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Aqui de Ponte Nova.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem que fazer a leitura do juramento.

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Agora, vamos também tomar o compromisso do Dr. Wanderley. Dos 2.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Obrigado, Dr. Luiz Carlos e Dr. Wanderley.

Dr. Luiz Carlos, o senhor é Delegado Regional há quanto tempo?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Aqui de Ponte Nova, eu assumi dia 11 de maio deste ano. A minha outra Regional foi a Regional de Paracatu, onde eu fiquei 14 meses.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Esta Regional aqui abrange quantas comarcas e termos?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Ela abrange 24 municípios, com 6 comarcas, 25 distritos e 44 povoados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos presos estavam nesta Regional? E o senhor pode informar de quantos municípios?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Aqui na cadeia, pela listagem que me foi passada, nós tínhamos, até então, 186 presos, dos quais, 25, lamentavelmente, faleceram, remanescendo 161. Alguns — certamente deve ter sido cumprido mandado de prisão contra eles — oriundos de outros Estados. Nós aguardávamos, certamente, o cambejamento, por parte da POLINTER, para remanejar esses presos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Havia presos de outros Estados do Brasil?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Talvez. Eu não saberia falar com precisão, porque a direção da cadeia é do Dr. Wanderley.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor pode informar que tipo de crimes, na média, eram atribuídos a esses presos, os 186?



O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - A bem da verdade, Deputado, eram quase que generalizados, não é? Furto, roubo, homicídio, tráfico de drogas, estupro. É difícil avaliar, mas, a bem da verdade, quase que na sua totalidade, a incidência maior é patrimônio, tráfico de drogas e crimes contra a pessoa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantas celas tem aquela delegacia?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - A cadeia tem 12 celas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todas são do mesmo tamanho?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Não. A informação que eu tenho é que não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E qual é a capacidade da delegacia?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Da cadeia, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Da cadeia.

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - A cadeia, a capacidade dela, legal, era de 70 presos. Nós tolerávamos 87. Mas, em razão de várias operações que desencadeavam junto com a Polícia Militar, redundou em várias prisões, que chegou a esse patamar que os senhores têm conhecimento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Havia um preso já condenado definitivamente?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Quando eu aqui cheguei, nós pedimos uma reunião com o Juiz Criminal, Dr. Cairo, e o objetivo era a agilização das cartas de guia. E, no espaço curto de 60 dias, nós tiramos 40 presos condenados, com trânsito em julgado, que foram removidos às penitenciárias do Estado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, desses 186 que existiam até o dia do fato, ainda existiam presos condenados definitivamente?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Essa numeração, Deputado, oscila muito. Todos os que foram condenados, que têm o seu trânsito em julgado, há um procedimento para abertura de vaga. Tão logo haja o trânsito em julgado, a Justiça expede a carta de guia e a remete pelos trâmites legais. Eles extraem cópias, nos enviam, e nós remetemos também, com mais agilização, por conta do envio de fax, justamente para a Superintendência de Organização Penitenciária, para abrir as



vagas. Então, nós dependemos deles. Esse é o procedimento que nós realizamos aqui na nossa Comarca.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A penitenciária mais próxima daqui fica onde?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Muriaé.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Fica nessa jurisdição?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Não, ela foge um pouquinho. Ela está lá na BR-116. Deve estar, salvo engano, a 200 quilômetros, duzentos e poucos quilômetros daqui.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe quantos albergados estavam também na delegacia?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - A informação na lista... Eu estou me amparando na lista, que eu até cedi ao senhor. Salvo melhor juízo, 37.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Trinta e sete. Aqui não tem casa de albergado?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Luiz Carlos, o senhor pode explicar para a Comissão o que ocorreu na madrugada do dia 23?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Veja bem, Deputado, eu estou aqui há apenas 3 meses. E, por questões pessoais, eu optei por ficar hospedado na delegacia, porque tem uma alojamento. Então, tudo o que se passa ali, eu estou acompanhando de dia e de noite. Naquela madrugada — salvo engano, 1 hora da manhã —, eu fui despertado pelos estampidos. Se o senhor me perguntar quantos, eu não lembro, porque eu despertei e, num salto, eu já fui para a janela e deparei com os 2 policiais militares e mais os 2 outros policiais civis correndo em direção a uma galeria, a uma passarela, melhor dizendo, não é? Eu abri a janela e disse: “*O que está acontecendo?*” “*Tiro, tiro.*” Logo a seguir o agente Marco Aurélio foi até o meu alojamento, deu um pouco mais de detalhe: “*Aciona diretamente o Reforço e fala para os policiais*” (eles têm um rádio de contato). “*Eu quero todo o policiamento possível aqui*”. E foi muito rápido. Chegaram tanto os nossos policiais quanto os da Polícia Militar. E nossa preocupação maior, sabedor de que tinha uma quantidade de presos lá dentro, é a evasão, sair em disparada. Nós não iríamos conseguir conter,



se nós tivéssemos pouco efetivo. Então nos preocupamos, primeiro, em cercar o prédio, tomar conta da situação. Só que, quando nós cercamos o prédio e começamos a nos preparar justamente para fazer o ingresso, em razão dos estampidos ouvidos, nós deparamos com a fumaça já saindo. Então nos preocuparam: estão colocando fogo nas celas. E isso é muito comum em qualquer rebelião. O primeiro passo é fazer o fogo, não é? Isso nos preocupou bastante. Então, quando nós nos preparamos justamente para adentrar a cadeia propriamente dita, nós fomos surpreendidos com um tiro em direção a nós. Nisso, nós nos recolhemos e fomos tentar uma outra estratégia, que não essa, não é? E o fogo aumentando, a fumaça aumentando... Pois bem. Então, eu autorizei usar bomba de efeito moral e gás lacrimogêneo — a determinação foi minha — para conter a situação, porque nos preocupa muito, justamente em razão das informações chegadas de que haviam rompido os cadeados, o que poderia ocasionar tudo isso, não é? Então, nós tínhamos que conter toda essa situação. Mais tarde... Diria o quê? Uma hora, uma hora e meia, mais ou menos, porque todos nós fomos muito rápido ali. Nesse ínterim — perdão —, nós acionamos o caminhão-pipa, porque tínhamos que debelar aquele fogo para nos proporcionar condições de incursão. E nós não estávamos conseguindo enxergar nada que estava acontecendo lá dentro, essa era a verdade. A fumaça era tamanha, a fumaça enegrecida... Ela não nos permitia visibilidade. Então, nós não sabíamos efetivamente o que, de fato, estava acontecendo. Mas nós tínhamos que entrar. E entrar... poderia haver o confronto. E o confronto... Lembramos de Carandiru, e nós não queríamos aquilo para Ponte Nova. Então, travamos a situação. Vamos tentar partir para uma negociação. No primeiro momento, eles não queriam; até que eu consegui uma negociação. Eles queriam se render e a garantia de que nada iria acontecer com eles. Eu empenhei a minha palavra. Chamei o major, que é nosso companheiro — o Major César. Também, pela Polícia Militar, ele empenhou. Determinei que eles se despissem e fossem para o pátio. E aí é que nós fomos entrando, efetivamente, com toda cautela, depois de ter sido feito o rescaldo no prédio, depois de ter apagado o fogo que nos permitisse entrar, e até mesmo que o próprio gás lacrimogêneo nos proporcionasse... Porque o receio maior é de que nós fôssemos ludibriados, enquanto alguns estavam no pátio, encaminhando ao pátio, e que tivesse alguém —



nós não sabíamos a quantidade de arma que estava lá dentro — que pudesse atingir os policiais. Pois bem. Quando nós sentimos uma segurança foi que nós entramos e quando deparamos com a cena estarrecedora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, a gente resolveu, a exemplo das 2 depoentes, ouvir os 2 delegados — estão no mesmo prédio etc. Eu só pediria que também desse o microfone aqui para o... Ah! Já está com o microfone. Portanto, Dr. Wanderley, na hora em que achar conveniente também responder, a gente já avança.

Eu queria perguntar para ambos: quando vocês entraram no corredor, a Cela nº 8 estava com o cadeado rompido ou não?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Deixe-me falar com o senhor: quem primeiro entrou nesse corredor foram os agentes de polícia, junto com os policiais militares. Eu entrei depois da situação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto tempo depois o senhor entrou?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Depois que a situação foi tomada, sob todo controle. Depois que se verificou que todos os presos já estavam lá embaixo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E, quando o senhor chegou, a porta já estava aberta?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Ah, já estava aberta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os policiais informaram para o senhor, ou o agente, se, ao chegarem, estava trancado ou aberto o cadeado da cela?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Confesso ao senhor que esse momento não indaguei a ele não. A nossa preocupação foi justamente deparar com esse quadro. E a preocupação maior daquilo... o prédio... Porque o prédio, ele rachou. O senhor deve se recordar, eu lhe mostrei lá. E a nossa preocupação era aquele volume maior de policiais ali em cima e aquilo ruir, a estrutura. Quer dizer, o número de vítimas seria maior. Então, eu confesso ao senhor que eu não me preocupei... não perguntei isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Wanderley, é a mesma versão que o senhor tem, do Dr. Luiz?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É a mesma versão. Eu acho que não há nada a acrescentar, a não ser que: não só preocupados com a nossa integridade física. Estávamos preocupados com a integridade física dos outros presos também, porque a gente tinha que, pelo menos, tomar uma idéia da dimensão do problema. E o interesse maior era retirar os presos de dentro daquela unidade, que tinha pouca visibilidade, levá-los para o pátio, que nós tínhamos um controle maior da situação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem estava fazendo o comando da Polícia Militar, que entrou junto com o agente?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Estavam presentes o comandante da Polícia Militar local, que é o Major César, e o Capitão Sena.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mesmo após já transcorridas quase 48 horas, os senhores não perguntaram para eles se eles, ao chegarem... se estava rompido ou não o cadeado?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Veja bem, Deputado, por conta de eu ter determinado que um delegado iniciasse as apurações, eu deixei restrita toda essa coleta de provas a esse delegado. Inclusive, foi até cedido o nome aos senhores aí: Dr. Paulo César.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sobre a questão da arma e sobre a questão do objeto contundente, que rompeu os vários cadeados, os senhores acham ou entendem que houve... Como essa arma chegou ali? E esse objeto?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Deputado, veja bem. O senhor deve ter presenciado que ao redor da cadeia existem várias residências. Existe um morro. Tudo pode ser julgado. Como, da mesma forma, nós não podemos negar que o ser humano é falho. Que ela pode ter entrado ou através de um parente (falhou a segurança em revistar); pode ter entrado através de um detento que dorme lá dentro (falhou o nosso policial em não ter checado na busca); pode ter entrado, talvez, jogado lá de cima (falhou também a visibilidade do nosso policial). Por conta dessa situação, nós temos 2 inquéritos em andamento: um em que se estão apurando os homicídios em si e o outro para apurar essa facilitação da arma lá dentro. Relacionado ao objeto contundente, que o senhor citou... O senhor verificou o estado que está a cadeia. Nós optamos por não realizar o chamado pente-fino, uma busca minuciosa no prédio, justamente para preservar o local para qualquer



questionamento pericial futuro. Ela está lacrada. Ela só foi aberta para a presença dos senhores. Então, esse objeto contundente que teria sido citado... Melhor seria quando nós pudéssemos, efetivamente, estando o prédio liberado, nós realizarmos essa busca e tentarmos descobrir que objeto seria esse. Eu confesso para o senhor: eu ainda não sei... não consegui, ainda, imaginar se seria um pedaço de alguma coisa, da parede, de um ferro ou outra coisa que teria adentrado. Eu teria que realizar essa busca. Porém, por estar interdito, isso ainda não sucedeu.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os colchões dos presos, todos eles são cobertos, Dr. Wanderley?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - São. É... Recentemente nós conseguimos, através da Polícia Civil, a troca de todos os colchões. Nós entregamos aos presos colchões novos. E, por questão até de segurança, nós retiramos o maior número de material possível de dentro das celas, porque é muito comum os familiares levarem roupas, toalhas, cobertores, ainda mais na época de frio. Então, em razão de segurança, nós retiramos. E o que aconteceu com os presos? Eles já estavam com pouca... Foi informada uma situação, que eu vou mencionar, de um princípio de rebelião acontecido no pretérito, que nós conseguimos conter rapidamente. E, em razão disso, nós adotamos certas medidas de segurança; entre elas, a supressão do que tinha em excesso. E imediatamente entregamos colchões novos para os presos. E eles eram cobertos com um pano. O próprio colchão tinha um pano. O que os presos fizeram? Como... como cobertura, eles mesmos retiraram os panos e passaram a dormir em cima da espuma. Quer dizer, nós procuramos deter dentro da cadeia, das celas, o menor número possível de objetos ou de coisas que possam atrapalhar as buscas encetadas tanto pela Polícia Civil quanto pela Polícia Militar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas essa espuma não estava exposta. Tinha pelo menos aquele plástico em cima.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Eles retiraram tudo. Os presos retiram... Algumas, os presos retiram toda a espuma; outros, não. Então, é muito, assim... Eu não posso afirmar, porque é o comportamento de cada preso. Eles, ali, têm uma doutrina, têm um ritmo de vida. Então, cada cela adota uma



maneira de se comportar. Então, alguns tiram os colchões, outros têm uma certa higiene. Enfim, fica difícil eu dar essa informação para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Essa espuma é bastante inflamável?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não posso afirmar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor acha...Aí fica quase que subjetivo, porque, para nós, da Comissão, e para a Relatoria, ou usa fósforo... É comum entrar fósforo na delegacia? Isqueiro?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, isso é permissivo, porque eles fumam, não é? Então, não há como impedir. Nós temos a cautela de não deixar instrumentos contundentes, que possam ferir a integridade física. Todo o nosso zelo é para tentar que isso não adentre. A gente se esforça para isso. Lógico... O Dr. Chartouni esclareceu para o senhor que pode haver falhas. Isso é inquestionável. Mas a função nossa é justamente tentar fazer com que isso não entre. E tem... sempre tem fósforo, isqueiro. Eles utilizam para poder fumar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, considerando que houve uma arma, houve um objeto contundente, também é possível ter entrado frasco, embora seja pequeno, com material bastante inflamável?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não... Igual o policial falou, eu também... Eu vou falar para o senhor: é possível, sim. Não vou dizer que não. Mas eu não vou afirmar, porque, na realidade, nós entramos lá, e se houvesse, por exemplo, algum material inflamável que tivesse um cheiro perceptível, como gasolina, como querosene, óleo, nós perceberíamos. Agora, eu não posso afirmar como aconteceu e que tipo de material foi utilizado. Papel mesmo poderia proporcionar isso, se eles fizessem, de repente — vou especular agora —, fizessem uma fogueira com revistas ou jornais que eles tenham e começassem a incendiar as roupas e jogar...Quer dizer, o fogo, depois que ele propaga, ele tem um ambiente propício. Ele tem ar, tem o colchão... Quer dizer, aquilo facilita sobremaneira. Daí, eu até falo para o senhor: nós tivemos de retirar o máximo possível de material, porque, se tivesse mais, poderia ter contaminado toda cadeia, toda a estrutura, todas as celas.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor estava onde no dia do ocorrido, no horário do ocorrido?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu fui acionado para comparecer à cadeia pública e estive presente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor chegou quantos minutos após ser acionado?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Rapidamente. Questão de 1, 2 minutos. Minto. Um, 2 minutos, não; uns 5 minutos, que foi o tempo de eu sair da minha casa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando chegou, o fogo estava bem intenso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Já estava intenso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pergunto para o senhor: aqui a depoente informou que o Corpo de Bombeiros foi acionado e que foi desmobilizado. Isso ocorreu? Da cidade vizinha?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não tenho essa informação para dar para o senhor, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Também houve a apreensão de drogas, anterior a esse fato. Foi aberto algum procedimento administrativo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Já. Já foram feitos. Eu vou externar para o senhor que, estando na administração da unidade prisional já há um certo tempo, a gente procura, de toda forma, evitar que isso aconteça. E chegou ao ponto de a comunidade local, também preocupada com a qualidade de vida dos detentos, criar uma associação dessa forma — a associação comunitária de Ponte Nova —, que visava angariar fundos para poder nos auxiliar. Bom, nós temos relatos, expedientes, inquéritos apuratórios, em que se apurou a entrada de drogas pelo lado externo, porque ao lado da cadeia pública tem uma balança, um lugar muito aberto. Os presos utilizavam uma linha, um fio para atingir a rua. E a pessoa, utilizando-se de um ardil, uma sacola, colocava ali drogas ou qualquer outro objeto e içava aquele material para dentro da cela, aproveitando, às vezes, um chamamento do policial que estava ali na guarda externa. Seria muito comum avisar que tem alguma coisa acontecendo na frente da delegacia. E o policial, para atender aquilo prontamente,



sai para ver o que está acontecendo. E, aí, quem está do outro lado consegue içar esse material. Temos, também, inquéritos policiais já devidamente relatados de familiares que tentaram introduzir drogas e instrumentos para dentro da cadeia pública.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A quem o senhor atribui essa reação ou ação dos presos na Cela 9, contra os da Cela 8?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Olha, não podemos nos furtar de informar que realmente há uma querela entre esses rapazes, essas 2 quadrilhas. O que nós podemos informar é que houve uma ação policial muito intensa nessa cidade para coibir a criminalidade, que culminou na prisão dessas 2 quadrilhas. E é cediço que no passado, extramuros, eles tinham uma contenda muito grande. São inimigos. E acabaram ficando na mesma unidade prisional, até por força de lei. Foram presos. Eram presos provisórios e teriam que ficar na cadeia pública até a sentença e o trânsito em julgado da sentença.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Esse tráfico a que o senhor se refere, que eles disputavam, era só local ou tinha alguma ramificação fora da região?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não posso externar isso para o senhor, porque a minha função na delegacia é a direção da cadeia pública e a delegacia de crimes contra a vida.

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Eu vou acrescentar, Deputado, porque isso eu indaguei ao delegado. Porque lá nós temos as atribuições distintas para cada uma das autoridades. E essa conversação nós tivemos. E essa ramificação dele é só centralizada em Ponte Nova.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por que o Clevinho saiu do seguro e foi para a Cela nº 8?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu já respondi a pergunta para o senhor. Ele, por ser quadrilheiro, por ser traficante de drogas... Ele não saiu do seguro. Eu tenho uma dificuldade muito grande, Excelência, de administrar uma cadeia pública. Como o senhor sabe, a quantidade de presos — não é? — oscila. Eu tenho em torno aí de 180 problemas para administrar. Cada preso com o seu problema distinto, a sua dificuldade, a sua querela. Às vezes ele se desentende com



o colega de cela, e eles viram inimigos dentro de cela. Eu tenho que tentar administrar isso. Então, o que acontece? Eu procuro colocar os presos de acordo com o crime que eles cometem, o fato de haver ou não resistência com os demais presos. Enfim, eu tento adequá-los na cela que melhor... que vai me dar menos problema. A situação do Clevinho e de outros que foram retirados da Cela 3 é que houve... eles estavam tentando cavar um buraco na Cela 3 para alcançar a cela dos albergados. Eu vou fazer uma menção para o senhor, antes que o senhor me indague. A Cela 3 fica no andar de baixo, e ela pode se ligar à cela dos albergados. E, aí, conseguir ganhar a rua, tão logo os albergados sejam soltos. Então, por medida de segurança, nós resolvemos tirar esse pessoal que estava envolvido nisso e passar para uma outra cela. E nós procuramos manter na Cela 3 geralmente presos doentes, presos que fazem uso de remédio controlado e que possam dar menos problema para a administração da cadeia, em razão de uma doença ou um súbito qualquer, e facilite o policial tirar o preso para atendimento médico.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe me informar por que o preso Darlen José da Silva... Pergunto se ele tinha alvará de soltura.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O preso Darlen?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Darlen José da Silva.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Está. Estaria na Cela 8.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estava na Cela 8.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É. Nós recebemos o alvará de soltura dele ontem. Foi logo depois do evento. Veio até por *fax*.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Chegou do juiz, depois da morte.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Depois do evento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E com relação a outros detentos com problemas de doença mental. Por que eles estavam misturados na Sala 8?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na Cela 8?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nós temos presos com alguns distúrbios. Mas, com problema mental, só temos um, que foi, por determinação judicial, mantido lá e passou por exame de insanidade mental. Então, quer dizer, nós não questionamos a atuação no Judiciário. Ele cometeu um crime, está lá, e está



aguardando um posicionamento do Judiciário. Nós não questionamos por que ele tem que ficar lá, não. A Justiça determinou, e nós estamos cumprindo uma ordem judicial.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu vou fazer a pergunta. Mas aí...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só porque estaria na Cella 8, nós estamos procurando... a gente está procurando remanejar. Em razão de a Cella 8 estar com muitos presos, seria desumano mantê-los naquele mesmo habitáculo. A gente procura colocar uma quantidade suportável de detentos em cada cela, entendeu? Então, seria essa a nossa indagação. E eu vou frisar, vou mais além: os presos tidos como mais perigosos, nós procuramos concentrá-los entre as Celas 9, 10 e 11. E os presos que não nos dariam problema, nas celas da extremidade. Até por questão de segurança, em razão de não haver uma fuga.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem o mapeamento dos presos, tipo de crime e quais aqueles... em que fase está o processo? Os presos que ainda não foram interrogados, os presos que foram interrogados e falta instruir o processo? O senhor tem esse mapeamento?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, eu não tenho completo, vou falar para o senhor, porque é o seguinte: Nos temos presos... Por exemplo, nós cumprimos o mandado de prisão, e é um preso de outra comarca ou de outro Estado, nós oficiamos a Justiça o cumprimento e estamos aguardando o recambeamento. Às vezes, têm presos que respondem a 3, 4, 5, 10, 20 processos. Então, a Justiça não determina a sua liberação. Têm presos que... Ele quebra o regime, tem regressão de regime por estar cometendo um outro crime, ele tem processo com trânsito em julgado e aguarda o andamento de outro processo por autuação em flagrante ou até mesmo por prisão preventiva. Então, fica difícil informar isso para o senhor, mesmo porque a nossa população é extremamente flutuante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas têm presos que ainda não foram interrogados?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não sabe quantos nem quanto tempo eles estão ali?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Aí é por conta da Justiça.

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Deputado, pela ordem, só para esclarecer. Veja bem, quando nós cumprimos o mandado de prisão ou autuamos alguém em flagrante, nós ficamos à mercê da agenda do magistrado. Então, eles requisitam, e nós apresentamos. Mas o andamento processual nós não acompanhamos, porque tornou-se um processo ao Ministério Público, titular da ação penal. Então, tramita. Nós ficamos aguardando essa situação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Permite um aparte, Relator?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pois não. O Presidente permite um aparte. Aparte concedido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dr. Wanderley, o senhor é o delegado responsável pela cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava de plantão no dia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não estava de plantão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem estava de plantão?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Dr. Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Paulo...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Paulo Cesar Lopes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Paulo Cesar Lopes. Qual o procedimento de rotina da cadeia? Um delegado de plantão e 2 agentes?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É a rotina?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Na realidade, nós temos uma equipe de policiais de plantão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos policiais têm aqui, à disposição da cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Na cadeia pública, nós teremos 4 policiais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quatro? Como é feito o plantão deles?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É... 24. Varia muito, porque nós temos que estar sempre adequando, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas normalmente é quanto? Como é a escala?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Doze por 36.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dois policiais trabalham 12 horas e folgam 36. Depois, os outros 2...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sempre substituindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Substituindo.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - As duplas sempre são as mesmas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sim, sempre são as mesmas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem foi a dupla escalada para aquele dia de trabalho?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Marco Aurélio e o Maurício.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Marco Aurélio e Maurício. Os 2 deveriam estar ali trabalhando.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eles estavam trabalhando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E qual era a escala do Antero?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, o Antero... Eu vou falar para o senhor que eu não conheço um policial com um posicionamento igual a ele. Ele é um policial que está sempre pronto a estar atuando na delegacia. É o policial... é o famoso "faz tudo". Tudo que precisa, ele está sempre atendendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele trabalha fora da escala dele também?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Ele reside lá. Assim como...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele mora lá?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É alojado lá. E é o curinga, não é? Porque, à vezes, ele está ali... Por morar lá, acaba trabalhando mais do que os outros. Não porque quer, mas porque nós fazemos uso dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele é natural aqui da cidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele veio de onde?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele veio de Ubá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De Ubá. Está há quanto tempo aqui?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele está aqui há uns 7 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E é solteiro?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É divorciado... Eu não sei a vida dele. (*Riso.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não sabe. Tem filhos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu acho que sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas aqui na cidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não sabe? São 7 anos, já dá para saber alguma coisa da vida...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É... é... a gente... a intimidade...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Amigo, a gente sempre sabe de alguma coisa. Se é casado... A coisa é comum. Não estou fazendo nenhuma pergunta, aqui, difícil. Se é casado, se tem filho, é uma coisa... São 7 anos em que convivem juntos. Não é difícil saber...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, acho que é muito estranho eu ficar entrando na intimidade dos outros. Se ele, espontaneamente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, isso não é intimidade. Isso é estado civil. Isso, no cartório, é publicado. Fulano casou-se, fulano divorciou-se. Isso é publicado. É coisa pública.



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O que eu posso afirmar ao senhor é o seguinte: ele é natural de Ubá. Não sei se é casado, se é solteiro, se é amasiado. Eu sei que lá em Ubá ele tem filho. Mas, aqui, não sei afirmar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, estou perguntando só para saber por que ele mora na cadeia e não mora na casa. Por isso é que quero saber se ele é casado ou não.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, é por opção dele. Ele é alojado...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Se ele fosse casado e morasse na cadeia, eu ficaria estranhando o que aconteceu. Por isso é que estou querendo saber, não é?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - *(Riso.)* Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele mora na cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Há 7 anos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É alojado lá há 7 anos. Assim como outros policiais já moraram, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele, como morador, pelo fato de não estar na escala, tem acesso a todas as dependências da cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Deputado, vou afirmar para o senhor o seguinte: existe uma ordem de serviço, que a gente baixou justamente para evitar que os policiais que não sejam afetos à seção, eles penetrem sem a devida autorização. Então, o que acontece? Ele pode acessar a seção quando um colega de trabalho solicita. Perfeito? Mas ele não tem assim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o policial de folga só pode agir dentro da cadeia se ele for solicitado por outro agente?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Pelo colega de trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele, no momento em que não está de escala, está de folga, não pode falar nem responder pela delegacia sem a solicitação ou a autorização do outro agente que está de plantão?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não necessariamente. O que eu quero explicar para o senhor é o seguinte: ele está lá, morando na dependência, e é solicitado por um colega de trabalho. Ele não vai se furtar de ajudar o colega de trabalho porque o delegado não o autorizou a fazer. O.k.?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, mas eu estou falando da situação do agente, não é do delegado.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só para expor para o senhor. Então, o que acontece? Às vezes um colega pede auxílio dele para fazer alguma coisa, e ele, estando ali, não está fazendo nada, eu acredito que ele possa estar auxiliando o colega. Eu acho mais um voluntariado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É um policial de bom comportamento?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Conosco, bom comportamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem alguma ocorrência na ficha dele, assim? Alguma observação?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, eu tenho nada a...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Responde a algum processo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não sei afirmar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria, ainda... Não sei... Se eu estava desatento, peço desculpas. Sobre a questão da solicitação do Corpo de Bombeiros, houve alguma solicitação da polícia para a cidade vizinha?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não tenho essa informação, porque, quando cheguei, outros policiais já tinham chegado, o Dr. Chartouni já estava. Então, cada um tomou uma função, entendeu? Quando eu cheguei, o caminhão-pipa já estava sendo acionado, estava chegando, já estava... já estava trabalhando. Então, eu não posso falar se houve alguma solicitação ou não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sobre o inquérito anterior, sobre a droga, já foi concluído?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Já. Foram pessoas que foram autuadas em flagrante. Um menor tentou passar para dentro da cadeia facas e drogas. Foi feito um procedimento especial e já foi enviado à Justiça, enfim...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Teve algum funcionário da delegacia envolvido?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Esse processo está em que comarca? Está aqui nesta Comarca?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Está nesta Comarca.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois, se o senhor puder passar para a Comissão o nome das pessoas...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Passamos. Passamos, sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Dr. Luiz afirmou que a cadeia tem vulnerabilidade, não é? Próxima de morro etc. Que pode ser passado pela janela. Eu lhe pergunto: foi tomada alguma providência para evitar isso?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Veja bem, a localização da cadeia tem essas nuances. Se o senhor verificar lá, nós temos residências ao lado. Não é passar pela janela, é jogar, porque nós temos a área que divide a delegacia dos imóveis. Tirar dali, tem que tirar ou a cadeia ou as residências. Não tem outra solução. Não existe uma outra. Há apenas a cautela, a atenção, o cuidado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Havia algum privilégio para algum tipo de detento na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Como assim? Não entendi.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Alguns que tinham certas regalias, comparando com outros?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Nós procuramos não dar regalias. Inclusive, a gente costuma até ser bastante rígido com relação a esse tipo de comportamento. Nós limitamos a entrada de familiares. Nós evitamos até que familiares tentem manter contato com os detentos fora dos dias de visita, justamente para não criar um constrangimento para o familiar e dificuldades para o preso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vou ler para o senhor, aqui, a declaração do Breno Fernandes, que estava na Cella nº 9, que diz o seguinte: *que o*



declarante informa que nenhum preso que ocupava a Cella 8 saía para o banho de sol ou recebimento de visita, sendo que todos, inclusive o Cleverson Andrade da Cruz, permaneciam diuturnamente no interior daquela cela; que já os ocupantes da Cella 9 sempre saíram para o banho de sol e recebimento de visita. O que o senhor tem a informar sobre essa declaração do Sr. Bruno Fernandes?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Perfeito. Isso acontece porque é notória a contenda entre o Clevinho, o grupo do Clevinho e o grupo do Biju. Esses presos que tinham receio por suas vidas, por suas integridades físicas entenderam por bem não sair nos dias de visita e banho de sol. E a gente procurou, para não ter problema com a cadeia e, enfim, embate entre esses grupos, fracionar inclusive o dia de banho de sol: um horário, determinadas celas; outro horário, outras celas. Nós dividimos, por exemplo, o banho de sol — as Celas 12, 8 e 3, porque são celas com presos, entre aspas, “mais tranquilos”; e, no outro horário, Celas 9, 10 e 11 —, justamente para que eles não tivessem contatos. Com relação aos dias de visita, nós não temos condição de dar outro dia de visita, porque nós já somos assoberbados de trabalho, em razão disso, não é? Nós temos, primeiramente, atendimento ao médico em um dia; atendimento odontológico no outro dia; o banho de sol, 2 dias por semana; e mais a visita. Quer dizer, não teríamos a menor condição de criar um outro horário de visita para os outros presos nem a área disponível para isso, por questão de segurança. Então, deixamos a critério deles que saíssem ou não. Se eles se sentissem à vontade para sair, para poder estar com os seus familiares, sairiam. A nossa maior preocupação era o banho de sol, porque aí seriam só os presos no pátio. Durante a visita, não, porque você tem familiar, tem mãe, tem pai, há um certo respeito. Mas, no banho de sol, a nossa preocupação era esse embate; razão pela qual nós fracionamos o dia de banho de sol.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu vou fazer perguntas bem objetivas, em função do tempo. Há alguma ocorrência de doenças graves na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Olha, Excelência, o médico, ele atende os presos de todas as formas, de todo tipo de doença. Há um relato de um preso recolhido recentemente, que foi transferido, que foi autuado, acho que têm 2, ou 3, ou 4 dias. Alegou ser soropositivo.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Um caso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É. E um outro preso que alegou ser tuberculoso. Esses 2 presos, nós isolamos, colocamos em uma cela isolada, justamente para evitar algum tipo de contaminação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eles continuam na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Foram todos transferidos. Agora, eu vou afirmar para o senhor: nós não temos certeza desse fato. Há o relato. Então, só de ter relatado, nós, por cautela, isolamos, para evitar que acontecesse um mal maior.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você pode informar a situação... se todas as mulheres encarceradas têm filhos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não posso afirmar para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, não há nenhum trabalho na delegacia de acompanhamento dos filhos...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Na realidade, a associação comunitária se propôs a estar fazendo isso. E aí é um trabalho que eu não acompanho. Foi criado para ajudar na revitalização da unidade prisional e acompanhamento dos familiares. E isso eu não faço, a parte do acompanhamento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos os... Eram 186 menos... Ficaram cento e...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ficaram 161.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos esses 161 são pessoas de baixa renda? Os presos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu acredito que sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A delegacia não tem um diagnóstico socioeconômico dessas pessoas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Não temos não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não é feito?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É, porque, por ser cadeia pública, preso provisório, você já deduz que o que está na (*ininteligível*) é que não há esse acompanhamento, porque são presos provisórios, não é?



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por último, para passar para os colegas: os senhores consideram que esse incidente é só fruto dessa disputa de 2 lideranças ou pode ser caracterizado como prática de crime organizado?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Disputa interna exclusiva, restrita a Ponte Nova.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Motivada pelo tráfico de drogas?

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Possivelmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que tipo de drogas é constatado aqui na cidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Posso falar? Maconha, *crack* e cocaína.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Em grande quantidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Nós vemos a situação de varejistas, não é? O que acontece, Excelência, é que, querendo ou não, nós estamos num bolsão de pobreza muito grande. Então, falta emprego. E as pessoas, não tendo emprego, com certeza vão tentar angariar... conseguir dinheiro de alguma forma. Então, eu não vou entrar nessa seara de políticas públicas, não. Mas o que acontece é justamente isso. Então, quer dizer, há essa situação do tráfico de drogas? Há essa disputa? Há. Mas há um trabalho policial para evitar que o tráfico cresça na nossa região.

O SR. LUIZ CARLOS CHARTOUNI - Excelência, deixe-me só fazer uma colocação, acrescentando ao que o Dr. Wanderley falou? No espaço de pouco mais de 30 dias, nós fizemos 2 incursões policiais, a Polícia Civil e a Polícia Militar, e redundou na prisão de quase 25 pessoas, com tráfico de drogas. Só para o senhor ter uma idéia, no espaço de pouco mais de 30 dias. Então, é aquela... a população da cadeia é flutuante. E nós temos de prender, porque a sociedade cobra esse papel da polícia. É o nosso papel. Se nós não prendermos, estamos sendo omissos. Nós temos de atuar, nós temos de agir. Então, em pouco mais de 30 dias, a Polícia Civil, aqui, que vem trabalhando integrada... nós realizamos incursões, o que resultou na apreensão de... na prisão, perdão, de quase 25 pessoas, que foram para a cadeia, estão lá na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deputada Maria Lúcia.



Eu agradeço e me reservo a oportunidade de voltar a inquirir os depoentes.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Eu gostaria de fazer uma pergunta ao Dr. Wanderley. Quando o senhor se refere a querelas, o senhor está se referindo a gangues?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Há essa disputa, não é? Essas divergências entre...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - É. E são jovens?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - São jovens.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Com referencial familiar? Têm mãe, têm irmã, têm pai?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Têm, têm.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Todos eles?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Têm, têm.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Radicados aqui em Ponte Nova?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Todos radicados aqui. É. Moradores... Geralmente, moradores do mesmo bairro...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Sempre... às vezes, o mesmo bairro... E foi dito que existe essa querela, como o senhor agora colocou, entre o Biju e o Clevinho, que veio a falecer. O Biju foi transferido pelo senhor, aqui, há pouco tempo. Por que ele foi transferido da prisão... da cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, o Biju foi transferido em razão de um fato que aconteceu na cadeia pública, num dia de visita... dia de visita, no final de uma visita. Primeiro, um desentendimento e, depois, no banho de sol, no dia seguinte, houve um motim, um levante, que... houve uma... culminou numa intervenção muito rápida da Polícia Militar.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Muito bem.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Aí, o que aconteceu?

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Sim.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Entendíamos que o Biju poderia ser o pivô disso aí, porque ele tem a fama, não é? Ele acaba querendo...



A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Ele é perigoso? Ele é uma... Ele é um jovem de que idade, mais ou menos? O senhor faz idéia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele é novo. É um...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - É jovem?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É. Mas, aí, acabou...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - É perigoso? É assassino?

Tem passagem...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É um traficante conhecido.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Um traficante conhecido?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Um traficante conhecido.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - O senhor acha que ele tem capacidade de ter uma relação, aí, vamos dizer, com esse bandido que foi morto agora?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Abadia?

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Abadia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Porque foi noticiado isso. Esta madrugada, inclusive, eu vi em alguns canais, *Rede TV!* — quero até, depois, pegar essa declaração, onde eles filmaram aqui a cadeia e, enfim... — dizendo dessa possível ligação. O senhor acha que é possível isso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Eu vou afirmar...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Onde é que eles... Onde é que se pega esse *crack*, cocaína? De onde pode vir isso? Têm idéia, vocês que estão nesse meio? Apenas para nos ajudar a esclarecer, porque a gente... a gente sabe que este momento terrível que a gente passa, e os senhores também, que estão aí, à frente dessa luta, dessa batalha... Isso é muito... O que nós tentamos fazer aqui... Eu não quero que seja paliativa a resposta do Relator. Nós temos de curar esse mal pela raiz. Acho que é possível. Acredito nisso. Acho que o referencial familiar... As cidades de pequeno ou médio porte, como é o caso de Ponte Nova, a gente tem de movimentar a população para que essas famílias humildes... para que tenha uma divisão de renda, de alguma forma. Não é assim que o Governo Federal quer fazer? Não é divisão de rendas? Vamos dividir, de alguma forma, e ver se a



gente consegue curar esse mal pela raiz, para que não chegue da forma que está. A nossa função, hoje, da CPI, além de buscar esses esclarecimentos, não é ficar punindo nem querer, aqui, usar da autoridade de uma CPI apenas para buscar, evasivamente, esses questionamentos que a gente faz. Então, eu pediria ao senhor, assim, que está aqui há 8 anos, numa cidade que eu conheço há muito tempo, porque eu conheço esse Estado todo; meu marido foi Governador e eu já passei... Foi Vice. Já atuei em várias áreas, como na área social, já cuidei de detentos, já fiz movimentos em todas as áreas. E a gente sabe que o mal da droga é... Tem a droga proibida e o álcool, que é uma droga lícita, infelizmente. Hoje ou ontem ou anteontem, o que o senhor tinha preso na cadeia é uma média de 170 ou 120 presos, se não me engano?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Cento e sessenta e um; 186 menos 25 = 161.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Sim, 185 presos, e a maioria era... Esse grupo, conforme o conhecimento, era de traficantes, como é o caso do Clevinho e do Biju, que são daqui. O senhor tem uma idéia? Essa droga vem de quê? Vem daqui do Rio de Janeiro, vem de São Paulo, de onde pode vir isso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - São Paulo, São Paulo... Há relatos...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - A conexão São Paulo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É. Há relatos da vinda do Paraná, Paraguai...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Paraná? Foi preso — vi essa madrugada — foi preso, fugiu daqui da região, não sei se de Ponte Nova... E esse grupo que foi preso, dizem, estava ligado ao grupo do Abadia e que era de Ponte Nova. O senhor tem conhecimento disso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Eu vou afirmar para a senhora que, pelo menos, essas quadrilhas, pelo que eu colho de informação dos colegas... É uma situação pontual, é uma briga pontual. E eles intitulam essas quadrilhas... Até parece aquelas coisas de gangue de bairro, aqueles...

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Sei. Deixe eu perguntar ao senhor uma coisa, que a gente há 10 anos já acompanhava isso. Nós temos lá nas



vilas, nas duzentas e tantas vilas que temos hoje em Belo Horizonte, um hábito de que, quando chega a droga na vila, eles dão o aviso. Qual é o aviso que eles dão aqui quando chegam nos bairros?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Da mesma forma.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Da mesma forma?!

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Da mesma forma. E outra coisa também: com o advento do celular, ficou muito mais fácil.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Ficou muito mais fácil. Muito bem. Era o que queria. Agradeço. Passo a palavra à Deputada Maria do Carmo Lara e, em seguida, ao Relator.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Dr. Wanderley, o senhor disse que são 4 policiais, 4 agentes que existem. Os 4 moram, são daqui?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. São 4, mas são 2 por turno.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Pois é. Mas moram, são da cidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Moram em cidades... Tem policiais que moram aqui e policiais que moram em cidades muito próximas, e que atendem...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Tá. Esses 4, fora o Antero... Seriam 5?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Seriam...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - É, seriam 5, no caso. Os policiais militares também tinham acesso, tinham chave, tinham acesso à cadeia e tudo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, os policiais militares não têm acesso à cadeia.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Só...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só os solicitados...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Só os agentes?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só os agentes.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Obrigada.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria ainda voltar ao policial que mora praticamente na delegacia.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Antero.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Wanderley, o senhor acha comum um policial viver praticamente morando numa delegacia? Isso não cria certas relações que podem comprometer o funcionamento normal da delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Olha, Excelência, eu não acho normal, né? Eu acho que ele tem que levar a vida dele. Agora, é uma questão de foro íntimo. Agora, o que eu tenho para passar para o senhor é o seguinte. É um policial que, vou usar uma expressão bem popular, não dá papo para preso, não tem esse hábito de estar indo às celas para conversar com os presos — entendeu? Ele mora num compartimento, que é próximo, que está na mesma estrutura, no mesmo prédio, mas que não tem acesso às celas — entendeu? Então, quer dizer, o senhor está me perguntando se eu acho normal: eu não acho. Eu acho, para mim, que ele deveria morar numa casa. Agora, até por questão de economia, o local lá é habitável: tem banheiro, tem toda uma estrutura para que ele possa conviver. Então acho, se ele escolheu isso, e como outros policiais já moraram, eu não vejo óbice. Se ele mora há tanto tempo... De repente, ele quis economizar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não acha que essa convivência, essa ambientação tão prolongada não pode dar um poder extraordinário a ele em referência àqueles que têm menos tempo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, Excelência. Eu costumo informar aos policiais que estão prestando serviço na unidade prisional, principalmente no plantão da cadeia pública, que eles respondem, que plantão é deles; tudo que acontecer “ali” — entre aspas — é responsabilidade deles, e da seguinte forma: eles têm de zelar pela limpeza, têm de zelar por tudo. Então, quer dizer que eles não podem se deixar levar por um policial que está chegando — entendeu? Então eu acho que isso não é... Agora, o policial que está contando, ele é responsável pela função. Ele sabe o que tem de fazer. Eu acho que seria uma tolice, uma leviandade muito grande chegar lá, assumir o plantão e dizer: “*toma conta aí, faz que você quiser*”. Mesmo porque existe uma ordem de serviço determinando que os policiais que não são afetos ao serviço naquela sessão não permaneçam ali,



razão pela qual os policiais preferem atender à minha determinação a deixar que os policiais fiquem transitando pelo interior da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Além dos albergados, ninguém mais trabalha, dos 161 que restaram?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ninguém mais.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E sobre educação? Alguma instrução, algum curso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pergunto para o senhor: as pessoas que primeiro chegaram à delegacia, onde era o seu... O que estava de plantão, depois o Marco Aurélio que estava no momento, os policiais... Eles avisaram quanto tempo levou entre os gritos dos presos da sala 8 para os da sala 9 para chegarem a essa cela?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, eu vou falar para o senhor que eu não me preocupei com isso, não. A minha preocupação era saber o que estava acontecendo e a ação do momento. Então, eu não indaguei a eles questão de tempo ou como é que foi. Ele me perguntou, ele me ligou: "*Dr. Wanderley, está acontecendo isso e isso na cadeia.*" Eu disse: "*Falou. Eu já estou descendo.*" E, ao chegar, os policiais estavam lá e nos preocupamos com a ação, com o desenrolar dos fatos. Minha preocupação era se eles tomassem todo o complexo, toda a cadeia. E aí, se eles tomassem toda a cadeia, talvez teríamos uma calamidade maior.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha 2 policiais na parte externa e 2 na parte interna. O senhor considera que 2 servidores públicos na parte interna e 2 na parte externa são suficientes para guarnecer os 186 presos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Acredito que não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu acredito — eu não tenho experiência — mas, considerando que os presos estavam na parte interna da cela, o cadeado fica na parte externa da cela, e o cadeado é bastante grosso, então eu pressuponho que, mesmo a pessoa que esteja do lado do cadeado, mesmo com ferro, ela terá dificuldade para romper esse cadeado. Você não concorda?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Com certeza.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto mais para quem estava do lado contrário ao cadeado. Você não acha que demorou bastante tempo para esses presos da cela 9 conseguirem abrir esse cadeado?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É uma indagação. O senhor está me fazendo uma indagação que a investigação que está em curso vai informar. Eu não tenho nem elementos para...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas o senhor considera que é bastante difícil, como disse aqui o Marco Aurélio, que o preso... Eu vou pedir para que a gente volte lá. Olha, eu vou especular com o senhor. Na pior das hipóteses... Só para o senhor, de repente, firmar o convencimento do senhor. As celas tem as grades. Seria possível, de repente, terem cerrado uma grade e utilizado esse instrumento de pedaço de grade para quebrar o cadeado. É possível?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É. Não vou negar para o senhor, não. Se tivesse lá uma pequena serra, serrado aquele pedaço e utilizado esse pedaço para quebrar o cadeado, é possível. Aí não demoraria, não, Excelência. Seria rápido.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Para o nosso entendimento. O portão que dá acesso ao corredor das celas também fica no cadeado. Quem é que fica com as chaves?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O agente de plantão na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No caso, o Marco Aurélio estava com as chaves?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. O Maurício.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Maurício estava de plantão?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Marco Aurélio fica de plantão na unidade, na delegacia, que é um prédio antigo. E o Maurício fica na...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na regional?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - ... na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, o Maurício estava na cadeia e o Marco Aurélio estava na delegacia.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - E eles mantêm comunicação entre si. Até porque precisam receber boletins de ocorrência, conduzidos.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Porque eu — não sei se é esta a visão das colegas — entendo que deve ter demorado um tempo razoável para os presos da cela 9 romperem o cadeado. E aqui tem um depoimento do próprio Dueber Batista de Oliveira. Ele diz o seguinte: que o depoente chegou a essa delegacia de polícia por volta das 10 horas da madrugada para cumprir a escala de guarda externa do presídio; e que, dirigindo-se à passarela anterior ao ambiente carcerário, que estava apresentando movimentação tumultuada, pois os presos das cela 8 chegavam à janela e gritavam para o plantão, avisando que a cela 9 estava sendo arrombada pelos seus detentos; que os presos da cela 8 também gritavam que os presidiários da cela 9 estavam armados e iriam lhes matar; que o depoente assinou... Ou seja, pressuponho que demorou um bom tempo. E aí eu pergunto para o senhor: nesse tempo que demorou, nessa gritaria, se o agente que estava ali com a chave não teria tido condições de ter evitado, ter tido mais rapidez para chamar socorro, ter aberto o portão que dá acesso ao salão que chega às celas.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Veja bem, Excelência. Quanto a isso aí, eu vou ter que passar para o senhor o seguinte. Quando você recebe essa informação, você tem que, primeiro, dar uma analisada do que está acontecendo. Então é muito comum o preso simular uma doença, simular alguma coisa para que o agente carcerário, o policial abra na correria, no afã de dar o socorro; abre rapidamente, sem a cautela devida, para depois ser tomado como refém — entendeu? —, e aí cominar numa fuga em massa. Isso é fato, isso é inquestionável. Então, já aconteceram situações, até na nossa unidade prisional, de presos que simulavam a doença, quando se acionava o reforço, o envio de viaturas da polícia militar por questões de segurança, para abrir essa cela. E quando se tirava o preso e levava o preso para o hospital, ele não tinha nada. Então, o que acontece? Ele simulava uma situação para que, se o policial fosse sozinho, todos os presos, assim que a cela fosse aberta, dominassem o agente. Então, o que acontece? Nós, por cautela, orientamos os policiais — e os policiais também têm ciência disso — de que não deverão entrar no andar superior para retirar preso de cela se não com a devida escolta, se não com um apoio. Então, eu não vou explicar por que demorou, porque é uma questão de segurança, porque ele sozinho, de forma alguma, poderia abrir as celas para ver o que estava acontecendo, sob pena de ele perder a própria vida.



Então, eu acho que ele tem que ter pelo menos uma análise rápida do que estava acontecendo para ver o que ele poderia fazer. Eu acho que foi pertinente; ele está acionando o reforço, para que, assim que o reforço tivesse postado, aí, sim, entrar. Eu acho que a postura do policial nesse ponto foi correta, porque ele tem que preservar, além da segurança dos detentos, tem que olhar a sua segurança e a da comunidade, com o raciocínio de que, se fosse uma simulação dos presos, fugissem aí 100 presos pela cidade.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu me dou por satisfeito. Esta primeira visita ou audiência da Comissão foi de improviso em função da gravidade do que ocorreu, mas já deu para constatar aqui que o objeto da CPI está nesta primeira audiência nossa, completamente comprovada. Primeiro, superlotação. Uma cadeia que era para caber 70 tem 181, ou seja, o dobro. Muitos presos condenados que deveriam estar na penitenciária estão em delegacia de polícia. A existência de armas, de drogas, de instrumentos... porque é impossível terem chegado ali sem uma conivência do aparelho policial. Portanto, lamentavelmente, a gente está constatando aquilo que se fala no discurso. E gostaria muito que, nesses 4 meses, a gente não fosse se deparando com essa dura realidade complexa que, apesar dos esforços que os governos fazem, e aqui nós vimos os Secretários fazendo um relato dos investimentos do Governo atual... Mas, como disse V.Exa., esta CPI não se dirige contra a ninguém, mas a favor da sociedade brasileira, porque nenhum de nós vai conseguir sobreviver, se a gente não juntar as mãos, sociedade organizada, empresário, igrejas, sindicatos, poder público municipal, estadual, nacional, para a gente tentar reverter essa situação dramática, ilegal e inconstitucional. Porque, pelo sistema, a pessoa que comete um delito, ela tem que ser punida na forma da lei; tem que ser retirada, momentaneamente, do nosso meio. Mas é obrigação do Estado devolver esse homem ou essa mulher perfeitamente sadio para se reincorporar à sociedade. E a gente constata que o sistema carcerário brasileiro, o sistema de segurança brasileiro, ao invés de curar o cidadão, agrava a doença. Portanto...

Lamentavelmente, eu estava no Maranhão; cheguei, na madrugada, para acompanhar uma outra chaga social, que é o trabalho escravo que reina, e que insiste em reinar, principalmente nos Estados do Norte. Estava lá, acompanhando



uma Subcomissão do Senado e da Câmara. Portanto, cheguei às 4 horas da manhã de ontem; não assisti à televisão; fui para as audiências. E aí encontrei o Secretário de Justiça, que me disse: *“Olha, você vai ser Relator?”* Eu disse: *“Acho que sim; foi feito um acordo; eu estou aqui, e acho que vai ser cumprido”*. Ele: *“Pois a CPI foi instalada em boa hora”*. Eu não entendi. Quatro horas depois é que eu vim a entender a gravidade. Ou seja, lamentavelmente, por uma infelicidade, foi dito que era uma boa hora. Na verdade, esta CPI era para não existir se o Estado brasileiro cumprisse a sua função.

Portanto, lamentavelmente, digo que a CPI está constatando uma realidade. Só pediria a todas as autoridades que aqui estão — ao Dr. Wanderley, ao Dr. Luiz: o que pudessem nos passar de dados que vocês têm... Porque não é só um dado da delegacia; é de uma região. Porque isso vai ser muito importante para a gente depois dialogar com os Governadores, com o Governo Federal, com os prefeitos, com a sociedade, de tal forma que nós, Parlamentares e a Câmara Federal, possamos contribuir com o povo brasileiro e não apenas com aqueles que estão presos. Porque os que estão presos não estão isolados. Eles deixaram filhos, deixaram mulher, deixaram pai, deixaram avôs, parentes e amigos que estão aqui fora. E esta é a preocupação que nós estamos tendo: com quem está dentro. Porque esses que estão dentro do sistema estão junto conosco, independente de uma visão errada da sociedade de que aquele que delinqüiu tem que ser morto — e alguns defendem a pena de morte. Mas nós temos que trabalhar por uma sociedade mais justa, mais humana para todos. Portanto, fico satisfeito com o depoimento.

Agradeço aos 2 servidores do sistema de segurança e esperamos a contribuição dos senhores para a gente poder cumprir o nosso papel com a maior responsabilidade e com o maior compromisso com a nossa Pátria.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Deputado, só ressaltar que tudo aquilo de que o senhor precisar está à sua disposição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queremos agradecer ao nosso Relator, Deputado Domingos Dutra e por todo apoio que estamos recebendo aqui para a realização desta oitiva.

Só queria fazer algumas perguntas a mais aos 2 Delegados, Dr. Luiz Carlos e Dr. Wanderley.



Dr. Wanderley, no dia exato do fato ocorrido, durante o dia, o senhor esteve na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Durante a quarta-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Notou algum movimento estranho durante o dia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, tranqüilo. Até esse fato nos surpreendeu, porque estava tranqüilo. E a gente sempre percebe: quando tem alguma movimentação diferente, a gente....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor teve acesso à cela durante o dia, naquele dia? Entrou na cela?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Algum agente teve acesso às celas aquele dia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só os que trabalham no setor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles tiveram acesso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É. Não me relataram anormalidade alguma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todos os 2 agentes que estavam de plantão tiveram acesso à cela naquele dia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não posso dizer porque o horário de plantão se altera às 8h30min.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, durante o dia: de 8h30min às 20h.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Durante o dia, na realidade, só fica 1. E esse agente não me relatou nada de anormal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele teve acesso? Foi ele que fez.. Ele foi o último a entrar na cela?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não posso....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Teve acesso aos corredores que vão à cela?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Porque aí depois das 8h30min houve a mudança de plantão. E não posso falar se...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, e durante o dia, no plantão do dia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No plantão do dia. Normalmente, como encerra o plantão? O agente, durante o dia, com certeza.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele faz a revisão, confere...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Confere preso.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - ...confere presos, confere as celas, as grades; confere os cadeados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E aí passa o plantão? E o relato desse dia mostrou essa rotina?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Essa rotina: dentro da normalidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E qual foi o nome do agente que fez essa vistoria?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu estou tentando lembrar... Porque tem uma escala, Excelência. Por causa disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É o Jânio?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu acredito que seja o agente Jânio. Tem que se verificar a escala. Possivelmente seja ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o nome dele?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Jânio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Jânio de quê?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ah, sei não, Excelência. Completo, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Maurício Alvim?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Maurício Alvim trabalha à noite, com o Marco Aurélio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Durante o dia trabalharam quem, o Jânio e quem?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só o Jânio trabalha na cadeia. Na realidade, Excelência, à noite, no plantão, ele recolhe; efetivamente à noite, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É plantão na cadeia e plantão na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Durante o dia nós não mantemos um plantão na delegacia porque ela está funcionando e não se justifica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas é comum os agentes da noite assumirem o plantão, entrarem normalmente nos corredores que dão acesso às celas? Ou, normalmente, eles recebem o plantão e, durante a noite, preferem, por prudência, não entrar no estabelecimento?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu vou explicar para o senhor. No andar de cima, eles têm essa restrição para entrar à noite justamente porque é um andar que tem presos mais perigosos. E o andar de baixo a gente deixa ali presos doentes, presos que têm alguma enfermidade, para que se possa facilitar o trabalho do policial. Então, quer dizer, o plantonista da noite não faz o manejo das celas nesse horário dele. Ele pega às 8h30min ele não vai percorrer. Vê o que está... Confere, lógico — não é? Mas ele não fica abrindo e fechando celas à noite, por questão de segurança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem sistema de câmera na cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?!

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nem no lado externo para saber quem entrou nos corredores?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não possui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o agente Jânio, o agente que trabalhou durante a escala do dia de quarta-feira...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nós não podemos afirmar. Nós temos 2 agentes: agente Jânio e agente Paulo. Poderia ser... Eu posso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor estava lá no dia?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, eu não sou só diretor da cadeia. Eu tenho outras atividades. Então, não estou me recordando também, até em razão do evento. Se o senhor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mais uma pergunta: durante o seu plantão, tinha um agente trabalhando, tirando uma escala normal?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Tinha um agente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E esse agente, o senhor não se lembra se é o Jânio?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Era... Eu só não vou falar se é o Jânio ou se é o Paulo. Um dos 2 estava trabalhando. Eu confirmo para o senhor e falo, entendeu? Mas... Porque há essa rotatividade, temos outras atividades. Então, eu não estou recolhendo, até em razão do evento que está acontecendo. A nossa cabeça está a mil por hora, não é? Mas eu informo para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Durante aquele dia teve visita no presídio?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Hoje é sexta-feira...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quarta-feira.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Quarta-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Teve visita?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Visita é na terça-feira. Teve banho de sol na quarta-feira pela manhã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Banho de sol. Mas visita na quarta-feira não ocorreu?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, porque visita é na terça-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Algum advogado visitou a cadeia naquele dia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sempre tem advogado, todo dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tem... Nós queríamos solicitar, inclusive, ao delegado a relação dos advogados que visitaram a cadeia no dia. A relação dos advogados, com a carteira de OAB dos mesmos.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Faremos esse levantamento para o senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É possível passar? Tem esse registro?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, nós não temos registro. Não, porque nós conhecemos todos os advogados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas eles não se registram? Eles chegam lá e entram assim, sem registrar?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Nós já conhecemos os advogados, sabemos quem são. Em razão disso, eles fazem um contato conosco: "*o advogado, Fulano de tal, quer conversar com o cliente*". Nós autorizamos, e ele entra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele não assina nenhum documento dizendo...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Mesmo porque ele não tem contato direto com o preso, Excelência. Nós temos um parlatório. E, nesse parlatório, o preso fica do outro lado da grade e o advogado lá dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sei. Mas vocês então não fazem o registro de todos os advogados que vão à cadeia durante o dia falar com o preso no parlatório, não?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu vou voltar a afirmar para o senhor: como nós conhecemos todos os advogados, temos ciência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o que diz o Regimento do Sistema? O advogado não precisa ser registrado para falar com o preso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O advogado pode conversar com o cliente dele na hora em que ele quiser.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na hora em que ele quiser, nós sabemos. Mas ele pode falar sem vocês registrarem? A delegacia não é obrigada a registrar a visita? Não tem um livro? Porque normalmente tem um livro, nos termos penitenciários, que registra a visita do advogado, para saber com qual preso o senhor vai falar.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor é advogado desse cliente, desse preso mesmo. Porque eles não podem falar, o advogado não pode falar com qualquer preso; ele só pode falar, primeiro, se ele tiver uma procuração dizendo que ele é um advogado, ou então para começar para pegar o serviço, porque o padrão... É o padrão do sistema. Por isso é que eu estou perguntando: os advogados que visitam a cadeia para conversar com o preso no parlatório eles não são identificados em algum documento da cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor acha que não é porque não precisa, porque não é determinado pela Secretaria de Defesa, pelo Secretário de Segurança ou porque é por falta de observação dos agentes que estão de plantão?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, Excelência. Eu nunca...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já recebeu alguma determinação, alguma recomendação?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Olha, o advogado para ter acesso aos presos, para falar no parlatório, tem que se identificar com qual preso ele vai falar. Tem que dizer, tem que mostrar autorização, que ele é o advogado do preso. Porque advogado não pode entrar assim. *(Pausa.)*

Então, estamos aqui tomando informação — não é? — que no sistema prisional, onde já estão os presos condenados, é regra. Mas é bom saber. Porque eu não considero isso uma delegacia. Com 180 presos... São presos demais.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Se fossem só os presos da cidade daria para ser uma delegacia.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas vem gente de outros municípios. Então, para mim, isso é um sistema prisional provisório em uma delegacia pública.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Entendeu?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Isso é um problema do Estado inteiro, do País inteiro, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, esse problema é no Estado todo.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É do País inteiro, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas também do Estado.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não é? Então, porque se não existe... Inclusive, vamos sugerir ao Relator, está registrado nos Anais, para que possamos, a CPI, já trabalhar sobre esse item. Quer dizer, nós não podemos concordar em que o advogado possa chegar na delegacia e... Tinha presos lá? Quantos? Já tinha presos na delegacia, sim; sei que tinha. Mas qual o tempo que ele tinha de cadeia ali? Já tinha mais tempo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ah! tem preso que está recolhido há 5 anos, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois é. Cinco anos não pode ser provisório. Deve ter advogado. Os advogados já acompanham o julgamento. Já se defendeu aquele preso em alguma situação. Então, o cara já tem um advogado constituído. Então, sobre esse tipo de procedimento nós temos que trabalhar na Comissão para não permitir que isso continue ocorrendo. Porque preso há 5 anos... Aí você tem traficantes, você tem ladrão de carros, você tem assaltantes, você tem pistoleiros, você tem mandantes que estão presos ali 2, 3, 4, 5 anos. E tem advogados, e o advogados falam com eles a hora que querem, o que realmente descontrola qualquer ambiente de trabalho.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, só um apontamento. O advogado, ele tem direito de conversar com o cliente, independente da apresentação da procuração. Então, o que acontece?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele tem direito, mas tem a obrigação de se identificar.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu sou advogado Tal, minha carteira é esta e eu quero falar com Fulano. Isso aí é obrigação.



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Isso acontece, isso acontece.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por isso eu estou perguntando. Se ele chega lá e fala: *“sou advogado Fulano, minha carteira é tal”* — os senhores não anotam? Por exemplo: advogado fulano de tal, dia tal, esteve aqui falando com o preso “X”.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Mas aí...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque isso é controle da cadeia. Tem que ter.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nós temos esse controle. Como nós já conhecemos o advogados militantes — entendeu? — a gente já passa a não fazer o serviço, porque a gente já sabe quem é o advogado. Se, lógico, viesse um advogado que nós não conhecêssemos, nós teríamos todo esse rigor. Mas como...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o certo é ter o controle de tudo.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. O certo é esse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O certo é até exigir a procuração do advogado. Porque se o advogado chega hoje para conversar com o cliente, amanhã chega outro, como é que eu vou saber que houve subestabelecimento? Eu, por exemplo, passo toda a semana pelos raios X do aeroporto de minha cidade: é pequenininho, o de Vitória. Tem 6 anos que eu passo pelos raios X, mostro minha identidade, tiro o meu celular, pego a minha mala, coloco dentro do ambiente para passar pelos raios X. Eles sabem que eu sou Deputado, já sabem minha identidade, e eu tenho que fazer o procedimento toda a semana para poder ter acesso no aeroporto. Então, um advogado, também, ele sabe que ele tem o direito de dar a assistência; o preso sabe que ele tem o direito a um advogado. Mas nós temos que entender também que ele sabe que tem que ser identificado. E eu acho que a delegacia... Inclusive, eu vou fazer a sugestão aqui ao Secretário de Segurança do Estado, Secretário de Defesa, para que possa até, quem sabe, baixar uma portaria instituindo essa regra em todas as delegacias, se isso ainda não for regra nas delegacias do Estado. Porque é um procedimento que facilita a identificação. Nós sabemos que há muitos advogados — porque há muitos — que levam drogas para a cadeia, que levam armas, que levam ordens para matar,



que levam ordens para fazer rebelião, que são pombos-correio e que já são sócios do crime. Há muitos no Brasil. Então, nós não podemos permitir que uma categoria de profissionais não precise de se identificar para entrar. Então, nós vamos sugerir isso à Secretaria de Segurança ou de Defesa de Minas Gerais, para que eles possam fazer sua observação e, quem sabe, implantar essa norma dentro da cadeia.

Então, naquele dia, você só se lembra que alguns advogados estiveram lá visitando. O preso Clevinho: ele estava preso há quanto tempo lá dentro da cadeia pública?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Doutor, Excelência, vou falar para o senhor que seria aí uns 4 a 6 meses. Eu não vou ter a...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem é o advogado dele?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Dr. Tales.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tales de quê?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu só sei o primeiro nome dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Biju? Quem é advogado dele?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O advogado do Biju é Dr. Carraro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todos aqui da cidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Todos aqui da cidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E nesse dia algum desses advogados esteve na... Um desses 2 esteve na delegacia nessa quarta-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É, vou ter que fazer um esforço; vou procurar saber e informo para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não tem essa informação?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Dr. Tales sempre vai conversar com cliente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele é advogado de muitos clientes lá na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Dr. Tales tem alguns clientes, mas ele é cliente quase que exclusivo do Clevinho.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Do Clevinho?!

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Clevinho é cliente dele?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É, desculpa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Clevinho é cliente do Dr. Tales?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Clevinho é cliente do Dr. Tales.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É, mas o advogado do Biju é quem?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Dr. Carraro, que tem outros clientes lá também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Carraro esteve na delegacia nessa semana também?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele esteve. Esteve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esteve na quarta-feira lá?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Aí, eu não me recordo; vou ter que procurar saber. Depois eu informo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Isso. Nós precisamos dessa informação.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Se ele estiver também, quero saber com qual preso ele falou.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Hã, hã. Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É possível ter isso no registro?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nós vamos levantar para o senhor e repassamos para o senhor o mais rapidamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Se nós pudéssemos ter essa informação durante o depoimento aqui, se pudéssemos tê-la, seria importante para nós.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sem problema. Será feito.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o Deputado Alexandre Silveira.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Na verdade, é sempre bom registrar aquilo que já foi dito por vários dos nossos companheiros aqui, inclusive o Relator. Esta CPI foi instalada antes até desse fato. A finalidade dela é diagnosticar e propor soluções para este problema que todos os brasileiros sabem, que é a falência completa do sistema de ressocialização — porque deveria ser assim chamado — dos brasileiros que, por motivo ou outro, venham a cometer um fato delituoso e que deveriam ter condição de voltar dignamente para a sociedade.

Nós não poderíamos deixar de registrar também que, para diagnosticar isso, nós passaremos também a diagnosticar as difíceis tarefas que aqueles que trabalham no sistema penal, no sistema policial têm de cumprir nas suas missões institucionais. Eu discordo do primeiro depoente, o agente de polícia, que foi ouvido no princípio, quando ele diz que acha suficiente 2 policiais de plantão e 2 policiais militares, num período noturno, para monitorarem 180 presos. Nós sabemos que essa não é a realidade. Nós sabemos que, para 180 presos, nós teríamos que ter, no mínimo, 22 a 23 policiais, para dar um mínimo de segurança no lado externo dessa cadeia.

Então, o primeiro ponto que temos que ter é a humildade de reconhecer o ato — até de heroísmo — com que os bons policiais tentam cumprir a sua missão institucional. Nós sabemos com quanta precariedade que nós trabalhamos no sistema. Eu, na minha atividade como funcionário público da área de segurança, cansei de tentar cumprir essa missão institucional aqui na cidade vizinha de Ipatinga, tirando meus plantões em cima de uma cadeia pública, até 4 anos atrás, que tinham 180 e 190 presos. Eu e um detetive, a noite toda, em cima dessa cadeia. Então, quer dizer, tirando plantão em cima de uma nitroglicerina pura. Nitroglicerina pura!

Então, esta CPI tem esta missão institucional: diagnosticar e propor soluções.

Hoje, lá, nós já tivemos a solução definitiva: a construção do CERESP. Foi construído o CERESP. Além da modernização que nós não podemos deixar de ressaltar, foi uma grande conquista ali no Município de Ipaba a ampliação e modernização do sistema prisional, que é um sistema modelo no nosso Estado, que é a Penitenciária de Ipaba, e que realmente ressocializa as pessoas. Eu conheço



vários e vários detentos que dali saíram, reintegraram-se à sociedade e hoje cumprem sua missão de bons pais de família.

Só para contribuir, há uma falha muito grande no sistema também, que é a questão da Defensoria. Os senhores têm unidade da Defensoria Pública aqui no Município de Ponte Nova?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Temos, sim. Eles são bastante atuantes. Em situações até de gravidade, eles comparecem. É outro também, assim como o senhor falou. A situação da Defensoria não é diferente da nossa instituição, sofredora também nessa vida. Então ele carrega um fardo grande.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Houve algum defensor no fato lá que acompanhou?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não. Ele ligou, fez um contato comigo e...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É um defensor?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Um defensor. Estando ali o representante do Ministério Público e tendo a situação já em síntese equacionada. Falei com ele: *“não há necessidade de você vir. Eu mesmo pedi para que ele não viesse, porque já estava tudo resolvido.”*

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ele acompanha vários detentos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele acompanha, ele está presente. Em outras situações de levante ele esteve presente conosco. Pelo menos ele se demonstra um parceiro. Agora, eu vejo que ele tem dificuldade de exercer o mister dele em razão também da falta de efetivo. Ele trabalha sozinho praticamente. Acho que é ele e mais uma defensora...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pela lista que nos foi repassada, pela grade dos presos da cela 8, mais de 65% eram presos condenados. Então, presos que não deveriam estar sob a custódia da Polícia Civil, que não deveriam estar sob a custódia das cadeias públicas, e, sim, das penitenciárias.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Isso aí não tinha trânsito em julgado, não, Excelência. Estava em grau de recurso.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ah! estava em grau de recurso...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Os senhores não têm os que eram presos condenados...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Tiramos todos eles, Doutor, todos eles. Quarenta presos foram retirados no espaço de...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E estavam aí?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Estavam cumprindo pena.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quando o senhor chegou, há 90 dias?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Exatamente. Tinha uns 40 daqui. Mas a população é flutuante.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É flutuante...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só um acréscimo. A nossa dificuldade é que, às vezes, em razão de não estar em trânsito em julgado, estar em grau de recurso, você é obrigado a manter aquele preso já condenado, e aí não se tem resposta do tribunal. E se acaba, em algumas situações, conseguindo até um benefício, progressão de regime dentro da própria unidade prisional, em face dessa morosidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós agradecemos ao Delegado Dr. Wanderley, ao Dr. Luiz Carlos Chartouni, que colaboraram conosco na Comissão Parlamentar de Inquérito.

Declaramos encerrado este depoimento.

Queremos solicitar à Secretaria desta Comissão que introduza neste ambiente a Sra. Maria Goreth Belmiro e Mônica Lima Alves. São 2 detentas que estavam na cela 7 e que foram transferidas para a cidade de Muriaé. Sra. Maria Goreth Belmiro e Mônica Lima Alves. Está suspensa a reunião por 2 minutos, enquanto se faz a alteração no áudio da CPI. Peço à secretaria que introduza ambas à sala. *(Pausa.)*

Maria Goreth Dionísio, um microfone para ela, por favor... Um microfone para cada uma. Maria Goreth Dionísio.



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Belmiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maria Goreth Belmiro. Escreveram errado aqui. Maria Goreth Belmiro. É você?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mônica Lima Alves.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Sou eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maria Goreth Belmiro, confira para mim. Você é natural aqui de Ponte Nova?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Filha de Guido Belmiro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maria Efigênia Belmiro Pires?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por favor, este é o juramento desta Comissão. Queria que você repetisse aí, fizesse a leitura deste juramento. Sabe ler?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não quero, eu estou nervosa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É só falar, repetir.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A outra depoente, por favor, Mônica Lima Alves.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quero só alertar às depoentes que, conforme o juramento prestado, combinado com o art. 329 do Código Penal, fazer afirmação falsa ou omitir a verdade incorre em crime, de acordo com o nosso Código Penal.

As depoentes foram convidadas, convocadas para estar aqui. Esta é uma Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Federal, que foi criada para investigar os problemas no sistema carcerário brasileiro. Foi criada antes desse fato



ocorrido aqui na cidade de Ponte Nova. Era preocupação do Parlamento investigar os problemas que ocorrem dentro do sistema, as torturas, acusações de tortura, as mortes violentas, as atuações de facções criminosas dentro dos presídios e a precariedade das instalações penitenciárias no Brasil.

Nós temos a preocupação com o sistema, que deveria funcionar para manter presos os julgados e condenados, conforme a lei, e permitir que aqueles que foram condenados mas querem ser reintegrados à sociedade fiquem num sistema prisional capaz de permitir a eles a ressocialização, e nós sabemos que isso não está ocorrendo. Casos como este têm ocorrido, às vezes, em menor escala, em outros Estados, mas, se somados, poderemos chegar a números alarmantes de pessoas que morrem de morte violenta dentro dos presídios brasileiros.

Nós queríamos contar com a colaboração das testemunhas. Eu pergunto para a Sra. Maria Goreth Belmiro, queria que a senhora falasse mais perto do microfone: a senhora está presa há quanto tempo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Tem 6 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual artigo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Trinta e três.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trinta e três. Foi presa aqui em Ponte Nova?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É natural daqui?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava em qual cela da cadeia pública de Ponte Nova?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nós estava na cela 7.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cela 7 fica no andar...

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - De baixo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No andar de baixo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso. Do lado dos albergados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Do lado dos albergados?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês sabiam da disputa que existia entre alguns grupos dentro da cadeia de Ponte Nova?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha conhecimento?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca ouviu falar?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só quero novamente lembrar que vocês estão sob juramento de falar a verdade...

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... de não omitir e de dizer o que sabem a respeito dos fatos que nós estamos perguntando.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós estamos aqui para investigar os fatos relacionados à morte de 25 pessoas na madrugada de ontem, aqui na cidade de Ponte Nova. É uma Comissão da Câmara Federal, é uma Comissão externa. Nós não estamos aqui a mando de Governo nenhum, de grupo político nenhum. Nós só viemos aqui para ajudar a esclarecer os fatos: 25 pessoas morreram queimadas, sem direito de defesa, dentro de um presídio brasileiro, que, sob a guarda e responsabilidade do Estado, deveria manter a ordem desse sistema.

Então, nós estamos aqui para ouvir. Queríamos contar com a colaboração de vocês. Qualquer informação que vocês tiverem, podem nos ajudar. Até agora, o que têm sido dito aqui... Nós estamos analisando todas as informações, porque, assim como nós, os familiares dos presos que morreram estão querendo saber a verdade do que ocorreu ali, se foi briga de grupos rivais dentro da cadeia, se houve facilitação para que essa briga acabasse em uma tragédia como essa. Então, nós sabemos que, dentro de um local pequeno, como a cadeia pública, com 180 pessoas ali, tudo o que se faz lá dentro todos acabam sabendo. Eu sei que nem todos gostam de falar tudo o que sabem, mas é bem provável que algumas pessoas tenham informações que possam nos ajudar.

Você já tinha ouvido falar ou não que existia uma rixa entre grupos rivais dentro da cadeia aqui de Ponte Nova?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ouvi falar, mas nós não estava no meio desse negócio não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu sei disso. Eu só quero saber.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ficava distante a nossa cela... *(ininteligível.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você ouviu falar, só isso. Você pode ficar bastante tranqüila, entendeu? Nós não estamos aqui para acusar ninguém.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Eu sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós só trouxemos vocês aqui... Foram escolhidas aleatoriamente numa lista que foi passada das mulheres que estavam presas. Não foi escolhido por nada. Simplesmente nós queríamos ouvir 2 pessoas da nossa escolha, para que todas as informações pudessem fazer parte dos Anais aqui da nossa Comissão.

Então, você também já tinha ouvido falar que existia, dentro da cadeia pública de Ponte Nova, uma disputa entre 2 grupos rivais?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Confirma?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Confirmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O que mais você sabe ali dentro daquela cadeia ali? Fatos...

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Mais nada, só isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só isso?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É. É porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conheceu o Clevinho?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Conheci, conheço ele desde criança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Desde criança. Você morava no mesmo bairro que ele?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Com certeza.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o nome do bairro mesmo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Bairro São Pedro, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Bairro São Pedro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês estudaram juntos ou não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Estudamos juntos também. A maioria ali eu estudei junto com eles, conheço desde criança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Conhece ele desde criança?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Hã, hã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Usava drogas?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele usava?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ele, eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conhecia ele desde criança?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Desde criança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando criança, ele não usava?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, depois que cresceu usava?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Aí, eu já não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você usava?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, eu não uso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca usou?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já chegou a participar de alguma reunião com o Clevinho, quando ele morava lá no bairro, alguma festa com ele?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Festa, aniversário?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pagode? Nada?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você chegou a encontrar com ele alguma vez dentro da cadeia, ali, naquele ambiente ali, durante, sei lá...

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, porque ele não saía não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele não saía não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, ele estava no seguro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava no seguro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sabe quanto tempo ele ficou no seguro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, não sei não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sabe não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você sabia assim se existia alguma ameaça de pessoas querendo matar o Clevinho?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, não sei não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conheceu o Biju?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Também conheci desde criança também. Estudei junto com ele também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Morava no mesmo bairro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Justamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você chegou a conhecer o Biju, conviver com ele dentro da delegacia aqui, não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, na delegacia não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você sabia que o Biju tinha uma rixa com o Clevinho?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sabia. Todo mundo sabe disso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todo mundo sabia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Todo mundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E é por quê, hein?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Aí, eu não posso te informar, que eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não pode me informar porque não sabe ou porque não quer?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Porque eu não sei, ué!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não sabe qual o motivo da briga dos dois não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tem advogado?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o nome dele?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ana Elisa e Andreísa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Repete, por favor.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Andreísa e Ana Elisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Andreísa.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso e Ana Elisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ana Elisa.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O advogado do Clevinho você conheceu?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sabe quem é?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sei não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sabe não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No dia, na madrugada de quinta-feira, quando ocorreu o incêndio, você perceberam algum barulho diferente?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, estava todo mundo dormindo. Nós acordou com o barulho.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o barulho? O que vocês ouviam?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, é tiro, todo mundo gritando, mais nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muitos tiros?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Vários tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vários, mais ou menos, assim, 1, 2, 3, 4, 5 mais?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah! É muito. É muito mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo mais ou menos durou o tiroteio assim?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah! Isso aí eu não sei, porque estava todo mundo... As mulheres tudo... Nós tudo ficou nervosa, entendeu? Danamos a gritar o plantão para tirar nós daquele lugar ali, que era, assim, perigoso até nós tomar uma bala perdida. Entendeu? Estava muito perigoso até para nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês... Na parte de cima o barulho era maior? Como é que é?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Era maior. Nós só ouvia grito...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que tipo de grito você ouvia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah! Muitos gritos, pedindo, gritando o plantão. A cela 3 também, que é a de baixo, danou a gritar o plantão para abrir o portão. Entendeu? Só isso só que nós ouviu. E começamos a chorar todo mundo. Tinha uma albergada também lá de idade com a gente que começou a passar mal, uma mulher grávida, entendeu, com nós, e nós estava querendo mais que tirasse a dona que é de idade e a menina grávida, que tava muita fumaça dentro da cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Primeiro foram as gritarias ou primeiro foram os tiros?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, primeiro foi os tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foram os tiros?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foram vários tiros?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Foi vários tiros. Nós tava acordando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você já estava acordada quando começaram os tiros ou não?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Um po... Tinha umas 3 só...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acordou com os tiros ou com os gritos?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Acordamos com os tiros. Todo mundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois dos tiros, veio a gritaria?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí teve mais tiro depois?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Teve não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês gritaram pelo plantão. O plantão chegou quanto tempo depois que vocês começaram a gritar?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, o plantão não foi atender nós não. Ele estava olhando o tumulto que estava tendo lá em cima, lá, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Aí ele não veio atender nós não. Só falou... Só teve, só foi o Marco Antônio, deu uma olhadinha lá só rapidinho e depois foi embora, foi pra lá olhar lá no outro lado o que tava acontecendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E a fumaça não chegou a incomodar vocês embaixo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Demais da conta. Quase que nós morre sufocada, que era muita fumaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E Marco Antônio é quem?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Marco Antônio, acho que ele é inspetor ou detetive, não sei, da delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele foi lá, viu a situação de vocês?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Viu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês continuaram no meio da fumaça?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Continuamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês saíram de lá quanto tempo depois?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nós não saímos não; nós passou o resto da noite ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficaram até amanhecer o dia lá?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Justamente, todo mundo acordado. Aí a albergada de manhã sai 6 horas, ela saiu e nós continuou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês receberam a visita do delegado lá ou só do plantonista?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, de ninguém. Só na hora mesmo que mandou nós de bonde.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o ambiente estava com muita fumaça?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Muita fumaça. Nós preocupou mais foi com a menina grávida que tava com nós e a senhora de idade, só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E como é que vocês... Durante a madrugada já sabiam que algumas pessoas tinham morrido queimadas, chegaram a ouvir falar?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, nós ficou sabendo depois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que horas?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, era pra ser umas 9 e pouco, mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Da manhã?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, vocês passaram a noite toda lá...

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Passamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) -... sem saber que, na cela de cima todos os ocupantes tinham morrido?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Justamente. Depois que nós ficou sabendo o que tinha acontecido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vocês ouviram algum comentário sobre quem tinha feito aquilo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mônica Lima Alves, está presa há quanto tempo?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Tem 10 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual artigo?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Trinta e três.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trinta e três também?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Uhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Conheceu também o Clevinho?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Conheci.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Era do seu bairro também?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você morava em que região aqui?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Eu moro na Vila Oliveira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vila Oliveira?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Biju, conheceu?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Conheci.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Conheceu de onde?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Da rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Da rua?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele gostava muito de andar pelas ruas aí, o Biju, é?



A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, eu via de vez em quando ele com a esposa dele, mas não tinha contato com ele não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Clevinho também?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não tenho contato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o Biju era traficante da cidade?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você já ouviu falar, né?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É, já ouvi falar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já ouviu falar também que o Clevinho era traficante?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Já ouvi falar também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que os 2 eram traficantes?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todo mundo na cidade sabia que o Biju e o Clevinho eram traficantes, então?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Aí eu não sei se todo mundo sabe, não sei. Eles moram num bairro, eu moro no outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No dia do crime, do fato ocorrido, você também estava dormindo?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Acordei com o barulho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Barulho de quê?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Dos tiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De tiro? A primeira coisa que vocês ouviram foram tiros?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É, na hora que eu acordei já tava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muitos tiros?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, não sei se tinha muito tempo que tava dando tiro não, porque eu tava dormindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas pelo que você ouviu, foram quantos disparos?



A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ouvi uns 3 disparo só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Uns 3 disparos?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acordou e acordou a turma toda?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Acordei já com a cela enfumaçada e pronto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois dos tiros, demorou muito tempo para a fumaça chegar na sala de vocês?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Aí foi acabando aos poucos, foi saindo a fumaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, mas depois dos tiros... Primeiro teve tiro, depois a gritaria. Depois dos tiros, demorou muito tempo para a fumaça invadir a sala de vocês?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, na hora que eu acordei a cela já tava com fumaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, já estava com fumaça então? Então já estava pegando fogo e o pessoal atirando?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Porque eu tomo remédio para dormir, né, então eu demorei mais a acordar. Na hora que eu acordei, já acordei com uns 3 disparos só e a cela com fumaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você sabia também que o Clevinho tinha uma rixa com o Biju?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É, fiquei sabendo assim por alto, assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, por alto, você ficou sabendo que tinha um grupo querendo pegar o outro dentro da cadeia também?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você recebia visita na sua...

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Recebia, eu tinha visita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E as visitas nunca comentavam olha, tá tendo uma briga aqui; o clima tá tenso, tá difícil?



A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não. Cada um fica no seu lugar lá, com sua visita e pronto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem é seu advogado?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, era Dr. Rodolfo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dr. Rodolfo?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você que paga ele?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Hum?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você que paga ele?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, ele não é meu advogado mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, quando foi, você que pagava ele?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem pagava?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Foi Defensoria Pública.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, foi Defensoria Pública? Dr. Rodolfo é Defensor Público da cidade, então?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tudo bem. Então, depois que a fumaça começou a invadir a cadeia, vocês começaram a gritar pelo plantão?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É, para o plantão tirar a gente de lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E eles chegaram rápido?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, eles subiram lá pra cima e a gente continuou na cela. Foi dar socorro lá em cima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você já ouviu alguém falar na cadeia, sei lá, fulano estava tentando trazer alguma coisa pra cá, a polícia pegou; tentou entrar com droga, com celular...

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não tinha telefone pra ligar pra ninguém não?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Como é que vou ter telefone na cadeia?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não pode não?



A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aqui não pode não?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Acho que cadeia nenhuma pode.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Cadeia nenhuma não entra celular, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É, não é?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator tem a palavra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dona Maria Goreth Belmiro e Sra. Mônica Lima Alves, eu sou o Relator da Comissão. O que as senhoras disserem para nós, eu vou ter a responsabilidade de fazer uma síntese. Segundo, esta Comissão Parlamentar de Inquérito é de Deputados Federais. Eu sou Deputado Federal pelo Maranhão, sou o Deputado Dutra. Este aqui é o Deputado Neucimar, do Espírito Santo. O Deputado Alexandre é aqui de Minas Gerais. A Deputada Maria Lúcia e a Deputada Maria do Carmo são de Minas Gerais. Nós somos 23 Deputados titulares e mais 23 suplentes de vários lugares do Brasil.

Nós estamos hoje aqui em função do que houve, que as senhoras sabem. Mas o nosso papel é maior do que isto. Nós queremos saber como vivem as mulheres nas penitenciárias, nas delegacias. Nós queremos saber onde estão os filhos das pessoas que estão presas. Queremos saber se há doenças, que tipo de doenças. Portanto, vocês podem ficar sem medo. Se vocês tiverem alguma informação que seja valiosa para nós, para a Comissão, para vocês que estão presas, para a sociedade brasileira, a gente pode ouvir vocês separadamente, só com os Deputados. Se vocês tiverem aqui alguma coisa que vocês querem dizer, mas estão com medo, com receio, vocês podem dizer que a gente ouve vocês reservadamente, secretamente, e o que vocês declararem só vai ficar para nós. Deu para entender?

Então, eu quero que as senhoras compreendam que uma omissão das senhoras pode evitar uma sugestão, uma contribuição para todos os outros que estão presos.

Eu perguntaria à Sra. Maria Goreth. A senhora sabe ler e escrever? (*Pausa.*)
Bem ou mal?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Mal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora mora onde?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Bairro São Pedro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bairro São Pedro. É periferia dessa cidade?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Onde é?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É para lá de Palmeiras.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É outro município?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, é aqui mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Para lá de Palmeiras. É longe do centro da cidade?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos quilômetros?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, eu não sei não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dá uma meia hora de carro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Mais ou menos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Esse bairro é bairro pobre?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Muito pobre?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora tem filhos?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem pai e mãe?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, faleceram os 2.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os dois? Há quanto tempo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - A minha mãe tem 5 anos e o meu pai tem 12 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora tem irmãos?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Tenho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não tem marido?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora, antes de ser presa, teve algum emprego?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Tive.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Em quê?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Casa de família.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Recebia quanto?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Recebia 150 por mês.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por mês. A senhora está presa por qual crime?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Crime que o menor colocou drogas no meu bolso, e a polícia me prendeu, achou comigo. Fui denunciada, aí a polícia pegou e achou comigo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que droga era?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, eu não sei, é um pó branco lá, que eles falam que...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Muito ou pouco?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Dezesesseis papelotes.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dezesete?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E a senhora não viu botar no seu bolso?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora foi presa que dia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Dia 18 de janeiro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deste ano?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Janeiro, não, fevereiro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Fevereiro. A senhora já foi interrogada pelo juiz?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foram ouvidas suas testemunhas?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Já.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - De defesa e acusação?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora teve outras passagens pela polícia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, essa é a primeira.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A primeira. A senhora só ouviu o barulho, no dia 22, na madrugada?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora conheceu o Biju? Já disse que conheceu.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Desde criança.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o Clevinho também?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Justamente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na delegacia vocês conversavam?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, nós nunca trocamos uma palavra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por quê? Por que não era permitido?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, porque...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Cada um ficava separado?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Porque a cela é separada. O Clevinho no seguro, no andar de baixo, junto com nós na cela 2, e o Biju estava na de cima.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Clevinho passou quanto tempo no seguro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, eu não sei. Ele estava no seguro, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Muito tempo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - É. Aí o delegado pegou e subiu o seguro para a 8.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi só ele que foi para a 8 do seguro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, foi ele e uns outros caras lá que estavam aqui embaixo no seguro.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora não sabe por que foi para o seguro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Diga-me o seguinte: nesses 7 meses que a senhora está na delegacia, houve alguma outra confusão, algum outro incidente na delegacia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, se houve eu não sei não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Fuga, rebelião?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, enquanto eu estava lá não aconteceu isso não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mais ou menos quantos minutos a senhora ouviu os gritos dos presos pedindo socorro?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, nós acordamos na hora, porque ela toma remédio, ela e uma outra lá. Nós pegamos e danamos a gritar e chamar elas para acordar; acordamos elas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, mas eu pergunto para a senhora. A senhora ouviu os gritos?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ouvimos os gritos e os tiros.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que eles diziam?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, gritavam o plantão para abrir o portão lá, na parte de cima.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, e esses apelos para o plantão abrir o portão demoraram quantos minutos? Um minuto, 2, 3?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, demorou bastante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bastante? Cinco minutos? Mais?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não sei, não contei no relógio não, mas foi bastante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A Sra. Mônica disse que ouviu 3 tiros. Dá para notar quantos estampidos a senhora ouviu? Quatro, 5, 6?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, na hora todo mundo estava nervoso. Nós todos danamos a gritar, entendeu, mais preocupados com a senhora e com a menina que estava grávida lá. Só isso. E acordamos ela; eu e as outras.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas quantos tiros deu para a senhora ouvir?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Três também, que nem ela, na hora que nós acordamos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Três?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora tem conhecimento se havia tratamento diferenciado de preso para preso, se uns tinham mais regalia, mais privilégio ou todo mundo é tratado igual?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Todo mundo é tratado igual.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora tem conhecimento de algum tipo de doença na cadeia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não tem. A senhora trabalha lá na delegacia? Nunca teve trabalho?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, nunca.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem alguma educação, alguma aula de algum curso?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora tomou conhecimento da existência... de que foi descoberto droga lá na delegacia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E armas?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Também não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Essa foi a única vez?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois do fato, você disse que ouviu a zoadá, vocês ficaram na cela. Que dia vocês saíram da cela?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Da cela 2? Nós estávamos na cela 2, depois transferiram nós para a cela 7, na saída da delegacia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês já ouviram, entre vocês, comentário do que foi utilizado para tocar fogo na cela 8?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nada?

Sra. Vice-Presidente, eu passo a palavra a V.Exa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Deputada Maria do Carmo Lara, algum questionamento?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mônica, quantos anos você tem?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Trinta e sete.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Trinta e sete. E você, Goreth?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Vinte e seis.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vinte e seis. Você, Goreth, é parente ou tem algum parentesco com alguém desses que morreram?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - O que morreu, um deles eu conhecia. É irmão do marido da minha irmã.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas não é parente direto?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você tem, Mônica? Algum deles é seu parente?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quanto tempo... a Goreth, 6 meses. Mônica, há quanto tempo você está presa?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Dez meses.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E qual é o motivo da sua prisão? Por que você foi presa?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Trinta e três.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês foram presas por causa da questão de droga, de portar droga. Dentro da cadeia, lá dentro, alguém ofereceu para vocês droga, alguém lá de dentro chegou a oferecer para vocês?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, para mim, não.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E dinheiro? Alguém chegou a oferecer dinheiro para vocês para ficar a favor de alguém, de um e de outro lado?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Também não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Nesse período que vocês estão na cadeia, vocês tiveram que ir ao médico alguma vez?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Eu nunca fui.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Eu ia de vez em quando ao médico de lá mesmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você ia ao médico. Qual era o seu problema de saúde?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É porque eu tomo remédio para dormir.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você toma remédio controlado?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E na cadeia você continuava tomando? Você tinha o remédio e tomava?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Na cadeia tem um dia que vocês tomam sol. Vocês tomavam sol, saíam para o pátio para tomar sol?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Sim, é das 9 às 11.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Que dia que era isso?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Na segunda e na quinta.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Duas vezes por semana?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O Deputado já perguntou, mas, por acaso, vocês aprendiam a ler, tinham algum curso de pintura, alguma coisa?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, nada.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Alguma diversão nesse dia em que tomavam sol, alguma diversão?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, uma brincando com a outra.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Uma...



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Brincando com a outra no pátio.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Goreth, no dia que aconteceu, vocês falaram que vocês ficaram lá, que saiu mais... vocês saíram depois. Vocês foram transferidas para qual cadeia? Onde vocês estão hoje?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Muriaé.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Muriaé.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Lá também vocês estão numa cela de mulheres?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E com relação ao que aconteceu aqui em Ponte Nova... Você disse que conhece o Biju e conhece o Clevinho.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Os 2 estavam presos aqui quando você... Nesse período seu, os 2 estavam presos aqui?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não. O Biju chegou depois.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Só o Clevinho.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você conhecia, lá no seu bairro, onde você morava, você conhecia alguma ação deles?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, não conhecia porque eu trabalhava.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Qual que era o trabalho deles?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, não conheço, porque eu trabalhava, entendeu? Eu chegava em casa 6, 7 horas, mais ou menos, por aí.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Dela eu ouvi que ela não tem filho. Você tem filho, Mônica?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Tenho.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Tem?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Tenho.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quantos filhos você tem?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Tenho 3.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Três filhos. Onde eles estão? Com quem eles ficaram?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - A mais velha está com a avó dela, lá no bairro de Fátima, e os outros 2 estão com minha tia, na Vila Oliveira.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quantos anos têm seus filhos?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Uma tem 20, a outra tem 16 e o menino tem 13.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você recebeu alguma visita deles nesse período?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Só a mais velha que...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Por causa da idade. Você tem alguma coisa que você gostaria de falar, como vocês eram tratadas lá na cadeia, como que foi esse momento difícil e triste que todo mundo viveu e que vocês viveram mais de perto? Você quer falar alguma coisa?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Foi que nem eu falei. A minha preocupação mais era a senhora que estava com nós, que era albergada. Porque albergada não pode ficar perto de nós que somos presos, entendeu? E a mulher grávida também.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A grávida tinha quantos anos? Você lembra?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ela tem 20 anos e está grávida de 3 meses.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E ela está lá junto com vocês? Foi para Muriaé?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Foi.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E a senhora idosa? Vocês falaram que tinha uma idosa também.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ela é a albergada.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Essa que é a albergada?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Ela saiu mais cedo.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ela saiu da cela umas 6h, no horário mesmo de ela ir embora para casa.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você viu algum comentário lá dentro de como que foi que começou o fogo?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não. Lá estava todo mundo dormindo. Nós acordamos mesmo com a fumaça invadindo a cela. Nós danamos a gritar. Acordei ela e a outra que estava dormindo, a Aline, entendeu? Aí nós ficamos uma abraçada com a outra assim, gritando o plantão, chorando e acalmando a menina que estava grávida.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Eu gostaria de fazer uma pergunta para a Mônica. Você está nervosa, Mônica?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Estou.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Por quê?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Está bom. Não precisa responder não. Você era de qual turma, da do Clevinho ou da do Biju?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - De nenhuma das 2.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Por que que você foi incluída no art. 33?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Hã?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Por que que você foi condenada pelo art. 33?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Porque, na época, eu usava pó. Eles acharam...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Quem te fornecia pó?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, eu comprava na mão de um rapaz.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Qual era o rapaz? Não tenha medo de falar...



A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - ...que você terá proteção.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Mas eu não conheço. Eu não conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Você, na sua cela aqui na cadeia de Ponte Nova, vocês eram quantas?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Oito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - E era tranqüilo? O espaço era bom para vocês?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Hum, hum.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Tinha cobertor? Aqui é frio, não é?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Tinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Conhecia o Clevinho?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Conhecia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Mora no mesmo bairro de São Pedro?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, eu moro na Vila Oliveira.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ah, você disse que mora na Vila Oliveira. Lá é o Biju, não é, que mora?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Na Vila Oliveira?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - É.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Onde que o Biju mora?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - São José. E você não sabe... Então você comprava droga assim livremente pelas ruas de Ponte Nova?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, comprava fora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Fora daqui?



A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Numa cidade fora daqui.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Qual cidade?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Ah, onde eu ia comprava.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Qual cidade? Viçosa, Ouro Preto, Belo Horizonte?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Eu já comprei em Viçosa também.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Em Viçosa. Mais em Viçosa do que em Ponte Nova?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Em Ponte Nove eu não comprava não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ponte Nova não tem droga?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Eu não comprava porque eu tinha medo de a minha tia, alguém da minha família saber.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - É Cristiane?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Goreth.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Goreth, qual era a sua turma, era a do Biju ou a do Clevinho?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nenhuma das 2.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Nenhuma das 2. Você foi condenada porque um menor colocou droga no seu bolso.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Você não viu.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não vi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Você nunca fez uso? Você não é usuária?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Nunca na sua vida?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nunca.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Foi criada com os seus pais?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Justamente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Até que idade mais ou menos?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Até os meus 20 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Até os seus 20 anos. Você tem 26?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Vinte e seis.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Vinte e seis anos. E nesses últimos 6 anos, você fez uso de droga?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nunca. Só bebida.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Só pegou. O que você fez com a droga?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, só bebidas alcóolicas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Ah, só bebida alcóolica.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Como vocês são tratadas na prisão?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, todo mundo lá é tratado normal.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Então, está tranqüilo, está boa a prisão...

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - A cela é ótima. Você está feliz lá?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não. Ninguém é feliz naquele lugar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Claro. Mas são bem tratadas.

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Mais ou menos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Mais ou menos por quê?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - O negócio de médico, não é? Ela está precisando fazer exame, a outra também. Faz um tempão que já pediu para marcar e até hoje, entendeu? E a outra que ficou no negócio lá está achando que está com câncer, entendeu?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Tem quanto tempo que você não vai ao médico?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, eu tenho bastante tempo, uns 6 a 7 meses.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Seis, 7 meses?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - A Mônica também? Tem 10 meses que você está na prisão. Tem 10 meses que você não vê um médico, um dentista?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Eu ia ao médico da cadeia mesmo. Mas eu ia é só para pegar a receita mesmo do meu remédio.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Para ele te dar um remédio, não para consulta?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria Lúcia Cardoso) - Muito obrigada a vocês 2, Goreth e Mônica.

Passo a palavra ao Deputado Alexandre Silveira.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Goreth, quantas vezes você já foi presa, detida?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - A primeira vez é esta.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você nunca foi detida antes?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nunca.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Nunca foi encaminhada a uma delegacia por motivo nenhum?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nunca, por motivo nenhum.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Foi presa uma vez só?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Autuada em flagrante?



A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso, com a droga do menor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você foi autuada em flagrante, permaneceu presa, foi julgada e continuou presa ou você chegou a sair e depois foi condenada e voltou à cadeia?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não, fui condenada e continuei presa.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então você cumpriu o flagrante, foi condenada dentro do período de flagrante, continuou presa, condenada?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você não chegou a ser solta?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você chegou a estudar, a começar seus estudos?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Dentro da...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você chegou a freqüentar escola?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Cheguei.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aqui mesmo em Ponte Nova?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Fez até que série?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Até a quarta.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Até a quarta do primário. Aqui em Ponte Nova, vocês não tinham atividade nenhuma aqui na cela?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Nenhuma.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Como é que vocês ocupam o tempo de vocês?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, assistindo televisão que a minha irmã levou para nós, entendeu? Aí ela pegou e mandou a televisão para nós. Nós ficávamos o dia inteiro assistindo televisão e conversando. À noite, a mesma coisa.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Há quantos meses você está presa?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Fez 6 meses.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E 6 meses só tendo televisão e as companheiras de cela para conversar?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Justamente.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O que isso representa para você? O que você sente em estar numa cela o dia inteiro só com a companheira para conversar e com o aparelho de televisão?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, é só isso mesmo. Não pode fazer mais nada, só aquele movimento ali mesmo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas o que representa estar presa para você?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, tipo assim, muita coisa. Representa muita coisa: minha família, a falta da minha família. Só isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Que lição isso te traz? O que você pensa que a cadeia... está servindo para quê?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Ah, aquilo ali é uma... tipo assim... é... ai, como vou explicar? Ah, não sei, não dá para explicar direito.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você pensa em sair de lá?

A SRA. MARIA GORETH BELMIRO - Com certeza, meu sonho.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mônica, não é?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você foi presa também só uma vez?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - A primeira vez.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Única vez? Mas quando você foi presa, você foi presa com cocaína?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - É. Sete gramas e meia.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Sete gramas e meia. Você foi autuada no art. 12?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Não, já tinha mudado, agora é 33.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - No art. 33. Então foi recente.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Tem 10 meses.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Dez meses que você está presa. Você também foi autuada em flagrante?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Hum, hum .

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Cumpriu o flagrante, foi condenada dentro do flagrante e continuou presa. Você estudou também, Mônica?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Estudei. Estudei até a quinta.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Até a quinta série. Você também só tem essa atividade? É a mesma cela dela, não é?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Aqui em Ponte Nova era. Agora nós fomos para Muriaé. Lá...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês estão separadas.

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Separadas.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você foi condenada a quanto tempo?

A SRA. MÔNICA LIMA ALVES - Dois anos e meio.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Dois anos e meio. Então está jóia. Só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós queremos agradecer o depoimento da Goreth Belmiro e da Mônica Lima e declaramos encerrada este depoimento neste momento. Está encerrado.

Eu queria pedir que colocassem as algemas delas ali fora. *(Pausa.)*

Quero solicitar à Secretaria da Comissão que introduza a este recinto o Sr. Dueber Batista de Oliveira, cabo da PM. *(Pausa.)*

Suspendo a reunião por 1 minuto antes de iniciar o depoimento — 1 minuto — só para a gente acertar algumas questões aqui com o Relator e com a Comissão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - *(Inaudível.)* nesta quarta-feira, na Câmara federal e que está em oitava aqui, na cidade de Ponte Nova, para ouvir os depoimentos de autoridades, representantes da sociedade civil organizada e familiares das vítimas e de presos das celas vizinhas à cela 8 onde ocorreram os fatos na cidade de Ponte Nova.



Neste momento, estamos tomando depoimento do Sr. Dueber Batista de Oliveira. Solicito, neste momento, que o Sr. Dueber pudesse prestar juramento a esta Comissão e, logo em seguida, nós vamos iniciar a oitiva.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Dueber Batista de Oliveira, é policial militar há quantos anos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Dezesete anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Há quanto tempo em Ponte Nova?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Quatorze.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quatorze anos em Ponte Nova. Há quanto tempo trabalha no sistema de cadeia pública?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Este ano eu estou trabalhando o ano inteiro, praticamente, porque eu estudo em Viçosa. Então, para poder adequar escala... Eu já trabalhei outras vezes fazendo revezamento de escala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está há 1 ano...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estou, praticamente, sim. São 8 meses lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oito meses aqui na cadeia pública de...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ponte Nova.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...Ponte Nova. Qual a sua escala?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Trabalho 6 horas. Escala de revezamento. Trabalho de 1 às 7, de 7 às 13, de 13 às 19, de 19 a 1, e depois vem uma folga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na noite de quarta-feira, na noite em que ocorreram os fatos, na madrugada de quinta-feira, estava de escala normal ou estava de plantão ou alguma escala especial?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Escala normal, de 1 às 7.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Escala normal. Normalmente, qual o trabalho que é prestado pelo policial militar na área externa do presídio?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Nós ficamos na passarela, impedindo que os presos saiam da cadeia. Então, fica um numa guarita e o outro policial na outra guarita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dois policiais são suficientes para ter uma visão geral de toda a cadeia?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos seriam necessários?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Uai, são 4 lados, seriam, no mínimo, 4 policiais, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, tem 4 lados, 4 possibilidades de saída, teria que ter, no mínimo, 4 policiais. Só tem hoje 2?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Tem 2 policiais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E sempre funcionou só com 2?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Sempre funcionou só com 2.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já houve alguma fuga na cadeia aqui?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Já, já houve fuga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Este ano?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Este ano, me parece que houve uma fuga. Eles fizeram, me parece, um buraco no teto e fugiram pelo teto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E não foi percebido pela vigilância externa?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Se tivesse 4 policiais, então...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Possivelmente, seria detectado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Essa reclamação já foi feita, ou esse questionamento já foi feito ao delegado ou ao responsável pelo sistema, dizendo que o reforço do policiamento poderia evitar novas fugas?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cabe à Polícia Militar fazer isso, a você ou ao comandante alertar para a necessidade desse reforço?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na madrugada de quinta-feira, o senhor estava de plantão?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. Estava iniciando o serviço a 1 hora. Os fatos aconteceram exatamente a 1 hora, na troca do turno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na troca do turno.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você estava deixando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, eu estava iniciando o turno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Iniciando.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estava entrando no serviço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você chegou, já estava acontecendo a rebelião, a confusão?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estava acontecendo, não; começou a acontecer. Porque eu cheguei e os outros saíram. Na hora em que eu coloquei o pé na passarela, os presos da cela 8 começaram a gritar: *"Eles estão arrombando a porta da cela 9 e vão nos matar!"* E começaram a gritar, pedindo socorro. E, em seguida, eu vi uma fumaça dentro da cela 8. Provavelmente, eles devem ter colocado fogo no início da porta para impedir que os presos da cela 9 fossem lá matar. E eles gritavam: *"Eles vão entrar e vão nos matar! Eles estão armados!"* Aí eu retornei, de imediato, em questão de segundos, e comuniquei pelo rádio, chamando a viatura — a viatura que se encontrava na frente da delegacia. Gritei para o policial de plantão, Maurício, e ele, de imediato, já subiu a rampa e comunicou com o sargento que estava na rua. E foram subindo também. Eu voltei para a passarela. Lá eu avistei um... Estavam eu e mais outro policial. O outro policial continuou na passarela para evitar fuga; se posicionou de um lado da



passarela. Eu voltei, como disse, e comuniquei ao plantonista, chamando reforço. Pedi reforço pelo HP, que a gente tem um HP lá, e me posicionei mais ou menos próximo à cela 9, em frente assim da cela 9, onde me daria uma visão do que estaria acontecendo. E realmente eu vi a porta da cela 9 aberta e um dos presos com uma arma na mão. Nesse exato momento eu escutei 3 tiros. E avisei pelo rádio: *“Realmente, eles estão armados”*. E saí daquele local e fui... Me posicionei em outra guarita, onde tenho um raio de visão, um ângulo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maior.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - ...um ângulo maior. E aí, nesse exato momento, questão de... Foi questão de minuto. Deram mais de 20 tiros, nesse exato momento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você avistou, a distância, uma pessoa com arma na mão, dava para identificar a arma ou não?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não dava para identificar qual tipo de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Digo se era uma pistola, se era um revólver...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Não dava, pela distância. Mas eu só lembro que deu para avistar que era uma arma escura; não era uma arma inoxidável.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pelo barulho, assim, de arma, você que é um policial, dá para conhecer mais ou menos.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Mas não dava, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Geralmente, quando se dá um tiro, se sabe: essa é 22, essa é...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não dá. Não deu para reconhecer, não. Porque, no momento, a gente acaba ficando tenso e, assim, tomando conta da nossa segurança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você então confirma que, assim que assumiu o plantão, você escutou os presos da cela 8 gritando, pedindo apoio, porque estavam tentando arrombar os cadeados ainda da cela 9. E eles



sabiam que eles estavam tentando arrombar os cadeados da cela 9 para vir à cela 8; eles sabiam que eles corriam risco de vida se eles chegassem à cela 8.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos da cela 8 gritavam e diziam que os presos da cela 9 estavam armados?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você confirma que, quando teve a visão de um homem com arma na mão, você ouviu 3 tiros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Positivo. Eu praticamente vi ele atirar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Atirando em que direção?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Em direção da porta da cela 8. Porque ele saiu da cela 9, pegou o corredor e, a uma linha de visão, mais ou menos, ele estava atirando em sentido à cela 8, à porta da cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Fizemos uma visita lá e eu não reparei todos os detalhes. Mas de onde você estava você tinha visão do corredor?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Tinha visão do corredor. A luz estava acesa. Nesse exato momento, a luz do corredor... Porque a cadeia é um "L", na parte de cima. O senhor foi lá e o senhor viu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim. Correto.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Um "L". A passarela também é um "L".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Correto.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Nessa parte da frente, você tem janelas da cela 8 e da cela 9. De onde eu me posicionei, eu via dentro da cela 9 e o corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dava para identificar o cidadão?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A roupa?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A roupa... Só vi que era uma blusa vermelha e preta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vermelha?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Uma blusa vermelha e preta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A blusa era vermelha e preta? Ou a blusa vermelha e a bermuda ou calça preta?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, a blusa. A blusa era vermelha e preta. Se ele estava com bermuda ou se estava de calça, eu nem me preocupei em ficar olhando muito, porque no momento eu vi a arma na mão do preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então nós tínhamos um cidadão possivelmente com blusa vermelho-preta e com uma arma na mão.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois você voltou para pegar uma posição, buscar uma posição melhor, um ângulo maior de visão.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - E abrigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E um abrigo. Voltou para o abrigo e pegou um ângulo maior também de alcance de visão.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, alcance de visão, porque também a PM já se encontrava no local.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse momento já estava pegando fogo a cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Já estava pegando fogo. E o que aconteceu? Nós chegamos no local quando os presos estavam gritando, pedindo socorro. Foram os próprios presos da cela 8 que colocaram um pouco de fogo na porta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah! eles colocaram fogo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. E para quê? Para evitar o pessoal da Móvel...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De entrar.



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - ...de entrar e dar tiros neles lá dentro. Aí nós nos posicionamos e eles começaram a dar tiros. Deram mais de 20 tiros lá dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mais de 20 tiros?!

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Mais de 20 tiros lá dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E, com certeza, era mais de uma arma, não é? Porque mais de 20 tiros assim de repente... Mas, então, os próprios presos da cela 8 colocaram fogo para fazer uma barricada na entrada da cela, para evitar que os presos da cela 9 tivessem acesso à área interna da cela 8.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. Mas é assim... Não é um fogo assim... um fogo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Incapaz de prejudicá-los.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, para não prejudicá-los.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foram os presos da cela 8 mesmo que falaram que eles tinham colocado fogo? Como é que você sabe?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Passei na frente da cela 8 e vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Passou na frente. Mas pelo lado de fora da seção?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Pelo lado de fora. A gente passa no corredor, na passarela, e tem janelas. Então a gente vê lá dentro da janela. Então, dá para ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você chegou a ver eles colocando fogo, ou não?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. As outras celas ainda estavam fechadas. No momento em que eles começaram a gritar, as portas estavam fechadas na cela 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então não havia preso no corredor ainda?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, ainda não havia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Havia só o pânico na cela 8.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Só o pânico na cela 8.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ouvindo barulho, sabendo que os presos da cela 9 queriam arrombar o cadeado para ir até a cela 8.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então não havia preso no corredor ainda.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Ficaram gritando: *"Eles estão arrombando a porta para vir nos matar!"*. E gritando "socorro!".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esses 3 tiros que você ouviu antes... Você falou que viu um cara no corredor. Nesse momento...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu vi um cara saindo da cela 9 em direção ao corredor. Porque o corredor também é um "L". Se posicionou numa parte do corredor, que dá um ângulo para a porta da cela 8, e ficou dando tiros em direção à cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse momento já estava arrombada...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Nesse momento aí, quando começaram a dar tiros, a porta da cela 9 já estava arrombada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque... A cela 8 fica logo na entrada, a segunda porta do lado esquerdo, não é isso?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Como é que é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A cela 8, quando você tem aceso ao corredor, é a segunda porta do lado esquerdo.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A primeira porta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A primeira porta do lado esquerdo.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, tá!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A cela 9...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Segunda porta do lado esquerdo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Segunda porta, que é aquela que fica na frente dos 2 corredores?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ela fica no "L"?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, ela fica na frente daquele corredor maior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois é. Fica no "L"?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, fica no "L".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem vem do corredor da sala 8 fica de frente para o corredor que vem da sala 10, ali da cela 11.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então você viu um cidadão com arma na mão atirando em direção ou para dentro, porque...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, aí é em direção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque, no mesmo ângulo da cela 9, para ele atirar para a cela 8, ele tinha que atirar para dentro da porta.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, ele atirou em direção da porta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque de dentro da cela 9 não tem como acertar a cela 8.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eles estavam do lado de fora, no corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, eles...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É porque tinha vários. Nesse momento os presos estavam saindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, sim! E um estava atirando.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Um estava atirando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E nesse momento, quando um estava atirando, já tinha fogo na cela 8?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Já tinha fogo na cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já tinha fogo. Deu para você perceber o fogo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Deu para perceber fogo, fumaça. Não assim muito fogo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não muito fogo. O fogo era apenas para servir de barricada lá.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, barricada, para o pessoal não entrar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí você voltou para um ângulo maior de visão e ouviu mais uns 20 tiros.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Uns 20 tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vinte é uma forma exata de contar ou você está com medo de exagerar? Podem ter sido mais de 20 tiros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Foram vários tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Incontáveis...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Pode ser aproximadamente uns 20 tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ou mais?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Foram vários tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Incontáveis?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Pode ser, aproximadamente, uns 20 tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ou mais?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ou mais. Foram vários tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque, com muito barulho, com certeza quanto mais tiro, mais grito. Não é verdade? E a tendência é não ouvir todos os tiros. Porque, entre os tiros e os gritos, pode haver ali um tumulto muito grande. Mas, pela sua experiência, o senhor acha que foram mais de 20 tiros, então? *(Pausa.)* O senhor sacou da arma para dar algum tiro, para conter a...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De onde o senhor estava, não tinha como o senhor atirar para dentro da cela para intimidar o cara que estava atirando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não tinha condições, entendeu? Porque na cela tem grade, e eu tenho que preservar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que arma o senhor usa?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu uso um 38.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E para fazer a vigilância de uma guarita, um 38 é uma arma recomendável?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. É recomendável, sim, porque eu acho que o 38 é bastante eficaz, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas qual a distância, assim, qual é a área do presídio, ali, da cadeia?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A área toda do presídio?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De onde o senhor está, a área mais distante para alcançar, dentro da cadeia, quantos metros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah! Uns 30.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trinta metros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Trinta metros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E com 30 metros dá para acertar, de 38, um cara?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Depende.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Porque, se for para acertar, você não vai ficar parado. Isso tudo depende. Depende do momento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não deu nem um tiro para o alto, para espantar, não?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque, normalmente... Nem o outro policial deu tiro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Policial nenhum deu tiro. A função nossa, ali, é preservar o local, é impedir fuga. Então, com o que nós nos preocupamos? Entendeu? Depois de eu ter avisado os policiais do problema, nós nos posicionamos na guarita para evitar fuga, porque pode acontecer vários fatos naquele momento. Pode... Depois dos tiros, pode ter uma tentativa de fuga ou alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor participou do grupo que, depois que foram retirados os presos da cela, vistoriou as celas?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem participou?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ficou permanentemente na guarita?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Permanentemente na guarita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor viu alguma pessoa estranha rodeando ali o presídio, dentro daquele pátio em que nós entramos ali e que separa as duas construções?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conhece os agentes da Polícia Civil que estavam de plantão na noite?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quais os nomes deles?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Marco Aurélio e... Maurício.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Marco Aurélio e Maurício?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Marco Aurélio e Maurício.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor viu algum outro agente ali, naquela noite?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não recorda?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eu não vi, porque nós chegamos e nós ficamos... Eu cheguei — entendeu? —, o Maurício estava na porta, nós o cumprimentamos, subimos e fomos para a guarita. Porque o local externo, onde nós tomamos conta, não dá muito contato. Nós ficamos num local mais isolado, tomando conta da guarda externa do presídio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já ouviu falar de pessoas que entram com droga lá na cadeia, com arma? Alguém já foi preso? Os senhores já abordaram alguém?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eu já fiz uma prisão de um menor tentando passar uma droga para a cadeia. Eu fiz essa prisão. Mas, na parte externa, de determinados lá, eu nunca vi.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está com a palavra o Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Dueber Batista de Oliveira, Cabo, não é? Nós gostaríamos, em nome da Comissão, que o senhor, até porque prestou compromisso, falasse a verdade. E não apenas pelo compromisso, mas em função da importância que tem esta Comissão, inclusive para aqueles que lidam diretamente, como o senhor, com o sistema.

Pergunto ao senhor: há quanto tempo o senhor está nesta delegacia?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estou há aproximadamente 14 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só nessa delegacia?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Só neste quartel da Polícia Militar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Está bem.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu peço... De vez em quando, eu peço serviço na escala da guarda de cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E, nessa delegacia mesmo? Quantos anos? Quatorze anos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eu não trabalho na delegacia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor é requisitado?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Sou da Polícia Militar — entendeu? — e presto serviço de vez em quando na guarda de cadeia. São escalas assim. Eu trabalho na RP, trabalho no policiamento extensivo, no PO, em Palmeiras, no centro e na cidade de Ponte Nova, trabalho na sorte em determinados lugares. E este ano, desde janeiro deste ano, eu estou trabalhando na delegacia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mais permanentemente?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto tempo levou... Na sua compreensão, quanto tempo levaram os apelos dos presos da cela 8?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Apelos? Como assim?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pedindo, porque a cela ia ser invadida...



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Pedindo socorro?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pedindo socorro.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - O reforço?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não. Os presos. O senhor falou que eles gritavam.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Gritavam.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pedindo para serem socorridos. Quanto tempo o senhor acha que deu, que levou isso?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu não posso precisar o momento, entendeu? Só sei que naquele exato momento em que eu escutei os gritos, o pessoal foi acionado, já se encontrava uma parte do reforço da Polícia Militar (*ininteligível*), a Polícia Civil chamou o reforço...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tudo bem. Objetivamente, estou perguntado para o senhor: o senhor ouviu...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah!

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... o senhor ouviu os gritos de socorro do detento da cela 8, não é isso? Eu pergunto: quanto tempo levou esse pedido de socorro, ele chamando o guarda?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah! Os presos chamando o guarda. Isso aí deve ter durado mais ou menos uns 10 a 15 minutos, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - 10 a 15 minutos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, uns 10 a 15 minutos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Antes desse socorro dos presos da cela 8, o senhor ouviu algum barulho dos presos da cela 9 rompendo o cadeado?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eu cheguei... Olha só, no momento em que eu cheguei, a porta se encontrava praticamente aberta, eles estavam acabando de abrir a porta da cela 9 e disparando em sentido... Isso foi questão de minuto ou de segundo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como eu não sou da cidade, e fizemos uma visita muito rápida e precisamos voltar lá para ter uma noção



geográfica e física do prédio onde o senhor estava, então me desculpe se eu vou lhe perguntar com mais calma.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Pode perguntar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor estava na guarita do lado de fora?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Assumiu o posto a que horas? À 1h?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - À 1h.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No momento em que começaram os gritos pedindo socorro, o senhor estava na guarita?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu estava iniciando a passarela, iniciando o serviço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estava passando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estava. É porque lá, o posto de serviço nosso é a passarela, e a gente fica abrigado nas guaritas. Então, a gente tem de passar nas passarelas para tomar conta do presídio, porque se a gente ficar fixo só no guarita, de longe, de repente, o camarada está furando um buraco, e a gente não vê a fuga. Então, a gente está sempre caminhando, e, nesse exato momento, eu estava iniciando a passarela. O senhor deve ter ido lá, o senhor deve saber que a cela 8 fica no início. Então, quando o senhor sobe aquela rampinha, sobe aquela escada, o senhor vê a cela 8. No que eu estava subindo a escada, eles começaram a gritar pedindo socorro. E, nesse exato momento, eu não continuei a escada, o outro policial que estava comigo continuou, eu retornei, pedindo reforço. Isso foi questão de segundo. E a viatura estava na rua, o sargento mais o outro policial já foram subindo para dar o reforço; o Maurício já foi também olhar o que podia fazer, acionar o reforço também, mais PMs, e eu continuei, questões de segundos. Aí eu fui para a passarela. Lá, eu avistei um preso, saindo já da cela 9, onde a porta tinha sido arrebentada, e disparando. Antes, eu fui chamar os policiais, e o pessoal: *“Eles estão falando que eles estão armados”*. Quando eu cheguei lá, eu escutei os tiros e comuniquei, pelo rádio, que os presos estavam armados.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor falou que esse apelo dos presos da cela 8 demorou aproximadamente 10 minutos? Aproximadamente 10 minutos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É difícil precisar isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu lhe pergunto: enquanto eles estavam pedindo socorro, os presos da cela 9 já estavam no corredorzinho ou estavam saindo da cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, quando eles começaram a gritar, os presos, parece, estavam começando a arrombar a porta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Da 9?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Da 9.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É isso que eu quero perguntar para o senhor. Se os presos da cela 9, os que morreram, passaram 10 minutos gritando por socorro...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aproximadamente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aproximadamente, e, aí, o senhor está dizendo que, enquanto eles pediam socorro, os presos da cela 9 estavam tentando romper a cela para poder ir para o corredor. É isso?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aí, eu lhe pergunto: deu para o senhor perceber que tipo de instrumento eles estavam utilizando para romper o cadeado?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, aí eu não tenho uma visão inteira dessa parte.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas deu para ouvir?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não deu para poder ouvir.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os cadeados são bastante possantes?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Depende do ponto de vista do que é ser possante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, forte. Pergunto se é um cadeado resistente.



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - No meu ponto de vista, é, mas...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. Então, o senhor, pelo menos este ano, já está há 8 meses nessa delegacia. Portanto, pressupõe-se que o senhor percorreu o local das celas algumas vezes?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Externo; interno, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor nunca viu, mas sabe o tamanho do cadeado?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Sei, um cadeado mais ou menos assim...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor acha que é fácil ou é difícil? É demorado um preso, que está do lado de dentro da cela, romper o cadeado do lado externo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Depende do que ele tem na mão, depende do material que ele tem na mão. De repente...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que tipo de material? É ferro? Só ferro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Talvez sim, talvez não. Não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aqui, tem talo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Talo?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Talo de...?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas um pedaço de pau, de uma madeira...?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Porque o cadeado também a espessura, o orifício dele é pequeno.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Acredito que não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, tem de ser um objeto duro...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Mais resistente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... mais resistente do que o ..

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Até um cabo de vassoura, uma perobazinha, um cabo de vassoura não daria.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nós queremos só contextualizar essa questão de tempo entre o momento, o tempo que eles levaram para sair da cela 9...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, foi rápido!

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... e o instrumento que foi usado para romper o cadeado.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, eu não posso precisar o que foi.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Diga-me o seguinte: o senhor afirma no seu depoimento que uma pessoa com camisa vermelha e preta apontou uma arma e deu 3 tiros.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Portanto, era só ele que estava no corredor?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, nesse momento tinha mais detentos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos? Vinte e cinco?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, aí não dá...Tinha detentos no corredor, não eram muitos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos? Dez? Cinco?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não dá para poder ver, não dá para poder falar se era 10, se eram 20, se eram 50.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas o senhor, pela experiência... Aqui, nós somos 3 pessoas.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Tá. Eu, pela experiência, tinha umas 5 pessoas no corredor. Por quê? Estava no momento do pessoal sair. O pessoal estava saindo. E parece que foi naquele exato momento que a porta foi arrombada, foi arreventada. Então, o que aconteceu? Os primeiros, o que estava com a arma e mais alguns comparsas dele, os primeiros devem ter saído, mas tinha um bocado de gente dentro da cela ainda.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deu para o senhor... O senhor falou que acompanhou o início do pedido de socorro. Deu para perceber os presos



da cela 9 tentando sair. E, após toda essa confusão, o senhor ficou indiferente, voltou para o seu posto, ou era obrigado a voltar, ou o senhor tinha obrigação de estar junto com os demais, verificando o que ocorreu?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eu fui para o meu posto, entendeu? Eu mais o outro policial da guarda, para evitar tentativa de fuga, porque a função da Polícia Militar é guarda externa e não interna. Então, se eu não me posicionar numa parte para evitar fugas, aí, eu estarei errado. Entendeu? E no local onde me posicionei... E outra coisa também: eu me posicionei na guarita, num local onde teria uma visão maior, e também com um certo receio, porque eles estavam armados lá dentro. Então, eu não poderia ficar olhando demais lá dentro. E, logo em seguida que eles deram os tiros, rápido, as luzes apagaram no prédio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor conhecia todos os presos daquele pavilhão ali, das celas s 9 e 8, ninguém?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, conhecer, assim... A gente está na cadeia há muito tempo e sabe, mais ou menos, quem é quem, o que cometeu, alguma coisa assim nós sabemos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor conhecia o Biju?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Conheço o Biju. Sei quem é o Biju.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bem ou mal ou mais ou menos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, eu sei quem é o Biju bem. Eu moro em Ponte Nova. E quem não conhece...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A pessoa de camisa vermelha que estava armada parecia com o Biju?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não parecia com o Biju, e ele nem se encontra na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele não se encontrava no momento?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, o Biju está transferido. Nem em cadeia o Biju não está. Estão alguns comparsas, braço direito do Biju que está preso, estavam todos na cela 9.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto para o senhor: naquela noite, ou nesse período, aqui a madrugada é fria?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Bastante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bastante fria?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Bastante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor conhece os colchões onde os presos dorme?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, conheço! Chegaram bastante colchões bons para a cadeia, colchões aproximadamente de mais de 10 centímetros de altura.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mais de 10 centímetros? O que tem na cobertura da espuma?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Tecido.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tecido?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Tecido.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu lhe pergunto: mesmo depois do fato, quem foi que entrou e encontrou os corpos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem adentrou, quem entrou na cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Alguém falou para o senhor se, ao chegar ao portão da cela 8, ele estava fechado ou estava aberto?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei. Esses detalhes eu não procurei ficar sabendo. Fiquei na guarda externa, posicionei-me na guarita, tomando conta para que ninguém fugisse. Agora, como entrou, se entraram, se estava aberta, se estava fechada, esses detalhes eu não sei

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto tempo os corpos ficaram na cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah... É difícil precisar isso. Entendeu? Mas quando eles começaram a sair o tempo estava clareando.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então começou uma...



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Os corpos carbonizados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Carbonizados?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, isso começou à 1h. Esse fogo levou mais ou menos o quê? Uma hora?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Mais de uma hora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Duas horas?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Mais de uma hora, porque o Corpo de Bombeiro... O Corpo de Bombeiros, não, o caminhão-pipa da Prefeitura chegou era mais de 1 hora, à 1 hora começou, era mais de 2h quando o caminhão pipa chegou, e já estava queimando lá dentro, e com bastante fogo. Se o senhor for lá novamente, o senhor vai observar, nas paredes, tem trinca na parede que está mais ou menos com um centímetro de trinca na parede.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor mesmo, depois que acalmou tudo, que correu... O senhor soube que tinha corpos carbonizados?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, fiquei sabendo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não olhou os corpos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não quis nem ver.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não quis, porque não gosta ou porque não teve curiosidade?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu não tive curiosidade, não gosto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas é comum um policial não ter curiosidade diante do fato de 25 mortos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso aí depende do polícia. Cada polícia tem uma mente, cada polícia tem um jeito de ser diferente. Somos seres humanos, ué!

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, eu pergunto pela sua função, pelo treinamento que o senhor tem: é comum um policial ficar indiferente a um fato ocorrido numa cela com 25 mortos carbonizados? É comum um policial que é membro daquela corporação não ter nenhuma vontade de ver, saber o que aconteceu, ver em que posição ficou?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É meio complicado eu falar isso, eu não tive curiosidade, não quis entrar — entendeu? —, fiquei do lado de fora, fiquei na guarita, fiquei lá até as 10h da manhã, aproximadamente, entendeu? Eu, quando eu cheguei, fui uma vez do lado de fora, quando eu vi o pé de um lá, eu voltei para trás e permaneci lá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor perguntou para algum servidor da delegacia como era que os corpos estavam, quantos morreram, quantos escaparam, quem foi?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, eu fiquei sabendo, fiquei sabendo que...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, na mesma hora, senhor perguntou ou foi só 2 dias depois?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, foi só no outro... só depois, bem depois.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bem depois.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Depois que eu saí da cadeia que houve os comentários e tal, e que eu fiquei sabendo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor falou que houve primeiramente 3 tiros e, depois, aproximadamente 20.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aproximadamente 20. Pode ser até um pouco a mais de 20.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor conhece bem as armas?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Bem, depende do ponto de vista, mas conheço armas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dá para o senhor dizer para a Comissão se esses 20 tiros foram simultâneos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Foram simultâneos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, significa...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Uma parte foram simultâneos, sim, entendeu? Deram alguns isolados, esses 3, não, esses 3 deram pá, pá, pá, entendeu. E, depois, passou 1 minuto, 2 minutos depois, aí deram uma carrada de tiros simultâneos, deram bastante tiros.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor está afirmando, portanto, que existia mais de uma arma?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não estou afirmando, não. Eu estou falando que houve mais tiro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Soldado Douber...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Cabo Dueber.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dueber. O senhor prestou aqui um compromisso de falar a verdade.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Positivo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, quero que o senhor não faça evasiva. Se o senhor não souber responder, diga que não sabe, porque o senhor é policial há 14 anos, conhece armas, já disse que houve mais de 23 tiros, que os primeiros foram seguidos, portanto, de uma arma só, e que outros foram simultâneos. Portanto, é impossível haver tiro... 20 tiros de uma arma simultâneos. Deve existir mais de uma arma. Eu queria que o senhor afirmasse para a Comissão se, pela simultaneidade dos tiros, havia mais de uma arma.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É meio complicado, porque olha só — entendeu? —, no meu entender, houve mais de uma arma, no meu entender. Pela quantidade de tiros que houve, para mim, tinha mais de uma arma. Mas isso aí eu não entrei lá dentro, não vistoriei, não verifiquei se realmente tem mais armas, se não tem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor viu a arma que foi apreendida, encontrada?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não vi a arma que foi apreendida.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não viu. Pelos estampidos, pela sua experiência com armas, dá para ter uma noção de que tipo de calibre?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não dá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não dá. Eu pergunto ao senhor: o senhor afirmou, respondendo ao Presidente, que os presos da cela 8 gritaram, que os presos da cela 9, o senhor afirmou há pouco, estavam saindo e que os presos da cela 8, os que morreram, tocaram fogo na... iniciaram o fogo na cela para se proteger. É isso?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Baseado em que o senhor chega a essa afirmativa?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Porque quando eu iniciei, quando eu cheguei na guarita, no início de tudo — entendeu? —, na cela n° 9, na cela n° 8, tinha fumaça, na porta de entrada, entendeu? E, de imediato, quando eu fui em frente da cela n° 9, eles tinham acabado de arrebentar a porta da cela e saindo. Então, o que acontece? Eles colocaram... É dedução: eles colocaram, iniciaram o fogo, um fogo assim que não prejudicaria, para impedir, para dar tempo também de um resgate, um socorro, alguma coisa assim, para impedir o pessoal da cela 9 de chegar lá e dar tiro neles.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só para a Relatoria compreender, é o seguinte: os presos da cela 8 começaram a gritar, o senhor demorou mais ou menos, aproximadamente 10 minutos...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, 10 minutos, para quê?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Do pedido de socorro dos presos da cela n° 8, aproximadamente 10 minutos.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, tá!

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Enquanto os presos da cela 8 estavam pedindo socorro, o senhor viu os presos da cela 9 tentando sair?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É isso aí.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois, o senhor ouviu os primeiros 3 tiros, aproximadamente 5 pessoas no corredor.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor estava do outro lado naquela ...?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estava na passarela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O tempo todo ali olhando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não o tempo todo, não é? É, sim, fiquei olhando um bocadinho e, depois, quando ouvi os tiros, aí saí do local e fui para a guarita.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor pela experiência e vivendo lá, o senhor acha que um palito de fósforo, um isqueiro ou mesmo que seja os presos da cela 8 que tenham tocado fogo numa camisa para afastar os agressores, o senhor acha que esse fogo ficou incontrolável de tal forma que pegasse nesses colchões, que o senhor disse que tinha 20 centímetros de espessura.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não falei 20, aproximadamente 10.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Centímetros de espessura, coberto. O senhor acha que essa tentativa de se autoprotoger fez com que... havia como esse fogo pegar uma combustão tão rápida que não desse tempo para eles mesmo voltarem atrás e apagar o fogo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não acho, não. Acho que o início do fogo que eles colocaram era um fogo controlável.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o senhor, na sua opinião, por que o fogo ficou descontrolado?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não faço a mínima idéia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor teve conhecimento de que houve apreensão de droga na delegacia antes desse episódio?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Apreensões de droga na cadeia, boa parte das vezes que dão um geral na cadeia eles acham. A Polícia Militar, quando vai lá dar geral, acha; a Polícia Civil, quando vai lá dar geral, acha. Então, é meio difícil falar isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas houve, encontraram droga na cadeia?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - No dia?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, antes.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Antes, depende da data, sempre está achando.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, antes do episódio, em algum momento, um ano atrás, seis meses, houve ...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, não! Acha. É droga, celular.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Celular também?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Diga-me o seguinte, houve alguma negociação entre os policiais que chegaram com os rebelados? Quando o pessoal chegou, da Polícia Militar, a Polícia Civil, houve alguma negociação com os rebelados?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu não sei, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não sabe. O senhor sabe se nesse dia havia celulares dentro da cadeia e se foram usados para negociações?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, por enquanto, suspendo as minhas indagações, retorno se achar conveniente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Concedo a palavra ao Deputado Alexandre Silveira, para tomar o depoimento.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vou ser rápido. Cabo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Dueber.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Cabo Dueber. O seu depoimento é muito importante para nós, porque o senhor é o primeiro que contradisse todos os outros depoimentos. Primeiro, o senhor afirma que o senhor estava na guarita. O senhor estava andando na passarela, indo para a guarita.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Iniciando a passarela, indo para a guarita.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, o senhor atentou para o princípio do motim, da rebelião pelo barulho de pedido de socorro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O senhor ouviu a palavra "socorro"?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ouvi a palavra "socorro".

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A palavra "socorro"?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ouvi: "socorro!", gritando para o carcereiro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - De muita gente?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - De bastante. Não é uma pessoa só que gritou, foram vários detentos gritando “socorro!”, falando que o pessoal da cela 9 estava ...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O senhor atentou para o evento, então, pelos gritos e não pelo estampido?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, não! Foi pelos gritos. Primeiro, houve os gritos de socorro. Depois, houve o estampido.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Porque todos os outros afirmaram que o primeiro evento foi o estampido, tanto os policiais quanto os detentos. A distância do policial civil, que estava dentro da cadeia, para a sua, que estava na passarela, iniciando o seu trabalho, era mais ou menos a mesma?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Era maior?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A minha distância, eu para a cela, era em torno de uns 5 metros. O senhor foi lá?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Fui.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Então, tá. O início da passarela, daquela escada até na cela deve ter em torno de 5 a 8 metros. O detetive estava na parte de baixo, no início do portão lá embaixo, que dá em torno de uns 25 metros, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas e as presas? As 2 detentas?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - As presas se encontravam no outro... A parte lá é um L. Estavam na parte que daria uns 40 metros de distância, e na parte de baixo. Seria meio difícil elas embaixo escutarem, entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Escutarem os gritos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Os gritos de socorro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não haveria como os policiais civis nem as presas escutarem os gritos, só os estampidos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É seria mais difícil, pela posição e pela distância.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, o primeiro evento que senhor ouviu foram os gritos, que vinham da cela...?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Oito.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí, o senhor conseguiu ter visual para a cela 8?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, houve o grito, olhei para a cela, eles pediam socorro, retornei, eu nem acabei...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Até aí não tinha tiro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não tinha tiro. Não acabei de subir a escada, não. O policial que estava comigo ele foi para o fundo da passarela tomar conta, ajudar no reforço e eu retornei, pedi reforço. O sargento se encontrava na rua.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O visual, o senhor estava com visual para dentro da cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Da 8?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Da 8, eu não cheguei a acabar de subir para eu olhar. Eu só vi os presos com a mão do lado de fora.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Do lado de fora?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Da grade.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Do canto de cá?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Do canto de cá.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Na janela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Na janela. Eu retornei...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Gritando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Gritando.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Até aí não tinha incêndio?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não tinha incêndio. Eu retornei, avisei o reforço, gritei, não é?, porque da distância eu não cheguei nem atrás deles, não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eles já estavam gritando, mas não tinha tido nenhum tiro e nem incêndio?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Nenhum tiro e nem incêndio. Aí no que eu retornei..

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O senhor pressupõe que eles estavam gritando por quê?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Porque o pessoal da cela 9 estava arrombando a cela e ia matar eles. Isso que foi o grito deles e pedindo socorro. Eu, de imediato, retornei. Questão de 5 passos. Eu dei 5 passos para lá, 5 passos para cá, gritei para o carcereiro, para o detetive, o Maurício, falei com o sargento pelo HP, ele se encontrava na rua.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eles estavam gritando socorro só por que eles ouviram o barulho do arrombamento da cela 9?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. Porque eles sabiam que o pessoal da cela 9, se arrombasse a porta lá, estava arrombando para poder matar eles.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eles... Nem sol, eles tomavam juntos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não tomavam sol junto, não, mas desciam para o sol.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas separados?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Separados.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A cela 9 e a cela 8?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A cela 9 e a cela 8.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, essa rixa entre a cela 9 e a cela 8 era algo muito bem definido?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Era muito bem definido.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Era uma quadrilha de um lado e uma quadrilha do outro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Quadrilha de um lado e quadrilha do outro. Todo mundo sabe que um lado era a quadrilha do Biju, do outro lado era a quadrilha do Clevinho.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, já havia um tensionamento bem definido entre as 2 facções dentro da cadeia? Isso aí já era conhecido dos policiais?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso é conhecido da metade da cidade de Ponte Nova.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Que a cela 8 era adversária da cela 9 e vice-versa?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Depois disso, só para a gente raciocinar, porque isso é fundamenta, porque, se nós chegarmos à conclusão, se tivermos a confirmação de que foram mais de 20 estampidos, ou 20 estampidos, provavelmente, nós vamos ter os projéteis — e acho que a perícia está cuidando disso. Provavelmente pelo espaço de uma cela daquele tamanho e pela tranqüilidade de quem está do lado de fora disparando os tiros, provavelmente esses corpos vão estar baleados. Até vem a confirmar aquela pergunta que eu fiz para o primeiro inquirido, que foi o detetive, quando eu disse que eu não acreditava que eles teriam morrido queimados por um incêndio colocado pela cela 9. Então, provavelmente, se confirmar essa quantidade de tiros, foi realmente uma chacina, diferente de um incidente grave, de um fato grave, que aconteceu por um incêndio, que é muito comum nas rebeliões do Brasil inteiro. Aí, se isso se confirmar, foi realmente uma chacina, e isso a perícia vai comprovar. Você confirma que foram 20 tiros, no mínimo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. Confirmo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vinte tiros. Outra coisa que eu perguntei, que acho que no futuro vai ser fundamental: então, tinha pedido socorro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Tinha pedido socorro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Antes dos tiros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Antes dos tiros. Foi questão, assim, questão de minutos — 1 minuto, 2 minutos, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - De socorro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Do pedido de socorro com os tiros.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ao princípio do tiro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ao princípio dos tiros.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, eles estouraram a cela, foram para lá e atiraram?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não foram... Nesse exato momento, esses 3 tiros, eles não foram para a porta da cela, não. Os 3 tiros, deram a uma certa distância. A porta da cela está ali, o preso está aqui, saindo da Cela 9 e dando tiro...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas para dentro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Para dentro...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ele não vai atirar lá no corredor.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, dentro da cela...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ele atirou para dentro da cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Para dentro da cela.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas não foram só 3. Foram ininterruptos os 20.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Olha só, o início, eles deram os 3. Aí...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí, parou o pedindo socorro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, eles continuaram gritando.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Hã.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Os 3, eles continuaram gritando.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Isso.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, eu peguei, me abaixei e fui para o final. Quando eu cheguei na guarita, aí foram vários tiros: tá, tá, tá, tá. Dando tiro lá para dentro lá.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Para dentro da cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Dando tiro para o outro lado lá, porque aí já não tem um raio de visão. Você entendeu? No momento em que... Os outros tiros, eu só escutei, não vi. Os 3 eu vi.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, ele deu 3 tiros... ele deu 3 tiros, provavelmente, quando eles arrobaram a cela...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. Em direção à Cella 8. Isso que eu vi.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - ...em direção à Cella 8. Em direção não, para dentro, porque a direção é o corredor. Quando eles saíram da Cella 9, eles se depararam com o corredor.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Se eles queriam... se o propósito era matar os presos da Cella 8, então eles saíram do corredor, foram em frente à Cella 8 e atiraram lá para dentro. Três.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não foram em frente da Cella 8.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não, de longe, mas para dentro da Cella 8. Eles não vão atirar no corredor.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. O corredor está aqui...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É. Eles viraram e atiraram lá para dentro. Três.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - ...eles viraram em direção... deram 3. Isso que eu vi.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Três.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Eu abaixei e fui para o final da passarela.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quanto tempo foi entre esses 3 tiros e a continuidade? Pá, pá, pá. Porque você pode ter ouvido 20 tiros...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Um minuto.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí, eles continuaram atirando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Questão de aproximadamente 1 minuto, mais ou menos. Porque aí houve a seqüência de tiros. Bastante tiro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí, acabou o socorro, o pedido de socorro?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, não. Aí, eles gritaram mais um pouco, depois começou o fogo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não diminuiu a quantidade de pedido de socorro, não?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Aí, o que acontece? Aí, eu não posso lhe afirmar, entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E o fogo? Em que momento entrou o incêndio?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, passou um pouco mais, entendeu? Passou um pouco mais... Aí, o fogo começou lá dentro. Aí, eu não posso precisar como é que foi...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Depois que os tiros... Depois que pararam os tiros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, tempo eu não posso precisar.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas, depois que pararam os tiros...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Depois que parou a quantidade... Bastante tiro, entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - ...é que você notou o incêndio?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - O incêndio incontrolável foi depois.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você notou o incêndio enquanto estavam atirando?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Antes... Olha só, o início, o início de tudo, quando o pessoal pediu socorro, o pessoal da Cella 8 colocou um pouco de fogo na porta para impedir o pessoal da Cella 9 de entrar...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Antes de qualquer tiro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Antes de qualquer tiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só com o barulho. Só com o barulho que estava vindo da cela 9.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Só com a suspeita do arrombamento da cela 9.



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Só com o barulho. Só com o barulho do arrombamento.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Com a suspeita do arrombamento da Cella 9, eles colocaram a barricada...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles estavam ouvindo o barulho na cela 9, que podia indicar que eles estavam arrebatando um cadeado da cela 9 para vir para o corredor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Isso. Aí, eles colocaram como barricada o fogo.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso. Isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, quando deram os 3 primeiros tiros, já tinha o fogo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Já tinha o fogo na porta.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Já tinha o fogo na porta?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Já tinha o fogo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, foi colocado por eles?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Pouco fogo. Em princípio, em princípio, esse primeiro fogo pode ter... Entendeu? A Perícia é que vai olhar, aí, como é que foi... Em princípio, foram eles que colocaram o início, para fazer a barricada, entendeu? Porque, sem nada na frente, chegariam na porta e iam executar quem eles quisessem. Entendeu? Então, o que eles fizeram? Eles colocaram um pouco de fogo — entendeu? —, onde deu um bocado de fumaça, e eu fui para o final e vi o restante.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Nesse momento em que você teve visibilidade para dentro da cela, ela já estava escura? A luz já tinha...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Qual... qual cela?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A Cela 8.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A Cela 8? A Cela 8 estava escura.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Escura. Você só viu o fogo?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Só vi, assim, um pouco...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Um princípio de fogo...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Um princípio de fogo...



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - ...na porta dela.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - ...na porta, e fumaça.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí, vieram os primeiros 3 estampidos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Fui para a cela... início da Cella 9, para ver realmente o que estava acontecendo. Vi... A luz do corredor estava acesa. Eu vi uns presos saindo e um preso com camisa vermelha — para mim era preto, mas depois eu reconheci, entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Com arma na mão?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Com arma na mão, dando uns tiros, dando 3 tiros em direção à cela...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Três tiros?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí, você voltou...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, eu continuei e fui para a guarita, entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí é que você ouviu os outros estampidos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí é que eu ouvi o restante dos estampidos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputada Maria do Carmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Cabo Dueber, depois de ouvir aqui a sua fala e a fala dos Deputados, as perguntas, a impressão que eu tenho é de que a visão que o senhor, como militar — o senhor e o colega do senhor, que estava trabalhando —, a visão que vocês têm, na passarela, é uma visão diferente da de quem está lá dentro e lá debaixo; das presas, dos presos e dos policiais civis.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A visão das presas... elas não têm visão nenhuma. A cadeia, como eu falei, é um L. Vocês têm que ir lá para poder visitar e conhecer a cadeia, onde as detentas estavam. Elas estavam na cela, na



parte inferior, na parte de baixo. Não tem visão nenhuma da Cela 8 nem da Cela 9. Elas escutaram grito... Podem ter escutado grito; podem... os estampidos, os tiros.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas confirma, então, que a visão do senhor é uma outra visão. É a visão das janelas.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É! Eu tenho uma visão mais ampla. Eu estou olhando para a janela, estou vendo o que se passa do outro lado. E elas não têm visão nenhuma.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O que o senhor viu e o colega do senhor viu, é impossível que os outros que estejam lá embaixo...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Então, é um outro olhar.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, é um outro olhar...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Quando o Deputado falou que a versão que o senhor estava falando era diferente das outras — eu estou só confirmando —, o senhor estava num outro espaço, com um outro olhar.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Isso. É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Um outro espaço de visão.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Esse é o meu entendimento...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ... diante das perguntas.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, é isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quando nós vemos um acidente, conforme o ângulo em que o vemos, analisamos o acidente. Então, o meu entendimento é que o senhor teve um outro ângulo diferente do das pessoas que já falaram aqui hoje.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É. É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A outra questão, Cabo Dueber... A questão dos 20 tiros já foi confirmada, não é? A impressão que dá é que foram mortos, não é? Mas, no início da fala do senhor, o senhor disse o seguinte: que o senhor viu uma pessoa de camisa vermelha e preta saindo, dando tiro, da



Cela 9 para a Cela 8; e que as outras celas ainda não estavam abertas. O senhor me falou alguma coisa assim, no início, dos cadeados. Como é isso?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não dá...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Abriu tudo no mesmo momento?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Como é essa questão? Porque...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Aí, eu não posso afirmar nada sobre isso, porque daí eu não tenho linha de visão, não tinha uma visão das outras celas, de porta e das outras celas. Só tinha uma visão da Cela 9, da porta da Cela 9, porque a janela é que me dá visão da porta da Cela 9, porque as lâmpadas do corredor estavam acessas. Então, é onde eu tenho uma linha de visão. Agora, se estavam abertas, se foram abertas depois, aí eu não...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Se foram juntos, se todos os presos saíram juntos...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei. Realmente eu não sei.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Porque têm várias celas lá. Além da 8 e da 9, têm a 10, a 11 e a 12.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - E a 12. Isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A informação é que todos os cadeados estavam arrebentados. Não é isso que foi falado? Então, o senhor não tem condições de avaliar...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ...se isso foi junto, se foi antes...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ...se foi durante, junto com o da Cela 9.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Não tenho condições de avaliar sobre isso.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Teve algum momento em que o senhor percebeu que começou a ter um tumulto, saindo gente de várias celas e indo para o corredor? Nessa visão que o senhor tem, o senhor teria...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Não tive essa visão. A única visão que eu tive foi da Cella 9, onde eu tenho uma linha de visão, onde eu vi a arma e comuniquei, até via rádio, aos outros policiais, falando.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O senhor falou também que o senhor fez uma apreensão, há mais tempo, de um adolescente, de um jovem encaminhando droga para dentro do presídio.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, falei.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Passando pelo muro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Passando pelo muro, antes da guarita. Eu não me lembro da data, entendeu? Mas foi um adolescente de São Geraldo, que estava passando faca e droga para a cadeia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - O senhor viu, por acaso, ou tem conhecimento de uso também... de passar também celular?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Eu... Assim, algumas apreensões que a Polícia Militar... Já fizemos... Fizemos buscas lá e fizemos a apreensão de alguns celulares. A Polícia Civil também, de vez em quando, quando vão dar geral na cadeia, acha alguns celulares na cadeia. E a Polícia Militar tem alguns registros — entendeu? — de celulares apreendidos dentro da cadeia.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - O trabalho que o senhor faz é um trabalho em conjunto, da Polícia Militar com a Polícia Civil.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É isso aí.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Vocês fazem a vigilância do lado externo; e a guarda interna e a guarda dos presos é dos policiais civis. Esse trabalho é em conjunto, tranqüilamente?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, a questão é de... A senhora está perguntando sobre a questão de harmonia entre as Polícias?

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Isso. isso

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É nota 10! É excelente! Entendeu? Agora, o trabalho... assim, tudo depende. Quando é uma busca



planejada, não é constante, mas há... Eles chamam a Polícia Militar e a Polícia Civil. Eles olham tudo lá dentro.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Fazem em conjunto?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Fazem em conjunto. E, outras vezes, eles mesmos fazem sozinhos a geral lá dentro.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Obrigada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu quero fazer mais umas 2 perguntas ao Sr. Dueber.

Sr. Dueber, só para esclarecermos mais: o senhor não conseguiu identificar mais ninguém que estava armado?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não consegui identificar ninguém.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ninguém. E a pessoa que estava de vermelho e preto... não deu para o senhor também ter uma noção de quem era essa pessoa?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No inquérito aberto, o senhor já foi convidado para fazer a identificação indireta?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Como assim?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem um inquérito aberto.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Hã.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ainda não houve o processo de identificação para saber se o senhor consegue identificar quem estava com a arma.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - O processo de identificação foi feito: que um dos detentos da Cella 9 se encontrava com uma blusa... que eu vi, entendeu? Eu vi um preso... vi a blusa que estava com o preso. Parece-me que o delegado deve ter feito apreensão da blusa. Eu sei que eu fiz a identificação da blusa, que ela não é... Para mim, de longe, era vermelha e preta. Só que é vermelha e azul marinho, que faz uma semelhança muito grande.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas dá para o senhor saber se a pessoa era negra, branca...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A pessoa era morena.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Morena?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Morena.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estatura média?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estatura média. A linha de visão...
É... A linha de visão fica meio difícil, pela distância, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois dos 20 tiros, os presos continuaram pedindo socorro ou houve silêncio total?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, aí diminuíram. Aí, praticamente... Entendeu? Houve mais alguns outros gritos — entendeu? —, e pararam.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aí, o senhor estava... Nesse momento, o senhor estava onde? Na passarela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Estava na passarela, na guarita.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dava para ver lá?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Não dava para ver lá mais nada. Não dava para ver diretamente a Cela 8 por quê? Depois desses tiros, as luzes do prédio apagaram todas. Não deu para ver nada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Antes dos tiros, dentro da cela, estava escuro ou estava a luz acesa?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Antes dos tiros, dos 20 tiros... Nos 3 tiros, a luz estava acesa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - De dentro da cela?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Dentro da cela... Não, estava do corredor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só o corredor.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - As luzes do corredor são boas e dão uma claridade assim... Não é 100% de claridade dentro da linha de visão do corredor, da cela, mas dá uma claridade. Dá para você ver plenamente quem está do outro lado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É comum... À noite, os presos ficam com a luz da cela acesa ou é comum ficar apagada?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É comum ficar apagada.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Apagada. Então, em tese, temos que trabalhar... a luz de dentro da cela estava apagada.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, em princípio...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E havia uma certa claridade por conta da luz do corredor.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Do corredor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu lhe pergunto: o senhor... Durante a noite, o senhor chegou a... Ou nesta delegacia ou em outra que o senhor tenha trabalhado, o senhor já viu como é que eles se distribuem à noite dentro da cela para dormir? É muito pequeno. Fica todo mundo amontoado? Fica mais no canto? Fica espalhado? Fica na frente?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Cadeia é 4 lados. Tem uma área... Tem uma parte... O senhor tem uma visão assim... A parte de cá, a parte da esquerda é o banheiro. Então, ali não fica ninguém. Na parte que é na frente da linha, ao lado da porta de entrada, eles colocam colchões assim, e vão fazendo. Colocam colchões no chão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na Cela nº 8 havia 25 presos. Você sabe, mais ou menos, o tamanho da entrada da cela? A porta da cela.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Entrada?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A porta da cela.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - A porta?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, o portão.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, o portão da cela...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Meio metro?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É uma porta normal. Deve ser 80, 80 centímetros.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como militar, experiente com tiros, você acha que... Foram 20 tiros... Você falou que foram simultâneos. Portanto, mais de uma arma, não é? Você falou, ainda há pouco, que foram tiros simultâneos.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, está. Foram tiros simultâneos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Simultâneos. Não foi um atrás do outro, não. Foi uma rajada.



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Olha só, simultâneos, desse jeito, todos os 20 tiros simultâneos, não. Entendeu?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Houve uns 5, 6 tiros simultâneos e depois houve “tá, tá, tá, tá”, tiros. Aí, há uma diferença de barulho um com o outro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu estou perguntando o seguinte: há várias possibilidades e hipóteses para o que ocorreu. Evidentemente que a prova pericial vai esclarecer muita coisa. Mas, para a Relatoria, nós queríamos entender... e nós vamos voltar lá para saber se, de dentro... de fora, sem abrir o cadeado, de fora, os presos da Cella 9, mesmo que fossem 2 armas, daria, do ângulo que eles têm e pela... considerando que o espaço físico se daria da porta, atingir pelo menos a metade, para sonharmos com uma tese de que eles foram baleados, ficaram extremamente baleados, sem condição de reagir, e que, depois disso, eles romperam o cadeado, entraram, tocaram fogo, porque já estavam praticamente fora de disputa. Por isso, estou lhe perguntando se, de onde eles estavam, mesmo sendo 2 ou 3 pessoas, é possível atingir, pelo menos, 10, 12, dos 25, de tal forma que eles ficassem indefesos, para, em seguida, os presos da Cella 9 entrarem e tocarem fogo etc.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É meio complicado isso... falar. É meio complicado, porque os 3 tiros não dariam nem... Os 3 tiros que eles deram, de início, não dariam para eles acertarem ninguém. Dariam para poder amedrontar, para que os presos da Cella 8 recuassem, para eles tentarem entrar. Agora, o restante, não faço a mínima idéia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só a Perícia vai...

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não sei se eles atiraram lá de dentro, se eles atiraram... Não faço a mínima idéia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ...comprovar isso. O senhor ouviu falar que eles estavam todos num canto, amontoados, um de frente para o outro? O senhor viu alguma foto dos corpos?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não vi foto nenhuma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ninguém lhe mostrou?



O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não, não tive curiosidade, interesse de ver.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu fico satisfeito, mas eu quero registrar aqui minha curiosidade pela falta de curiosidade do Soldado Batista.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Batista não, Dueber.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não é Batista?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Não. Dueber.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, mas tem sobrenome Batista?

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - Ah, tem. Tem Oliveira também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Batista de Oliveira.

O SR. DUEBER BATISTA DE OLIVEIRA - É, tem Oliveira também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, eu quero só deixar registrada a minha curiosidade pela falta de curiosidade do soldado, de, depois desse fato grave, que está levando à curiosidade do Brasil inteiro, da mídia nacional e internacional, entidades de Direitos Humanos, pela quantidade de pessoas mortas, pela forma como foram mortas, de o soldado ter ficado numa postura de indiferença, de não querer sequer olhar as fotografias que, com certeza, foram tiradas lá do local. Eu fico satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Silveira) - Satisfeita, Deputada Maria do Carmo? *(Pausa.)*

Estando satisfeitos com a contribuição do Cabo Dueber a Relatoria e os demais Parlamentares, encerro o depoimento e chamo o Delegado, Dr. Paulo Cezar Lopes, para a inquirição. *(Pausa.)*

Esta Presidência passa para a primeira inquirição ao Relator do Delegado Paulo Cezar Lopes, que foi o responsável pelos 25 autos de prisão em flagrante delito dos detentos que, supostamente, são responsáveis por essa tragédia, por esses homicídios, que são os presos da Cella 8. É isso mesmo, doutor?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Isso mesmo. Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Paulo César Lopes, primeiro, a Câmara Federal, através desta Comissão, agradece a V.Sa. por estar aqui agora



dando essa contribuição. Peço à assessoria que leve o termo de juramento para o depoente.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Obrigado. Há alguma outra testemunha aqui no plenário que vá ser ouvida? Porque não é usual — a gente está... infelizmente, foi tudo improvisado — uma testemunha ouvir o depoimento das demais. Pois é, lamentavelmente. O espaço... porque fica ruim as pessoas ouvirem o depoimento dos outros, mas já começou assim... e também é em função da urgência urgentíssima dos fatos.

Dr. Paulo, o senhor é delegado aqui nesta cidade?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Há cerca de um ano e meio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas o senhor já está no sistema de segurança há muito tempo?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Há mais de 30 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, é pessoa bastante experiente, vivenciada?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Isso. Bastante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já viu situações bastante críticas?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Confesso que igual a essa não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A Comissão gostaria que V.Sa fizesse uma exposição dos fatos que o senhor já acompanhou, investigou e fez aqui o auto de flagrante. Que o senhor pudesse fazer uma exposição daquilo que o senhor viu e apurou.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu gostaria de informar a V.Exa. e aos demais membros desta Comissão que, como delegado de polícia de plantão, eu fui acionado pelo plantonista Marco Aurélio, agente Marco Aurélio, que me dava a informação do lamentável episódio ocorrido nas dependências da cadeia pública. Imediatamente eu me desloquei para o recinto, onde cheguei. As providências iniciais já haviam sido adotadas. Tive o zelo, a cautela de procurar me inteirar do



que havia ocorrido e das providências que já haviam sido adotadas sob a liderança dos doutores delegados que lá já se encontravam e que chegaram na minha frente. Compareci na cela, no palco do fatídico acontecimento. Fiquei bastante estarecido porque eu não imaginava a proporção que a coisa havia tomado, uma vez que, por telefone, o Marco Aurélio não teve tempo nem oportunidade pra ser mais explícito. Só disse que teria ocorrido um início de rebelião ou movimento rebelde — não me lembro bem o termo por ele utilizado —, e que minha presença lá somaria bastante. Tão logo eu lá cheguei, recebi determinação do meu delegado regional de que adotasse as providências cabíveis e inerentes à Polícia Judiciária. Inicialmente, pela experiência e pelo conhecimento que temos, cuidei de buscar informações dos policiais que estavam presentes no momento do fato. Entrevistando os cabos da Polícia Militar — Cabo Vânio, Cabo Dueber e Cabo... esqueci o nome... Carlos — e somado com as informações obtidas também do Agente Antero, eu consegui reunir elementos que me deram embasamento para decidir pela instauração de um inquérito policial na modalidade de auto de prisão em flagrante delito. E assim eu procedi autuando os 25 presos que compunham a cela de nº 9 como possíveis autores dessa chacina. Então, é isso que até o momento eu tenho a dizer. E estou à disposição de V.Exas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foi concluído o flagrante?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não. O auto de prisão em flagrante sim, todo formalizado, a Justiça já comunicada. Mas estamos aguardando peças que são fundamentais ainda, como os relatórios de necropsia, que são 25, a identificação dos cadáveres, que ainda não nos foi possível fazer. Temos uma relação de prováveis mortos, mas não sabemos quem é quem. Depende de um trabalho de polícia científica. Estamos aguardando ainda o laudo da Polícia Técnica, laudos de eficiência e prestabilidade da arma recolhida no local, laudos de eficiência e prestabilidade dos instrumentos também encontrados, como as armas brancas conhecidas como chuchos, e laudos de constatação da violação dos cadeados que também foram recolhidos e apreendidos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantas armas de fogo foram encontradas nas celas?



O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Que me foram apresentadas, eu apreendi um revólver calibre 38.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todas as balas tinham sido deflagradas?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu confesso a V.Exa. que eu não tive essa preocupação, porque é uma área mais inerente à Polícia Técnica.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor... aqui o auto do... Qual era a cor da arma?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Era uma arma escura e não inoxidável, com a aparência de uma arma oxidada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi encontrado algum instrumento contundente que foi usado?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Sim. Igual já disse: alguns chuchos. Chuchos são armas brancas que os próprios presos fabricam artesanalmente, normalmente utilizados, em sua maioria das vezes, por algum vergalhão e também muitas das vezes extraído da própria alvenaria que compõe a edificação do presídio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os cadeados foram rompidos, quebrados, ou eles foram abertos pelo orifício normal?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu informo a V.Exa. que eu não tive também essa preocupação de analisar se foi serrado ou se foi estourado, porque, mais uma vez eu repito, eu deixei a cargo da Polícia Técnica fazer essa constatação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os chuchos, quais eram suas espessuras?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Olha, pelo pouco conhecimento que eu tenho de construção civil, me parece que foi utilizado um vergalhão tipo 4.2, que é a medida de uma ferragem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Daria para romper um cadeado?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu acredito que sim, mas eu não posso afirmar porque eu não tenho como avaliar a resistência de um chucho e a resistência de um cadeado. Mais uma vez, é área técnica.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor instaurou aqui o auto de prisão em flagrante às 6h06min...



O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... do dia 23. Os fatos começaram à 1h do mesmo dia.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Segundo informações, sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deve ter terminado lá por 2, 2h30min do mesmo dia. O senhor entrou na cela nº 8?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Estive na cela nº 8 antes do início da lavratura do auto para eu fazer um reconhecimento visual do local.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor foi a primeira pessoa a entrar na cela?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não, senhor. Quando eu cheguei, o fato já era consumado, e as providências preliminares já haviam sido adotadas, inclusive com o fogo já debelado. E todos os demais presos da cadeia já estavam no pátio rendidos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na cela nº 8, você sabe quem entrou primeiro dentro da cela?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não posso informar ao senhor, não tenho essa informação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe se quem entrou... Antes do senhor entraram servidores, policiais civis ou militares na cela?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É. Policiais civis, com certeza.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não sabe quem foi?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não porque, como eu disse, o fato já era consumado e muitas providências já haviam sido adotadas, inclusive com ação do caminhão-pipa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando o senhor entrou na cela nº 8, onde estavam os 25 corpos?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eles estavam quase que amontoados nos fundos das celas, nas proximidades das 2 janelas de que essa cela 8 dispõe.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nós passamos rapidamente. A porta da cela fica praticamente no meio...

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Sim.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA -...no meio da cela. Eles estavam lá no canto esquerdo, no meu lado esquerdo, ou no lado direito? Eu estou aqui.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não, eles ocupavam praticamente toda a extensão da cela, a extensão posterior da cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, mas eles estavam no tamanho da cela ou estavam encantoados, os corpos?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Ocupando praticamente toda a extensão da cela, porém 30% da parte posterior, do fundo da sela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estava um corpo em cima do outro?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É, quase que amontoados. Parece que eles se juntaram.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Provavelmente, pela experiência que a gente tem, dá a entender que eles buscavam oxigênio na janela. Por isso eles tiveram as mortes consumadas ali.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Em que estágio estavam os corpos? Totalmente carbonizados?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Todos carbonizados, ao meu ver irreconhecíveis.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Agora, Dr. Paulo, você tem noção de quantos metros dá a cela na sua extensão?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Excelência, eu tenho até uma noção de distância. A cela, me parece que ela deva ter 4 metros de profundidade por 5 de largura, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só para a gente compreender. A cela está nesta posição, não é isso? Posição aqui, não é isso?

(O Deputado aponta para a planta da cela.)

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aqui é a entrada?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Certo.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Basicamente aqui é a entrada. O senhor está dizendo que eles estavam dispostos assim?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já próximo à parede?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É. Aqui. Ocupando esta faixa da cela.

(O depoente aponta para a planta da cela.)

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Próxima à parede?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Aqui tem duas janelas. Duas ou uma. Não me lembro bem. Não, uma. Uma janela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas eles ocupavam toda essa extensão do fundo?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Toda. Sessenta por cento da área a 70% estava cheia de entulhos, de colchões, de muita água, provocada pela ação do caminhão-pipa, e restos de colchões, muita cinza, muito carvão, e os corpos aqui estendidos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O carvão e o resto de colchão estavam onde? Estavam espalhados em toda a cela?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Fragmentos de... resíduos de colchões queimados por toda a cela e roupas também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor responde se o senhor achar conveniente. É o seguinte: eram 25 colchões ou havia menos colchões do que presos?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Excelência, eu imagino que... considerando que cada preso tem o direito de ter um colchão, eu creio que lá deveria ter 25 colchões.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Digo isso porque a gente tem andado em delegacia de polícia que nem colchão tem. Dormem no chão.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - *(Riso.)*

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas eu lhe pergunto o seguinte: esses 25 colchões dariam para produzir essa intensidade para carbonizar 25 corpos nesta posição?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É mais...



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só o fogo do colchão em si?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É mais um dado técnico que eu desconheço. Mas, até onde eu sei, me parece que o colchão é de espuma. E sendo de espuma, espuma parece ser um subproduto do petróleo e, portanto, é altamente inflamável.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas todos estavam carbonizados. Ninguém morreu por asfixia da fumaça. Os corpos estavam todos irreconhecíveis.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Todos carbonizados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto para o senhor se o senhor ouviu dizer quem primeiro chegou à cela. Disse que não sabe quem chegou primeiro.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não. Eu não tenho essa informação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas depois houve algum funcionário, algum delegado ou agente de polícia que entrou primeiro? No inquérito tem que ser esclarecido quem primeiro chegou à cela, porque esse é um dado importante. Precisa saber se a cela estava aberta, se estava fechada. O senhor não tem essa informação?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não tenho essa informação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe os motivos que levaram os presos da cela nº 9 a fazer o que fizeram com os presos da cela nº 8?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Essa foi a pergunta que eu fiz aos 25 autuados — que eu os interroguei ontem, além das testemunhas ouvidas, que somaram 31 depoimentos colhidos ontem por mim, de 6h da manhã até por volta das 22h —, e a essa pergunta eu não obtive uma resposta unânime. Mas alguns informaram que haveria uma rivalidade entre a população das celas 8 e 9, e esse teria sido o motivo dessa invasão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor chegou a perguntar a ele se foram dados mais de 3 tiros ou foi ele espontaneamente, ou o senhor não fez mais nenhuma pergunta sobre a quantidade de tiros?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não, eu não me lembro que tipo de pergunta eu fiz a ele. Só revendo os depoimentos por ele prestados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem conhecimento de que nessa delegacia já foram encontradas drogas?



O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Excelência, eu nunca dirigi a Cadeia Pública de Ponte Nova. Portanto, o setor carcerário nunca foi o meu ambiente de trabalho. Eu, como Delegado mais antigo, gozo da confiança administrativa do meu Regional e eu o assessoro como Delegado Adjunto da Regional. E, portanto, atuo mais na área administrativa. Por ser uma questão mais complicada, muito grave e de uma repercussão muito grande, eu acredito que ele tenha determinado que eu presidisse pelo menos o início das investigações não só pela confiança em mim depositada, mas também porque eu era o Delegado de plantão e adjunto dele. E como adjunto eu sempre atuei mais na área administrativa, o ambiente carcerário nunca foi o meu setor. Tanto é que eu não conhecia a Cadeia, a circunstância, o funcionamento da Cadeia de Ponte Nova, como não conhecia os presos lá recolhidos. Tive oportunidade de conhecer alguns ontem através dessa minha atuação como autoridade presidente dos autos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem foi que apreendeu a arma a que o senhor fez referência?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Essa arma foi mencionada tanto no BO lavrado pela Polícia Militar, como foi mencionada no relatório do agente de plantão. Ela chegou às minhas mãos e eu, então, lavrei o auto de apreensão e encaminhei para a perícia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pelo que o senhor já ouviu no flagrante, houve alguma afirmação de que haviam sido dados mais de 20 tiros?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu não me lembro de ter ouvido essa informação de nenhum dos ouvidos na data de ontem. Mais de 20 tiros? Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu sei que a perícia técnica é que vai esclarecer mais. Mas, pela sua experiência, seria possível, do lado de fora, alguém ou mais de 1, 2 ou 3 pessoas, simultaneamente, acertar, dentro da cadeia, entre 25 pessoas, 10, 15 pessoas naquele espaço onde eles estavam?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Olha, considerando que havia um aglomerado de 25 pessoas num espaço físico muito reduzido, o alvo fica fácil, embora não um alvo preciso, um alvo definido; mas atingir alguém entre 25 pessoas aglomeradas é relativamente muito fácil.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Paulo, eu vou fazer mais algumas perguntas, porque esta CPI não se destina a apurar esse fato. Ela tem um objeto muito mais amplo, destina-se a investigar o sistema carcerário.

O senhor conhece o sistema carcerário de Minas. O senhor tem informações sobre a existência de doenças no sistema carcerário de Minas? Doenças graves como: AIDS, tuberculose...

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Ah! Sim. Inclusive eu tenho informação, passada através do Dr. Wanderley, que têm 2 internos nossos aqui um dizendo que é soropositivo e o outro diz que é tuberculoso. Isso é muito comum em todas as cadeias.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe qual é a população carcerária de Minas? Quantos mil?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não sei informar para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E também não sabe o percentual de pessoas com doenças graves?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Também não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe quantas mulheres no Estado estão encarceradas?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Também não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se os filhos das encarceradas têm alguma assistência do Estado?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu acredito que não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não têm.

Eu pergunto para o senhor: aqui em Minas Gerais, o senhor tem conhecimento da existência de crime organizado funcionando dentro do sistema penitenciário?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Olha, como a maioria das unidades celulares formam grupos, facções, e até em função de animosidades vindas da rua, geradas na rua, eles vêm a se encontrar no interior das unidades celulares e alimentam aquela animosidade cultivada na rua, isso acaba sendo uma certa... uma modalidade de crime organizado.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quais são as facções que o senhor tem conhecimento de que funcionam no sistema penitenciário de Minas?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu não conheço nenhuma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não conhece. Tem alguma liderança reconhecidamente forte, ampla, que consegue catalisar e se articular dentro do sistema?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Pela experiência que eu tenho na direção de várias outras cadeias públicas por onde eu passei nos diversos quadrantes do Estado, a gente sabe que em cada cela é usual ter um preso que sempre tem uma voz ativa, uma voz de liderança, uma voz que intimida os demais ocupantes da própria cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nós sabemos que tem o Fernandinho Beira-Mar, que é conhecido nacionalmente; tem o Marcola, em São Paulo e outras figuras no Rio de Janeiro e São Paulo. Aqui em Minas tem algum chefe de crime organizado, reconhecidamente pelo Estado, que atua, articula e consegue mobilizar os demais presos espalhados nos presídios?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Minas Gerais é privilegiado nesse ponto, porque eu não conheço nenhum segmento criminoso de tamanha periculosidade quanto os que o senhor acabou de mencionar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Significa que o crime organizado do Rio de Janeiro e de São Paulo não se articula aqui em Minas?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há tráfico de drogas aqui em Minas Gerais?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Tráfico de drogas existe em todas as cidades, lamentavelmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é a droga mais usual comercializada de que o senhor tem conhecimento?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Em meus plantões, as que mais me são apresentadas para lavratura de autos de prisão em flagrante ou instauração de inquéritos policiais, a mais comum é a maconha, depois o crack e, em terceiro, a cocaína.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem informação de qual é o custo de um preso aqui em Minas Gerais?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não tenho não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem algum setor do Estado que possa informar para a Comissão o custo econômico do sistema penitenciário?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu penso que sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor pode indicar qual é o setor do Governo, a própria Secretaria?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deputada Maria do Carmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Dr. Paulo, eu não conheço de arma e se vir não sei se é um 38, se não é. A pergunta é por desconhecimento também: o senhor, que é um especialista da área, um profissional da área, pode me dizer se existe alguma arma de porte menor — não estou falando de metralhadora, porque a gente sabe —, com a qual a gente consiga dar mais de 10 tiros, 20 tiros de uma vez, que tenha condição de colocar um pente com essa quantidade de balas de uma vez?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Arma de pequeno porte, não. Mais de 20 tiros? Uma só arma? Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Uma arma, um 38, são quantas balas?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Tem de cinco e de seis.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A maior é de seis.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Seis.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E tem uma outra arma maior do que essa que possa ter mais?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Têm as pistolas, mas, para atingir tamanho número de disparos, ela teria que ser recarregada, trocado o pente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - De qualquer jeito, teve que ser...

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Deveria ter mais de um pente, de um carregador.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Porque, se houve três tiros e encontrou-se uma arma. Se tem possibilidade de ter havido mais tiros, como foi dito, 20 tiros, então, supõe-se que tenha tido mais de uma arma durante a rebelião.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Ou não. Essa arma pode ter sido recarregada, se é que foram tantos tiros assim.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Pode ter sido ela mesma, ser usada e ser recarregada?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - E ser recarregada, exatamente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O senhor estava de plantão, mas estava na cidade?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não, estava em casa.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Pois é, em Ponte Nova.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu resido em Viçosa, cidade vizinha.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Viçosa. Quando o senhor chegou aqui, que hora que o senhor conseguiu chegar aqui?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Eu, de Viçosa a Ponte Nova, eu gasto normalmente de 30 a 35 minutos. Mas, como era um fato de muito... relativamente grave, pela informação que recebi, quando aqui cheguei, aí eu constatei que era muito mais grave do que foi me passado, eu vim ainda mais rápido. Eu devo ter chegado aqui em menos de 30 minutos, cerca de 25.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Porque, pelo que tudo foi falado, Iniciou-se à 1 hora da manhã.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O senhor chegou aqui em torno de...

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - O agente Marco Aurélio me ligou deviam ser 1h40min e eu cheguei deviam ser 2h10min, no máximo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Por isso que o senhor disse que já tinha acontecido, já tinha encerrado o fogo...

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - O agente Marco Aurélio, por telefone, já havia me adiantado, porque a ele também indaguei, quem já se encontrava no local.



Então ele me descreveu a presença dos policiais militares, dos policiais civis, dos delegados, de caminhão pipa, enfim.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A minha pergunta é para que eu saiba se devo perguntar algo mais do fogo ou não. Então o senhor chegou e já não tinha mais essa parte do fogo, já não tinha...?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não, era só rescaldo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - As autoridades presentes já tinham conseguido contornar a situação?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - O momento crítico de negociação já havia sido encerrado.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Dr. Paulo, mesmo o senhor não sendo um delegado que cuide da cadeia daqui, mas como um delegado adjunto e como tem muitos anos na profissão, como o senhor classificaria a Cadeia de Ponte Nova? É uma cadeia com mais pessoas perigosas, com menos? É uma cadeia onde já houve várias rebeliões?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Esse conceito de preso perigoso é relativo, porque, normalmente, um preso pode ser muito perigoso para a sociedade e na cadeia ser um preso de bom comportamento, respeitoso, disciplinado, ou vice-versa. De repente, um preso pode não oferecer tanto perigo para a sociedade, mas no ambiente carcerário se transformar em uma pessoa revoltada, indignada, e passar a ser para nós o maior problema. Diria à senhora, por exemplo, não por Ponte Nova, pois, como disse, nunca dirigi nem trabalhei na Cadeia, não tinha nenhum contato com a Cadeia Pública de Ponte Nova, porque não era o meu ambiente específico de trabalho. Mas, para a senhora ter idéia, os presos que mais dão trabalho para a polícia normalmente são os menores, porque são mais inseqüentes, não medem muito seus atos, são mais indisciplinados, mais desrespeitosos. Enfim, são eles os mais problemáticos nas celas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Aqui em Ponte Nova há muita apreensão de menor?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Não sei informar à senhora, como já disse antes, mas com certeza existe apreensão de menores, inclusive em flagrante delito.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Está bom. Muito obrigada.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Paulo, aqui já está constatada a superlotação nesta cadeia. Apesar de o senhor informar que não tem os números da quantidade de encarcerados no Estado, pergunto: em todas as penitenciárias e delegacias há excesso de presos?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - É. Sempre que ocorrem rebeliões, como nas delegacias por mim dirigidas e nas comarcas pelas quais já respondi, as vezes em que necessitei de vaga foi uma dificuldade, porque todo contato que eu fazia, a informação era sempre de que estavam todas superlotadas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Estado tem Defensoria Pública?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Inclusive o Município de Ponte Nova dispõe de defensores públicos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos os o municípios têm?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Todos, não. A maioria dos municípios não dispõe nem de delegacia de polícia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor pode informar à Comissão se há encarcerados que já deveriam estar livres ou porque cumpriram a pena ou porque adquiriram a liberdade pela progressão e continuam presos?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Existem reclamações de vários presos por onde passei de que eles são vítimas, realmente, do excesso de prazo, que já deveriam ter ganhado liberdade e não ganharam por razões diversas, que desconheço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Gostaríamos que depois o senhor, se estiver na sua competência, pudesse encaminhar à Comissão os laudos, quando estiverem prontos, e também o inquérito que está aberto, para que a Comissão possa acompanhar. Com certeza, essa situação daqui vai perdurar um bom tempo, é possível que a Comissão convide autoridades, detentos ou testemunha para depor em Brasília, e volte aqui em função da gravidade do caso.

Muito obrigado.

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Cabe-me deixar aqui uma informação que julgo importante. Recebi há pouco determinação verbal do Chefe de Polícia, através de 2 colegas delegados lotados na Corregedoria de Polícia, de que eu deveria promover os autos, presididos por mim até o momento, ao meu regional e ele, por



sua vez, irá promover na Corregedoria para continuar nas investigações, que assim agindo nós reputamos que serão feitas com maior imparcialidade.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois que eu cheguei aqui houve algumas indagações sobre a conveniência ou não de continuar a delegacia onde está, em virtude da quantidade de preso que ela acolhe e por estar no centro da cidade. O Governo já pensou em deslocar, transferir, essa delegacia aqui do centro?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Que eu saiba não, eu não tenho essa informação. Eu sei que ele funciona ali há acerca de 20 anos, a cadeia, e o prédio da delegacia também. O prédio da delegacia, que é a área de Polícia Judiciária, eu considero até um excelente prédio, amplo, confortável, espaçoso, mas o funcionamento da cadeia no mesmo terreno, num prédio contíguo, tão próximo, eu considero realmente um local de risco, um local relativamente central, habitado. Portanto, por questão de segurança social, eu acredito que deveria, sim, ser transferido dali.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor tem informação sobre o Ministério Público local, sobre visita às delegacias para saber a situação dos presos?

O SR. PAULO CÉZAR LOPES - Essa informação, o Dr. Wanderley, como diretor da cadeia, é que poderia ser mais preciso, porque normalmente quando da visita dos representantes do Ministério Público eles procuram sempre o titular da unidade, que é o Delegado Regional, ou, então, o Diretor do Presídio, que é quem facilita o acesso dos visitantes nas dependências da unidade.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tá, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Silveira) - Estando a Relatoria satisfeita com o depoimento do Dr. Paulo e os demais Parlamentares, encerro o depoimento, registrando que o Dr. Monteiro, Chefe de Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, fez contato com esta Presidência, relatando que, para dar total transparência e isenção às investigações que estão por vir, ele já determinou ao Corregedor-Geral, e este designou 2 delegados, duas autoridades policiais, 2 delegados de polícia, que já se encontram aqui em Ponte Nova — Dr. Gustavo Lara e Dr. Alexandre Campbel —, para que fosse a eles promovido os autos do inquérito



policial. A partir de agora, a Corregedoria de Polícia do Estado de Minas Gerais é que tem a responsabilidade de apurar os fatos acontecidos na noite de ontem.

Portanto, encerro o depoimento do Dr. Paulo e convido a Vereadora Ana Maria Ferreira, da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Ponte Nova, bem como o Presidente do Conselho do Município, Dr. Carlos Eduardo, do CONSEPIS — Conselho de Segurança Pública e Integração Social, do Município de Ponte Nova. Faço uma correção: Eduardo Henrique Soares, Presidente do CONSEPIS do Município de Ponte Nova.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Boa-tarde, Deputado Alexandre, meus cumprimentos a V.Exa. e as demais autoridades presentes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Silveira) - Nós gostaríamos que fosse feito o juramento.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado. Sr. Presidente, gostaria de estar passando aqui um dossiê da Comissão de Direitos Humanos, que nós fizemos desde 2005, as nossas visitas à cadeia pública. Nesse dossiê se encontram os depoimentos dos familiares e as respostas que nós obtivemos das autoridades às quais nós endereçamos essas correspondências. E esse dossiê aqui é dos empresários de Ponte Nova. Eles tiveram 700 assinaturas também direcionadas às nossas autoridades, inclusive o Estado, pedindo a segurança pública no nosso município.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Silveira) - Passo a palavra à nossa Relatoria para as primeiras inquirições.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sra. Ana Maria e Carlos Eduardo. O senhor e a senhora desde o início acompanham esta Comissão, e repito que ela não se destina a apurar esse episódio lamentável. A Comissão pretende investigar a situação carcerária do País nos seus mais diversos e graves aspectos. Portanto, as contribuições de ambos, com certeza, poderão ser valiosos para, ao final, nós apresentarmos sugestões a todos aqueles que têm obrigações legais com o sistema.

Pergunto ao Sr. Eduardo: o senhor conseguiu saber o quê sobre o episódio do dia 23?



O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Logo no decorrer do dia, pela manhã, já ouvi os comentários do que tinha havido na delegacia de polícia. Desloquei-me até lá, como representante das comunidades ponte-novenses...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vamos interromper porque primeiro tem que fazer o juramento. É formalidade.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A Sra. Maria já fez? Então, vamos começar do começo. Qual é a sua idade?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Trinta e nove anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é sua profissão?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Proprietário de oficina, mecânica e lanternagem de pintura.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E de qual entidade o senhor faz parte?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Do CONSEPIS — Conselho de Segurança Pública e Integração Social.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como membro do Conselho, o que o senhor já constatou a respeito da segurança no município?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Nós temos uma precariedade muito grande. Eu venho, inclusive, trabalhando em prol de passar para as pessoas. Nós fazemos um elo de ligação entre as polícias e a comunidade, acreditando na lei que é direito de cada um, que é dever do Estado e responsabilidade de todos. A gente faz um trabalho de reeducação, de proximidade da comunidade com a Polícia e vice-versa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A Vereadora Ana Maria.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Pois não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é a idade da senhora?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Quarenta e quatro anos, 43.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é sua profissão?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Sou auxiliar de enfermagem, Vereadora e sou membro da Comissão de Direitos desta Casa.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É Vereadora há quanto tempo?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Este é meu primeiro mandato.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Primeiro mandato.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pergunto a ambos: a delegacia onde está atende os desejos da comunidade ou há manifestação contrária à sua localização?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Na delegacia em si, não, Mas eu acho que a cadeia deixa a desejar. Esse problema não é de agora, esse problema já é antigo. Nós já o acompanhamos e desde 2005 que a gente já está tendo problemas. Quer dizer, não atende. A gente queria mesmo um PAC na nossa cidade. A gente está brigando para que aconteça. Com esse episódio terrível, essa tragédia, talvez a longo ou a médio prazo, a gente consiga um PAC aqui.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Eduardo.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Faço dela as minhas palavras. Infelizmente, tivemos o acontecimento, esse episódio, para que agora vejamos se conseguimos ter uma cadeia decente. Nós temos uma falha muito grande: nós temos pouco efetivo na Polícia Militar, conforme foi dito, Sr. Relator, no começo, sobre se 2 policiais tomariam conta de uma cadeia. Nós... O Conselho de Segurança Pública tomou até por medida fazer ofícios e encaminhar a determinadas fontes para ver se consegue aumentar tanto o efetivo da Polícia Militar quanto o da Polícia Civil, que é muito pouco para Ponte Nova.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já houve algum tipo de problema, como rebelião, rebeliões, aí na delegacia, antes desse fato?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Não é do meu conhecimento.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Já ouvi falar... veja bem, eu não quero ser hipócrita; o que é, é. Já ouvi falar, sim, em rebelião que começou, mas, diante do trabalho da Polícia Militar junto com a Polícia Civil e vice-versa, foi...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm conhecimento de maus-tratos a presos nessa delegacia?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não. Ao contrário disso, eu estou sempre junto tanto ao quartel da Polícia Militar quanto à Polícia Civil, e foi



até de impulso tudo, porque, na verdade, na verdade, são bem tratados, pelo menos quando se fala em comida.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Sr. Relator, eu, assim... Eu passei para o senhor o dossiê. O que me relatam, o que relata a nossa Comissão está nesse dossiê, que vocês vão ver no decorrer, no andar da carruagem.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Nós temos inclusive uma outra entidade. Nós somos o CONSEPIS e tem a COPOM, que inclusive faz o papel com vários voluntários, assim como nós somos voluntários. E o que é feito pelo voluntário é feito pelo coração, para que, inclusive com a ajuda até do Dr. Wanderley, para empregar, como ia empregar agora... pensando num modo de empregar até um meio de ganhar o dele, o sustento dele, com uma fábrica de fraldas e outras coisas mais.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm conhecimento, ou acompanham a vida dos filhos das encarceradas e dos encarcerados?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Pode falar.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - É... Veja bem, inclusive essa instituição... a COPOM, nós dividimos aí um pouco o nosso trabalho. Nós ficamos mais com palestras e reeducação e a COPOM trabalha junto com os presidiários, com os detentos e com as famílias dos detentos.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Eu acompanho. Inclusive tem uma moradora, que perdeu o seu marido, o seu cunhado, nessa tragédia. Ela tem 5 filhos. Eu acompanho de todas as formas, inclusive ajudando na alimentação, na compra de roupas, o que eu posso fazer, na medida do possível, para todas as mulheres, os familiares dos detentos que me procuram, com certeza, eu faço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Poder Público Municipal e Estadual tem algum programa de assistência aos filhos dos encarcerados?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não é do meu conhecimento.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Olha, uma delas até me procurou, está correndo atrás, para ver se conseguia. Até então, ela nunca teve pensão. Eu corri atrás, arrumei um serviço. Ela está desempregada, com 5 filhos, não tem como... E a



gente também não sabe, a gente não sabe qual o caminho que deve tomar para adquirir essa ajuda do Governo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aqui, nesse documento que foi passado à Comissão, tem algum estudo socioeconômico dessas famílias envolvidas com crime?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Não. Tem aí o depoimento das mães, pedindo socorro, o nome das esposas. Está tudo aí nesse dossiê. E voltando ao assunto dos dossiês, os dossiês que vieram até a mão de vocês aí, dos empresários, estão também na mão dos Deputados, aqui bem votados, do Governador, e das nossas autoridades.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É... Tanto o senhor como a senhora tomaram conhecimento do acontecido que horas?

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Eu tomei às 7h da manhã. Eu estava descendo para trabalhar. A família deles vieram até à minha casa me falando do acontecimento. E eu não acreditei, liguei para a delegacia para me certificar e foi dito para mim que era verídico, e encaminhei a família para a delegacia e fui para o meu trabalho.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Eu... um rapaz também que tem familiares preso foi e me procurou, por volta de 7h30min e 8h da manhã.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A senhora, o senhor se dirigiram à delegacia em seguida? O que que fizeram?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Me dirigi à delegacia em seguida.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Olha, Sr. Relator, eu não me dirigi à delegacia porque sei, vivo esse problema juntamente com as pessoas. Nós estamos aqui com essa Comissão atuante nesta Casa. Então, assim, eu sabia que o nosso trabalho tinha sido bem-feito, não obtivemos as respostas que nós queríamos, mas, com certeza, a gente sabia que o que tinha que ser feito nós fizemos para eles em vida. Mas depois que estavam lá, mortos, eu achei que não caberia estar lá, porque eu nada poderia fazer para trazê-los de volta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Carlos Eduardo, o senhor chegou na Delegacia, o senhor chegou a ver os corpos?



O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não. Não cheguei a ver os corpos. Inclusive teve pessoas ligando para mim, perguntando: “*Cadu como é que... você viu os familiares?*” Eu disse: “*Nada*”. Só iriam dar respostas mais tarde, de quem era, quem foi que faleceu e quem foi transferido.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os corpos, quando o senhor chegou, ainda estavam lá ou já tinham sido removidos?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Eu fiz essa pergunta a alguns policiais no local e disseram que já teriam sido removidos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E ao local da Cella nº 08, principalmente, o senhor também não teve acesso?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Por volta, creio, de umas 10 horas, eu com o Dr. Wanderley fomos e olhamos por fora, pelo corredor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não entrou?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não entrou. O senhor conversou com quem na delegacia quando o senhor chegou às 7h, sete meia da manhã?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Eu cheguei e fiquei um pouco com os policiais militares do lado de fora, até que chegou a COPOM, que trabalha com a população carcerária, com trabalhos... Entrei junto com eles para conversar com o Dr. Wanderley e prestar de certa forma as solidariedades tanto a eles quanto aos familiares lá no grupo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que o senhor ouviu na delegacia dos policiais, principalmente, do Maurício e do Sr. Batista? O que eles relataram para o senhor?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não. Eu não estive com eles, eu estive apenas...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não conversou?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não. Só com o Dr. Wanderley.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor ouviu de alguém alguma informação de como foi que ocorreu o fato?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não, não. Até aí não.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que circula na cidade? O que aconteceu?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Guerra do tráfico.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Guerra do tráfico. Sim. E o fato em si, foi arma? Foi o fogo? Deram 20 tiros, 10 tiros, 3?

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - Não. Eu não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu fico satisfeito e parablenzo aqui o Sr. Eduardo e a Vereadora Ana Maria e a sociedade civil aqui da cidade. Eu tenho a compreensão de que a questão da segurança é um problema da Nação brasileira. É preciso que haja um esforço conjugado do Poder Público, da sociedade civil, através das suas formas organizativas, porque do contrário, se a gente ficar esperando só Poder Público, com certeza, nós não vamos conseguir superar esse problema. E também tenho um outro convencimento: é preciso que o Poder local, tanto o Poder Público, Prefeitura, Câmara Municipal, os promotores que estão na Comarca, os juizes, como a sociedade civil têm que se enfrontar nesse processo. Eu tenho a impressão de que é necessário municipalizar a pena e não amontoar as pessoas como a gente já constatou aqui. Uma cela para 70 tem 186. Portanto, eu parablenzo a sociedade civil e espero que havendo necessidade desta Comissão, tanto o Sr. Eduardo quanto a Sra. Vereadora Ana, possam estar à nossa disposição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Antes de nós concluirmos esse depoimento, concedo a palavra à Deputado Maria do Carmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Sr. Presidente, eu também... Eu não quero nem fazer pergunta específica, mas quero registrar aqui que esta CPI está iniciando. Então, já foi falado aqui, no início: o objetivo que ela tem é de levantar um diagnóstico do Sistema Carcerário Brasileiro. Nós, por emergência, pelo ocorrido e pela tragédia, nós estamos iniciando aqui em Ponte Nova, nosso Estado. Então, eu quero falar... Eu sei que na maioria dos municípios existem os CONSEAs, aqui em Minas; eu não sei como é no restante do País, mas aqui em Minas eu sei que é um trabalho feito, e também a Comissão de Direitos Humanos e Vereadores. Eu quero dizer que nós precisamos de dados, de



diagnósticos. Então, no que vocês puderem contribuir no sentido, por exemplo... Nós temos que trabalhar como um todo, mas mais a questão da mulher, a questão do menor. A gente sabe que tem na Câmara Federal a redução da idade penal. Sabemos que isso é polêmico, mas sabemos que o Estatuto da Criança e do Adolescente fala que tem de prender. Então, nós temos que sair desta CPI — isso é uma responsabilidade nossa, de Deputado — mas não podemos simplesmente fazer mais uma CPI. Não é esse o nosso objetivo. Nós queremos sair dessa CPI com indicações, com propostas, com encaminhamentos. E eu tenho certeza de que quem está aqui nesta Comissão e o restante dos Deputados não vão fazer dessa CPI uma disputa, porque ninguém vai ganhar. Nós queremos contribuir com a sociedade brasileira.

Acho que existem muitos programas — estou falando para os Vereadores, para o CONSEA, para o representante do Governo Municipal — do Governo Federal que eu conheço mais. Tenho certeza de que se vocês pesquisarem vão encontrar programas do Governo Estadual onde vocês, aproveitando esse momento, já poderiam começar a trabalhar para as mulheres, para a família. Principalmente, Sr. Presidente, por que não sair daqui com uma idéia? É lógico que vai ter uma cadeia de novo aqui. Nós ainda não superamos isso. Nossa sociedade ainda não conseguiu ser uma sociedade sem cadeia. Por que não um programa de alfabetização dentro da cadeia? Eu acho que esse é um momento de crise muito sofrido, mas tem de ser um momento para a gente avançar, tem de ser um momento para buscar uma vida melhor para os que ficarem aqui, para os que estão aqui.

Queria só registrar isso aqui e colocar-me à disposição para receber dados, mas também para que a gente possa avançar. Quem sabe Ponte Nova possa ser esse exemplo.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Deputada, o que me conforta é saber que a nossa Comissão... V.Exa. estava falando em buscar dados sobre mulheres, jovens. Nós fizemos a visita à cadeia municipal, à cadeia pública, com a nossa advogada, com o nosso Assessor Legislativo. A nossa Comissão foi, olhamos o problema de cada um, pedimos, encaminhamos as nossas autoridades, porque a nossa advogada não podia fazer sozinha, mas para estar olhando a pena de cada um. Mas nós não fomos ouvidos. Estão aí todos os pedidos feitos para o nosso



Governo, para os nossos Deputados e para nossas autoridades locais. Só que a resposta... A gente não tem condições de trabalhar sozinho. O que me conforta é que essa Comissão fez o seu trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós queremos agradecer.

Queremos deixar clara também a posição dos integrantes da Comissão Parlamentar de Inquérito. Sabemos que muitas pessoas têm uma luta específica na causa dos direitos humanos, em apoio aos apenados, aos carcerários. Nós temos pessoas, instituições, Parlamentares, diversas pessoas da sociedade que têm pensamentos diferentes. A população em geral, às vezes, quando vê um grupo trabalhando para melhorar o sistema penitenciário, pensa que nós estamos criando só privilégios para os presos. Não, nós estamos querendo que o sistema prisional funcione de forma que o apenado não leve mais perigo para a sociedade; que o criminoso que cometeu crimes, que já cometeu barbaridades fique preso, pague pelo crime que cometeu, sem levar mais risco para a sociedade; que de dentro da cadeia não continue comandando o tráfico de drogas, seqüestro, assaltos, tráfico de armas. Mas também queremos um sistema que funcione de forma que permita à pessoa ser ressocializadas, aqueles que querem. Porque nós temos convicção de que nem todo mundo que está preso é bandido. Tem muita gente que está presa que é bandido, que gosta de viver no crime. Já foi solto, roubou de novo, seqüestrou, assaltou, voltou para a cadeia. Fica na cadeia 24 horas pensando como cometer um novo crime. Esse é bandido e vive do crime. Agora, tem muita gente que está presa e que é um infrator da lei. Por uma fatalidade, em algum momento da vida ou em alguma ocasião da vida, ele cometeu um crime, ele cometeu a infração, ele foi julgado, mas ele não vive do crime. Está lá na cadeia pensando na família, em quando ele sair de lá onde ele vai trabalhar, como ele vai encontrar os filhos, como vai sustentá-los, como vai cuidar da esposa, a nova forma de ver a vida que ele tem.

Nós queremos que o sistema funcione para permitir que essas pessoas que estão presas, que não são bandidas, que querem ter uma oportunidade de serem reintegradas à sociedade saiam de lá capazes de serem reintegrados. E que aqueles que vivem do crime cumpram suas penas, julgados conforme a nossa Justiça. Esse é o entendimento da nossa Comissão Parlamentar de Inquérito. E é



por isso que nós estamos trabalhando, para evitar que o nosso sistema prisional continue sendo uma escola de formação de novos bandidos, porque alguns que entraram lá apenas por serem infratores da lei acabam se tornando criminosos, acabam tendo de assumir crimes dentro da cadeia, porque quando há falha no sistema, quando há corrupção no sistema, quando deixa-se entrar um celular, uma arma, uma droga, um agente penitenciário que facilite ou que omita-se da sua função de vedar a entrada desses equipamentos, drogas, celulares e armas na cadeia, está alimentando a indústria da formação do crime e da qualificação profissional dentro da cadeia, que é a qualificação criminal.

Então, nós queremos, com essas palavras, concluir os depoimentos tomados aqui da Ana Maria, Vereadora e integrante da Comissão de Direitos Humanos, e do Presidente do CONSEPIS, Conselho de Segurança da cidade de Ponte Nova.

Então, com essas palavras, nós queremos agradecer aos 2 pelos depoimentos. Um minuto para cada um tecer suas considerações finais. Logo em seguida, vamos pedir à assessoria desta Comissão que providencie para que seja introduzido neste plenário os presos Johny de Oliveira Gabriel e Tiago Lira Miguel, presos da cela 9 da Cadeia Pública de Ponte Nova.

Enquanto a assessoria está providenciando a introdução dos 2 no plenário, concedo um minuto para cada um fazer a explanação final.

A SRA. ANA MARIA FERREIRA - Sr. Presidente, pensando em socializar esses detentos, a nossa Comissão, na minha pessoa, procurou o Prefeito Municipal com o então Delegado Regional, Dr. Antônio Dias, para que trouxesse até a rua os que realmente queriam mesmo, pensando na família, trabalhar e fazer a capina, ajudar. Nós estamos aguardando a resposta do juiz ou do promotor para que esse povo seja liberado para trabalhar, o que até então não nos foi respondido.

O SR. CARLOS EDUARDO HENRIQUE SOARES - No começo do ano, nós estávamos — não quero ser hipócrita — em situação caótica em Ponte Nova. Ouvia-se falar que estávamos em primeiro lugar de cidade mais violenta da Zona da Mata. Nós tínhamos guerra na rua, onde houve bala perdida matando cidadão de bem. Não sei se é do conhecimento de V.Exa., mas assim foi. Com a chegada do Delegado Dr. Chartouni — e longe de mim querer puxar para ou para outro — mas, com a chegada do Dr. Chartouni e do Major Paulo César, é a primeira vez que a



gente vê Polícias Civil e Militar trabalhando juntas. É de se parabenizar Ponte Nova por isso. Mas, dentro de um mês, essa guerra que estava lá dentro era na rua. Então, há de se lembrar isso. Era na rua, onde balas voavam para lá e para cá. A comissão de moradores de alguns bairros, como São Pedro, São Geraldo e outros, nos procuraram lá onde a gente tem a sede, para pedir ajuda, porque aquilo não podia continuar mais, essa guerrinha de quadrilhas, fazendo com que as mães não dormissem mais,. Estava parecendo o Rio de Janeiro: gente com pistola na mão e tudo o mais. Então, o Conselho de Segurança, assim como me parece que a Câmara e outros se envolveram. Até os lojistas, a Associação Comercial de Ponte Nova se uniram nesse pleito para conseguir, para pedir ajuda tanto à Polícia Militar, quanto à Polícia Civil. Então é lastimável que com um trabalho bonito da Polícia Militar e da Polícia Civil, colocando de fato aqueles culpados dentro da cadeia, acontecesse tal fato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Agradecemos aos depoentes e, neste momento, declaramos encerrados os depoimentos prestados pelas 2 testemunhas.

Solicitamos a introdução no plenário das testemunhas Johny de Oliveira Gabriel e Tiago de Lima Miguel, autuados em flagrante pelo delegado e acusados de participar, junto com os demais detentos da Cella 9, da chacina dos presos que foram mortos na Cella 8.

(Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Peço que se sentem. Solicito sejam retiradas as algemas. Peço à assessoria que dê um microfone ao Tiago.

Tiago Lira Miguel, ajudante de serralheiro, natural de Ponte Nova.

Fale com o microfone mais próximo da boca, para colaborar conosco.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Johny Márcio de Oliveira, estudante, também natural de Ponte Nova.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Johny e Tiago, nós estamos aqui representando a Câmara Federal e fazemos parte da CPI do Sistema



Carcerário. Esta CPI foi instalada na quarta-feira, foi proposta desde o mês de maio, foram colhidas assinaturas. Nós temos um grupo de Parlamentares na Câmara que está interessado em investigar os problemas do sistema carcerário no Brasil. Sabemos que o sistema carcerário não está funcionando a contento, que está falido e temos muitos problemas dentro do sistema carcerário. Temos denúncias de torturas, de maus-tratos, mortes violentas que ocorrem dentro dos presídios. Temos conhecimento de muitos presos que chegam aos presídios, após cometerem pequenos delitos, e são forçados a assumirem crimes que não são seus para não serem mortos dentro da cadeia. Temos conhecimento de presos que são forçados a pedir aos seus familiares para trazer dinheiro para dentro da cadeia, porque os traficantes forçam, pagamento de dívida dos outros lá fora. Então, o objetivo desta Comissão é fazer um levantamento do que está acontecendo em todo o sistema. Queremos colaborar para que o sistema prisional brasileiro cumpra seu papel: manter preso os infratores que forem julgados e condenados, mas dando a eles, após serem julgados, condenados e cumprirem a pena, que querem voltar para a família, para a sociedade e reconstruir a vida, a oportunidade de serem ressocializados. Sabemos que hoje o sistema não funciona assim. Então, queremos contar com a colaboração de vocês 2. Vocês 2 estão aqui por escolha aleatória. Olhamos uma lista com o nome dos presos da cela 9 que haviam sido transferidos e eu e os demais membros da CPI apontamos os nomes sem conhecer, sem saber que eram 2 jovens da cidade, porque não conhecemos a realidade local. Queremos que vocês colaborem com os trabalhos feitos pela Comissão. Se vocês quiserem colaborar com todas as informações que sabem, para nos ajudar a esclarecer, e não quiserem falar na presença de todos aqui, quiserem falar reservadamente, até contar com o apoio desta Comissão, temos instrumentos na lei que garantem até amenizar a pena de vocês, caso queiram contribuir conosco. A Justiça tem instrumentos que permite a qualquer acusado que queira colaborar com as investigações a redução até de pena. Vocês são jovens, não sei qual o crime que vocês cometeram, não sei quanto tempo de cadeia vocês vão tirar, eu só sei que vocês têm familiares que choram por vocês, que, com certeza, lutam por vocês e que gostariam que vocês protegessem a família, protegessem vocês, e não protegessem até, quem sabe, colocou vocês nesta vida. Se vocês quiserem contar



com o apoio desta Comissão, colaborar com o que sabem, nós podemos conversar a possibilidade de fazer um acordo com a Justiça, com o Ministério Público e, quem sabe, até uma redução de pena. Se a pena for pequena, não sei qual o crime que vocês cometeram, de repente, vocês podem ser bastante beneficiados com este instrumento, que é um instrumento da Justiça. Então é com esse espírito que nós estamos aqui. Não viemos aqui condenar ninguém. Nós viemos aqui buscar a verdade a respeito dos fatos que estão ocorrendo em todo o Brasil, mas que, coincidentemente, ocorreram também aqui na cidade de Ponte Nova na madrugada de quinta-feira. No momento eu queria solicitar ao Tiago que prestasse esse juramento, só fizesse a leitura, Tiago, perto do microfone, porque esse juramento aí é um juramento-padrão para qualquer testemunha em qualquer tipo de inquérito. Pode fazer a leitura.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu queria pedir também ao Jonhy que fizesse a mesma leitura.

O SR. JONHY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu só quero alertar aos depoentes que, conforme o Código Penal, deixar de falar a verdade, omitir-se e fazer acusações falsas, vocês estarão respondendo por crime também já previsto em nosso Código de Processo Penal. E vocês, a partir deste momento, estão sob juramento, conforme a leitura feita por vocês, de falar a verdade e falar só o que sabe. Não precisa inventar nada. Não precisa fazer acusação falsa contra ninguém, falar só o que sabem. Se acham que o que sabem é muito, se quiserem falar só com os membros da CPI posteriormente, em qualquer momento vocês podem pedir à CPI uma sessão reservada e nós assim o faremos. Tiago de Lima Miguel, está preso há quanto tempo, Tiago?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Vai fazer 8 meses dia 3.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você nasceu aqui em Ponte Nova mesmo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso mesmo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual bairro?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu nasci no ... Moro no bairro de Fátima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Bairro de Fátima você mora? Você tá preso há 8 meses?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Vai fazer 8 meses dia 3.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o artigo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - O 12 e o porte de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o porte de arma?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi preso a primeira vez, ou já é a segunda vez?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - A primeira vez agora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca tinha sido preso antes?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conhecia o Clevinho?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Conhecia de rua, mas nunca conversei muita intimidade com ele não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, né?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Biju?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - O Biju, só quando eu era pequeno, mas depois eu não vi ele mais não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca mais viu? Lembre-se de que você fez um juramento de falar a verdade.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu estou falando a verdade, senhor. Vi ele depois que eu fui embora para São Paulo. Tem 1 ano que estou aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você morou em São Paulo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, fiquei uns 6 anos lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trabalhava lá?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Trabalhava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trabalhava de quê?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Feira de quê?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Feira, comércio de feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Essas feiras periódicas de fim de semana mesmo, feira de verdura, vende de tudo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E voltou para Ponte Nova tem quanto tempo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu voltei tem 1 ano e meio mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E trabalhava aqui?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Trabalhava com o meu pai, mas o meu pai morreu, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seu pai morreu tem tempo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tem. Eu vim para cá quando ele morreu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele morreu de quê? De morte natural?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É, eu acho que ele estava com câncer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Morreu de câncer. Você tem mais irmãos, Tiago?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tenho 5 irmãs e 1 irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é o mais velho?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O do meio, o mais novo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sou o do meio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ô Tiago, na madrugada de quinta-feira, durante a algazarra que houve lá e a confusão que houve no presídio você estava na cela 9.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Estava na cela 9.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Desde quando você foi para lá, você foi para a cela 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ahn?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Desde que você foi para lá você ficou na cela 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, fiquei uns 15 dias lá embaixo, depois subi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas subiu para a cela 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na madrugada lá de quinta-feira, quando começou a gritaria lá no presídio, como é que foi? Narra para gente aí. Você estava lá dentro pode falar melhor do que a gente aqui.

Eram umas 10 e meia, eu deitei. Quando foi uma e meia da manhã eu acordei com uns barulhos já de foguete caindo na cela lá, uai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De foguete?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É, os policial estavam jogando foguete para dentro da cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foguete de água?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foguete de bomba mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você já acordou com...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Com barulho já, e uma gritaiada danada lá. E fumaça já, uai. Eu fui e encostei num canto da cela e fiquei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou o tempo todo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Fiquei o tempo todo. Enquanto eles não mandou parar tudo e descer pro pátio, né, aí depois que eu saí da cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você acordou assustado assim...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só via fumaça na minha frente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha muito preso dentro da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, estava nós da nossa cela mesmo e o

...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todo mundo dentro da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, e as fumaças tampando, não dava pra ver direito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tava de roupa ou tava...?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quem, eu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu tava com a minha bermuda branca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E camisa, que cor?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Camisa, eu tava sem camisa, eu tava deitado, uai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tava deitado?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas estavam todos dentro da mesma cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É, não dava...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não viu ninguém pular no meio do corredor?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, aí eu não vi não porque eu fiquei no fundo e a cela é grande.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você, ô Johny.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é natural de Ponte Nova mesmo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - De Ponte Nova.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mora aqui tem quanto tempo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Moro aqui a vida toda, 19 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dezenove anos? Você tá preso por qual artigo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Trinta e três.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trinta e três?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só o 33?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só o 33.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já foi preso antes?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Primeira prisão?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Primeira condenação de 2 e 6, estou pagando 7 meses de cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, você já foi condenado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Já fui condenado a 2 e 6 de cadeia. Já era para mim ter ido embora. Essa delegacia daqui, eu não sei qual que é essa justiça, meu senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você foi condenado e estava cumprindo pena na delegacia?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nessa delegacia aqui, nessa comarca daqui. Já era para mim ter ido embora, a minha pena já venceu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você pegou 2 anos e meio?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dois anos e meio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E já cumpriu quanto?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Já cumpri 7 meses, mais de um sexto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem é o seu advogado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É Dr. Marcos, Dra. Andreza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Marcos e Andreza?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você, na noite do ocorrido...



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Era por volta das 9 horas eu já tinha deitado, acordei com falta de ar de tanta fumaça. Na hora que a gente levantou, que viu que todo mundo já tava tudo estourado, então não dava para ver mais nada. Muita gente que tava do outro lado, já tava começando a passar mal pra morrer, tava muita fumaça mesmo, a polícia já tava invadindo. Aí já começaram a dar tiro, a soltar foguete, mas fora disso não deu para ver mais nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas antes de a polícia entrar, você não ouviu tiro nenhum?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nada, só foguete e depois começou tiro da polícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É, não deu pra ver nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muito tiro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, teve vários disparos. Quem tava dentro da cela não tinha como sair não. Só quando a polícia deixou a gente se entregar, entendeu? Muitas pessoas inocentes estava muito...igual esse negócio de 121 de não sei o que lá, doloso lá, sem a gente fazer nada, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês ficaram quietinhos na sala o tempo todo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O tempo todo. Só que é 200 presos, né, doutor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas não é todos na mesma cela?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Então, mas todas as celas foram estouradas. Todas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas quem você acha que estourou a cela.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, doutor era muita gente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na sua cela tinha quantas pessoas?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Acho que 24, 25 pessoas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem é que estava preso com vocês que você se lembra, além do Tiago.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, tinha vários.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem que você conhece, da cidade, que estava preso com você? Vai falando o nome pra gente aí.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, se eu for falar, eu sei todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas fala então todos para nós aí.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, tinha um tal de Tiá, outro Tiago, Marcelo; ah, tinha muita gente, doutor, tinha muita gente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem que você acha que estourou? A polícia estourou os cadeados para vocês saírem?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não, eu não estou dizendo que foi a polícia, entendeu? Eu estou falando que a gente quando acordamos, quando eu acordei, já tava tudo estourado e a fumaça já tinha dominado o corredor, o pavilhão onde a gente estava, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você foi dormir 9 horas?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Normalmente você dorme cedo assim na cadeia?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Durmo cedo. Durmo cedo e acordo cedo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Durmo cedo. Durmo cedo e acordo cedo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O pessoal não perturba muito não, na hora que dorme cedo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não em termos de presídio assim, tem de ter respeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O pessoal respeita?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na hora de sono de ladrão, tem que ter respeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês tinham quantos colchões na cela de vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, doutor, cada um tinha o seu colchão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cada um tinha o seu colchão?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Cada um tinha o seu colchão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Normalmente na cadeia cada um tem um colchão?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Cada um tem um colchão; tem uns que têm até mais, mas na nossa cela, cada um tinha o seu colchão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É, você acordou, então, quando a polícia...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, eu acordei, quando eu acordei, a polícia estava querendo invadir e a fumaça já tinha dominado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E a polícia invadiu?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É, pra negociar pros presos saírem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele invadiu?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não chegou a invadir, não, mas tava querendo, entendeu?

O SR. PRESIDENTE(Deputado Neucimar Fraga) - E quem que comandou a negociação?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, não lembro, não senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem de vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não lembro, na hora não dá para ver nada não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas alguém falava lá da porta? A polícia falava com medo de entrar e vocês, do lado de cá, ouviam e respondiam.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, todo mundo gritava, queria se render pra não matar ninguém.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Gritamos pra eles não dá tiro em nós, porque eles tavam dando tiro lá pra dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles chegaram a dar muitos tiros, foi?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Deram. Tinha muitos cartuchos de 12 mesmo, eles davam em cima de nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas esses cartuchos, vocês chegaram a ver?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Via, até um mesmo foi atingido na perna.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Aonde que o tiro pegava arrancava as lascas, senhor.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Depois de tudo rendido já, um mesmo foi atingido na perna, o Sandu.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Muitas pessoas inocentes também ia morrer até a mais do que morreu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o nome do preso que foi atingido?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É o Anderson Luís Soares, o Sandu, que foi atingido, sem nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Anderson Luís?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Soares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Soares.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Depois que já tinha sido rendido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ele foi socorrido?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi nada; ficou no pátio lá; até ontem lá na...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - De dentro do pátio, com eles filmando de outra casa, eles mostrando os machucados e ninguém nem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não; machucado ou...porque, um tiro de 12 na perna não faz machucado não, faz um estrago.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Os disparos do tiro; os estilhaços, entendeu, que pegou nas perna dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não. Pegou estilhaço ou acertou o tiro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pegou o estilhaço; o estilhaço e os tiros pegou nas perna dele.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eles deram foi pra pegar; eles deram pra pegar, com essas, tipo de borracha de plástico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, tiro de borracha, então, só para vocês ficarem quietos, ué.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, mas deu depois de tudo rendido. Lá, sempre eles faz isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quem estava na cela lá não atirou na polícia não?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na nossa cela não tinha arma nenhuma não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na nossa cela não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Um dia antes do acontecimento eles pulou até lá na nossa cela procurando alguma coisa.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Realmente. Um dia antes do acontecimento, teve geral na nossa cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem pulou lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O delegado e os policias civil.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Os policiais deu geral lá na nossa cela.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, na...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na quinta-feira...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na quarta-feira, à tarde, houve uma revista na cela de vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - À noite, teve uma revista na nossa cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - À noite?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na base de umas seis horas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem fez, qual o agente fez a revista?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Foi agente não; foi Polícia Civil, os policiais...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o policial que fez?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi todos lá, né.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, foi uns 6.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seis policiais estiveram na quarta-feira à noite na cela de vocês, e fizeram uma revista?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Até o delegado esteve presente na hora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual delegado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dr. Wanderley.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Dr. Wanderley.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava então?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Depois, ele teve na cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na hora da revista, no fim da revista, ele entrou na cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, na quarta-feira, à noite, na noite que antecedeu o crime, que foi na madrugada de quinta-feira, teve uma revista na cela 9?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Teve.



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Direto, eles estava dando revista lá, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Toda..

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, mas, nessa quarta-feira, houve? Vocês estão confirmando.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Teve.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seis policiais entraram dentro da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dentro da cela.

O SR. PRESIDENTE(Deputado Neucimar Fraga) - Entraram lá dentro da cela?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tirou nós todo mundo pra o corredor.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tirou e colocou no corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Calma, aí.

Entraram dentro da cela; colocou todos presos para a fora, ou ficaram lá dentro mesmo vocês?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Colocou pra fora.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Colocou a gente pra fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No corredor; entraram...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Entraram; deram geral

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deram geral.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Aí pegou um chucho, pequeno assim de ferro que tem mesmo lá, e saiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Encontraram arma?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, senhor.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor, vestígio algum de arma; nada.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nada?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Nada.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nem arma e nem faca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles fizeram isso em todas as celas?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só na nossa 9.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só na nossa.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sempre teve geral só na 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só na de vocês?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só nós que era mais escamado lá senhor.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Outra coisa: eu não era da cela 9; eu era da 10. Acho que já tinha 4 meses que eu tava preso; no fim da minha cadeia, eles me puseram na 9. Isso foi o delegado que mandou trocar de cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tá. Então, vocês confirmam que estão falando aqui perante a Comissão que, na noite de quarta-feira — na noite, depois das seis horas, não foi isso?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois das seis horas, o delegado Wanderley, não é isso?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sim.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com mais 5 agentes, 5 policiais..

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Civis. Tinha algum militar?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, só civil.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, só civil.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só os civis; entraram na cela de vocês; colocaram todos os presos para fora..

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Colocaram, tudo sem camisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tudo sem camisa.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só de bermuda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E deram um baculejo lá.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Um baculejo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Revistaram vocês todos também?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Só colocou nós pra fora e bagunçou a cela lá e saiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo eles ficaram lá?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Uns 15 minutos, 20 minutos.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De 15 a 20 minutos, dentro da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Dentro da cela.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É. Deram revista na cela inteira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Revistaram tudo, olharam tudo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tudo, tudo; olhou tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Reviraram colchão?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pisaram no colchão, pisaram em tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem ficou na cela com eles de vocês, algum preso acompanhando?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ninguém.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sempre tem um líder que acompanha para ver se não vai mexer na....



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Lá, eles põe é todo mundo pra fora.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Aqui, não; aqui, não existe isso não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Lá, eles põe é todo mundo pra fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todo mundo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Todo mundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nem o Ratão ficou lá dentro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. O Ratão não é da 9 não;

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Ratão é de qual?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - O Ratão é da 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Ratão é da 10; ele não estava na 9 não?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E, depois que terminou a revista, colocaram vocês para dentro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normalmente.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Colocou normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não revistaram mais nenhuma cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, só nós.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, mas nenhuma cela, só a 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês estavam todos sem camisa?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Todos sem camisa.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Todos sem camisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cada um de bermuda?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só de bermuda.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só de bermuda.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí eles saíram e foram embora?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Foram embora normalmente.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Desceu, normal, não falou mais nada. Nós ainda perguntou pra ele o que que era ele disse “não, só uma revista, só uma geral”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles chegaram não perguntaram nada e já foram chegando?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Já chegou entrando.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A gente que perguntou “o, doutor, o que está acontecendo que o senhor está dando geral na cela? Ele “não, não, é geral, normal”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas eles sempre dão geral à noite?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Desde quando eu tava preso nunca tinha acontecido isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca deram uma geral à noite?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator está com a palavra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É, seu Tiago Lima Miguel.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Lúcio?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Tiago de Lima Miguel.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E Johny Márcio de Oliveira Gabriel. Como disse o Presidente, nós estamos aqui por conta dos fatos que ocorreram na madrugada do dia 23. Mas esta Comissão é composta por 23 Deputados do Brasil inteiro e tem como missão investigar superlotação nas cadeias, a situação dos presos, se há tortura a preso ou não, como é que está a saúde dos detentos...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Mal, tem muitos mal.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... em que situação estão os filhos dos detentos, se há tráfico de arma, de drogas. Portanto, a gente não está aqui apenas por este fato. A Comissão não é só por isso, certo?

Segundo, se vocês tiverem alguma informação que vocês consideram importante e que vocês estão com medo, com receio de declarar aqui, vocês nos digam que a gente ouve vocês só os Deputados, ninguém mais.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não tem nada não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não senhor, o que a gente tem de falar a gente vai falar aqui mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Está todo mundo tranquilo, não é isso. Só perguntando, você tem pai e mãe?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL É, não, meu pai faleceu.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quantos anos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Vai fazer 2 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Hã, mas foi de câncer, não é?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E sua mãe está aonde?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - A minha mãe ainda está por aí, minha mãe não esta aí não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que que ela faz?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Minha mãe, minha mãe ela estava morando no Paraná, não é?, ela veio para cá agora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas o que que ela faz?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ela é doméstica.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Doméstica. Sabe quanto é que ela ganha?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ganha um salário mínimo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ganha mais, ué?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem quantos filhos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ela tem 7.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sete filhos. Com o senhor ou você é o oitavo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, eu sou o sete.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sete. E ela está no Paraná por quê?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ela morava lá, trabalhava lá fábrica lá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. Você já está há quanto tempo na cadeia?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Vai fazer 8 mês dia 3 agora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foi interrogado uma vez?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foram ouvidas suas testemunhas?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O seu advogado é pago pelo senhor?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É dado pelo Estado? Ele conversa de vez em quando com você?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, só no dia que eu fui no Fórum mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nunca mais lhe visitou?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não sabe em que situação está o processo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Eu tomei... fui condenado nesse BO aí, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foi condenado?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quatro e seis.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quatro anos...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - E 6 mês.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E quando o senhor foi condenado?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi dia 31 de julho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Menos de 1 mês.

O Sr. Johny. O senhor tem pai e mãe aqui?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, só mãe.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O pai está aonde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Faleceu.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Há 18 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - De quê?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ele suicidou.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E sua mãe tem quantos filhos?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só eu de filho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E ela mora onde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Mora aqui em Ponte Nova.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que ela faz?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É vendedora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ganha quanto?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, não tenho noção não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E mora onde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Mora no Bairro Pacheco.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O bairro é de classe média, bairro pobre?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Bairro pobre.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pobre. É o primeiro crime que você pratica?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Primeiro crime.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ainda não foi condenado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sou condenado a 2 anos e 6 meses.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando foi a condenação?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A condenação não lembro quando saiu a minha condenação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mais de mês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Mais de mês? Eu tô pagando a mais o que eu tenho de pagar, ué, eu tô pagando 1 mês a mais, tem 7 meses.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, já cumpriu a pena ainda continua preso.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Já cumpri a pena e ainda continuo preso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O seu advogado é pago pelo senhor?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pago por mim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o que ele tem lhe dito.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo o senhor não fala com ele?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, tem 1 mês.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Um mês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Um mês.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem lhe comunicou que você já cumpriu a pena?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Da vez que ele me comunicou ele só me disse que a minha cadeia tinha recorrido.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Me diga o seguinte: eu queria que vocês descrevessem bem essa questão do dia 23. Haviam 25 presos na cela 9.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês não ouviram nenhum barulho de nenhum preso da cela 9 tentando abrir o cadeado?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não, na cela 9 não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ninguém?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi tanto que 10 hora da noite todo mundo vai dormir, não é? Eles respeita lá, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você estava dormindo próximo da porta ou distante?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, distante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, eu dormi no fundo da cela, não é perto da porta não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês dormem assim um sono bem pesado, ou sono leve?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, é, porque o dia dentro de cadeia assim é pesado, o sono é...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas é possível alguém tentar abrir o cadeado, serrar, e vocês não ouvirem?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela distância a gente não ouve.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem liderava, quem era o líder da cela nº 9?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Lá não tinha líder não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem era o mais antigo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O mais velho? Ah, não sei o nome dele não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O mais velho.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, tem os mais velhos, não é senhor, só que lá é cada um por si. Lá não tem negócio...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É Deus por todos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Lá é um por um lá, cada um por si.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem a noção do preso mais velho na idade lá da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Mais velho?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Velho, idade. Você tem quantos anos?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu tenho 20.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem alguém com 40 anos lá?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tem gente com quase.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quase.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quase 40 tem.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O mais velho que tem lá deve ter quase isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha alguém com menos de 18 anos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, menos de 18 na cela nossa não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm conhecimento se tinha alguém, algum preso da cela 9 que tinha rivalidade com algum preso da cela 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu pelo ao menos não tinha nenhuma rivalidade não senhor.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Também não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês, os presos, conversam bastante, ou todo mundo conversa ou tem um grupinho, tem alguém...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, sempre normal nós conversa todo mundo mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tá. Você já estava há quanto tempo na cela 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah tinha uns 7 mês.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - 2 meses.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - 2 meses. Nesses 7 meses você nunca ouviu ninguém da cela 9 dizendo que odiava, que queria a morte de um preso da cela 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, porque passou uns dia, foi e deu bonde na maioria dos mais velho de lá né?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Deu o quê?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi todo mundo de bonde transferido.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Transferido

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Da 9, aí depois que foi enchendo de novo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você nunca ouviu, nesses dois meses, ninguém da cela 8 dizendo que tinha rivalidade com alguém...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A maioria do pessoal que tava na cela 8 não estava lá não, né, meu senhor, depois que o delegado subiu eles lá pra cima, eles tavam na cela 3, entendeu? Só que eles esvaziaram e aí foi trazendo preso lá pra cima. Mas eu não...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - E os preso da 8 tudo pedia pra descer e o delegado não descia

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha alguém da cela nº 8... você conhecia quem da cela 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah conhecia até o cara mesmo que rodou junto comigo lá...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como é o nome dele?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É o Quim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quim?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - O apelido é Quim

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só o Quim?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É Francisco o nome dele...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não conhecia nenhum outro?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Conhecia...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Conhecia o... como é que é o nome dele?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Conhecia o Clevinho?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, o Clevinho não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nunca conheceu?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, já vi lá no...na onde ele morava lá, mas não...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não tinha nada contra ele?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E nem ele contra você?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Também não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você....

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eles vieram, que portanto, no dia que ele veio preso nós ficou na mesma cela lá embaixo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você é de onde? Conhecia quem na cela 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nada. ...conhecia a maioria meu senhor, cidade pequena a gente conhece todo mundo...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha ... você tinha rixa com alguém da cela 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Alguém da cela 8 não gostava de você?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, aí já não sei, mas eu não tinha rixa com ninguém, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A cela...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não tenho...a gente não tem... entendeu, a gente não conversa assim, com as celas assim não, porque é distante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês não ouviram nenhum cochicho na cela 9 planejando invadir a cela 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na 9 ,não

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No dia 23 a revista foi às 18h?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sim, senhor

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Demorou uns 15 a 20 minutos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sim senhor

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, terminou 18h20, vocês retornaram para cela?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Retornamos pra mesma... nós tava no corredor assim de frente pra cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que vocês conversaram depois da revista?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Nós ficou bobo, porque eles entrou tudo de colete lá dentro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ficaram bobos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É, né, porque do nada...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nunca aconteceu isso não...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Nunca aconteceu isso.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Desde que quando eu tô pagando minha cadeia nunca tinha acontecido isso. Foi uma coisa repentina tirar a gente da cela: vamos, vamos sair todo mundo, pá! Bagunçou tudo. Alimentação da gente era jogada pro chão como se fosse porco... e... sofrimento demais a gente já tá pagando o que a gente pagou e a mais? É um sofrimento danado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E os que fizeram a revista estavam armados?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tava...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - com certeza...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tudo armado.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tudo armados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ostensivamente?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - ó, com certeza.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Apontaram a arma pra...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Até de colete eles tavam.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - algum de vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Apontaram?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A arma fica apontada...

Até tirar a gente da cela, com certeza.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Falaram alguma coisa agressiva?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não senhor, só pediram pra sair.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Empurraram, chutaram?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Também não. Esse dia não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A revista era semanal ou não?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não era não, né, mas depois dum tempo pra cá começou a dá todo, quando o dia tinha sol.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só teve essa revista desde quando eu tô preso lá, meu senhor, só na 9 é aquele.. .nesse horário

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês podem afirmar aqui pra esta Comissão de que vocês não tomaram conhecimento de nenhuma articulação, de nenhum preso na cela 9 planejando invadir, matar preso da cela 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu tenho, senhor.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu tenho, sim senhor.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tenho certeza.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês começaram a dormir que horas?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu fui dormi.. ele dormiu mais cedo que eu ainda. Dormi era 10h30, porque acorda cedo lá, né?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando vocês foram dormir ainda tinha gente acordada?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, tava todo mundo assim deitado já nos colchão assistindo televisão, aí vai dormindo um por um.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A cela fica com a luz apagada, a interna,. ou fica acesa?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Apagada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Apagada

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, a do corredor, o senhor fala?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, não, dentro da cela.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Dentro da cela não. Nós apagava.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês falaram que quando acordaram já estavam sendo sufocados por fumaça...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Né, já tinham policiais dentro da cela, não?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não eles tava tudo no corredor do lado de lá... dando tiro pra cá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A cela de vocês estava trancada?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, já tava meio aberta assim já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estava meio aberta. E vocês não viram quem abriu?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Quem abriu não foi de dentro da cela 9 não, senhor;

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem certeza?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Absoluta. Não tem como, né, enfiar o braço pra abrir cadeado da cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois do acontecido, vocês ficaram quanto tempo dentro da cela nº 9?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Até acabar tudo, até os policial...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Até os policial deixar nós descer.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Portanto, eu fui um dos primeiros a sair da cela 9.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que horas vocês saíram da cela 9?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, a gente não tem base de horário...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - De manhã? A noite ainda?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A noite, a noite passou a noite inteira...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Era de madrugada.



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - com frio, com sede e fome.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E vocês foram para onde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pro pátio.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Nós fomos pro pátio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Todos nós. Portanto...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA Todos os 25?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Todo mundo, a cela ...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A cadeia toda... tava tudo estourado.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - A cela toda de cima.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Lá embaixo houve algum comentário sobre... Quando vocês desceram, vocês viram a cela 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, só olhei, só passei...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, tinha uma pá de fumaça.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Que tava o fogo pra fora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já estava tomada pelo fogo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Já.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tomada pelo fogo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O portão estava fechado ou estava aberto?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tava um tanto assim aberto.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Da cela 8 também?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Também estava aberta? E o fogo já tinha... estava alto...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, nem parei pra olhar, porque eles tavam com medo deles dá tiro na gente lá, ó se parasse eles tavam mandando correr.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ouviram algum grito na cela 8?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não na hora que eu acordei não. Depois que já tava dominado já, os policial lá que eu descí.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não ouviram tiros?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, ouvi foguete...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - De dentro da...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, de dentro pra fora eu vi

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não de dentro da cela, do corredor... do corredor da cela 8 e 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, aí eu não vi não. Na hora que eu acordei só tava só os policiais.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto tempo vocês ficaram no pátio?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A noite inteira.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - A noite toda depois que acabou lá em cima.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Era mais ou menos que horas que vocês desceram, 3 horas, 2 da manhã?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, eu acho que já era umas 3 horas, né? Umas 3 horas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês confirmam aqui que não havia nenhum preso da cela 9 armado de arma de fogo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Confirmo sim senhor.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu confirmo sim, senhor. Ninguém.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é o grau de segurança que a Comissão pode ter?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Toda. Da cela 9 ninguém, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estão dispostos a uma acareação?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tô sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Outras pessoas que disseram que viram arma?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tô disposto.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sim senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm informações sobre a existência de maus tratos na delegacia a presos, por parte da policia.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, e... como assim, senhor?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bater...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah isso é mais...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ...dá empurrão...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - ...é quando chega mesmo, né.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que que acontece quando chega?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, eles do jeito que tá eles bate mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bate aonde?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Em tudo quanto é lugar, eu mesmo tava com a perna machucada. Eles espancaram eu tudo quando eu cheguei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Chute?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Chute, pisão, chute na cabeça

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você fez alguma coisa?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quem eu? Não uai. Isso aí só me prenderam, deu voz de prisão fui preso, chegou lá eles me bateram, uai.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Além de você alguém mais foi torturado?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, muitos lá já foram espancados já. Portanto, só eles só de... Eles tiram a gente até dentro de cela pra apanhar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que hora que tiram?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, eles tiram assim, é.. quando eles tá nervoso, se você vai e fala alguma coisa que não agrada eles, eles vai e tira só um e desce o cacete no corredor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No corredor?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E bate de quê?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Chute, o que tiver na mão.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem conhecimento de quantos presos que já passaram por essa situação?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quando eu tava lá já tem uns dois.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você pode declinar o nome, dizer o nome dos dois?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah o nome deles eu não gravei não, porque eu conheço lá muito é por apelido, né, o Chock e outro lá eu esqueci o nome dele.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Chuck?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É o Chock.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual era a cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ele tava.. antes ele tava na 9, depois ele foi pra cela 11.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A droga, vocês têm conhecimento de existência de droga lá nas celas?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não, não uso droga não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas lá outros colega seus já usaram?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Lá também é muito difícil, lá é mais neguinho tranqüilo, mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nunca usaram arma também de fogo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E chucho?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Chucho tinha lá assim, mas eram separados, né?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eles prenderam lá os 3 que tinha.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Feito de quê?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - De.. da ... quando eu tinha jega ainda, só que eles quebrou tudo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando tinha o quê?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quando eu tinha as jega, a cama lá, que eles falam.. que tinha, aí eles foram quebrando aí ficou tudo no chão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas é de pau?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não é de...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, porque tem um ferro, né?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - De ferro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A cela de vocês tem quantas janelas?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tem duas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - dá para o fundo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não só pra frente da delegacia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tá. É possível entrar drogas, objeto armas pela janela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não. Não dá não, porque fica os polícia lá em frente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É impossível, né?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É impossível.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que vocês ouviram falar a respeito do que ocorreu na cela 8? Quem entrou com fogo, quem atirou, quem matou...?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso eu não escutei porque eu fiquei mais próximo do portão lá, né, na hora de descer eu fiquei mais próximo ao portão. Todo mundo pelado, com frio. Uns tava até dormindo no pátio sem nada lá ó.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu passo para outro Deputado. Mas considerando a V.Exa. que a gente precisaria, talvez, fazer uma conferência sobre os procedimentos, porque há muita contradição revelados aqui nessa audiência. E depois a gente senta para saber se a gente prolonga audiência, se faz acareação, com quem fez, porque as versões estão muito contraditórias. Mas eu passo a palavra a V.Exa. para continuar conduzindo a sessão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu, por prudência, nobre Relator, já solicitei a equipe que está acompanhando que solicitasse a presença do



delegado Wanderley e dos 4 agentes da Polícia Civil que estavam de plantão e que trocaram o plantão pra que possa estar aqui, e no final do depoimento, se houver necessidade, faremos uma acareação entre os dois depoentes e o delegados e mais os 4 agentes.

Com a palavra o Deputado Alexandre Silveira.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Tiago e Johny

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eu entendo que há realmente muitas contradições, inclusive ente os próprios detentos aqui, apesar de estar na presença dum do doutro. Vocês, pelo que percebi, sabem bem a gravidade e o artigo que os dois foram autuados?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Isso mesmo, senhor, como é que agente vai ser autuado numa cosia que a gente nem sabia? Levaram o papel pra assinar e viraram pra gente e falaram: vocês vão assinar. É muito fácil, a gente assina. Como que vai autuar 25 pessoas num homicídio que ... em várias... de 200 presos são inocentes, senhor?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pois é Johny, agora, repete pra nós, nós não temos pressa não. Repete pra nós o que que aconteceu nessa noite, na noite da tragédia lá, do princípio ao final

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Foi o que eu disse, senhor, eu dormi por volta da 9 h, acordei, a fumaça já tinha tomado a galeria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Normalmente a noite começa às 18h. Então, vamos fazer uma retrospectiva das 18 horas...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Que horas que foi ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - de quarta-feira até às ... até as... até a manhã de quinta-feira. Tudo que você lembra que aconteceu dentro do presídio a partir das 18 h de quarta-feira até a madrugada de quinta-feira

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na quarta-feira a gente ... sol normal. A única coisa de diferente que teve foi a geral...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Que horas?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A geral, a geral foi lá pras 6 horas, 18 horas a geral dos policiais, a única coisa de diferente. Cadeia normal,



sem gritaiada, sem nada, cadeia tranqüila. No outro dia, a mesma coisa. Aí no final da madrugada que teve esses problemas aí ó. Entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Conta pra nós o que que aconteceu durante a noite..

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Foi o que eu falei, meu senhor...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Foi uma noite, foi uma noite, você concorda comigo, foi uma noite de extrema movimentação na cadeia, uma noite atípica, onde aconteceu uma tragédia de repercussão internacional, que veio a vitimar 25 pessoas, você já tem consciência disso...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pois é, então aconteceu muito mais coisa do que isso, do que essa síntese, esse resumo que você está tentando fazer. Nós queremos ouvir e temos tempo para isso, ouvir o que aconteceu das 18h da noite anterior até a manhã do dia seguinte da noite...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O que eu sei é isso que eu tô dizendo ao senhor, que eu dormi às 9 horas da noite. Quando a gente acordamo já tava lotado de fumaça, a polícia já tava no corredor de frente onde é que é a cela 8, já tava tudo queimado, aí que agente saiu.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você acordou pela fumaça ou por algum barulho?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela fumaça, senhor, muita fumaça, muita fumaça

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Sem barulho nenhum?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Muita fumaça

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Começou a fumaça...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Porque onde, onde é o corredor...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A fumaça vinha de onde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A fumaça veio da 8, entendeu?



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então a fumaça vinha da 8 pra 9 e não tinha barulho na 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não tinha barulho.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não tinha barulho?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Veio só a fumaça sem barulho?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza, pelo menos eu não ouvi eu acordei com a fumaça

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O pessoal da 8, a cela 8 estaria sendo incendiada, a fumaça deu tempo dela chegar e quase sufocar vocês na cela 9...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza, e portanto,...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - e, portanto, ninguém da 8 estava gritando, estava pedindo socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, quando a gente acordamo...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu mesmo não cheguei a escutar, não, senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - O senhor não ouviu gritos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não ouvi.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você não ouviu gritos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, na hora...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não ouvi.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - ...que eu acordei, não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só ouvi a negociações dos presos com os policiais falando que eles iam se entregar, entendeu, meu senhor

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não, mas é... vocês foram acordados pela fumaça?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela fumaça.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Deixa só um responder, só o Johny, por favor, por enquanto.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela fumaça

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pela fumaça?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela fumaça

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí você viu a fumaça, a fumaça começou a sufocar vocês, vocês acordaram?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Aí... aquele.. né, todo mundo assustado, o que que tava acontecendo, que tava acontecendo, a gente levantou rápido..

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí vocês não gritaram?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na hora a gente ficou doído...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pediram socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na hora, com certeza, uai.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês gritaram pedindo socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É claro, aí, a fumaça tava dominando a cadeia matando todo mundo aí.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês gritaram aonde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela ventana, né, onde é que sai o ar.. é tipo duas janelas (*ininteligível*) de fora a gente gritando

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês foram pra lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Claro aí, pro fundo da cela aí, tava tudo...pra mim tava incendiando tudo...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E começaram a pedir socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É claro aí. Aí foi aonde que já tava os... aí os policiais já (*ininteligível*)

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E o incêndio estava na outra cela?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na outra cela

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E lá eles não pediam socorro?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Lá, lá não deu pra ouvir.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não deu pra ouvir, mas a cela é ao lado da outra.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Lá eles deviam tá morto todo mundo, lá eles deviam tá morto todo mundo aí. Se a gente que estava nas celas vizinhas a gente não tava agüentando, imagina quem tava lá dentro, o senhor entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você presume que já tava todo mundo morto lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, com certeza

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês dormiam na cela 9?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E depois?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Aí depois a gente já foi se entregando aí

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não, mas quem abriu o cadeado pra vocês saírem?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah eu não vi. O cadeado já tava tudo...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E depois?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Aí depois disso a gente já foi se entregando.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não, mas quem abriu o cadeado pra você sair?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, eu não vi. O cadeado já estava tudo estourado.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Como estourado? Você acabou de dizer que o incêndio estava vindo de lá, que você acha que eles estavam mortos lá.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Mas quando a gente acordamos, senhor, a cadeia toda já estava toda estourada.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aí você viu os policiais dando tiro lá de fora?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza. Os policiais gritando, falando que era pra parar, que...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas, então houve a negociação com os policiais?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Houve, porque eles mandou a gente sair...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quem negociou?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, eu não sei. Já estava mandando sair.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mandando sair... Quem abriu pra vocês saírem? A cela é grade.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, já estava aberto. A porta..., já estava tudo estourado.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Estava aberto e vocês não foram para o corredor?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Nós ficamos no fundo da cela. O corredor estava infestado de fumaça, o senhor entendeu?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A cela estava aberta?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Estava aberta. Todas as celas abertas. Todas, todas estouradas.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas não tinha ninguém no corredor?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, tinha com certeza. Duzentos presos, meu senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Tinha...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tinha gente desesperada...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Na hora que vocês acordaram e tinha fumaça... Vocês acordaram sendo sufocados?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza. A maioria...



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A cela não estava aberta, senão vocês tinham saído?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Muita gente... Quem estava no corredor não agüentava ficar, não, senhor. Era muita fumaça.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você não entendeu. Vamos relembrar. Vamos relembrar. E eu faço questão de relembrar a vocês pra dar uma oportunidade de vocês não se complicarem mais. Vocês fizeram juramento...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Estão sob juramento e este depoimento, pelo que eu estou vendo, provavelmente, se continuar com tantas contradições... Apesar que vamos apurar as contradições de um lado e de outro, mas se continuar com todas as contradições, vocês vão complicar mais ainda a situação de vocês. Então, é bom eu relembrar isso pra que vocês não compliquem mais a situação de vocês, que não é o nosso intuito aqui. O nosso intuito, como os Deputados já disseram, não era, a princípio, até surgir esse fato, essa tragédia aqui em Ponte Nova, não era nem pra poder estar aqui em Ponte Nova. Nós íamos fazer... O intuito da CPI é fazer um diagnóstico da questão, da política carcerária no Brasil e apresentar soluções para a sociedade, perfeito? Criar políticas de ressocialização. Portanto, dar a vocês uma condição melhor de cumprirem as suas penas e voltarem reintegrados para a sociedade. Esse é o intuito da CPI e não complicar a vida de vocês. Perfeito? Mas eu gostaria de relembrar que vocês estão sob juramento. Perfeito?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Sim senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E podem complicar a vida de vocês. Então, quando você acordou tinha fumaça dentro da cela, vocês estavam sendo sufocados, mas nenhum dos presos saiu para o corredor — dessa cela... Você falou que todo o mundo foi pra o...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dessa cela... Pelo menos quem estava comigo... Não dava pra ver quem era quem, meu senhor. Estava tudo...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas vocês falou que foi todo o mundo para...



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A maioria que estava na cela foi tudo para o fundo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Para o fundo?

PRESO - Para o fundo da cela, procurar ar pra respirar.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Não deu pra notar se a cela estava aberta?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não deu pra notar... Se tinha... A cela estava aberta, com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Estavam estourados os cadeados?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Estavam estourados os cadeados do pavilhão...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E estourado o cadeado da sua cela, você não sabe se ele foi aberto...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não vi isso.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ele estava estourado, ele não estava aberto com chave?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, estourado com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você viu o cadeado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, o cadeado já não estava...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Como é que você sabe que ele estava estourado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, com certeza. Ele não estava lá mais lá, só estava a parte de cima, tirado assim.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas como é que você sabe se ele foi estourado ou foi aberto com chave?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pela forma que estava lá. Deve ser estourado. Mas não deu pra...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Que forma?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu não fiquei olhando o cadeado.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas você falou que ele estava estourado.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só vi a parte de cima, que tranca. A parte de baixo estava caída para o chão, na hora que a gente saiu.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A parte de cima estava dependurada?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Estava.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então, ele foi estourado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E vocês não ouviram o barulho de estourar o cadeado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, onde a gente dorme... A cela é grande. Eu estava para o fundo. Onde eu durmo é no fundo da cela.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Nós vimos a cela lá. Nós vimos a cela lá. A cela é de vinte e poucos metros quadrados. Não é isso mesmo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É.

TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu posso fazer uma pergunta, senhor? O senhor contou os colchões de lá?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Só um minutinho. Vocês correram para o fundo da cela e pediram socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E depois?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Aí depois a polícia já mandou sair de 2 a 2 e a gente já saiu.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quanto tempo mais ou menos foi entre o princípio aí da... Entre você acordar e sair para o pátio?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, não tenho noção, não. De quanto tempo, assim, não tenho, não. Sei que a gente estava muito desesperado, o senhor entendeu? E aquela barulhada de fogos de artifício, de tiro.



Uns com medo de sair e com medo de tomar tiro. Com medo da polícia não achar que estava entregando. Aí a gente foi saindo de dois a dois, cabeça baixo. Aí chegamos, tiramos a roupa e descemos para o pátio. Aí já descemos no pátio.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - No princípio do incêndio, quando você acordou sufocado pela fumaça, você não ouviu estampido? Não tinha estampido?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quando começou o estampido?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - De tiro?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - De tiro.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na hora que eu acordei já estavam dando uns tiros de fogos de artifício.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Fogos de artifício?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É, fogos de artifício. Aí depois já começaram a dar tiro de 12.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Como é que você sabe que é fogo de artifício?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Porque dá pra ver. Da onde que a cela da gente, da ventada, onde é que a gente estava procurando ar, jogando os fogos de artifício pra dentro. Apontando com a mão os policiais.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - De onde?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Da guarita.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Da guarita?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Da guarita dos policiais.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Do lado de fora do...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Do lado de fora, jogando pra dentro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Da guarita em cima do presídio?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, lá não é em cima do presídio. Lá é de lado. Vamos supor, o presídio está aqui, é por fora, assim.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Policial civil ou militar?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Militar e civil. Está lotado. Não dava pra ver se era militar ou civil. Estava lotado. Dava pra você ver os braços soltando os fogos de artifício. Não dava pra enxergar o rosto. Então, a gente estava todo o mundo sufocando com a fumaça. A gente queria o ar e não podia enxergar por causa dos fogos de artifício. A gente ficamos desesperados, Nossa Senhora!

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E eles lá, do lado de fora.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Do lado de fora.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E quem negociava com eles?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não sei, não senhor. Isso aí não dava... Tinha muita fumaça. Era muitos presos. Era quase 200 presos. Não dava pra gente reconhecer uns aos outros assim, de perto. De uma distância como daqui ao senhor, não via o senhor, nunca. Era muita fumaça.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês saíram pra ir para o pátio despidos?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Chegamos perto deles, mandaram a gente tirar a roupa e fomos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês chegaram perto de quem?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dos policiais. Eles mandaram tirar a roupa.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Perto deles? Eles entraram ou vocês saíram?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, a gente só saiu.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eles estavam onde esperando vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na entrada do pavilhão, pra entrar pra dentro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Eles não chegaram a adentrar aquela primeira grade, não?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não. Não chegaram a invadir, não, senhor.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Esperaram vocês lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Esperaram a gente sair.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então isso demorou muito?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pra gente sair? *(Pausa.)*

Não, não tenho noção de quantas horas, de quantos minutos que demorou pra tirar.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quando vocês passaram... Vocês saíram da cela 9. Quando vocês passaram em frente à cela 8, o incêndio já estava debelado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O calor era tanto que não deu pra olhar, não, porque mandaram sair de cabeça baixa, mão na cabeça, olhando pra baixo. Ninguém nem olhou...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas eles estavam do lado de fora.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Quem?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Os policiais.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza, mas é perto assim. O portão assim... "Abaixa a cabeça, abaixa a cabeça, mão na cabeça". Aí a gente pôs a mão na cabeça e fomos saindo de um a um.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Nenhum dos dois olharam para a cela 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, o calor do fogo... Eu, pelo menos...

TIAGO DE LIMA MIGUEL - Estava muito calor. O fogo... Estava muito calor e os policial tudo apontando arma, mandando nós descer correndo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Estava aberta a porta da cela 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Estava.

TIAGO DE LIMA MIGUEL - Estava sim.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Maria do Carmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Eu acho que nós estamos chegando... Nós chegamos à noite achando que ia... Nós não estamos aqui pra fazer apuração. Temos esse papel, mas pra fazer a apuração do sistema carcerário,



como já foi dito, mas nós estamos mais confusos do que quando iniciamos. Cada depoimento a gente vê uma informação. Acho, mais do que nunca, que cabe à CPI trabalhar a fundo pra esclarecer para a sociedade de Ponte Nova, contribuir com as autoridades. Eu acho que esse é o nosso papel. Eu acho que, mais do que nunca, nós temos autoridades aqui do Governo do Estado, autoridades do Município e, nós precisamos de contar com vocês apurando isso com a maior atenção, para que possamos também... Tenho certeza de que vocês querem a verdade tanto quanto nós e quanto os familiares que estão aqui pra saber o que aconteceu. Eu queria perguntar pra vocês... O Johny, algum momento vocês ouviram grito de pedido de socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A não ser o nosso?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Não. Vocês ouviram em algum momento, algum horário, grito de pedido de socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Quem estava dentro da cela 9 gritava socorro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A cela 9 gritou por socorro?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Socorro, gritou.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Fora da cela 9, algum outro lugar...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Era vários gritos, vários "socorro". Não dava pra... A cela 9 é afastada. É a cela mais afastada.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É a primeira cela do lado de cá.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Primeiro é a 8, depois vem um portão grandão, separando, aí é a cela. A mais reservada que tem é a 9.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Entre a 8 e a 9 não tem só uma parede separando?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É, mas a parede é grandona.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mesmo que essa parede seja grossa, mas entre a cela 8 e a cela 9 tem um portão, no corredor?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Justamente.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas as duas celas são separadas por uma parede?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Separadas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Se você está na 9, se você bater na parede você comunica com a 8, fala? Bater, fazer qualquer batida?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, bater assim com a mão... Eu acho que com um pedaço de ferro deve ouvir do outro lado.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você comunica, da sua cela... Independente do dia lá, entre a cela 8 e a cela 9, há possibilidade de vocês fazerem comunicação? Bater, falar, alguma coisa?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É normal. Normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês faziam isso?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normal, como todas as celas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Como é que era isso? No dia-a-dia, fora do dia.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normal. Vamos supor. Você precisava: "Ô, fulano, você tem um papel pra me adiantar aí?" Mandava normalmente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Está. Mas aí vocês falavam e ouviam ou era batido?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Falava e ouvia. Era gritado.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Entre uma cela e outra, vocês falavam e eram ouvidos?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ouvido, normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Tá, mas aí vocês falavam e ouviam, ou era batido?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Falava e ouvia. Era gritado.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Entre uma cela e outra, vocês falavam e eram ouvidos.



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ouvia, normalmente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E tinha resposta, trocavam papel, às vezes alimentação.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normal. Portanto, igual está posto, se alguém escutou alguma coisa, ouviu alguma coisa, dá para ouvir tudo entre o pavilhão. Se a cela 8 tivesse ouvido qualquer coisa, eles tinham ouvido também.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Na cela 12, porque a 8, a 9, a 10, a 12, que vai junto, vocês se comunicavam também com as outras?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Comunica normalmente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Sim, presos lá dentro,...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Preso lá dentro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ... não é no corredor, porque no corredor e no pátio...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Presos lá dentro. De uma cela para outra dá para comunicar, dá para ver uns aos outros.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Falando alto, chegar na porta.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É, e gritando lá.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês faziam isso no dia-a-dia?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normal. Era normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você fazia isso, Tiago? Comunicava com outra cela, chamava pelo nome, falava? E nesse dia, no dia...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ... que vocês tiveram a revista, às 18h, depois que terminou a revista, vocês comunicaram com a cela 8, falaram alguma coisa?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Disseram...



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Fiquei normal, a gente ficou normal, tipo que nem tem muitos, a gente ficou normal, tipo que nem tem muitos albergados vão muitas famílias que mandam lençol, alguma coisa assim. Normal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Pois é, mas...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi tudo normal. Depois que deu 10 horas, todo mundo tampa, fecha a cambraia e vai dormir.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E depois das 18h na quarta-feira vocês sofreram uma revista...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ...depois dessa revista, vocês fizeram alguma comunicação com a 8, ou com a outra cela, depois da revista, que deve ter sido 18h30min, por aí?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi normal, tipo algumas lá foi normal, porque pede cigarro para a outra cela, outro pede outra coisa.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas vocês conversaram entre vocês.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Conversamos.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Depois dessa revista que teve na cela.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Nós ficou perguntando um para o outro: será que aconteceu só aqui? Perguntando porque que eles deram revista só lá, entendeu?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês ficaram sabendo que tinha mortos na cela 8? Quando estava lá... Que horas que vocês ficaram sabendo que tinha gente morto lá?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu fiquei sabendo depois que os policiais passou e falou com nós. Os policiais que passou na passarela e falou com nós.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Passou na passarela que horas, antes de vocês descerem? Como é que é?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, nós já estávamos há muito tempo lá embaixo já sentado já.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas quando vocês saíram, vocês não sentiram cheiro de queimado, cheiro de cabelo queimado, cheiro...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, era muito, colchão, o cheiro do colchão estava muito forte e...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês saíram de cabeça baixa, então, passou pela cela 8.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Passamos, a fumaça também tinha dominado a 9 também.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Aonde tinha as pessoas mortas.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês não sentiram cheiro nenhum de carne queimada, de cabelo...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Porque normalmente com o fogo do tamanho que foi, com o evento que teve, com o que aconteceu, com vários corpos queimados, ou sendo queimados — não sei o horário que vocês saíram e o horário que aconteceu — vocês não chegaram a perceber cheiro, alguma coisa?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Lá no pátio depois é que veio o cheiro, porque lá em cima lá o cheiro do colchão já tampou o nariz já.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês, lá onde vocês estavam, vocês perceberam em algum momento alguma conversa de vingança, de traição de um colega com outro, entre vocês? Teve algum dia anterior a essa tragédia que teve alguma conversa de traição, de vingança, de alguma disputa dentro da cadeia, como um todo, independente de qual cela, assim, teve alguma fofoca que chegou lá, alguma conversa — fofoca no sentido de ouviu dizer, ouviu falar, nesse sentido.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Lá onde eu fiquei lá eu não escutei muito porque eu fiquei mais próximo ao portão, né?



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Não, não estou falando no dia, falo antes, na semana, nos dias antes, se tinha alguma conversa de vingança, de traição.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - De nós, não, porque ninguém nunca falou nada.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - O pessoal da cela 8 é conhecido de vocês os que morreram?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Teve muitos ali que eram, porque os doentes, sempre nós tirávamos visita juntos também, né?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Tiravam visita é porque os familiares viriam?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Viriam.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você já recebeu, Tiago, Johny, você já recebeu, ou já pediu para a sua família levar dinheiro para vocês lá dentro?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, nunca.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A sua família já levou dinheiro para vocês?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês pediram para levar dinheiro, alguma coisa?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na delegacia agora não deixa entrar dinheiro não. Nessa cadeia não deixa entrar dinheiro mais não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Em outras cadeias já teve isso?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Também não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É a primeira vez que eu sou preso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A maioria das pessoas que estavam na sala tinham a idade de vocês?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, varia, varia, varia. Tinha gente mais velho. Varia.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, tinha gente mais idoso.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quando vocês falaram que vocês sofreram a revista, vocês disseram que a revista foi feita por policiais civis da Polícia Civil, certo? Não tinha nenhum militar?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não tinha.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E depois, à noite, quando aconteceu tudo que vocês falaram, quem que mandou vocês descerem foi... Quem estava lá, os policiais civis, os policiais militares.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - O que estava na frente era civil.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E tinha policial militar?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tinha em volta da cadeia, né? E tinha uns encapuzados e não dava para ver quem que era.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Está. Do dia-a-dia, qual que era a convivência na cadeia aqui, de Ponte Nova. No dia-a-dia de vocês qual que era o nível de convivência? Era um nível mais tranqüilo, era um nível agitado, de vocês internamente, de vocês com os policiais que estavam prestando serviços.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tranqüilo.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Por último, agora estava tranqüilo, não é?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Estava tranqüilo.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Estava tranqüilo, cadeia normal, no dia-a-dia.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês tinham alimentação todos os dias?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Tinha.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, todos os dias. Isso aí todos os dias.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Alguma coisa que os familiares de vocês levavam chegavam até vocês?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Eles cortaram muita coisa lá, não é?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas cortaram, aí não entravam, também.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não, não. Não entravam.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas alguma coisa...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Então, não entravam, mas muitas coisas levaram e não deixaram passar, sumia, depois dava sumiço.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Os familiares eram revistados, entravam algumas coisas, e chegavam lá não chegavam na mão de vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Que eu me lembre rapidamente, não .

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês sabem o que é que é, a síntese daí?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, mas para muitos, para mim mesmo não, mas muitos lá já. Porque o que já entrou já sumiu de lá. Sumiu na vida.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas o que por exemplo?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah! Muitas coisas: creme, cigarro. Tem uma família que manda um pacote de cigarros, vem faltando 3, 4.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Isso é sempre comum?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah! raramente tem isso aí.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Agora, eu queria também dizer para vocês o que o Deputado Alexandre Silveira já disse, o Deputado Neucimar Fraga. Nós estamos diante, como é a maioria que a gente sabe e conhece de pessoas da idade de vocês, nós ouvimos, também 2 senhoras, antes de vocês, nós estamos chamando de senhoras, mas eram jovens, nós estamos ouvindo 2 jovens, que eu não sei se vocês têm idéia de querer sair da cadeia e construir a vida de vocês, não sei o que é que vocês pensam.



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A gente não deve pagar uma coisa que a gente não fez. Com certeza, a gente quer ir embora. Eu, principalmente.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu, também.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Agora, eu quero... Diante disso tudo, nós estamos ouvindo, está muito truncado as coisas, entendeu? Então, a contribuição de vocês para ajudar a esclarecer, porque aí nós não vamos resolver só o problema de Ponte Nova. Não é isso. Nós queremos e tenho certeza que nós, enquanto Deputados queremos, tenho certeza que o Governo do Estado deve querer como o responsável pela questão aqui. Não é não? O Governo do Estado é responsável em cada Estado pela questão carcerária. Não é só aqui em Minas. Quer resolver, quer dizer, é uma contribuição de vocês para dizer o que aconteceu realmente. É muito importante para vocês, é muito importante para nós, que estamos fazendo esse levantamento, é importante para os familiares de vocês. Porque nós queremos com isso contribuir para criar uma nova mentalidade, uma nova maneira. Não é fácil, não é do dia para a noite que se resolve isso, não. Isso não é uma coisa que se resolve nem nós queremos. Nós não vamos fazer milagre. Mas a contribuição de vocês é muito importante. Então, se o que vocês estão dizendo é isso mesmo, vocês reafirmam tudo o que vocês disserem aqui para os Deputados?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês dizem que não houve, a cela 9 não foi estourada por vocês, por vocês que eu falo, por algum que estava preso lá, não precisa ser por vocês dois, por um colega de vocês e que partiu da cela 9 uma briga com relação à cela 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Que não tinha arma ou que tinha arma na cela 9, e que da cela 9 partiu tiro para a cela 8?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhora.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, da 9 não saiu nada, não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês reafirmam que não tinha arma na cela 9?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Reafirmamos.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Reafirmou.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E que a cela 9 não atacou a cela 8, de maneira nenhuma...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É verdade.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ... nem por arma, nem brigou, nem xingou,...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ... nem criou um clima de rivalidade?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês reafirmam isso?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Eu reafirmo, senhora.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu, também.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Está. Obrigada.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Johnny?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Senhor?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você está em qual cadeia hoje?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Agora, eu estou em Contagem. Até esqueci o nome da cadeia. É penitenciária, como é que ela chama? *(Pausa.)* Nelson Hungria.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É. Na quarta-feira ela manhã, vocês tiveram no banho de sol.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Tivemos um banho de sol.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Tiveram banho de sol. Saíram todos os presos da cela 9, ou saíram todos os presos de todas as celas para o banho de sol?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Tiravam só, juntos, a 9, a 10 e a 11.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A 9, a 10 e a 11 tirava...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Só juntos.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Porque que a 9, a 10 e a 11 tiravam o sol juntos?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Isso é o delegado que pôs. Antigamente tiravam todos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - A 8 não tirou, não fez o banho de sol na quarta-feira?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Há um tempo atrás, a 8 estava descendo com a gente. A 8, a 9, a 10 e a 11.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Na quarta-feira o banho de sol foi a cela 9, 10 e 11.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dez e 11.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Toda a saída de banho de sol tem uma revista. Vocês foram revistados?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse dia?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nesse dia, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nenhuma cela foi revistada?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Nenhuma. Que eu me lembre, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, normalmente, toda a vez que tem um banho de sol tem uma revista.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A maioria, toda a semana tem revista na cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse dia, não teve?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não teve. Principalmente mais na cela 9, 10 e na 11, que têm mais revistas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas nesse dia não teve revista no banho de sol.



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com a (*ininteligível*) e o banho de sol eu não me lembro de ter visto, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você lembra, Tiago?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Lembro. Não teve, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não teve?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na sexta passada é que teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na sexta passada teve...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... revista após o banho de sol?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, o próximo banho de sol foi na quarta-feira.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não teve revista?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - a revista foi só à noite?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só à noite, na parte da noite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nas salas 9, 10 e 11.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, só na 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah!, só na 9, à noite?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Só na 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque eu pensei que ele tivesse esquecido, conforme vocês falaram, da revista de manhã, lembrou de tarde e foi lá dar a revista.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Mas foi só em nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah!, foi só em vocês.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Quando nós desce para o banho de sol, na parte da manhã, ele só entra na cela e olha e sai normal. Agora, nesse dia foi umas 6 horas, acho que 5 e meia, 6 horas que eles foram à noite. Chegaram tudo nervoso já, mandando nós sair da cela.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam o delegado mais 5 agentes.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É. Primeiro chegou os 5 policiais civil, depois que veio o delegado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles estavam armados, de arma em punho? Como é que é?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Quem? Eles estavam tudo de colete e arma na mão, ué!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E aí, depois, chegou o delegado.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Depois chegou o delegado e olhou lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Isso foi na terça-feira.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na quarta.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na quarta-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Bom, na terça ou na quarta?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na quarta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foi na terça não, Tiago?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Quarta-feira. No dia do banho do sol.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL GABRIEL - Foi no dia do banho de sol. Que nós não tomou geral, de manhã, que eles vieram à tarde.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, foi na quarta-feira mesmo.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na quarta-feira, um dia antes do acontecimento.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas lá tem banho de sol...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Quarta-feira e sexta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na terça não tem banho de sol, não?



O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Terça é de visita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu pensei que fosse na terça o banho de sol.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Lá, terça-feira é visita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na terça era visita?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na terça, era visita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Normal?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normalmente, todos os presos desceram.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Normal. Todos os presos desceu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E na quarta vocês acordaram. Que hora que foi o banho de sol de vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O banho de sol da gente é na volta de 10h30.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dez e meia até que horas?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Dez e meia. É 1 hora. Até 11h30, 11h, no máximo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí vocês vieram direto para o almoço, depois? Como é que é?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Viemos direto para o almoço.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Viemos. Subimos normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês almoçam na cela ou tem um refeitório lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na cela.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Na cela.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Na cela.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois do almoço todo mundo dá uma cochilada.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Normal.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normalmente. Rotina normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quando foi 6 horas...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Cadeia normal (*ininteligível.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... chegaram 5 agentes para dar uma baculejo.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Foi no dia que deu o baculejo. Mandou sair: "*Sai, sai, sai, sai rápido, tira camisa*". Tiramos a camisa e deram a geral. Tudo tranqüilo. O delegado chegou, entrou dentro da cela, olhou e ainda pegou até num artesanato lá, tinha perguntado quem fazia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o artesanato que era, você lembra?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Um artesanato, um patinho de papel, de cartolina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem que fazia esse patinho lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ele que faz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você gosta de fazer arte, Tiago? (*Risos.*) Mas arte plástica ou arte em casa...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... também, você fazia, na rua, ou como é que é?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, quando eu morava em São Paulo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nas ruas.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - ... eu fazia, não é? Aqui, também, eu fiz um pouco, depois parei.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você fazia arte dos 2 jeitos, então? (*Risos.*)

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não é nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É. Bom, nós queríamos...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, ainda tem mais um esclarecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois não, Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria ratificar o mesmo apelo dos demais membros da Comissão, tanto para o Tiago quanto para o Johny. Vocês aqui estão numa situação diferente da dos demais, vocês estão presos, você está condenado. Aparentemente, pode parecer que você não tem mais nada a perder, mas a gente gostaria que vocês falassem, primeiro, a verdade. E, segundo, vocês podem ajudar a esclarecer esse fato, que é muito grave para o País. Eu pergunto para você: você conheceu o Biju?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Se eu conhecia?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Conhecia Biju?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Há muito tempo antes de eu ir embora para São Paulo, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dentro da cadeia ou fora?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, nem lembrava em pensar em cadeia ainda, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah! Há quanto tempo você... Qual foi a última vez que você falou com o Biju?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, tem muito tempo. Porque ele passou lá, aí ele ficou na cela 11 lá e depois foi de bonde, também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você conhecia o Biju?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Fui conhecer mesmo, conversar, dentro da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Está certo.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ele ficou lá há pouco tempo, foi de bonde e só.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Biju é uma pessoa extremamente perigosa? (*Risos.*)

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Para mim, não tem perigo algum, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - No normal. Nunca vi falar mal dele não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, mas ele... Você o conheceu ele antes da, na liberdade, fora da cadeia, não é isso?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, quando era... Depois que eu vim de São Paulo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. Sim, mas vocês eram livres, ninguém tinha punição nenhuma.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você conheceu ele na cadeia?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É. Depois eu conversei... A última vez que eu conversei com ele foi lá e, depois, ele foi de bonde, transferido.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Havia algum comentário na cela 9 sobre o Biju?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando vocês se encontravam no banho de sol com os demais presos, havia algum comentário de que ele era uma pessoa perigosa...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Ele jogava bola normal lá. Jogava a bola dele normal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o Chavinho?

(*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Clevinho? Você conhecia o Clevinho?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Conheci depois que eu vim de São Paulo para cá, que eu vi ele lá no Morro de São Pedro lá, não é?



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No morro?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você conheceu ele dentro da cadeia também?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Conheci porque, quando ele veio preso, ele ficou na mesma cela que eu lá embaixo, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando você chegou ele já estava?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Quando ele chegou eu estava lá embaixo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. Então, ele chegou depois de você.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Chegou depois de mim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe se antes de você chegar ele já havia estado antes na cadeia?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, ele já teve uma passagem lá já, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você conhecia ele?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Conhecia ele de vista, mas eu fui conversar com ele na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é a imagem que circula dele? É uma pessoa extremamente perigosa?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normal, normal. A mesma coisa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe se tinha rivalidade entre o Biju e o...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não tinha conhecimento entre os 2 assim... Não tinha contato com eles assim para saber se tinha rivalidade.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tinha conhecimento?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Também não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem por ouvir dizer, na cadeia?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não. Portanto que os 2 ficou na mesma cadeia lá e não teve problema nenhum, não é?



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando foi que eles ficaram os 2 juntos?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, ficou na mesma cadeia assim.... Ele ficou lá em cima, e o Clevinho lá embaixo. Só que no banho de sol normal. Nunca agrediram um ao outro, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah!, vocês já falaram que na quarta-feira, pela manhã, para o banho de sol, saíram a cela 9, a 10...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - E a 11.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E a 11. A 8 não desceu?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - A 8 não desce não.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. A 8 eles vai separado, não é? Três celas por cada vez.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É 3, 8 e 12.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sempre foi assim?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não. Era tudo junto. Depois que o delegado separou.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Antigamente, até os menores tiravam sol com os maiores antigamente. Agora que mudou tudo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você se lembra a última vez que a cela 8 tomou banho de sol com a cela 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, tem bastante tempo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O quê? 1 mês? 2 meses?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, tem uns 3 mês. Depois que eles subiram lá para cima lá que parou, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vou fazer uma pergunta para vocês e gostaria que vocês falassem com sinceridade. Quando vocês acordaram... Porque vocês já falaram que, ao acordarem, a cela já estava tomada por fumaça, não é isso?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Justamente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Era muito intensa a fumaça?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Era. Estava prejudicando muito.



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Muito.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas dava para ver quem estava dentro da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não dava.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Não dava. Uma distância daqui no senhor. Não dava para ver... Não estava dando para nada, senhor.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Uns estavam molhando a toalha e colocando no rosto porque não estavam agüentando respirar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas estava cheia a ...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Estava cheia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês acham que estavam todos os 25 ali?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu não tenho certeza. A gente... Eu, pelo menos, não posso afirmar ao senhor, não.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não posso afirmar porque eu não vi, não é, senhor? Fiquei lá no canto, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas esse cheio que vocês falaram, dava 15, 20, 10?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Ah, estava bastante movimentado. Tipo no canto, gritando, não é?, e abaixando... Caiu até um... Essas bombas de foguete caiu lá dentro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vou fazer uma outra pergunta. Em qualquer grupo há sempre um que se destaca, e não é diferente para quem está preso. Havia algum de vocês lá que assumiu uma liderança em relação aos outros? Que liderava?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Diga-me outra coisa: quem mandou vocês saírem de dentro da cela 9?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Os polícia.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Onde é que estava a Polícia?
Estava na porta da cela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, nós gritou do corredor: *“sai todo mundo pelado”*.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, a Polícia não entrou no corredor?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não. Não chegou entrar para dentro da cadeia, não.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, mas tipo perto da 8 ali, ó.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eles estavam na passarela?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Lá do outro lado?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, dentro do corredor.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Tinha uns policiais na passarela e já tinha na porta e na entrada para dentro do pavilhão.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Naquele portão que entra para 8, ali, ó.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. Eles estavam próximos da 8 ou próximos da 9?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Próximo da 8.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Próximo da 8.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, estavam próximos da entrada?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pedindo para sair.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - De lá eles gritaram para vocês saírem?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pediram para sair.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, o portão estava aberto?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Estava. Eles abriram.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não. Aquele portãozinho que dá para a 8 já estava aberto?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Também já estava aberto.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Diga-me: vocês têm informação....
O Chavinho...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Clevinho, desculpa, tinha alguma raiva, algum litígio com algum policial?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem informação?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, tem não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm informação se tinha algum policial que não gostava de alguém na cela n.º 8?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Não, não. Também não.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Um aparte, nobre Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando vocês, na quarta-feira à noite, foram retirados da cela, vocês saíram todos sem camisa, correto?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Pediram para tirar a camisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você ficaram em qual corredor?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - No da 11 a 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aquele corredor da direita. Quem entra no sistema faz o L e vira à direita?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - O que faz o L para o sistema.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês ficaram todos no corredor de 11 a 12?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Justamente.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, com certeza, os presos da 11 e 12 viram vocês ali no corredor sendo revistados?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Viram.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Viram, viram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Durante a revista, vocês conversaram com algum preso da 11, 12, assim?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Nós ficou lá pedindo tipo...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Normal.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - ... água para nós beber."

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Para o pessoal das outras celas?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quer dizer, daqui têm amizade, conversam, não é?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, os outros presos da cela 11 e 12 viram vocês no corredor nesse horário?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Viram.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Viram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês acham que se nós trouxermos uns presos aqui das celas 10, 11 e 12 eles vão confirmar que viram vocês no corredor?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Confirmam.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - No dia do geral?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No dia do geral.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Será que eles não vão amarelar não?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Amarelam não. Por quê?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Se for para dizer a verdade igual a gente está dizendo, eles vão falar a verdade, não é? Pode trazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, se trazer uns presos das celas 10, 11 e 12 aqui...

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Dez, 11 e 12, confirmam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não tinha como vocês ficarem lá no corredor sem eles verem vocês?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque, com certeza, conversa, algazarra...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza, com certeza. O senhor pode trazer qualquer um.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...contar alguma história...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Perguntar o que está acontecendo. Com certeza. Isso é com certeza. Pode trazer qualquer preso da 10, da 11 e da 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Será que se trazer o delegado ele aqui vai falar também que esteve na sala lá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, vamos pedir para o delegado vir aqui, Relator. Convidar o Delegado Wanderley e os agentes penitenciários que estavam de plantão e que largaram o plantão naquele dia para que possam entrar. Nós vamos fazer uma acareação aqui neste momento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu perguntaria ainda a vocês 2, aos 2: se tivesse havido ou havendo tiros no corredor da sala 9 para a sala 8 — 2, 3, 4, 5 tiros —, era suficiente para vocês acordarem?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Era, com certeza.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Dali era, porque dava o eco, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês não ouviram tiro algum?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Mas para dar tiro, se fosse o caso de dar tiro, não dava para atirar de dentro de uma cela para outra. Tem que sair para o corredor e ir lá na porta da 8, entendeu?



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, eu pergunto o seguinte: alguém, saindo da cela 9, que é próxima, se desse um tiro no meio do caminho, entre a 9 e a 10, ou mesmo bem na porta da 9, dava para vocês terem acordado com a zoadá?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, estava muito barulho, senhor. Estava confundindo muito...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, independente do que vocês descreveram, que a polícia já...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah! Dava. Com certeza dava para ouvir.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Com certeza, não é?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza dava para ouvir.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, antes que entrem os delegados, eu queria só pedir ao Dr. Genilson — só para anotar para não esquecermos —, porque o Johny está firmando que já cumpriu a sua pena, se o Estado pode providenciar um advogado urgentemente para fazer valer a sua liberdade, se é que será confirmada a liberdade do Johny.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, nós queremos pedir à Assessoria da Comissão que convide o Delegado Wanderley e os agentes que nós convidamos para estarem conosco aqui para que possam entrar no recinto e nós possamos fazer uma breve acareação.

Quero pedir que afastem os 2 um pouquinho só para trás. Se pudessem desocupar essas cadeiras aqui, umas 4 cadeiras, só para o delegado sentar aqui. Coloque eles no canto, nas 2 cadeiras do canto.

Só o Delegado e os agentes que estiverem aqui. Se não estiverem todos, os que estiverem. Nós não podemos deixar dúvida a respeito de parte do depoimento que foi prestado aqui. É um fato novo que foi revelado aqui, que não tinha chegado ao nosso conhecimento durante todo o depoimento, inclusive dos próprios delegados, então, nós não podemos deixar que nenhuma dúvida paire sobre esses fatos, para o bem da verdade, que nós viemos buscar nesta Comissão.



Solicito à Assessoria que convide o Delegado Wanderley mais os agentes, o Maurício... *(Pausa prolongada.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os agentes que já prestaram depoimento, eles pediram para identificar. Pode ser aqui. O Delegado Wanderley também. *(Pausa.)* Só para tirarmos uma dúvida aqui, Dr. Wanderley. *(Pausa.)* Maurício Alvim. Marco Aurélio já está aí? Nós temos mais 2 agentes, Dr. Wanderley, que trabalham lá também na Civil. Quem são os 2?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Como? Eles estão aí? Pode convidá-los para estar conosco aqui?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queria que fosse providenciado um microfone para o Dr. Wanderley. *(Pausa.)* O Antero está aí?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Se estiver também, gostaria que ele estivesse aqui.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não está aí não? Marco Aurélio? Queria que providenciasse um microfone ali para ele. Não sei se tem mais algum microfone. Está ali o microfone. *(Pausa.)*

Queria agradecer a presença aos agentes Jânio, Paulo, Maurício, Marco Aurélio e ao Dr. Wanderley. Àqueles que não acompanharam o depoimento, nós estamos aqui para acompanhar as investigações que estão feitas no caso e também fazer um levantamento pela CPI do Sistema Carcerário, instalada na Câmara Federal, sobre os problemas nos presídios brasileiros. Viemos aqui acompanhar o caso de Ponte Nova. Tomamos já alguns depoimentos durante a manhã e agora à tarde e nós temos algumas dúvidas que nós precisamos esclarecer com os senhores. Não podemos deixar dúvidas a respeito de tudo aquilo que foi falado aqui. Por isso que nós solicitamos a presença dos agentes. Vou perguntar rápido para cada um — não vou demorar muito —, mas eu queria perguntar ao Marco Aurélio. Marcos Aurélio entrou de plantão na quarta-feira a que horas, Marco Aurélio?



O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Às 20h30 para sair às 8h30 do dia seguinte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maurício?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por favor, o microfone do Maurício.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Entrou às 20h30 também?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você chegou à Delegacia às 20h30, Marcos Aurélio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Cheguei às 20h25.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Paulo, o senhor largou o plantão a que horas?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Às 20h30.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Às 20h30. Jânio? É Jânio?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Jânio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Largou o plantão a que horas na quarta-feira?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Na quarta-feira não eu estive de plantão não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não? Então você não foi à delegacia na quarta-feira?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não esteve lá em momento algum?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Paulo, na quarta-feira, o senhor acompanhou o Delegado Wanderley mais os outros agentes numa revista a qual cela do presídio, entre às 18h e às 19 horas? Qual cela que o senhor acompanhou?



O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Na quarta-feira?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quarta-feira à noite.

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Não. Nós demos uma geral lá na segunda-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Segunda ou quarta?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Segunda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Segunda-feira?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A que horas?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Era mais ou menos umas 6h30, 7h.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira.

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É comum dar revista na segunda-feira?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Não, é de acordo com o delegado. Às vezes a gente faz uma surpresa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Hã, hã.

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Faz uma surpresa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você participou, Marco Aurélio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não. O meu serviço é somente de plantão à noite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira você não participou?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você participou na segunda-feira, Jânio?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Não estive presente não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Maurício, você participou na segunda-feira dessa...?



O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Não senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não participou?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Eu peguei serviço às 20h30.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você participou, Marco Aurélio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não participei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então nenhum dos 4 participaram da revista...

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Eu participei da segunda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então o Sr. Paulo afirma que participou de uma revista na segunda-feira.

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Na segunda-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Jânio, Maurício e Marco Aurélio afirmam que, na segunda-feira, não participaram dessa revista. Correto?

Na terça-feira, você participou de alguma revista, Jânio?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor participou de alguma revista na terça-feira, Sr. Paulo?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Na terça-feira foi minha folga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor participou de alguma revista na terça-feira, Sr. Maurício?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Participou de alguma revista na terça-feira, Sr. Marco Aurélio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vou perguntar novamente então. Você participou de alguma revista na quarta-feira, Jânio?

O SR. JÂNIO RODRIGUES DE SOUSA - Quarta-feira, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Participou de alguma revista na quarta-feira, Sr. Paulo?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Participou de alguma revista na quarta-feira, Sr. Maurício?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Participou de alguma revista na quarta-feira, Sr. Marco Aurélio?

O SR. MARCO AURÉLIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Delegado, o senhor participou de alguma revista na semana na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, só na segunda-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Segunda-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Perfeitamente. Segunda-feira no horário que o Paulo me pegou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava o senhor e quem na revista?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu e o Paulo, que estava no plantão, e outros policiais que eu solicitei de última hora, porque era uma...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quais foram os outros policiais?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Antero, Marco Antônio, Ednei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Espere aí, espere aí. Antero... Completo.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Antero, Marco Antônio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Espera aí. Antero. Marco Antônio de quê?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Marco Antônio Nascimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles são policiais civis?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - São policiais civis.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles trabalham na delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Trabalham na delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mais quem?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ednei.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ednei de quê?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Silvério.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ednei...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Silvério. É que eu chamei vários. Então não vou declinar todos. Eu pedi aos responsáveis pelo setor que chamassem os detetives para uma busca de última hora na cela. Então não vou afirmar todos, porque eu pedi para...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o Antônio...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Marco Antônio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...o Antero, Marco Antônio, Ednei...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ednei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Silvério...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Silvério.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todos eles, na segunda-feira...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Houve uma busca na segunda-feira, no final da tarde e início da noite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Às 18...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Às 18h30. No final do expediente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois das 18h30, todos eles estavam com o senhor lá na delegacia, esses nomes?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Às 18h30.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, na segunda-feira, 18h30, todos esses nomes estavam com o senhor lá na delegacia.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Confirma isso?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Confirmando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não pode ter trocado a data errada de segunda?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Olha...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor tem certeza que foi na segunda?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Com certeza. É porque nós estávamos... Depois que me argumentaram essa situação, eu lembrei que, na quarta-feira, eu participei da despedida de um colega que estava sendo transferido. Então eu não poderia estar na delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quarta que horas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - No final do expediente. Eu saí do expediente às seis e meia e fui encontrar com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você saiu que horas da delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Por volta de umas 7 horas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na quarta-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Quarta-feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, de 18h às 18h30, o senhor podia ter participado. Não era...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Mas não teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Mas não teve. Na quarta-feira não teve essa busca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então o senhor estava na delegacia...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Estava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... na quarta-feira até às 19 horas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Até às 19 horas. Eu tenho o hábito de sair até muito depois do expediente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E de lá o senhor foi...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Na quarta-feira eu saí para outra finalidade. Eu não fiquei...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sei. Mas, se a geral tivesse que ter sido dada às 18h30min, o senhor poderia ter participado, depois, às 19h, saído para ir a outro encontro, não é?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É possível, mas não teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor tem certeza de que na quarta-feira o senhor não deu a revista?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ela não existiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira, o senhor tem certeza de que o senhor estava, às 18h30min, lá, acompanhado desses policiais aqui?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A que horas que chegou na delegacia, na segunda-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Na segunda-feira?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Segunda-feira, antes... Segunda-feira, eu sempre chego é oito e meia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ficou o dia todo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Fico o dia inteiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou até que horas lá, na segunda?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, eu tenho... Eu falei, eu tenho o hábito de sempre sair muito tarde. O meu trabalho na delegacia é o seguinte: eu tenho... eu atendo o público e ao final do expediente eu vou para os meus relatórios. Então, eu costumo ficar até 8 ou 9 horas da noite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - E às vezes ainda fico conversando aí com os colegas ao tempo, para passar um... fazer um repasse do dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E por que foi dada uma revista só na cela 9?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Essa situação foi até de minha vontade, porque nós tínhamos o interesse de fazer buscas pontuais. Porque as



nossas buscas eram sempre em dias de banho de sol, em razão do número exíguo de funcionários que nós temos. E eu cheguei até a manifestar uma situação dessa forma com a Polícia Militar. Conversei com o comandante da companhia, que é o Major José Paulo César, e com o Tenente Moacir, da possibilidade de fazermos buscas na cadeia, em horários diversos. Isso estava em estudo para fazer isso em conjunto com a PM, que aí nós poderíamos fazer com todos os presos. Entendeu? Então, até em razão da quantidade de preso, a situação (*ininteligível*).

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas vocês já fizeram quantas revistas lá, nesse horário, fora do dia normal? Nesse horário de 18h30min, quantas revistas vocês já fizeram na cadeia? Em quais celas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, essa foi a primeira vez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Essa foi a primeira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês tinham interesse...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Foi uma situação de última hora, inclusive havendo essa conversa com a Polícia Militar, o estudo de fazer essas buscas num sábado ou num domingo, ou até mesmo à noite, dependendo da situação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas essa foi a primeira vez que foi feita uma revista um dia de noite na cadeia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - E vou até antecipar a pergunta do senhor, caso o senhor esteja pensando nisso: nós fizemos a busca na cela 9, porque a cela 9 é uma cela de presos mais perigosos. Então, escolhemos a cela 9, mas faríamos na cela 8, na cela 7, na cela 10, na cela 11, na cela 12, na cela 13, enfim, todas as celas passariam por situação dessa forma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês tiraram os presos da cela 9 e colocaram no corredor?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - No corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, esses presos poderiam ser vistos por qualquer apenado que estivesse nas celas 10, 11 e 12?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Com certeza.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira, nesse horário, que geralmente é um horário em que o pessoal está acordando, tomando banho, preparando para janta, que praticamente está dormindo, aqueles que são religiosos fazem sua oração das 6 horas... Então, é um horário em que estava todo mundo ligado.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - No final da tarde?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na segunda-feira?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - No final da tarde.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, esses policiais aqui, eles estão na cidade?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Estão. *(Pausa.)* Um está aqui. Está o Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Paulo está aí. Os outros 3...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os outros 3 também estão na cidade. Eles trabalham aqui? Então, esses 3 aqui estavam com o senhor e estão hoje na cidade também?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Estão na cidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tá.

Tiago, na segunda-feira, nesse horário, 18h30min, vocês viram algum movimento diferente lá no presídio? Na cadeia?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - *(Ininteligível)* foi no plantão do Sr. Paulo, ele que fez uma revista lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o plantão do Sr. Paulo foi na segunda ou na quarta?

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - Foi na segunda, por isso que ele estava confundindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Johny.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Mas que teve a geral, teve. Eu posso estar errado nos dias, entendeu. Mas, que teve, teve.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você não tem certeza mais se foi na quarta?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não tenho. Porque, para mim, foi no dia do banho de sol. Não me lembro. Mas que teve a geral só na cela 9, teve. Foram só encontrados chuchos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só encontraram chucho? O senhor lembra de algum fato assim, que o senhor entrou na cela, viu alguma coisa diferente, comentou com os meninos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, eu entro... Eu determino aos policiais que façam as buscas. Eu não faço. Eu só acompanho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Hã, hã.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor chegou a entrar dentro da cela, ou não?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Entrei e depois saí. Foi rápido. Eu não faço busca na cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor notou alguma coisa assim diferente?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - A busca, até em razão do horário, por ser uma busca surpresa, a intenção é ver se tem alguma coisa diferente. Os policiais fizeram essas buscas, olharam os objetos deles e saíram. Encontraram o que tinham que encontrar e saíram. Foi rápido, entendeu? E eles me relataram o ocorrido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o Johnny confirma?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Confirmo que teve a geral, só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, não confirma mais que é na quarta-feira?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Confirmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Confirmo que foi na quarta-feira, não. Mas, que teve a geral, teve.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É porque tem 2 dias se fosse na quarta.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Até concordo que se fosse 1 ano antes e você lembrasse... se foi 1 ano antes, seis meses, a gente tem até dúvida a respeito do dia da semana. Mas, na própria semana, é difícil ter dúvida, não é? Então...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Da gente (*ininteligível*).

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Paulo acompanhou a geral na segunda-feira?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Não me lembro dele ter entrado, não. Mas, estava lá. Ele que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi? Então, você confirma que o Seu Paulo estava presente na geral que foi dada na segunda-feira? Você confirma também, Tiago, que o Seu Paulo estava na geral que foi dada na segunda-feira? (*Pausa.*) Pode providenciar um microfone para eles aí? O Seu Paulo confirma que esteve também na geral da segunda-feira?

O SR. PAULO CÉSAR DE SOUZA - Estive sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator com a palavra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só perguntaria novamente — aliás, não me lembro se foi perguntado no primeiro interrogatório — qual é o dia de visitas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Terças-feiras.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Terça. E o banho de sol?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Quartas e sextas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - As visitas, elas são para todos? Todas as celas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Todas as celas?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E como é que ela se dá, a visita?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ela inicia-se às 14h e vai até às 17h.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É no pátio?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - No pátio. E são limitadas a 2 pessoas por detento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só foi feita a vistoria na cela 9, na segunda?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - É

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Cela 8 não foi feita?

WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Estávamos iniciando o projeto. Quer dizer, aconteceria em outras fatalmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Essa é a primeira vez que é feita a visita, essa vistoria?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Foi a primeira vez.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Neste ano?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não, não. Neste horário.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Neste horário?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nesse ano, foi.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Certo.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, só vou reafirmar para o senhor o seguinte: à medida que a população carcerária aumenta, nós temos que dobrar esse pensamento de segurança, apesar do parco recurso humano que a gente tem. Então, o pensamento foi dessa forma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor confirma que foram recolhidos chuchos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Foram.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Aí, eu não me recordo. Mas, acredito que sejam uns 2.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E depois do episódio, foram encontrados novos chuchos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, porque não foi feita ainda a perícia, não é? O local está lacrado. Agora, com a liberação, sim, vai ser feito todo um levantamento para ver o que vai encontrar lá dentro.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor ... eu lhe pergunto: você sabe quem primeiro entrou nas celas após o episódio da madrugada do dia 23?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nas celas? Eu não informo para o senhor porque... eu também entrei, vários policiais entraram...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, não tinha um comando?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Tinha. Tinha. O Dr. Chartouni estava no comando, o Major comandando a Polícia Militar e eu auxiliando o Dr. Chartouni, mas também ativamente com os agentes, porque eu tenho esse hábito de estar orientando o que tem que ser feito. E numa situação de emergência a gente tem que somar esforços, tem que ser mais um.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E quem foi que recolheu os cadeados?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não informo isso para o senhor porque eu não sei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, o senhor, como delegado, não tinha que ter o comando dessas ações?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, nós entramos para uma ação de última hora, ação emergencial. O Delegado regional estava à frente das diligências. Ele estava comandando a operação e nós estávamos preocupados, primeiro, em retirar os presos para o pátio e solicitar, depois de sair todo mundo, a perícia. Agora, eu não posso afirmar para o senhor quem fez o quê, porque, na realidade, logo depois, chegaram os peritos desta Regional. Então, depois, as investigações, como ficaram a cargo do Dr. Paulo, eu não sei, não posso afirmar isso para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os 5 cadeados estão recolhidos, estão na Delegacia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Dr. Paulo é que vai informar isso para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor chegou a ver os cadeados?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, não cheguei.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Sr. Paulo e o Maurício chegaram a ver os cadeados?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como é que eles estão? Foram rompidos, serrados?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Os cadeados estão todos danificados por um objeto contundente, amassados, que, na hora em que os peritos fizeram... iniciaram os trabalhos preliminares da perícia, ele estava presente e eles recolheram os cadeados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estão só amassados, mas aquela parte que...?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - A alça de travamento não se encontrava em nenhum, ou melhor, encontrava-se partida, encontrava-se separada a parte da tranca e a alça quebrada em locais próximos de onde encontrava parte da tranca.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor sabe se, na cela 9, essa alça ficou no... na porta, o cadeado?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Todos os cadeados foram encontrados no chão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todos? É... me diga o seguinte: na hora em que o soldado, o Batista... Foi o Batista que chamou o senhor?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nós percebemos o tumulto praticamente na mesma hora.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês ficaram naquela passarela da entrada do corredor?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele ficou na passarela e eu fiquei na parte externa lateral, já indo fazer contato com o Dr. Chartouni e com os outros policiais para auxiliar no evento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como é que foi... os presos estavam em que lugar? Estavam no corredor, no corredorzinho perto da *(falha na gravação)*?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não posso afirmar, porque eu não estava na passarela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem é que estava? Só o Batista?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Só os policiais militares.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só os militares? O senhor não sabe se eles entraram no corredor ou se determinaram que os presos da Cella 9 saíssem?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não sei afirmar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Paulo, você tem informação?

O SR. PAULO CESAR DE SOUZA - Eu não estava, não, senhor. Nesse dia, eu não estava trabalhando.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, o senhor não estava, não.

O SR. PAULO CESAR DE SOUZA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Jânio também não estava, na quarta. O Maurício estava?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Estava.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É Murilo, não é? O nome do senhor?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Maurício.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Maurício. O senhor estava às 23 horas, a madrugada?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Estava.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor estava onde? Junto com o Batista?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Não, eu fico na parte de baixo, da cadeia, na... perto da saída, ali, do asfalto ali.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem estava em cima, portanto, eram só os militares?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Só os militares que ficam lá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor não sabe se eles entraram no corredor.

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Não sei, que eu não fui lá.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem foi que entrou, primeiro, na sala... na Cella 8, após debelar o incêndio?

O SR. MAURÍCIO ALVIM CAMPOS - Eu não estive lá. Não fui lá, que eu fiquei vigiando a parte de baixo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dr. Wanderley, você tem informação de quem, primeiro, entrou na Cella 8 e que viu os cadáveres?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não falo... eu não informo para o senhor quem foi o primeiro, mas eu fui um dos primeiros a ver a cela daquela forma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando o senhor entrou, como estavam os presos?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ainda estava... ainda tinha fogo. No fundo da, da, da cela, próximo à grade; à grade, não, à janela, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estavam amontoados ou... dispostos...

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não, estavam amontoados no fundo, no, no...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem alguma pergunta? *(Pausa.)* Tem? Tá. *(Pausa.)* É... lá, na parte de cima, quantas celas têm?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Cinco celas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todas as 5 estavam abertas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu acredito que sim, não é? Acredito, não, vou afirmar, porque na saída, não é, que nós determinamos que eles saíssem e todos os presos da... da cela desceram.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, a Comissão pode anotar que quem promoveu a... retirou os presos da Cella 9 foi a Polícia Militar, não foi a Polícia Civil nem o seu Comando.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Como é? Tirou...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os presos da Cella 9.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Na Cella 9?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, na hora da ação tinha tanto policiais militares quanto civis.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas nenhum dos senhores estavam lá.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não. Nenhum dos que estavam... aqui que os senhores falaram, não. Mas eu estava logo na entrada, e tinha outros policiais já auxiliando a PM a retirar. Nisso, chegaram quase todos os policiais da delegacia, quase todos policiais civis, e vários militares.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, o senhor estava acompanhando o próximo?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Estávamos acompanhando o próximo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, o senhor pode informar se a Polícia entrou no corredor de acesso às celas ou se determinou, apenas, que os detentos, os presos saíssem da Cella 9.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Nós ficamos afastados, logo na entrada, determinando que eles saíssem... por questão até de segurança, porque não sabíamos o que tinha, em razão da fumaça muito densa. E não sabíamos... Já nesse período, talvez em razão do calor, as lâmpadas estavam queimadas, pelo menos no corredor, então não tinha condições de se visualizar nada. Então, determinamos que os presos fossem saindo aos poucos e descessem as escadas para alcançar o pátio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A polícia jogou alguma bomba de efeito moral para dentro das celas?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Foi necessário o uso de bomba de efeito moral. Salvo melhor juízo, gás lacrimogêneo, munição não letal antimotim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Alexandre.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Só para ficar claro, doutor, não houve... Nenhum policial adentrou a cela para retirar ninguém lá da Cella 9?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Aguardaram, onde?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Os policiais?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É. Aguardaram os presos saírem, onde?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Logo no início da... da... da... porque tem 2 portões. Logo no primeiro portão, próximo ao hidrante, os policiais se postaram ali e determinaram que eles viessem. Aí, vieram aos poucos: veio primeiro uma cela, logo depois determinou que a outra cela viesse, e assim sucessivamente, até chegar à Cela 12. Agora, eu não afirmo para o senhor que saiu cela por cela, porque, como estavam todos no corredor, foram misturando presos da Cela 2, Celas 9, 10, 11, e foram descendo. Isso, quando já haviam se rendido.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Tiago e Johny, vocês afirmaram que... Vocês têm consciência que estão respondendo ao 121, não é isso?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É sobre isso que a gente queria saber. Como é que a gente vai responder um 121, onde tem 200 presos? Ninguém tem certeza de nada, ainda.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pois é.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Eu, principalmente, não fiz nada com ninguém.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pois é, vocês foram autuados em flagrante no 121.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Com certeza.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E vão ter direito a se defenderem, não é?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Justamente.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pelo que você relatou, você não ouviu quem... Você ouviu o cadeado estourado, mas não acordou.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Estourando o cadeado, você não chegou a acordar, não é isso mesmo?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você só acordou com a fumaça...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Justamente.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Com asfixia. Consciente de que você está respondendo ao 121, você não tem nenhuma hipótese do que aconteceu na cela ao lado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, nada.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Ninguém... Não ouviu nenhum grito da cela ao lado?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não. Na hora que a gente saiu, já tinha muita fumaça. Não dava para ver nada lá dentro, e saímos de cabeça baixa e mão na cabeça.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você supôs que quando a fumaça chegou na sua cela...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Já estava muito...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você supôs que eles já estariam mortos.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Ah, com certeza! Se a gente... onde nós estávamos, já não estávamos agüentando, imagina quem estivesse lá dentro.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas você supõe que eles estavam mortos, sem gritar, sem reagir...

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - É porque eu não ouvi, entendeu, meu senhor.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Você não ouviu gritos?

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Não, não. Não. Não ouvi, lá, não...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu tenho mais a... Eu queria ainda perguntar, porque houve contradição...

Delegado Wanderley, o Biju, pelos dados da polícia, era considerado uma pessoa extremamente perigosa. Você pode dizer a quantos processos ele respondia?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele responde a vários processos. Eu mesmo já indiquei ele em 2 inquéritos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é? Tráfico?



O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Já indiquei ele por uma... por homicídio, tá... e, na realidade foi... Eu não trabalho na área de tráfico de drogas. Acho que o investigavam em outro inquérito, também por homicídio, correlato ao tráfico de drogas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Biju não estava na Cella 9. Havia alguma liderança, na Cella 9, que cumpria ordens, determinações do Biju?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Excelência, eu vou reportar ao que eu falei anteriormente. O Biju, ele foi preso em uma situação, e é perceptível a liderança que ele mantém pelos demais presos. A cidade inteira sabe da existência de um grupo ligado ao Biju e um grupo ligado ao Clevinho. Isso aí é público e notório. Não sou eu que falo, é a cidade inteira que fala.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O Biju estava aonde no dia do fato?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - No dia desse fato? Nós transferimos o Biju para uma... para Além Paraíba em razão de um movimento que aconteceu — e foi até a história do inquérito —, um princípio de rebelião acontecido acho que há 1 mês... uns dois meses atrás.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele estava aqui, portanto?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Ele estava aqui no primeiro movimento, uma divergência entre presos. E nós percebemos que a presença dele não seria boa. Aí, conseguimos a transferência dele para uma outra unidade e, a princípio, o clima se acalmou, pelo menos em tese.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o Clevinho, também era uma liderança?

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - O Clevinho tinha a sua liderança junto aos seus companheiros.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o senhor confirma que eles eram rivais, os dois.

O SR. WANDERLEY JOSÉ MIRANDA - Eu não confirmo, a cidade inteira confirma para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Johny, você confirma que não havia rivalidade entre o Biju e o Clevinho?



O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Isso eu não posso informar não, senhor. Eu não tinha convivência com os dois assim não. Eu conheci eles na cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você, Tiago.

O SR. TIAGO DE LIMA MIGUEL - *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estamos satisfeitos. A gente não dispensa os policiais e o Dr. Wanderlei, e pede que o Tiago e o Johny saiam, mas não estão dispensados.

Vamos ouvir o Wenderson Macedo Pinto e o Flávio Drumond Rodrigues, da Cella 10.

Estão todos dispensados, obrigado. *(Pausa.)*

Peço à assessoria que tire os 2, o Johny e o Tiago, não os dispense e os bote em um local que não possam serem ouvidos.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Posso fazer uma pergunta? Mas o do 121, a gente vai ter recurso disso rápido? Porque, igual eu... eu, principalmente, estou com a minha cadeia paga, 2 e 6, eu vou ficar preso até resolver isso, vai ter tempo temporário para resolver esse 121 que a gente assinou, e a cela toda?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Olha, o inquérito está aberto, tem todo um procedimento; nós vamos acompanhar; você tem advogado. A gente está pedindo ao Estado que acompanhe, mas aí vai se transformar em um inquérito; do inquérito vai para o Ministério Público; o Ministério Público vai examinar o que foi colhido, oferecer uma denúncia; o Juiz vai decidir se aceita ou não; se aceitar, é um processo. E, como você já tem um antecedente, a gente não pode responder se haverá sensibilidade de um juiz para tirar. Só quem pode decidir é um juiz.

O SR. JOHNY MÁRCIO DE OLIVEIRA GABRIEL - Então, isso pode demorar muito ainda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A gente pede, então, que retirem os 2 depoentes. Suspendemos a reunião por 3 minutos, enquanto chegam os demais e providencia-se uma água aí para a gente.

(A reunião é suspensa.)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... Com o microfone.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quero dizer aos depoentes que, combinado com o artigo do Código Penal, deixar de dizer a verdade, fazer acusação falsa, omitir ou deixar de falar a verdade, imputa em crime, conforme o nosso Código do Processo Penal. Então, os depoentes estão aqui para colaborar com a Comissão Parlamentar de Inquérito.

A CPI foi criada com o objetivo de investigar os problemas no Sistema Carcerário. Então, vocês poderão nos ajudar a identificar os problemas, os principais problemas para que nós possamos colocar no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito. Viemos aqui pedir ajuda de vocês. Como vocês têm uma relação dentro do sistema, conhecem onde estão os apenados, cumprindo pena, sabem todos os problemas que vocês mais sofrem lá dentro, os problemas enfrentados. Mas nós temos também um fato que ocorreu na cidade, que é a morte de 25 colegas de vocês que estavam na Cella 8, que morreram queimados, e nós gostaríamos de alguma contribuição, saber o que aconteceu de diferente nessa semana no presídio, o que aconteceu de diferente no dia em que os fatos ocorreram, em que vocês podem contribuir.

Eu quero começar pelo Wenderson.

Wenderson, você está preso há quantos anos?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tem 3 meses que eu voltei à cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você voltou por qual artigo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É...16.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já tinha sido preso por algum outro artigo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Já, sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - O 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E mais algum?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) Teve duas condenações já: 16 e 12?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não. Uma só, no 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E agora no 16?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não tive nenhuma ainda não. Estou aguardando julgamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está aguardando julgamento. Foi indiciado pelo 16?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) Você ficou quanto tempo preso da primeira vez?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Da primeira, eu fiquei 1 ano e 6 meses, mais 4 meses no albergue.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E agora voltou e está há quantos meses?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Três meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava em qual cela da cadeia.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu estava na Cela 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dez ou 9?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Dez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A Cela 10 é perto da 9, ali, no corredor?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É perto. Eu sou da 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Da Cela 10 você consegue ver tudo o que acontece ali, no corredor, entre a Cela 9 e Cela 8?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não dá pra ver não, que o acesso de visão é difícil pra ver, por conta da porta de cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, e passar no corredor, dá pra ver?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Senhor?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No corredor, em frente à 10, ali, indo para a 11 e 12...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Só se tiver no corredor. De dentro da cela dá pra ver não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o dia de banho de sol de vocês?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - O dia de banho de sol é terça e... não, é quarta e sexta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quarta e sexta, que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É...das 8 às 11...8 às 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esta semana teve banho de sol?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Teve, teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que dia?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Teve na quarta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Horário normal: das 8 às 10. Depois...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois do banho de sol, normalmente, vocês recebem um "baculejo" lá, uma vistoria. Foi feito em vocês a vistoria?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Uma revista?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nada?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas normalmente fazem?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É, geralmente faz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esta semana não fizeram?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é da Cella 10?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sou da Cella 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Fizeram alguma revista na sua cela, semana passada?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Semana passada?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Teve na outra semana. Antes do sol, teve revista. Que toda semana tem revista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas à noite teve alguma revista lá na sua cela? À noite.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - À noite?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na Cella 9, ali, que é perto da sua, você notou alguma...foi feita alguma revista essa semana, à noite, uma quebra de comportamento, assim, chegada de policial com delegado?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor; não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não viu... Na segunda-feira, à noite, você estava na cela, perto da 10?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você percebeu uma revista sendo dada na cela de nº 9?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - *(Muxoxo, em sinal de negação.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos ficando no corredor, ali, em frente à sua cela?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quero só adverti-lo de que você fez um juramento de falar a verdade para nós.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Estou falando a verdade.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E se você mentir na CPI, você vai ter mais outro crime nas suas costas.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E aí, você ia pegar... em tempo de cadeia, pode aumentar o seu tempo.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, nós só queremos que você fale a verdade. Na segunda-feira, por volta das 18 horas, você percebeu alguma revista sendo feita na Cella 9?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor, porque geralmente quando eu estou preso assim, depois que eu vejo a *Malhação*, assim, eu vou dormir, o senhor entendeu? E esse dia eu estava dormindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dormiu que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ah! Eram umas 6 e meia mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você jantou que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Que horas que eu jantei?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - A janta chega na cadeia 5 horas da tarde.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Acabou de jantar e foi dormir?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É. Vi *Malhação*, deitei na minha cama e dormi. Acordei no dia seguinte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não viu a novela das 6?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nem a novela das 6 você não assistiu, não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não. Assim que acabou a *Malhação*, eu dormi, o senhor entendeu? Porque eu estava com a cabeça doendo, tomei uma Novalgina, pegou, minha pressão abaixou, eu dormi.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não viu nada?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O que você lembra desse dia, então? Na segunda, você não viu nada de anormal?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Depois de *Malhação* não vi nada de anormal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E na terça?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Só visita. Tive...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na terça, às 18 horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tive minha visita normal e...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Até que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO Até às 5 e meia, mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E depois?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Fui pra cela e tudo normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E na quarta-feira?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não vi não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na quarta-feira teve alguma revista?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Que eu lembro, não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - À noite?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Que eu lembro, não senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ouviu falar...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...que teve alguma revista naquela semana em alguma cela ali?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Que eu lembre, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - (*Muxoxo, em sinal de negação.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acordou que horas na quarta-feira?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Na quarta-feira?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO – É...assim, na parte da manhã?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi dormir à tarde, 6 horas, acordou que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu fui dormir na terça...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na quarta...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Na quarta?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) -...à tarde, você foi dormir e acordou que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Acordei na quinta de manhã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quinta, a que horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Era umas 5 e meia, 6 horas da manhã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não acordou com o barulho não, que teve lá na... aonde teve a confusão toda, com os tiros, com as mortes?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Quando eu fui acordar, já estavam soltando foguete dentro da cela. Estava o maior barulho, o senhor entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não acordou com o barulho, com a gritaria nos corredores?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Acordei depois que os polícia estava invadindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Antes você não acordou?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não viu o fogo...fumaça entrando em sua cela não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Somente depois que eu acordei que eu vi aquela fumaceira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não sentiu isso antes?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O que o senhor ouviu falar daquela fumaceira? Quem colocou fogo lá na cela?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não...Não me alembro não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Alguém comentou alguma coisa?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tinha algum amigo na Cela 8?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Amigo na Cela 8?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nenhum?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - (*Muxoxo, em sinal de negação.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não conhecia ninguém lá?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Conhecia não. Somente da 10 que eu conheço, aonde eu estava, na cela, porque eu não tenho, assim, convívio com o pessoal da 8 não, o senhor entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O pessoal dessa cela 8...você mora em qual bairro?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu moro no Bairro Triângulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Triângulo. Na Cela 8 não tinha ninguém do Bairro Triângulo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você nunca morou em outro bairro aqui em Ponte Nova?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sempre foi no Bairro Triângulo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor...já morei perto do quartel, no pontilhão, ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E não tinha ninguém de perto do quartel na Cela 8?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tinha algum problema com alguém da Cella 8?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não tenho problema com ninguém na cadeia. Nem na cadeia, nem na rua. Eu sou de paz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você tem um problema com o Clevinho?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nem conheço. Nunca vi na minha vida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Clevinho, você nunca viu?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nunca vi na minha vida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas já ouviu falar?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Somente de nome. De pessoa, assim, de ver e conversar, nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é o que do Ratão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sou irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é irmão do Ratão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sou irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Ratão tinha problema com o Clevinho?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nunca teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca teve?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nunca teve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele já teve problema com alguém aqui na cidade?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nenhum de nossa família nunca teve problema com ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nem você? Nem Ratão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tem outro irmão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tenho sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o nome dele?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - O Richardson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Richardson. Estão todos os 3 presos?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Está nós 3 preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aonde?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nós estamos lá em BH agora, lá na Máxima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam todos os 3 em qual cela?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nós estava nós 3 na Cela 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na Cela 10?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Na Cela 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o seu irmão não tinha nenhum inimigo na Cela 8, não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nenhum de nós da cela...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seu irmão foi preso por causa de quê?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Por cau... não me alembro não, o senhor entendeu, doutor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês não conversam na cadeia, não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - A gente conversa, sim, mas não é, assim, muita coisa não, o senhor entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não sabe se ele tomou a pipa de um menino? O que é que foi?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Roubou a bala da boca de uma criança.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nada?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - A gente não entra, assim, em detalhes não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas vocês são irmãos, estão presos: "*Ô, mano, por que você está preso? O que você fez?*" Ele foi preso quando, o seu irmão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ele foi preso depois que eu fui preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi preso quando?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Dia 7 de junho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deste ano?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Desse ano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi preso dia 7 de junho deste ano?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ele foi preso quando?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ele foi logo...esse mês agora. Se tiver 10 dias que ele chegou na cadeia...Por isso que eu estou falando pro senhor que nós não tem envolvimento nenhum com nada não, principalmente meu irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o Ratão...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nada a ver. Não tem inimigo nenhum na cadeia. Nem na cadeia, nem na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele não foi preso acusado de matar alguém aqui na cidade não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu acho que foi sim. Eu não tenho certeza não, o senhor entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você sabe quem ele foi acusado de matar?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não conhece?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você recebe visitas lá na cadeia?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Recebo, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De quem?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Minha esposa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o nome dela?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Natasha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Natasha. Ela não comentou: *“O seu irmão foi preso acusado de matar um cara aqui na cidade e tal...”*

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, não, senhor. Ela não comentou não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você, o Wagner e — qual o nome do seu irmão? — o Richardson.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu, o Wallison e o Richardson

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Wallison, não é?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você, o Wallison...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Richardson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...e o Richardson. Vocês 3 estavam presos na Cela 10?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Na Cela 10.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi preso...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sete de junho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sete de junho. E o seu irmão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Uns 5 ou 10 dias que chegou na cadeia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ratão é seu irmão, não é isso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor. Meu irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que é o Wallison.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Ratão não tinha rixa com ninguém da Cela 9?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Com ninguém da cadeia nós não tinha problema, não. Nós nunca teve, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eles nunca ameaçaram matar ninguém na Cella 8?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nunca, não. Pelo contrário, nós não temo problema com ninguém na Cadeia de Ponte Nova, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não conheceu o Cleidson, não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Quem?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cleidson.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não conheço, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Greidson.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Greidson? Conheço não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - (*Muxoxo, em sinal de negação.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deixa eu te perguntar uma coisa: o seu irmão também estava dormindo junto com você?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No horário da *Malhação*?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ah! Aí eu já não me alembro, porque eu tomei remédio e desmaiei, o senhor entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você toma remédio todo dia?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, porque esse dia eu estava com a cabeça doendo, eu tomei Novalgina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você estava com a cabeça doendo na segunda.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - No dia do fato ocorrido...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Aí você tinha tomado outro remédio?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor. Tinha tomado remédio e estava dormindo, porque eu tenho enxaqueca. Minha cabeça dói freqüentemente só de um lado do olho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas todo dia você toma remédio e dorme, às 6 horas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Às vezes, nem todo dia minha cabeça dói, porque eu tenho enxaqueca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Hoje está doendo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Hoje não, senhor. Mas quando eu descii para cá, que estava em BH, saindo da penitenciária, minha cabeça estava doendo. Aqui em mim estava até saindo água, o meu olho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A informação que temos é que você e seus 2 irmãos queriam matar um detento que estava na Cela 8. Que já tinham matado o irmão dele, há 3 meses, e falaram que iam matar o resto da família que estava presa.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você confirma isso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês nunca ameaçaram ninguém?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nunca ameaçamo e não temo pobrema com ninguém em Ponte Nova.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas chegou essa informação para nós. Que seu irmão tinha matado um cidadão 3 meses atrás.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Meu irmão não matou ninguém. Nós nunca matou ninguém não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E que esse cidadão tinha mais 2 irmãos presos dentro da Cela 8 e que vocês falaram que iam matar o resto da família.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já estava preso por causa daquilo...



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nada a ver. (*Muxoxo, em sinal de negação.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Relator.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - A culpa disso tudo é do delegado. Não é nós, preso, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual delegado?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - O delegado da cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por que ele é culpado?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Porque ele que é o culpado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por quê? Você acha que ele podia ter evitado isso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Podia há muito tempo, porque a Cela 8 estava escrevendo para ele para descer os demais da Cela 8 e ele não desceu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Descer para quê?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Descer para a cela em baixo, entendeu? Porque a Cela 8 tinha problema, às vezes, com a cadeia toda, bem dizer. O senhor entendeu? Aí, direto eles estavam escrevendo para o delegado, e o delegado não mudava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conheceu o Biju?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nunca, nunca ouvi falar esse nome.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator tem a palavra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Wenderson, vocês conversam entre si muitas coisas que acontecem na cela e nas outras celas, não conversam?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. A gente conversa somente o que pertence a nós. Jamais a gente pode conversar o que acontece em outra cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem durante as visitas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não pode. É regra da casa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem estabelece a regra?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Quem estabelece? Quem estabelece a regra da Casa é o delegado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não é cada cela, não?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. O delegado é que faz as regras da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quer dizer que vocês são proibidos de conversar com detento de outra cela.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, pode conversar com o detento, não tem nada a ver. Conversar é normal, no banho de sol, depois da visita. Isso é normal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Depois do fato do dia 23, do acontecido, o que vocês conversavam sobre o que ocorreu, sobre as mortes?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, a gente não conversamos nada, porque a gente não tem nada a delatar. Em primeiro lugar, a gente não tem nada a ver, a gente não tem inimigo. A gente não tem nada a falar sobre isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor ouviu dizer alguma coisa que ocorreu, se os presos foram mortos a tiro e depois queimados?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Em momento nenhum eu fiquei sabendo nada de tiro, nada de arma. Só fiquei sabendo que os detentos da Cella 8, eles mesmos puseram fogo na cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem foi que te falou isso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Quem falou? É... eu vi no jornal. Passou no jornal, *TV Educar*.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah! Pela televisão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É. Eu acho que foi a reconstituição, o senhor entendeu? Em momento nenhum tinha arma dentro de cadeia, não. Como é que vai ter um revólver dentro de cadeia? Como que vai passar um revólver pela geral da polícia?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, você acha que não entrou arma?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu, pelo menos, em momento nenhum, cheguei a presenciar tiro e nem arma nenhuma dentro de cadeia, não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual a distância da sua cela para a Cela nº 8?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ah! É longe.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dez metros?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Dez? Dez metros é daqui na parede, mais ou menos, não?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, aqui deve dar uns 3, 4 metros.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ah! É mais longe, mais longe um pouco.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas dava para ouvir tiros lá da tua cela?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não ouvi, não. Quando eu acordei eu estava ouvindo os foguetes que os polícia estava jogando dentro da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Inclusive na tua cela?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Na cadeia toda. Foguete e tiro. Os único tiro que houve na cadeia foi as polícia que estava dando. Preso nenhum tem condição de ter revólver dentro de cadeia, não. Como é que um preso vai passar com um revólver na cara da polícia?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E fogo? É possível os presos terem fogo na cadeia?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Fogo?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Fósforo, isqueiro.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, isso é normal. O preso fuma cigarro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês têm isqueiros.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Isso é normal ter.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E tem conhecimento da existência de droga na cadeia?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não mexo com droga não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas ouviu falar de ter havido em outra cela?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Nunca ouvi falar isso em cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem mais 2 irmãos presos.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem mais algum irmão que está livre?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tenho sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tenho 1.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Seu pai está morando onde?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Meu pai é falecido, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ah! Já tem um tempinho bom que ele faleceu.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mais de 10 anos?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, deve ter uns 3 a 4 anos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E tua mãe?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Minha mãe é viva, graças a Deus.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mora onde?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Minha mãe mora na fazenda.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É aqui próximo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É bairro?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bairro pobre?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Com certeza. Nós todos somos pobre.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E ela trabalha?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Minha mãe trabalha. Seis horas da manhã ela está tirando leite no curral. Ela e meu irmão.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ganha quanto?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Quanto que ela ganha? Ah! Deve ganhar em média de uns 12 reais por dia, 10, 12 reais, porque é pouco leite que dá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Flávio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem quantos anos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Dezenove.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dezenove? Qual o crime que tu praticaste?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Cinco, sete.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O 157?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - É.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo está preso?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Um ano e um mês.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foi interrogado?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Já.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Está condenado ou não?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Seis anos, dez meses e dez dias de multa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Seis anos...

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - ...dez meses e dez dias de multa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando saiu a decisão?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Com 1 ano.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem advogado?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Tenho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É pago por você?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pelo Estado?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele conversa com você?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo a última conversa?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Desde quando eu vim preso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tu tens filho?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem pai?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mora onde?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Cidade Nova.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem mãe?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mora com teu pai?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - A mesma coisa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem irmãos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Tenho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Quatro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual a idade?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - A menina tem 14, um tem 12, o outro tem 11, o outro tem 9.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Seu pai e sua mãe fazem o quê?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Doméstica. Minha mãe é doméstica.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem salário?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Tem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quanto ganha?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Salário normal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Um salário.



O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E seu pai?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - A mesma coisa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você, no dia 23, por volta de 1 da manhã, estava dormindo na Cela 10 ou estava acordado?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Estava dormindo, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ouvia algum tiro?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Ouvi depois que eu acordei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem estava dando tiro?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - As policia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Antes disso você não ouviu tiro algum?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você conhecia o Biju?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem de nome?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Nem de nome. Nunca ouvi falar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Clevinho?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nem de ouvir falar?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Nunca vi.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ouvia falar se eles eram inimigos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sabe da existência de armas no presídio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Drogas?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A polícia trata vocês bem?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Trata mal, como cachorro, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Como assim?



O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Trata a gente como cachorro, faz o que quer.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Bate?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Bate. Eu tenho marca nas costas de couro, corrente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Corrente?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Marca de corrente, com cadeado nas costas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando foi?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Há 1 mês e meio atrás, na quebradeira que teve lá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah! Teve uma quebradeira antes?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - É. Um mês e meio atrás, aí.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Em que cela?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Ah! Na cadeia toda, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E você é capaz de identificar quem o agrediu?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi durante o dia ou à noite?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Os polícia estava tudo de capuz na cabeça.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Capuz?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos eram?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Eram muitos, senhor. Eram uns 40 policia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o agrediram com o quê? Com corrente?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Corrente, porrete, com cadeado na ponta das corrente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem marcas?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Tenho nas costas, senhor.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi só essa vez?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Só esta vez.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Wenderson, você também já foi agredido na polícia?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Várias vezes.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por quê?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - À toa, perseguição. Esse mesmo dia que ele foi agredido eu também fui e a cadeia toda foi agredida pelos policia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sofreu que agressão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Chute, tapa na cara, chute na bunda, correntada, cacetetada, *spray* de pimenta na cara. Lá eles fazem de tudo com a gente, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi só esse dia da...que teve... teve foi uma rebelião?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, esse dia foi... a gente... eu não sei que que lembra lá não, o senhor entendeu? Eu só lembro na hora que a gente estava saindo, todo mundo apanhando pelado, para o pátio. Lá, eles põe pelado e bate, joga água.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem alguma marca no corpo dessa agressão?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tenho sim, senhor. Nas costa, na perna, na barriga. Eles bate em todo lugar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você comunicou isso aos seus parentes no dia de visita?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor. Não comuniquei, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Por quê?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Porque eu só tenho minha mãe, o senhor entendeu? Eu não gosto de por coisas na mente dela não, que ela já está de idade.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Além desse dia, houve outra agressão a você?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Comigo não, senhor. Na cadeia, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E com você, Flávio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Foi só nesse dia?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Só nesse dia, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Todo mundo apanhou?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Geral.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Geral. Houve alguém com ferimentos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Houve, com tiro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem foi a pessoa que foi...

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Os policia mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, quem foi o preso que foi...

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Ah! O preso eu não conheço não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Voltando ainda ao dia 23, você, Flávio, tinha algum amigo na Cella 8?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Só um, só.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem era?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Darlem.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Darlem?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Darlem. Da mesma idade que você?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Da mesma idade.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E na Cella 9, tinha algum?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você conhecia algum líder na Cella 9?



O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Conheço líder nenhum não. Eu sou da cadeia, não tem líder não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não tem líder?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não tem líder não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nenhum de vocês conversam em grupos, formam grupos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor. Não tem grupo não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Já foi apreendida alguma arma na cela de vocês?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem conhecimento de arma no presídio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Drogas?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria dar uma olhada. Dá para exibir onde foi a agressão? Você, Flávio Drumond. Você é o Flávio, não é? Onde foi a agressão?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Nas costas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dá para tirar a camisa? *(Pausa.)* Dá para chegar aqui? Onde foi? Em que parte? Aqui? Está com quanto tempo?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, dessa agressão. Um ano e meio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, um mês e meio atrás.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Um mês e meio. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês têm conhecimento de que outros presos, além desse momento da rebelião, foram agredidos?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputada Maria do Carmo.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Flávio e Wenderson, já foi falado para vocês aqui que o objetivo é trabalhar a questão do Sistema Carcerário Brasileiro, que envolve não só os presos, mas os trabalhadores também, as pessoas que trabalham lá, os policiais, que envolve um conjunto, o Judiciário. Nós sabemos também que, às vezes, já estão condenados, uns não são ainda liberados. Então esta CPI é uma Comissão que quer trabalhar uma proposta para contribuir. Não é fácil, ninguém aqui vai fazer milagre. A gente sabe que não é fácil. É um desafio muito grande e não só para nós, mas para toda a sociedade brasileira. Eu tenho certeza de que nem vocês gostariam de estar aqui e tenho certeza de que nem os policiais gostariam também de vivenciar o que foi vivenciado. E vocês, jovens, aqui presentes.

Mas quero perguntar para vocês o seguinte: na segunda-feira teve uma revista dos policiais na Cella 9. E os colegas de vocês, os detentos, os presos da Cella 9 foram tirados, ficaram no corredor. Essa revista foi mais ou menos à noite.

Eu quero saber se vocês viram esses colegas de vocês, se vocês puderam conversar, porque, se eles estavam no corredor... A gente conheceu lá a cadeia, que hoje não tem mais nenhum preso lá, mas tem a Cella 8, a Cella 9, a Cella 10, a 11 e a 12, não é isso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Então, foi tirado, os policiais chegaram, pediram aos detentos, os presos da Cella 9 para ir para o corredor enquanto eles faziam uma revista dentro da cela. Esses colegas de vocês que estavam lá no corredor, vocês conversaram com eles, viram eles?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Isso foi um dia, à noite, por volta de 18h, 18h30, na segunda-feira.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nesse dia, eu estava dormindo, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você viu, Flávio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês puderam ver os colegas de vocês no corredor, conversar com eles?



O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhora, eu estava dormindo também.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Flávio...

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhora...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Na cadeia, o que separa uma cela da outra é a parede, além da janela e da porta, é a parede. Você e o Wenderson também, vocês comunicam de uma cela para a outra, batendo na parede ou conversando ou gritando pela porta? Porque a cela é próxima, é separada. Igual nós estamos aqui, aqui tem uma parede, separa uma sala. Lá, vocês faziam essa comunicação?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Nem batendo, nem conversando, nem pedindo cigarro um para o outro, bala?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhora. Eu nunca comuniquei assim.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Flávio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Nem com as pessoas que você conhecia? Nem com o seu amigo Darley, você não gritava lá para conversar com ele, Flávio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E na mesma cela que vocês estavam juntos, na Cela 10, vocês conversam? Ficavam conversando, vendo televisão junto, conversando, trocando entre vocês?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Lá, nós somos uma família, senhora.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Somos unidos. Na Cela 10 todo mundo é unido.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A Cela 10 é unida?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Então, vocês conversavam muito entre vocês?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - A gente conversa normal, coisas do dia-a-dia...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês viram, nessas conversas, nesses bate-papo de vocês, vocês ouviram ou alguém comentou que ia ter alguma rebelião lá na cadeia, que ia acontecer algum problema na Cella 8 ou na Cella 9 ou entre as duas celas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Somente os policiais, no dia do sol, que falaram que tinham até segunda-feira para pegar os meninos da Cella 8.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas falou... como assim?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - O polícia civil que falou.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas quem que é o polícia civil?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, lembro, não, senhora. Ele falou que tinha até na segunda para resolver tudo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas resolver o quê?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não... eu não escutei direito. Só escutei o polícia falando que subiu o pessoal do seguro para cima e tinha até segunda-feira para resolver.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Além disso, vocês conversavam muito entre vocês, era quase uma... é uma família, amigos, da Cella 10, além... Vocês também ouviram ou falavam ou comentavam entre vocês da rivalidade ou de problema que tinha entre a Cella 8...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhora. Lá, a Cella 10, ninguém tem problema com ninguém na cadeia.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Presta atenção aqui, Wenderson, não é... Eu quero saber se vocês, que eram unidos, na Cella 10, nas conversas de vocês, falava-se, ou alguém falou, ou alguém comentou que a Cella 8 era brigada com a 9 ou a 9 era brigada ou que tinha rivalidade entre as duas celas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhora. Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você, Flávio?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não, senhora.



A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês... No dia em que aconteceu isso, que hora que vocês saíram de lá, da Cela? Que hora que vocês desceram das celas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - No dia da rebelião?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - No dia da rebelião.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É... Porque, na cadeia, a gente não tinha relógio na Cela 10. Eu só lembro quando a polícia invadiu e pôs todo mundo pelado para o pátio.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas, quando vocês passaram para o pátio, vocês tinham que passar em frente a Cela 9, em frente à Cela 8, certo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E vocês viram o quê nesse caminhar aí?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Nessa caminhada, só via fumaça e polícia no corredor, não via mais nada, não?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E a Cela 8, vocês sentiram cheiro de queimado, cheiro de queimado de carne, algum cheiro diferente do normal da fumaça, além da fumaça?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhora. Só via cheiro de colchão queimado.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Vocês ouviram algum tiro, alguma coisa nesse dia?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ouvi, quando a polícia chegou invadindo, dando tiro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quando você fala que a polícia chegou invadindo, o que que é invadir? Como é que é isso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Invadindo é eles chegaram entrando para a cadeia adentro e já dando tiro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quando a polícia entrou, a cela de vocês estava aberta, estava fechada, como é que estava a cela de vocês?



O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - A cadeia toda estava aberta nesse momento.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas quem abriu a cela de vocês?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Aí, eu não...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - A polícia invadiu, a cela já estava aberta.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Quando eles invadiram, a cadeia toda estava aberta.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Quando a polícia entrou, invadiu, todas as celas já estavam abertas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Inclusive a de vocês, a Cela 10?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Aí, eu já não me lembro, senhora, entendeu? O que eu lembro, o comentário é que já estava tudo aberto.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Mas quem que abriu, qual... ou preso ou algum policial, quem que você acha que abriu as celas todas?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Ah, o mais certo é que é o polícia, porque, como é que o preso vai sair e abrir? É difícil.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Você viu algum barulho de coisas cerrando para quebrar é... cadeado?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhora. Em momento nenhum ouvi barulho, somente quando os polícia começaram a atirar e soltar foguete.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só um aparte, Deputada.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Wendeson, nós estamos te ouvindo aqui tem 20 minutos. Eu só não sei se o seu nome está certo, porque até agora você só falou mentira para nós. Aqui não tem besta, aqui não tem otário. Todo mundo na cidade aqui sabe que você está falando mentira o tempo todo. Nós, que não somos daqui, sabemos. Ou você está falando mentira o tempo todo ou você é



um porcaria dentro da bandidagem, porque, se você não conhece os 2 traficantes da cidade aqui, o Clevinho e o Biju, que todo mundo conhece, você é um 171 danado, rapaz!

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não conheço não, senhor. Não conheço não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É, ué! Ou você não é bandido porcaria nenhuma...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não sou bandido não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...ou você não serve nem para ser bandido...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu estou preso inocente, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não parece. Só falta isso.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Sou um viciado, não sou traficante não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só falta isso para nós. Só falta isso. Porque até agora você falou mentira o tempo todo, rapaz.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não conheço nem Biju nem Clevinho. Como é que eu conheço sem eu conhecer, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você só abre a boca para acusar a polícia. Só.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Mas, senhor, como é que eu vou falar que eu conheço Clevinho e Biju, sem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só abre a boca para acusar a polícia.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não conheço não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu quero que você fale a verdade, só a verdade. Se não puder falar nada da verdade, não fala nada, entendeu? Porque até agora você só falou mentira para nós. Eu não sei se o seu nome está certo, se é esse nome mesmo que está aqui. Vou até mandar checar se é o Wenderson Macedo de Pinto, porque você só faltou falar que você é anjo, que os seus 2 irmãos também são anjos. E todo mundo sabe na cidade que vocês só mexem com coisa errada, entendeu? Eu queria que vocês contribuíssem com a



gente. A CPI não veio aqui para brincar. Nós estamos aqui querendo apurar os fatos, nós estamos aqui querendo colaborar com a investigação. Tem familiares de presos aí que morrem que estão sofrendo. Pelo menos, querem ter o alívio da verdade; querem saber o seguinte: o que aconteceu que o meu pai morreu, que meu cunhado morreu, que meu tio morreu, que meus filhos morreram? Parente de preso, mãe de preso, filho de preso, cunhado de preso também tem coração, rapaz!

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tem, senhor, mas eu não conheço nem Biju nem Clevinho não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem coração. Morreram 25 pessoas. Você falar que não conhece nenhum desses 25 que morreram?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não conhecia ninguém na cadeia, não. Estou chegando há poucos dias, senhor. Tem 3 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu não acredito. Você mora há quanto tempo na cidade?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu moro, tem 18 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É mentira sua falar que não conhece nenhum desses caras.

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não conheço, não, senhor. Como é que eu vou falar que eu conheço uma pessoa, sendo que eu nunca conversei na minha vida e nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você falar que não sabe por que o seu irmão está preso?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Eu não sei, não, senhor, ué. Eu sei de mim, não sei dele não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você só sabe que a polícia entrou atirando?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Justamente. É o que eu vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não viu nem a revista que os presos foram colocados no corredor?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não, senhor, eu não vi não, que eu estava dormindo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tem dor de cabeça na hora de falar a verdade...

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Tenho problema de enxaqueca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...na hora de falar mentira, a sua cabeça está boa para lembrar de tudo?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - É só fazer o exame em mim que vai constar o meu problema na cabeça, senhor. O senhor está achando que eu estou mentindo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputada, com a palavra.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Flávio...

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - ... nós estávamos falando do momento em que vocês...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Flávio...

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu queria pedir ao depoente, Flávio, que pudesse ficar com o corpo erguido. Por favor, Flávio.

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Sim, senhor.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Flávio, eu vou voltar a perguntar, os presos da Cela 9 saíram, para ser revistada a Cela, e ficaram no corredor.

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - Não vi não, senhora. Não vi não. Eu estava dormindo. Eu não vi nada.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Eu quero saber se vocês encontraram com eles, conversaram com eles?

O SR. FLÁVIO DRUMOND RAIMUNDO - É como dizia, na cadeia, eu não sei de nada, eu não vejo nada, eu não escuto, senhora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Então tá. Então vocês não estão com interesse de colaborar, eu acho que não resolve. De qualquer jeito, fica constatado que a CPI, Deputado... Presidente, acho que a gente tem que ter claro, cada vez mais... Eu acho que se deve fazer esse levantamento que V.Exa. tinha dito no início, do gasto que nós temos com os presídios, da importância de ter presídios.



E como a gente pode fazer um trabalho — e com certeza deve gastar muito menos, porque em alguns lugares já tem esse estudo — a gente precisa cercar o crime antes de chegar no jovem, lá na criança e no adolescente. Acho que cada dia isso está mais claro. Nós, aí, que estamos vendo pessoas que já têm acima de 18 anos, que são responsáveis pelo que fazem... Mas nós estamos vendo aqui, jovens que não tiveram oportunidade nenhuma e que hoje entraram para um caminho que, muitas vezes, não tem volta. Acredito que sempre há algum recurso, mas que é muito difícil. Com isso, outros jovens também foram mortos, por causa dessa situação. Então, eu acho que a nossa responsabilidade é muito grande, a responsabilidade de todos que estamos aqui. Então, acho que só confirma isso. E não adianta ficarmos aqui a noite inteira fazendo esse tipo de pergunta, se não vai haver uma disposição de colaboração.

Obrigada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu queria só fazer duas perguntas para o Wenderson.

Você chegou a ver o cadeado da sua cela? Ele estava aberto quando você acordou?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Somente vi quando a polícia estava mandando todo mundo descer para o pátio, pelado e de mão na cabeça.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não viu o cadeado?

O SR. WENDERSON MACEDO PINTO - Não vi cadeado nenhum.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, vamos ouvir os peritos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está encerrado o depoimento. *(Pausa.)*

Queremos solicitar que seja introduzido no plenário o cabo da PM, Sr. Vânio Marques Gomes. *(Pausa.)*

Sr. Vânio Marques Gomes, cabo da PM. *(Pausa.)*

Sr. Vânio Marques, por favor. Pode sentar, por favor. Temos um microfone aqui que o senhor pode usar.

Sr. Vânio, esta CPI é uma Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara, foi criada para investigar os problemas no sistema carcerário brasileiro, e nós queremos



estar colaborando com um novo modelo prisional no Brasil. Para isso, estamos trabalhando para identificar os problemas. E nós estamos diante de um grande problema, que, com certeza, como disse o nosso Relator Domingos Dutra, é a prova da necessidade da criação desta CPI, porque, no dia da criação, um dia após a criação, tivemos aqui esses fatos ocorridos na cidade, que englobam todos os problemas que nós enfrentamos no sistema prisional brasileiro: superlotação, fragilidade no sistema de controle dos presídios, entrada de armas, de drogas, de celulares, briga de gangues dentro da cadeia ou facções que tentam o domínio do tráfico na cidade, e quando caem no mesmo espaço acabam se digladiando. E nós queremos... Temos denúncias de maus-tratos, de tortura, e nós queremos colaborar com a verdade dos fatos ocorridos aqui em Ponte Nova. E V.Sa. estava de plantão na quarta-feira agora, no dia em que ocorreram os fatos, na madrugada de quinta, na cadeia pública de Ponte Nova.

Eu queria que, antes de começar o depoimento, V.Sa. pudesse fazer o juramento a esta Comissão.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você está há quanto tempo na PM?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Vinte e seis anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vinte e seis anos. Tirou esse tempo todo aqui em Ponte Nova?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, em 5 municípios.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está aqui há quanto tempo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Há 10 anos, pela terceira vez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está na cadeia pública há quanto tempo, tirando guarda?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Dez meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dez meses. Sempre trabalha na mesma escala com o outro companheiro ou as escalas são alternadas?



O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, tem sido com o mesmo companheiro por 6 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No dia, na madrugada de quinta-feira, quando houve o episódio da morte das 25 pessoas, o senhor estava tirando guarda?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Como é que o senhor tomou conhecimento dos fatos? Relata para nós em poucas palavras como é que aconteceu tudo. O que o senhor percebeu? O que o senhor ouviu? Qual foi a reação?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - No momento em que assumimos o serviço até então parecia tudo normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Assumiu o serviço que horas?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Uma hora da manhã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Uma hora da manhã. Pode continuar.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - No momento em que um preso da Cella 8 chegou na janela e chamava pelo plantão do presídio, dizendo que os presos da Cella 9 estavam estourando o cadeado e o sentido alvo seria eles. Isso me surpreendeu porque normalmente o preso não fala uma coisa do outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você estava a quantos metros da Cella 8?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Em frente, na passarela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em frente, bem próximo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Bem próximo. Diante do fato, pedi ao colega meu que comunicasse o plantão da delegacia, que fica na parte inferior. E a viatura que havia levado nós na cadeia para o rendimento ainda se encontrava no local. Pedi ao colega que falasse com eles que aguardassem, não saíssem do local porque estava tendo um início de um problema no presídio. E, diante dos fatos, fui até a frente da Cella 9 para ver pela grade se havia alguma realidade dentro do que o preso da Cella 8 estava falando. Foi onde eu observei que realmente eles não



estavam abrindo o cadeado, a porta já se encontrava aberta. Através da claridade do corredor da 10, 11, 12, dava para perceber já o movimento de preso nesse corredor, porque o outro a gente já não tem muita visão de frente das celas, e que a cela já estava aberta e com os presos no corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor percebeu todo episódio através dos gritos dos detentos da Cela 8?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - No início, de 2 detentos da Cela 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele gritavam por quê? Por socorro?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não chegaram a pedir socorro. Normalmente, quando eles precisam de uma emergência eles chamam é o plantão, porque eles têm a chave. O plantão do presídio que providencia assim de imediato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ouviu alguns tiros nesse momento?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, nesse exato momento ainda não?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor ouviu o primeiro tiro?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Depois de já haver fumaça saindo pelas janelas, eu já ter visto preso no corredor. A minha preocupação é com a frente do presídio, onde os presos têm mais facilidade de fuga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor ouviu tiros?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Ouvi tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos tiros?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Mais ou menos... Sem precisar, uns 8 tiros, 6 a 8 tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seis a 8 tiros? Isso no primeiro momento? Mas teve um tiroteio lá uma hora?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, não teve assim tiroteio, tiroteio não teve. O que a gente pôde observar dentro do presídio seria mais ou menos esses tiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só de 6 a 8 tiros?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - É mais ou menos isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E depois dos tiros, parou a gritaria?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, até então já estava com muita fumaça. Eu fui para a sentinela que fica a guarita que dá acesso à frente do presídio, porque ao ver o preso no corredor... Na Cela 12 a parede dá acesso à rua, como dá acesso à guarita. E como a missão nossa é fazer a segurança externa do presídio a princípio, eu fui para lá para ver. Onde eu até vi 2 presos também em frente à Cela 12. E um dos presos da Cela 12, que fica muito próximo, pegou e me disse que tinha pessoas ali que poderia... que seria, assim, vítima do que estavam querendo fazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o que estavam querendo fazer?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - O preso da 8 lamentava falando que a saída deles da 9 não era para fugir, não era rebelião, não era nada, era no intuito de pegar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A turma da 8?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - ...o pessoal da 8. Era isso que eles diziam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas a 8 fica do lado esquerdo do presídio, a 12 fica no lado direito.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Do lado direito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conversou com o pessoal da 8 e da 12 ao mesmo tempo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, isso aí eles falaram de frente. Depois que eu fui...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Primeiro o senhor estava do lado da 8, atrás da 8.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - A passarela que dá... A primeira passarela fica de frente da 8 e da 9. A outra passarela fica de frente da 10, 11 e 12. São 5 Celas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A passarela é por cima?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - É em cima do muro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É em cima do muro.



O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Lá de fora. À altura do 2º andar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor se deslocou da Cela 8 e foi perto da Cela 12. Do outro lado.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Do outro lado, no final da passarela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quem ficou perto da Cela 8, vigiando o outro lado ali?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - O colega... O outro colega de serviço já tinha retornado. Já tinha pedido o reforço e já tinha retornado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na escala determinada para aquela dia, vocês tinham um ponto fixo ou vocês faziam um rodízio, cada um passava em uma passarela, para vigiar um canto do presídio durante à noite?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não. A gente tinha... faz...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha 2 guardas só, parece, para tomar conta de 4 lados, não é?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Dois guardas para tomar conta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dois vão ficar desguarnecidos em algum momento da vigilância. Vocês fazem uma ronda para ter visão, de tempo em tempo, dos 4 cantos do presídio ou ficam em locais fixos durante todo o plantão?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não precisamente. A gente fica fixo, se quiser, e troca também de posto um com outro, caso haja necessidade. Mesmo porque a frente a gente não vê, porque é a rua. A gente só olha a frente pela guarita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas quando o senhor foi para perto da Cela 12 o senhor viu 2 detentos no corredor.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Também em frente. Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em frente à Cela 12.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Justo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor sabe identificar esses 2 detentos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse detento é da Cela 9?



O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não dá para precisar de que Cella que era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os portões da Cella 12 também já estavam abertos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não dava para... Não, não estavam. Visivelmente, não estavam abertos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só tinha 2 presos, até o momento, no corredor?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não. Tinha vários olhando pelo ângulo da Cella 9. Porque, em frente a uma grade, você olhando pela janela de uma passarela, você só vê quem está em frente à cela. Agora, quando a grade dá acesso a uma porta de frente a um corredor, você tem uma visão mais ampla. Eu vi que eram vários. Mas da Cella 12 só deu para ver 2 em frente à Cella.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E de dentro do corredor vocês podiam ser acertados com tiro pelos presos que estavam lá dentro?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês podiam ser alvo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E, mesmo assim, o senhor ficava olhando da janela o movimento?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - A gente procura proteger da maneira que pode.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas houve algum tiro em direção à Cella 12, onde o senhor estava?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não. Então, o senhor ficou numa região mais segura assim. O tiro era mais direcionado à Cella 8.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - A princípio, porque, depois, a fumaça saía bastante pela Cella 12, também, porque era o final do corredor. E, num determinado tempo, não estava dando mais para a gente ficar nessa sentinela. Eu retornei para outra, onde ficamos os 2 junto, uma vez que o reforço já tinha chegado e já tinha tomado conta da frente do presídio pela rua.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor percebeu se os cadeados da Cela 8 também estavam quebrados, quando o senhor passou por perto ou não?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não. Não dá visão, porque a gente fica na passarela. A gente só vê pelas janelas. As grades são... O acesso à... é o corredor. Não tem como a gente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor também tinha conhecimento de que tinha grupos rivais dentro da cadeia que queriam se pegar lá dentro?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, conhecimento, assim... Sempre a gente ouve às vezes dizer, mas conhecimento assim que tinha, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É comum, quando dá confusão ali nos presídios, tumulto. Normalmente, dão tiro para cima, para colocar ordem na casa. Vocês, em nenhum momento, usaram a arma para dar um tiro para cima, para espantar, assim, tentar intimidar? Foi dado algum...

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não. Da parte... Não, negativo. Eu não fiz isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não deram nenhum tiro?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A arma não foi usada naquela noite?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Em momento algum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Da Polícia Militar?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - A minha que eu trabalho com ela, em momento algum. E acredito que, dos meus colegas, também, em momento algum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que os presos saíram de dentro das celas, o senhor ouviu a negociação que foi feita ali para os presos saírem?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, porque eu continuava dando cobertura à frente do presídio por essa mesma guarita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava muito distante do local onde o delegado estava negociando com os presos a rendição?



O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Estava, porque eu estava no final da Cella 12, na guarita que dá acesso à rua. E o início da negociação onde pode ser feita é pela entrada do corredor do superior, que é do lado oposto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O reforço que chegou primeiro foi o reforço da Polícia Militar?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Foi o da Polícia Militar, as viaturas de área que trabalham.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor sabe se eles deram algum tiro lá dentro, tiveram que usar arma em algum momento?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, em momento algum eles entraram lá dentro, porque o acesso ao interior da cadeia é da Polícia Civil. A Polícia Militar não tem esse acesso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que acabou a rebelião, que ficou tudo em paz, o senhor teve curiosidade de entrar dentro da cadeia para saber o que tinha acontecido?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Depois de tudo, eu entrei só nas proximidades do corredor, no início, e da porta eu só olhei, vendo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os corpos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E viu os corpos todos amontoados num canto?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Amontoados, não. Assim emparelhados, mais ou menos um com o outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ok.

O Relator está com a palavra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Vânio Marques Gomes, o senhor é soldado ou cabo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Cabo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há quanto tempo o senhor trabalha nessa delegacia?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Na Comarca de Ponte Nova... Na cadeia?



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nessa cadeia.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Na cadeia, tenho 8 meses que estou trabalhando.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Oito meses. O senhor, portanto, só... O seu trabalho era só externo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Só externo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tinha pouca vinculação ou contato com os presos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Pouca... Eu diria praticamente nenhuma, nenhuma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então, você não conhecia as pessoas?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - A gente conhece de vista, do dia-a-dia. Nem todos. Alguns.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor chegou a conhecer o Biju?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Conheço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o Clavinho? Clevinho?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Conheço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você conhece se tinha alguma liderança na Cella 9 que cumprisse determinações do Biju?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, não é do meu conhecimento.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você sabe se os dois eram rivais de morte?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Também, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não sabe. Quanto tempo acha que levou no momento em que você chegou... Você assumiu uma da manhã e depois viu os apelos de socorro dos presos da Cella 8. Quanto tempo demorou esses apelos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Chamava pelo plantão não todos os presos da 8, mas, como eu disse, uns 2 a 3, por uns 5 minutos a 10 minutos, mais ou menos.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - As chaves das celas ficam com o plantonista?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Ficam com o plantonista da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E quem era o plantonista naquele dia?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Era o agente Maurício.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Maurício. Ele estava na parte de baixo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Justo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O que o senhor fez na hora em que ouviu esses apelos? O senhor chamou o Maurício?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Fiquei na passarela. Gritei ele, e o meu colega foi quem chamou ele, onde ele também... eu ouvi ele gritar o colega dele de serviço, que é plantão da delegacia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Demorou quanto tempo para o Maurício atender ao chamado?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - O que ele fez daí, que é chamar reforço também da corporação dele, que é a Polícia Civil, eu não participei e não vi e não posso precisar, porque eu fui cumprir a minha parte, que é tomar conta da parte externa das celas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor, no depoimento prestado à Polícia, informa que 2 presos da Cella 8, não identificados, puseram o rosto na fresta da grade de uma das janelas e gritavam desesperadamente, chamando pelo plantão. Neste momento, que tinha esses 2 presos da Cella 8, apelando por socorro, já tinha preso da Cella 9 no corredor?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Já tinha, que foi no momento em que saí de frente da Cella 8 e cheguei em frente da Cella 9 e vi que a porta estava aberta e eles já circulavam pelo corredor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Muitos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Eram vários.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vários. O cabo Batista de Oliveira você conhece?



O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Conheço.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele chegou antes do senhor ou o senhor é que chegou primeiro no local?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Nós chegamos juntos. Em frente à Cela 9, a 8 e a 9, eu cheguei primeiro, porque ele foi anunciar o fato ao plantonista e... Foi coisa de segundos. Ele só foi e voltou de imediato.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor viu algum preso da Cela 8 com armas?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Negativo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O cabo Batista estava do seu lado? Quando ele foi lá avisou o plantonista e voltou, como você falou, em segundos. Ele ficou junto com o senhor?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Foi no momento em que eu fui para a Cela 12, e ele ficou nessa passarela próximo à 8 e à 9. Nesse momento, nós já não ficamos juntos. Ele tomava conta de uma parte e eu tomava conta de outra.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os 8 ou 9 tiros que o senhor ouviu foram seqüenciados ou foram simultâneos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Foram de duas seqüências. Por exemplo, uns 4 a 5 de uma vez e, depois, mais uns 3 a 4 também de uma segunda vez.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Na sua opinião, havia duas armas ou mais de duas? Ou só uma arma que foi recarregada?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - É difícil de analisar. Provavelmente, seria apenas uma arma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto para o Sr. Vânio. Se o plantonista tivesse chegado rápido — estava o senhor e o cabo Batista —, os 3 seriam suficientes naquele momento para conter a rebelião na Cela 9?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pergunto ao senhor. O senhor, depois que passou o fogo, o senhor entrou na cela?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Depois, já de manhã, no dia.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Que horas? Os corpos ainda estavam lá?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Estavam lá.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Estavam dispostos em filas ou amontoados?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Amontoados em várias posições. Uns de braços, outros deitados, uns encostados na parede. Em posições diversas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Totalmente carbonizados?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Carbonizados.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Irreconhecíveis?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Irreconhecíveis.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você considera que o fogo que tomou conta da Cella 8 teria sido iniciado pelos presos da Cella 8?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o senhor acha ou considera que os presos da Cella 9, esses tiros foram suficientes para atingir todos os presos da Cella 8?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, com certeza não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você tem informação sobre a existência de armas nessa delegacia, antes desse fato, na mão dos presos?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Drogas?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Drogas sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Houve uma vistoria na Cella 9 às 18h da segunda-feira. Você acha possível que na quarta-feira tenha entrado uma arma no presídio, na cadeia?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Quando, dia, momento e hora... Entrar, entra. Já entrou, não seria a primeira. Assim, que a gente tenha conhecimento de arma de fogo em posse de detento, seria a primeira vez. Mas como entram outros objetos que é de conhecimento às vezes das autoridades, não tinha por que não entrar uma arma.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os presos da Cela 9, eles falavam alguma coisa durante o ataque à Cela 8?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não falavam nada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Silêncio?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Silêncio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputada Maria do Carmo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Cabo Vânio, eu queria só complementar. É rapidinho. A visão onde o senhor estava, com o colega do senhor, era uma visão diferente de quem estava do lado de cá, no caso os policiais civis que estavam dando plantão? Ao pedir o socorro... Quando eles começaram a pedir socorro, já tinha algum fogo na Cela? Quando o senhor viu que tinha um policial na Cela 8 pedindo socorro pela janela, socorro ou chamando, igual ao senhor falou, já tinha algum fogo na Cela 8, alguma fumaça?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Foi logo em seguida, após os primeiros gritos. No início, no primeiro fato em si, não, não tinha.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E esses tiros que o senhor ouviu, foi logo que a cela, que os presos da Cela 8 pediram socorro para o senhor? Em que momento foram os tiros que o senhor ouviu?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Após já haver fumaça, teve um momento que a fumaça diminuiu. Foi o momento... Aí, houve os tiros. Coisa que acontece muito rápido, questão mesmo de 2 ou 3 minutos após um fato do outro é que houve esses tiros.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - E quando o preso pediu socorro, ele falou que ele ia ser morto?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Ele não chegou a falar em ser morto. Ele falou que o pessoal tinha estourado o... Estava estourando o cadeado da cela, e estavam armados, e seria para pegar o pessoal da 8. Foram as únicas palavras deles. E chamar o plantão, gritar o plantão.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA - Está bom, obrigada.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Soldado Vânio... Cabo, não é? Desculpa. Onde o senhor fica, na parte externa, fica muito colado à parede das Celas, Não é isso?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Aqui no auto de apreensão consta: *“Cadeado marca Soprano S 50, danificado em seu sistema de abertura com várias marcas de objeto contundente em sua caixa de fechamento. Um cadeado da mesma marca danificado em seu sistema de abertura, com várias marcas de objeto contundente em sua caixa de fechamento, e com parte de sua alça de tranca acoplada ao seu corpo, sendo que um dos seus orifícios de trancamento encontra-se rompido”*. E assim se refere a todos os cadeados.

Eu pergunto para o senhor. Significa que houve pancada com objeto igual ou mais forte do que os mesmos. Era possível fazer isso sem que os soldados, quem estivesse na guarita ouvisse?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Antes do senhor, quem estava de plantão lá na parte externa?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Era o cabo Cardoso e o cabo Santana... o cabo Carlos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os policiais civis estavam lá embaixo?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Embaixo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não tinha, portanto, mais ninguém na parte interna?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Até então... Esse acesso lá é restrito a eles. Se tinha outras pessoas, mais gente lá, não é de conhecimento da gente, porque a gente não fica entrando nas dependências onde são dependências deles.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, porque ficavam na parte externa os militares. Ficaram 2, não é?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E na parte interna ficavam também outros dois?



O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Não, do presídio em si, é um que fica. Porque o outro fica na parte que é a delegacia, onde tem telefone para atender.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem estava na parte do presídio?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - O Maurício.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, o Maurício. E na parte da...

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Da delegacia, no momento em si, eu não sabia, mas tomei conhecimento que seria o Marco Aurélio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando o senhor chegou para assumir o seu posto, o senhor encontrou o Maurício?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - O Maurício estava na portaria da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Fica distante das celas?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - É um pouco distante, porque é na entrada do presídio, no andar inferior. As celas ficam no andar superior e mais nos fundos. É um pouco distante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas daria para ouvir batidas? Do lugar onde ele estava, quando o senhor o encontrou, lá para as celas, considerando objeto contundente que rompeu os cadeados, daria para ouvir?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Se dessa forma acontecer, dá para ouvir, sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu lhe pergunto. Quando o senhor chegou, seu colega de trabalho estava em que lugar?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Nós estávamos juntos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, o que o senhor ia substituir.

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Ah, estava próximo à entrada da passarela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E ele também não relatou para o senhor de ter ouvido nenhum movimento estranho de rompimento desses cadeados?

O SR. VÂNIO MARQUES GOMES - Normalmente a gente pergunta. Estava tudo ok, não tinha nada até então estranho.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Presidente, estou satisfeito.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Agradecemos ao depoente. Está encerrado o depoimento.

Vamos ouvir nesse momento o depoimento de 2 peritos que fizeram a perícia no local, para que possamos tirar algumas dúvidas a respeito dos fatos relatados aqui na Comissão.

Quero solicitar à Assessoria da Comissão que introduza no plenário os 2 peritos, que serão devidamente identificados aqui pela Comissão.

Queremos aproveitar a oportunidade e mais uma vez agradecer o apoio que estamos recebendo aqui do Governo do Estado, da Prefeitura local, da Câmara Municipal e das instituições da sociedade civil organizada da cidade de Ponte Nova. Assim também com a presença da imprensa aqui durante todo o dia, cobrindo todos os fatos. É um dia cansativo, mas é importante também a presença da imprensa dando cobertura e no tempo real de tudo o que está ocorrendo aqui na cidade de Ponte Nova.

Sr. Marcelo Alexandre da Silva, por favor.

Araken Resende Costa. Sr. Araken, CPF 050191386-65. Perito criminal?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queria que V.Sa. prestasse esse juramento perante esta Comissão.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Marcelo Alexandre da Silva. Perito criminal? Por favor. Perito criminal?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Perito criminal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - CPF 939243996-20?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Natural de Caratinga?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Presta serviços aqui na cidade?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Para a Polícia local?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queria pedir a V.Sa. que fizesse juramento, conforme determina o Código Penal.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Araken Resende Costa, esta Comissão Parlamentar de Inquérito tem o objetivo de fazer uma investigação sobre o sistema carcerário no Brasil. Estamos aqui diante dos fatos que ocorreram na cidade, com 25 vítimas fatais... As pessoas foram mortas, aparentemente, queimadas ou intoxicadas. E foram encontradas dentro da Cella 8, na cadeia da cidade. V.Sa. participou ali como perito criminal no local. Correto?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A que horas V.Sa. chegou àquele local para iniciar os trabalhos, e que dia?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Eu fico de plantão em casa. Me ligaram... Até estive olhando a última chamada de celular, que foi o Marco Aurélio que me ligou. Foi 1h33min que me ligaram. Eu estava de pijama e tudo. Até trocar de roupa, pegar o carro e ir, devo ter chegado por volta das 2h.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele ligou e falou o que para você?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - *“O delegado regional, Dr.Chartouni, está convocando todo mundo, está tendo rebelião na cadeia. Vem para cá urgente”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E aí?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Fui para lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Chegou lá com quanto tempo?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Devo ter chegado... Até trocar de roupa e tudo, devo ter gastado uns 20 a 25 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Chegou lá, qual foi o quadro que você encontrou?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Desordem, não é?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos já haviam deixado a cela?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Eu não cheguei muito perto da cadeia, não, porque minha parte mesmo eu ia começar só na hora que tivesse deixado a Cela mesmo, que falasse que estava tudo limpo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você ficou do lado de fora, então?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Fiquei do lado de fora, não participei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha muito tumulto na rua ali, na hora?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Na hora... tinha muito PM, não é? A PM estava isolando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E depois, que horas você começou seu trabalho lá?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Por volta das 2h30, 3 horas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Às 2h30 você já iniciou a perícia?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Nós demos uma parcial. Nós entramos na cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você entrou na cadeia, o que você viu de imediato que chamou a atenção?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Fumaça, muita fumaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muita fumaça? Chegou a ver os corpos lá no local?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Quando eu entrei, o ambiente estava com muita fumaça e não tinha luz. Nós só olhamos por alto assim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava toda a cadeia sem luz, ou só o corredor onde vocês entraram?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - O segundo andar estava sem luz. O primeiro, já não sei, porque não tive acesso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O segundo andar todo estava sem luz.



O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - É. Do primeiro já não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E quando você começou a fazer a perícia, atuar na sua função? Que horas?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Começamos a trabalhar mesmo depois que conseguimos um holofote, uma luz. A funerária já tinha chegado com caixão, porque a gente não ia mexer, ficar fazendo muito serviço com os corpos todos ali. A gente precisava removê-los urgente. Era muita gente. Se não, ia começar a amanhecer e...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estava só você e o Marcelo?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só os 2?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - É. Por volta das 6h, 6h30 da manhã chegaram 2 peritos de Belo Horizonte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas de 2h30 até as 6h só ficaram vocês 2?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Fazendo o serviço, sim. Mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E a polícia ficou do lado de fora?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Toda hora chegava um à porta da Cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês ficaram o tempo todo dentro da Cela, de 2h até as 6h?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Primeiro nós demos uma parcial, primeiro corredor da Cela 8 e 9, corredor da Cela 10, 11 e 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O que vocês viram? As grades, as portas das celas estavam todas fechadas?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Todas abertas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todas abertas, escancaradas.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - O primeiro serviço nosso foi meio no corredor mesmo. Pegamos alguns cadeados no chão, projéteis...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muitos projéteis?



O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - No meio da bagunça toda nós achamos 3 percutidos, deflagrados, e 1 intacto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No meio da bagunça toda?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não achou mais nenhum?

ARAKEN RESENDE COSTA - Estava bastante bagunçado e sem luz, né, estava difícil. Acho que nós achamos até bastante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas depois chegou a luz e amanheceu o dia. Vocês não fizeram uma varredura geral?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não, aí nós ficamos por conta dos corpos, né, na cela 8. Durante o dia a gente foi, não necrotério, né, pra...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deixa eu fazer uma pergunta. Vocês foram chamados ao local só pra fazer a perícia dos corpos?

ARAKEN RESENDE COSTA - Nós fizemos uma vistoria no geral. Nós rodeamos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o trabalho de vocês num caso desse? O que vocês deveriam ter feito?

ARAKEN RESENDE COSTA - Nós fizemos uma vistoria e o local da cela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E vistoria englobava que tipo de serviço? Vistoriar o quê? Vamos lá.

ARAKEN RESENDE COSTA - Danos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Danos causados a quem? Ao patrimônio ou ao ser humano?

ARAKEN RESENDE COSTA - Ao patrimônio e ao ser humano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ao patrimônio.

ARAKEN RESENDE COSTA - E ao crime contra a vida, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, vocês foram chamados no local como peritos, vocês tinham a função de investigar os danos causados ao patrimônio, correto?

ARAKEN RESENDE COSTA - Tanto é que os 2 que vieram de Belo Horizonte era um justamente dos crimes contra a vida e um da engenharia legal.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Contra o patrimônio?

ARAKEN RESENDE COSTA - Danos contra o patrimônio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De duas às seis, vocês fizeram uma vistoria dos danos causados ao patrimônio?

ARAKEN RESENDE COSTA - Nós fizemos mais sobre os danos causados ao patrimônio um pouco anterior à funerária chegar. Depois que chegou, nós gastamos quase 3 horas para tirar os corpos da cela. E depois que tirou, nós fomos auxiliar os médicos legistas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim, e vocês viram perfurações de bala nas paredes?

ARAKEN RESENDE COSTA - Tinha uma mozza na chapa do portão de entrada da, no portão de acesso à cela 8 e 9 tinha uma mozza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só uma? Só lá?

ARAKEN RESENDE COSTA - Por alto foi só lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas por alto não. Perícia não faz trabalho por alto, perícia faz trabalho profundo.

ARAKEN RESENDE COSTA - Profundo, mas na hora tudo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por alto é a gente que olha que não entende nada. Vocês têm que fazer...

ARAKEN RESENDE COSTA - Com uma cela enfumaçada, com a parede preta, numa cadeia, numa cela de cadeia cheia de buraco, é bem complicado de se achar mozza, é bem difícil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas projéteis vocês acharam?

ARAKEN RESENDE COSTA - Achamos projéteis.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em que local da cadeia?

ARAKEN RESENDE COSTA - No corredor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No corredor? Próximo de qual cela?

ARAKEN RESENDE COSTA - Ah, isso aí a gente não tem muita...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?



ARAKEN RESENDE COSTA - Qual cela especificamente eu não estou lembrado não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas é a perícia no local, né?

ARAKEN RESENDE COSTA - Mas gente faz anotação, né?.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

ARAKEN RESENDE COSTA - Tira foto, faz anotação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Está tudo documentado isso?

ARAKEN RESENDE COSTA - Tá tudo, a gente tem tudo documentado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já concluiu a perícia?

ARAKEN RESENDE COSTA - Não, tem um prazo pra isso, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o prazo?

ARAKEN RESENDE COSTA - Dez dias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dez dias? Mas se precisar dá pra fazer antes do prazo ou vai esperar os 10 dias pra concluir?

ARAKEN RESENDE COSTA - Se for requisitado pela autoridade uma vistoria melhor, uma varredura melhor na cadeia, a gente vai fazer uma varredura melhor na cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E não foi solicitada uma vistoria completa na cadeia?

ARAKEN RESENDE COSTA - Ainda estavam tirando os presos, né, estava tudo muito...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem feito superficial mesmo. Nós entramos lá hoje, está cheio de pertence queimado, roupa.

ARAKEN RESENDE COSTA - A gente está querendo fazer uma vistoria, mas pra isso a gente precisa de espaço e menos pessoas na cela, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A vistoria, não entendo muito de vistoria não, mas o ideal de uma vistoria é você, a partir do momento em que ocorreram os fatos, primeiro, você isola a área para só os peritos terem acesso ao local, não é isso?

ARAKEN RESENDE COSTA - A cadeia está isolada.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A cadeia não está isolada.

ARAKEN RESENDE COSTA - Agora ela está isolada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A cela está isolada. O corredor, quem teve a oportunidade de acessar, já acessou. Nós estivemos lá hoje, uma comitiva, algumas instituições já fizeram a filmagem. Então, não está isolada. As pessoas estão tendo acesso ao local onde ocorreram os fatos. As celas 9, 10, 11 e o corredor. Então, a cadeia não está isolada. Então, vocês não fizeram uma vistoria ainda, se bem detalhada, sobre os fatos ocorridos ali, é isso?

ARAKEN RESENDE COSTA - Detalhada, peneirada, bem peneirada mesmo ainda não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você acha que não é necessário?

ARAKEN RESENDE COSTA - Eu acho necessário.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você acha necessário quando isso?

ARAKEN RESENDE COSTA - Quando o nosso chefe mandar, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Como profissional....

ARAKEN RESENDE COSTA - Como profissional...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O chefe não mandou ainda não?

ARAKEN RESENDE COSTA - Eu quis entrar lá hoje.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não deixaram?

ARAKEN RESENDE COSTA - Não deixaram, está isolado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas como que não deixa um perito entrar?

ARAKEN RESENDE COSTA - Aí a resposta eu não tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quem é o seu chefe?

ARAKEN RESENDE COSTA - O chefe na regional é o Dr. Luiz Carlos Chartouni.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele impediu você de fazer a perícia ou só não autorizou?



ARAKEN RESENDE COSTA - Não, não impediu não. Ele libera na hora que eu quiser, mas hoje à tarde, como tava tendo isso aqui, ele preferiu mandar eu vim aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ontem, durante o dia todo, você ficou só por conta dos corpos? Ontem à tarde foi feito o quê? O que vocês fizeram como perito ontem à tarde? Eu quero ouvi-lo.

ARAKEN RESENDE COSTA - Não, ontem à tarde a gente acordou 1 hora da manhã, no meio de um fogo, numa cela extremamente quente, 1 e meia da tarde, 2 horas, a gente já não tinha cabeça para fazer muito coisa mais mesmo não. Nós ficamos na delegacia e eles estavam tirando os outros presos de lá, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na parte da manhã...?

ARAKEN RESENDE COSTA - A parte da manhã toda ocupada. Não, não sei. Cheguei... Cheguei em casa 11 horas da noite ontem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficaram fazendo a retirada dos corpos?

ARAKEN RESENDE COSTA - E depois auxiliando os médicos-legistas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E dentro da cela, onde os corpos estavam, não encontraram nenhum projétil?

ARAKEN RESENDE COSTA - A cela, onde que os corpos estavam à noite, estava muito escuro, muito escuro mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas e de dia? E de dia vocês não voltaram lá não?

ARAKEN RESENDE COSTA - De dia ainda não voltamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas como? Já se passaram 2 dias dos fatos. Passou o dia todo de quinta, o dia todo de sexta. Uma perícia no local, se não pode ser feita de noite, teria de ser feita de dia.

ARAKEN RESENDE COSTA - Mas o dia de ontem foi complicado para se fazer, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu sei, mas a perícia tem que ser a primeira coisa. Não sei se eu estou sendo tão neófito assim no assunto, mas a prioridade num caso como esse é a perícia. Prioridade: perícia.

ARAKEN RESENDE COSTA - Eu acredito que ainda é a perícia...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que a perícia...

ARAKEN RESENDE COSTA - ... feita antes de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... liberar a área, aí outras pessoas podem ter acesso. E nós estamos vendo aqui que, primeiro, as pessoas estão tendo acesso, a cena do crime...

ARAKEN RESENDE COSTA - A gente não passa por cima dos nossos chefes...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o chefe não autorizou fazer então a perícia ainda?

ARAKEN RESENDE COSTA - A hierarquia... A gente tá acostumado, por hierarquia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não recebeu nenhuma ordem para fazer perícia então?

ARAKEN RESENDE COSTA - A ordem inicial foi feita. Nós fizemos o inicial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês fizeram a retirada de corpos?

ARAKEN RESENDE COSTA - É, porque nós demos prioridade pra isso. Tinha vidas envolvidas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A perícia no local para saber de onde deram os tiros, se existe marca de tiro em outros locais da cadeia, se na sala onde os corpos foram encontrados se tinha marca de bala, se tinha projéteis. Isso não foi feito então?

ARAKEN RESENDE COSTA - Na cela onde foram encontrados foi feita... marca... moessa a gente tentou. Só que, como eu falei para o senhor, as paredes todas enfumaçadas... Mesmo se a moessa... Se der um tiro antes, enfumaçou, você não sabe da receptividade da moessa. Você não vai ter como afirmar se foi no dia ou se não foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Marcelo, você foi acionado por quem e que horas na madrugada de quinta-feira?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Fui acionado pelo próprio Araken. Ele ligou para o meu celular e falou que tava havendo a rebelião e que eu precisava ir urgente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi urgente?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O mais rápido possível.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Chegou a que horas lá?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Em torno de 2 e meia, 2h40. Fui acionado 2h16.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E chegando lá teve acesso de imediato ao local dos fatos ocorridos, das mortes?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Assim que eu cheguei, eu já comecei a auxiliar o Araken no trabalho pericial. Eu, o perito Araken e o agente Marco Aurélio saímos fazendo o levantamento fotográfico, colhendo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Fotografaram tudo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Tudo... O que foi possível, o que a gente achou importante no momento...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todo o corredor...?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - ... o que a gente achou importante no momento lá, a gente fotografou. Nem sempre é possível a gente perceber todos os vestígios imediatamente. Então, nós procuramos fotografar o máximo possível e esperamos que seja suficiente. Se não for, nós ainda vamos fazer uma outra vistoria lá no local, mais detalhada. No dia do acontecido, havia uma prioridade para se remover os corpos dali do local. Nós não poderíamos fazer um serviço à parte, enquanto os corpos seriam removidos, porque poderia ter detalhes importantes lá que a gente iria perder se a gente não acompanhasse. Então, precisávamos acompanhar tudo e foi bastante demorado. Alguns corpos... Teve dificuldade até para tirá-los. As pessoas estavam muito próximas umas das outras, às vezes até com os braços enrolados no corpo de outro, uma vítima com a outra. Então, foi complicado de remover os corpos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Todos os corpos estavam no meu estado?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Bem parecido. Quase todos estavam bastante queimados. A superfície corporal bastante queimada. Apenas um corpo que... A vítima colocou uma camisa por cima do rosto, então ficou mais preservado, e uma outra que tinha muito cabelo, então um lado ficou preservado,



onde estava ali uma grande quantidade de cabelo. Os demais corpos estavam bastante desfigurados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pela experiência que você tem como perito, vamos imaginar um grupo rival invadindo uma cela onde tinha 25 presos e tivesse ateadado fogo naquela... Deixa eu fazer outra pergunta antes disso: vocês chegaram a vistoriar as outras celas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os colchões das outras celas estavam todos nas outras celas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estavam também bastante revirados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas estavam todos nas celas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Se todos não posso garantir, mas tinha muitos colchões lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É provável que os colchões utilizados para queimar os presos da cela 8 tenham sido somente os da cela 8?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não posso afirmar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês não levantaram quantos colchões foram encontrados em cada cela? Ainda não fizeram esse levantamento?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Alguém fez esse levantamento?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não sei afirmar para o senhor. Nós, peritos, não fizemos esse levantamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas essa obrigação seria de vocês ou de outros funcionários de fazer isso? Quem teria de fazer isso? Por exemplo, na cela 12 nós encontramos lá 20 colchões, na cela 11 encontramos 15 colchões, na cela 10 encontramos 18 colchões... Quem teria de fazer isso? Vocês, ou os agentes, ou o delegado? Quem teria de fazer?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O delegado, eu sei que ele não faria isso. Normalmente, ele delega.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E delegaria pra quem você acha?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Aí é com ele, não é? Eu não um sou delegado e não posso afirmar para o senhor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você pelo que você aprendeu na sua profissão a sua tarefa, como perito, na cena do crime, no local do crime é qual?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Pra mim seria bom que tivesse tanto agente quanto perito, porque dado... São muitas celas. Só para os peritos olharem, iria levar muito tempo e ele precisa de ajuda. Como o Marco Aurélio ajudou a gente naquele dia e foi importante, porque se fosse só para eu e o Araken fazer seria mais difícil. Até mesmo a experiência, e ele já é uma pessoa que já está há mais tempo na polícia, então para nós foi experiente... Foi importante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você chegou os corpos estavam todos embolados um em cima do outro? Onde é que estavam?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estavam todos numa mesma... na parte posterior do...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Do lado direito ou esquerdo da cela?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, na parte posterior, no fundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim, mas no fundo do lado direito ou do lado esquerdo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Era mais ou menos homogêneo, porque eram 25... 25 vítimas. O espaço que eles ocuparam é considerável.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam todos no fundo da cela?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Todos no fundo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que... Os colchões estavam na cela e normalmente é comum. Se você coloca fogo numa cela... A cela deve ter mais ou menos... Quantos metros quadrados tem uma cela ali?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Por volta de 39 metros quadrados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quarenta metros quadrados cada cela?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Isto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, colocando fogo nos colchões... Vamos imaginar que tivessem 25 colchões, um para cada um, a tendência natural de reação era de as pessoas fugirem do fogo, porque se elas não foram feridas antes... Ninguém morre queimado sem dar um pulo. Vê o fogo chegando, vai sair. E numa cela de 40 metros quadrados, eles poderiam empurrar os colchões todos para um canto da cela e ficar no outro... Poderia alguém se queimar, poderia alguém ter morrido intoxicado, mas a tendência era eles jogarem os colchões tudo para um canto, deixar pegar fogo e, na pior das hipóteses, morrer intoxicado. Não sei qual morte é melhor, se tem morte melhor, mas acho que deve ser menos doloroso do que morrer queimado, vendo o fogo chegando perto da gente. E aquela sala tinha condições de fazer isso. A impressão que nós temos é de que esses presos foram mantidos no fundo a troco de bala, ou até mesmo todos eles terem sido mortos a bala e depois jogados no canto da cela, metido todos os colchões em cima, jogar o combustível, meter fogo e esperar queimar tudo. Pelo menos algum desses 25, ou alguns poderiam, quem sabe, até morrer, mas não totalmente carbonizado. Porque a cela era grande, dava espaço para correr. Um colchão é fácil de ser empurrado, de qualquer forma, e quem está no desespero ia fazer isso. Vocês não têm esse mesmo sentimento? Ou vocês acham que é comum os caras, oh, vamos morrer todo mundo abraçadinho aqui porque está todo mundo...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós não podemos afastar hipótese nenhuma. Falar antes de se ter uma conclusão é precipitado. A princípio, o que o senhor falou é correto. A tendência é de fugir daquela situação. Agora, isso não ocorreu. Por que não ocorreu é algo que deve ser investigado. E nós não vamos



falar que esta ou aquela hipótese porque nós não temos ainda, não tivemos nem tempo ainda para trabalhar com calma em cima do fato. Trabalhamos ontem, ficamos muito tempo aí trabalhando sob pressão. Quando foi a tarde a gente já não tinha condição...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês encontraram alguma arma lá no local?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Foi encontrada uma arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Onde?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Próximo da entrada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Da entrada da onde?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Do corredor da cela 8 e 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas era uma arma só ou duas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Uma arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que arma que era?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - É uma Taurus calibre 38.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Já foi identificado de quem é essa arma, não? O registro dela?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós não identificamos não. Pode ser que a equipe de investigação já saiba. Nós, como peritos, não temos esse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cela 8 é vizinha da 9. Os colchões da cela 9 estavam no local?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estavam. *(Pausa.)* Não posso afirmar que estavam todos, mas que tinham colchões lá eu posso afirmar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha algum colchão no corredor, assim, queimando quando vocês chegaram, não?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Queimando não, mas tinha colchão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Marcelo Alexandre da Silva.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o Sr. Araken Resende Costa.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Certo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nós estamos aqui, Deputados de vários Estados do País, iniciando uma CPI num momento dramático, com 25 mortos, mas a CPI não se destina apenas para esta investigação. O que nós queremos é colher todo material necessário para melhorar todo o sistema carcerário brasileiro, tanto aqueles que estão cumprindo pena, quanto aqueles que trabalham como servidores públicos. Eu gostaria que os senhores pudessem falar para essa Comissão o máximo de contribuição que vocês puderem. Eu pergunto para o senhor: o senhor tem quantos anos de experiência? O senhor é perito criminal?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Perito criminal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos anos de experiência.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Um ano e... um pouco mais de um ano.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o senhor Araken?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Perito criminal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos anos de experiência?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Um ano, um mês e 20 dias.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto aos senhores: vocês já participaram de alguma outra perícia com fogo, com cadáveres, nesse ano e pouco de experiência?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - No estilo assim, não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor já participou.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós fizemos perícia em locais com... de incêndio, eu fiz sem vítima, num estabelecimento até da prefeitura aí, uma entidade social, eu não me recordo o nome, mas...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto aos 2. Pela gravidade dos fatos, pela quantidade de pessoas mortas, pelo instrumento utilizado nesta execução, vocês 2 se consideram habilitados para produzir uma perícia à altura da gravidade dos fatos? Você se considera habilitado?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Considero.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem todas as condições de produzir uma perícia que pode ser examinada por foruns nacionais e internacionais?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - A gente está tendo auxílio do instituto, qualquer coisa a gente tem uma base no instituto, a gente liga, vem, então, a dúvida que a gente possa ter a gente tem onde sanar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor se considera habilitado para produzir um laudo, diante da complexidade?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - A complexidade até vai ser boa, para trazer mais experiências para nós. Nós já passamos por uma situação esse ano, o acidente envolvendo a Pássaro Verde. Houve também bastante repercussão. Aparentemente era algo muito difícil, e nós fizemos um bom trabalho. Nós temos uma boa equipe para nos dar apoio. Da outra vez, os peritos de Belo Horizonte nos auxiliaram bastante. Em tudo que a gente tinha dificuldade a gente procurava, e eles foram prontos em nos ajudar e já também se colocaram à disposição, tanto é que eles até mandaram... foi até mandado também 2 peritos para nos auxiliar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os senhores... Também pela complexidade do caso, só 2 peritos são suficientes para produzir um laudo que atenda, e com a velocidade que os fatos exigem?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Creio que na verdade não vai ser um trabalho de 2 peritos. É uma equipe, e uma grande equipe, mas quem vai ficar como responsáveis são os 2, são 2. Mas não é um trabalho de 2 peritos, na verdade é um trabalho em equipe. Nós não estamos sozinhos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Além de vocês 2, quem mais compõe a equipe?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu falo assim: todos os profissionais no Instituto de Criminalística, até aqueles que têm mais experiência, no que for preciso eles não... vão nos dar o suporte necessário.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, Sr. Marcelo...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Agora, aqui nós estamos trabalhando somente eu e ele, um dia é ele, outro dia é eu, e quando ele está eu ainda tenho que ficar de sobreaviso. Ou seja, nós estamos trabalhando 30 dias por mês.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então para esta Relatoria só existem 2 peritos na realização da perícia. Por enquanto não há mais ninguém. Há uma equipe de peritos que pode ser...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Que dá suporte.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - ... solicitada pelos senhores, mas até agora não houve solicitação nenhuma.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, nós já temos entrado em contato, entendeu? E até eles mesmos têm nos procurado também.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então fica consignado que o Sr. Marcelo Alexandre e o Sr. Araken têm todas as condições técnicas, científicas e intelectuais para produzir um laudo pericial que esclareça os fatos. Porque, pelo que nós já ouvimos, este laudo é fundamental para podermos compreender o que realmente aconteceu na madrugada do dia 23.

Eu pergunto aos 2: os 2 peritos foram os primeiros a entrar na cela nº 8, ou quando chegaram já haviam entrado outras pessoas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu não posso fazer essa afirmação. Eu, quando eu cheguei, eu já entrei junto com o perito Araken e o Marco Aurélio. Nós 3 entramos juntos. Se tinha entrado alguém antes eu não posso afirmar para o senhor.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor perguntou se alguém tinha entrado antes, algum servidor?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu não posso afirmar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor perguntou para o Maurício ou para o delegado, ou para qualquer...?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu não perguntei.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você perguntou, Araken?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não perguntei porque acaba que, para retirar os presos, né, tiveram que ter acesso à cadeia os agentes de polícia, o delegado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Porque na cela 8 não tinha mais preso para sair.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não, na cela 8...



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu estou perguntando se antes...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - ... no momento em que nós chegamos... Eu acho que ninguém entrou, porque estava com muita fumaça. Pode ter chegado na porta, na porta. Olhou, viu que tinha corpo, chegou lá fora e falou: *"Olha, tem corpos lá dentro."* Mas entrar e mexer eu não acredito.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pela experiência de vocês, ao olhar a cena dos fatos deu para constatar que tinha sido alterada ou não, ou continuava lá intacta?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Ao menos a cela 8 estava intacta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu ainda vou repisar uma pergunta do Presidente, que vocês pudessem descrever melhor a posição dos 25 corpos. Porque, pelo que já foi dito, os corpos estavam próximos à parede, ao fundo. A cela, pelo que nós entramos, a entrada fica... como se aqui fosse um corredor. Não é isso? A entrada é aqui e a parede do fundo fica aqui. Eles estavam em filas, em fileiras, próximos à parede ou estavam amontoados?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estava desorganizado, era um sobre ou outro. A tendência... eles estavam todos como que acuados, bem... Então estava um sobre o outro. Não dava para ter...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas eu pergunto o seguinte: a pessoa pode estar acuada aparentemente...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não estava organizado não, uns estavam de lado, outros estavam de bruços, outros...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Porque, se a gente considerar que os presos da cela 9 estavam armados e atiraram na direção dos presos da cela 8, com o fogo a lógica normal é que todos eles fossem lá para o canto, para este canto aqui. Mas, pelo que está sendo dito, eles estavam dispostos quase que em filas. Como eram 25, eu pressuponho que não dava para colocar um atrás do outro.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não tinha como.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Devia ter 2 corpos, 1, 3. Mas estavam mais ou menos enfileirados, não eram amontoados.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, estava mais para amontoados, não era enfileirado não.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor falou, ainda no início, que tinha presos que estavam agarrados um com o outro. Descreva melhor essa cena para a Comissão. Como é que estavam mesmo? Em que tamanho os corpos ficaram?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Olha, eu acredito... Eu não tinha contato com nenhum deles, não conheço nenhum deles, não os vi com vida. Então eu não posso falar, eu não tenho parâmetro. Mas aparentemente, em termos de compleição assim, não mudou muita coisa não. Só ficou às vezes algumas partes muitos queimadas, o corpo desfigurado. Mas em relação a perder massa, assim, quase... praticamente eu creio que não mudou muita coisa não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então eles não estavam torrados — torrados numa linguagem popular.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Se eles estivessem torrados, ao pegar já ia soltar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, mas então eles estavam... a massa corporal deles tinha muito deles preservado.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Agora, a pele, a superfície corporal estava bastante queimada. Um ou outro que estava um pouco mais preservado, aqueles que a roupa não queimou totalmente. Então nessas partes onde as roupas não queimaram totalmente ficou um pouco da pele preservada, mas não era assim 100% também não. Não dava nem para falar qual que era a cor da pessoa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Isso significa que a perícia, lá no Instituto Médico Legal, tem condições de comprovar quem foi atingido por tiros, sem dúvida.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Vai achar. Com certeza eles vão conseguir. Não vou falar que vão conseguir 100%, porque pode ser que... Tinha um corpo lá que estava com massa encefálica à mostra. Então esse pode ser que o pro... se é que ele foi atingido por algum projétil, pode ter entrado e saído, pode ter levado um tiro por uma região que no momento não deu para perceber. Mas os demais é bem possível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você, além de... você observou quantos corpos assim, com marca de tiro assim?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Com marca de tiro nós vimos 1, apenas 1, e esse outro pode ser que era tiro, mas nós não podemos afirmar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E ele estava por cima ou por baixo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Ele estava mais por cima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse deu para perceber.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Deu para perceber.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E esse estava mais queimado que os de baixo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não estava muito quei... não estava tão queimado não. Tinha outros bem mais queimados, mas ele não era o mais queimado não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava por cima assim dos corpos?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Ele estava mais por cima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse que estava com...?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não. Esse estava bem queimado, muito queimado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse estava com marca de tiro?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, esse que estava com massa encefálica a gente não viu marca de tiro não. O que estava com marca de tiro é outro. O que estava com massa encefálica para fora estava com a calota craniana bastante queimada, estava até porosa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É comum, no caso de queimadura muito intensa na região aí do crânio, o crânio estourar e jogar a massa encefálica para fora?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O calor é muito intenso, então a pressão interna também é muito grande. Como estava bastante queimada aqui a calota craniana, a resistência, quer dizer, o colágeno que ajuda a dar resistência nos ossos, ele vai, com o calor ele vai deteriorando, então é possível que não haja ali...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o outro que estava com marca de tiro estava com a marca onde? Em que lugar?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nessa região aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No peito?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Isto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só um que você conseguiu ver?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Só um.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava muito queimado?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, não estava...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você, Araken, viu quantos com marca de tiro?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Eu vi esse que ele citou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando vocês viram, vocês ficaram curiosos? Assim: *"Oh! tem um com marca de tiro aqui."* Como é que é?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Ficamos curiosos, lógico. Mas assim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tiraram fotos?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Tiramos fotos, mas, como todos estavam bem desfigurados, não tem como identificar, tirar uma foto da face e fazer tipo um... falar quem era, entendeu? Como que eu posso explicar? Todos eles estavam com a face bem desfigurada, então esse que a gente tem... A gente tem foto do local do tiro, mas, no meio de tantos assim, se perguntar para a gente para separar quem é, já é difícil, não tem como...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Encontraram alguma vasilha, assim, jogada lá no...



O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Tinha muita pasta de dente, escova de dente, canetas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não tinha cheiro de combustível não, assim, de gas...?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Tinha até carta no chão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cheiro de combustível, assim...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Cheiro de combustível nós não sentimos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... de álcool ou de querosene...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...gasolina? Vocês não perceberam?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Se é que... A fumaça impede um pouco, mas, assim, cheiro não se sobrepôs não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não deu para sentir cheiro de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas com a quantidade de água que ele...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Porque também os cadáveres estavam fedendo bastante, né? O cheiro é bem, bem forte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a quantidade de água que eles jogaram lá dentro aí para apagar o fogo, depois do combustível já todo consumido, sendo queimado pelas chamas, com a quantidade de água que jogaram posterior, seria comum, depois do combustível... Vamos imaginar que tivessem jogado gasolina lá dentro da cela e que a gasolina foi toda consumida pelo fogo, secou-se, consumiu junto... misturou-se com os colchões. Com a quantidade de água depois que jogaram para tentar apagar o fogo, seria possível identificar ainda o cheiro da gasolina?



O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Eu acho que no caso dependeria da quantidade de gasolina, né? Se fosse muita gasolina... porque tem colchões que ficaram partes deles inteiras, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sem queimar?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Sem queimar. Então, se por acaso caiu gasolina naquela parte e apagou, pode ser que dê para sentir o cheiro, mas não foi percebido não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É, porque o colchão não queimar e o corpo... todos morrerem...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não, mas os colchões...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O colchão se salvou. Só salvou um pedaço do colchão.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - A parte dos colchões que não se queimou estava mais para perto da porta mesmo, não estava tão próximo aos corpos. Tinha uns 3, 4 colchões, não muito mais que isso, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator, depois o Deputado Alexandre.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pediria, voltando aqui à questão dos corpos... Porque para a Relatoria é muito importante a posição dos corpos. Eles estavam em posição de defesa, de frente para a porta, estavam de banda, virados para a parede... Qual era a posição dos corpos em relação à entrada?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - A tendência de corpos que são queimados... A pessoa que morre em virtude de fogo, ela fica na posição de pugilista e a língua fica protusa. Muitos desses presos estavam com essas características, o que indica que eles, muito provável... eles foram mortos pela ação do fogo, não foi por outro instrumento. Ainda que eles, algum deles tenha sido atingido por esse instrumento, não foi isso a causa da morte, pelo menos naquele momento. Isso é uma reação natural da pessoa que sofre esse tipo de ação, ação do fogo.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Um aparte. Por ação do fogo ou por asfixia?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Do fogo, não asfixia.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Pela ação do calor. Porque eles não estavam no meio do fogo. O preso não ficaria no meio do incêndio. A cela não foi toda incendiada.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não são todos os corpos que estavam nessa posição, mas tinha bastante deles nessa posição.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não dá para afirmar. A gente não tem condição de afirmar isso agora não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pergunto a vocês, aos senhores: vocês tiraram foto de todos os corpos, individualizados?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Esse a que o senhor se referiu, que tinha uma marca de projétil no peito, foi fotografado ali, naquela marca do tiro?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Foi. Só que nós presenciamos, percebemos que havia uma possível entrada por projétil já depois de ter feito a fotografia de identificação.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas tem a fotografia com a marca. Vocês têm essa fotografia.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Tem, tem a fotografia com a marca.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto: o senhor falou que encontrou restos de colchões. Tinha algum colchão ainda intacto, ou pela metade...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, na cela 8, intacto não tinha nenhum. Tinha alguns que não entraram em combustão completa. Parte deles ficou...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E eles estavam onde? Próximo da porta?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estavam mais para o lado da porta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quantos?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eram fra... não eram colchões inteiros, eram pedaços.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, eu sei. Quantos pedaços, de quantos colchões?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não me recordo, mas...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Muitos?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não, poucos, bem poucos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu lhe pergunto. Pela... Em tese, teriam 25 colchões.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Em tese teriam 25 colchões.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pela experiência do senhor — o senhor disse que já fez uma perícia com incêndio —, pela sua experiência, a combustão criada com aqueles colchões era suficiente para consumir 25 corpos?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Com certeza.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Em quanto tempo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Aí eu não vou saber precisar para o senhor não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você não tem como...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Mesmo porque também eu estou falando com certeza, mas eu até vou voltar atrás. Eu não sei a natureza de todos os colchões que estavam lá. Pode ser que alguns eram muitos finos, pode ser que não. A princípio teria condição, porque cada colchão tem condição de queimar uma pessoa com tranquilidade.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Os senhores já fizeram ou estão pensando em fazer exames sobre o grau de facilidade de combustão desses colchões?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós nem... Bom, pelo menos nós não. Eu nem cheguei a pensar nisso não. Não sei se meu colega chegou a pensar nisso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu gostaria que os senhores fizessem um laudo e levassem isso em consideração, porque eu, como leigo, custo a acreditar que colchões tenham a facilidade de pegar fogo com tanta rapidez, para consumir 25 corpos. Se é possível isto, então o Estado vai ter que repensar o tipo de colchão para usar numa delegacia, se o senhor está compreendendo o meu



raciocínio. Porque eu acho muita rapidez, muita massa para ser consumida em pouco tempo, 25 corpos. Portanto, se foi só... Os senhores não descartam o uso de gasolina, de álcool, querosene?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Particularmente, gasolina e querosene eu acho muito difícil. O álcool, a possibilidade já é maior, porque o álcool, ele é um solvente polar e em água ele não vai deixar... fica uma mistura bastante homogênea. Agora, gasolina, se tivesse gasolina ou querosene, por pouco que seja, o combate ao incêndio... alguma coisa ficaria, e ficaria com marca semelhante à gordura, que daria para a gente perceber, o que não foi possível a gente verificar. Então, solvente apolar, a possibilidade eu creio que é remota.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês não filmaram o local do crime, lá, a cela.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Fotografamos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Só.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Fizeram algum mapa? Algum croqui? Fizeram algum croqui?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não fizemos não, mas a gente tem noção da cadeia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Em casos como este não seria aconselhável a filmagem?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - A gente não tem essa condição técnica não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não têm as condições técnicas?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você quer fazer algum aparte?

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Um aparte, Relator. Vocês... O senhor me permite 3 perguntas, Relator?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Com todo o prazer.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês são peritos da Regional.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Certo.



O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Lotados aqui na Delegacia Regional de Ponte Nova.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Sim.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Perfeito. Há quanto tempo você é perito, Marcelo?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ele falou 1 ano e...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu tomei posse no dia 5 de julho de 2006.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E você, Araken?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Tomei posse dia 6 de julho.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Então recentemente. Vocês me parece que foram... Foram só vocês que fizeram a perícia, ou vocês foram auxiliados por outros peritos, peritos da Capital?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós começamos o trabalho pericial só nós 2. Por volta das seis horas da manhã, chegaram 2 peritos de Belo Horizonte, um lotado na Seção de Crimes contra a Vida e outro na Seção de Engenharia Legal.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Seis horas da manhã.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós não olhamos relógio na hora que eles chegaram.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas ainda de madrugada.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Já estava clareando o dia.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E eles participaram, auxiliaram, participaram com vocês da perícia? Foram no local?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eles entraram lá nas celas, ajudaram a gente a olhar a questão do foco inicial...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Quais são as etapas regulares da perícia de vocês num caso desses?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Bom, o primeiro ponto, a gente precisa...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Preservar o local, fotografar, fazer o croqui...



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - É. A questão de preservar o local normalmente são os que nos precedem.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Isso. Você chega no local, qual que é o procedimento que vocês aprenderam na academia, já que são peritos com pouco tempo de... com pouca experiência prática? Vocês aprenderam que vocês... As etapas da perícia.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós precisamos chegar com calma, procurar olhar, ter uma visão panorâmica do que aconteceu e procurar fazer um levantamento fotográfico o melhor possível. Às vezes até algo que aparentemente não tem importância a gente fotografa. Vai fotografando e depois nós vamos montando o quebra-cabeça pelos dados que a gente tem. À medida que as dúvidas vão surgindo, a gente vai voltando ao levantamento fotográfico. Quando é possível, a gente volta no local onde ocorreu o crime. E aí nós vamos montando todas as peças que faltam.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas as etapas necessárias de serem feitas no local do levantamento, enquanto o local está preservado, vocês cumpriram todas elas? Você não está sabendo precisar nem quais são as etapas. É só o laudo fotográfico?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós fazemos levantamentos fotográficos. Depois que é feito o levantamento fotográfico, a gente vai olhar onde que estavam os vestígios que a gente inicialmente enxergou, vai coletar o que for possível coletar...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E isso vocês fizeram?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Fizemos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Isso foi cumprido?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Foi cumprido.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - E o auxílio dos colegas peritos que vieram imediatamente auxiliá-los foi importante?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Olha, eles nos deram ajuda principalmente nessa questão do fogo, onde que provavelmente iniciou, e na questão também... O delegado regional já tinha pedido para a gente procurar as mossas, as possíveis mossas lá na cela. Só que a cela estava toda marcada de



mossas. Então eles nos ajudaram a procurar uma possível mozza que fosse recente. Mas mesmo eles, com toda a experiência deles também, eles não conseguiram distinguir qual que... se tinha alguma ali que era recente ou não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas eles procuraram colaborar...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Junto conosco. Eles procuraram. Eles procuraram.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu perguntaria ao Sr.... Marcelo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Marcelo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Araken... Ah, Marcelo e Araken. Os senhores têm condições de informar no laudo por onde começou o fogo e o que o teria provocado?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O que o teria provocado, isso ainda nós vamos pesquisar, certo? Onde começou nós já temos um bom indício.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Qual é o indício que os senhores têm?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - A região onde a energia era maior, onde houve um estrago maior na cela, possivelmente foi o local onde iniciou o fogo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E onde é... Essas marcas estão onde? Estão lá no canto, estão próximas da parede...?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estão no canto posterior direito, colocando como referência uma pessoa de braços abertos...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O campo posterior é este aqui?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - De uma pessoa entrando na cela seria o lado esquerdo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ah, então ele está aqui.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Do lado esquerdo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É, o lado esquerdo. A cela está, se não me falha a...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O senhor está entrando aqui, o lado esquerdo.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então é esse canto aqui.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - É. Do lado do prédio da delegacia. Inclusive do lado de fora está até com algumas fissuras. Aquela região ali foi bastante afetada.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então o senhor está afirmando que o fogo não começou na porta.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - É pouco provável.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E, não começando na porta, o senhor considera que os presos da cela 8 colocaram fogo e depois não tiveram condições de controlá-lo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O senhor está afirmando que os próprios presos que morreram queimados, eles que colocaram fogo?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você acha que os presos colocaram fogo? Você acha isso possível?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu acho improvável. Possível é, mas eu acho improvável.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sendo improvável e tendo começado lá no canto esquerdo, e sendo os acusados os presos da cela nº 9, significa que eles adentraram a cela?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - A princípio parece, né, mas eu não vou afirmar com o senhor não, porque eu não posso falar de algo que ainda não é 100%.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem encontrou... Foram os senhores que encontraram a arma, ou alguém entregou a arma para vocês?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não, ela estava... Na hora que nós entramos, nós já demos de cara com a arma.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Ela estava onde? Próxima à parede entre as 2 celas?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - No portão de entrada para o corredor da cela 8. No portão inicial mesmo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - No portão de entrada da cela 8.



O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não, da cela 8 não, no portão de entrada para o corredor que dá acesso à cela 8.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então já quase saindo para a passarela.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - É, quase saindo. O senhor conhece...?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - É, eu fui hoje lá.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Quase saindo para aquela escadaria que vai para o primeiro andar.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim. E o revólver estava em que posição? O cabo dele estava para o lado da escada ou o inverso, ou na lateral...?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Eu tenho fotografado. Aqui, agora, eu não vou...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem fotografado, né? Tá.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Estava numa cam..., dentro de uma camisa, embolado numa camisa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês encontraram algum objeto contundente capaz de romper 5 cadeados?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês consideram que um chucho feito na...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós encontramos 2 desses, mas os que nós encontramos não têm condição de...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não têm condições?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - ... de romper cadeado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não encontraram, portanto, nenhum objeto contundente.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Por enquanto não. Creio que ainda há uma possibilidade de encontrar. Ele não deve ter saído de lá não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Dentro da cela vocês também não encontraram nenhum cartucho deflagrado?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nenhum.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Na cela 8 não.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Um aparte. A camisa que você achou, que a arma estava envolta nela, foi mandada... está com vocês? Foi apreendida, está na perícia?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Está na perícia.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Está na perícia.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - É possível fazer o DNA?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Exame tem como fazer, agora, se vai conseguir constatar alguma coisa... Eu, particularmente...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Mas ela estava preservada?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Estava molhada, né?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Ela estava toda molhada, né?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Estava no chão, molhada...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Com o combate ao incêndio, ela teve que...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Misturou muita coisa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A que hora os corpos começaram a ser recolhidos de dentro da cela 8?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós não olhamos relógio, mas creio que por volta de três, três e meia, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Então o senhor chegou duas e meia?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu cheguei duas e meia, duas e quarenta. Eu não lembro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o senhor, chegou a que horas?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Cheguei por volta de duas.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Duas? Pela experiência do senhor, 1 ano e mês de experiência, 25 corpos queimados, os senhores acham que 1 hora era tempo suficiente para fazer todo o exame do local, mapear os corpos...?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Em 1 hora?



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês afirmaram que chegaram... o senhor chegou a que horas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Olha, eu creio que eu cheguei por volta de duas e quarenta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Duas e quarenta.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Duas e meia, duas e quarenta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E os corpos foram recolhidos às três horas, você falou?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Começaram. O início.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - O início, né?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, mas mesmo como início. Eu pergunto: 1 hora é tempo suficiente para fazer uma perícia com essa complexidade?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Seguramente não. Mas são as prioridades. Se nós ficássemos lá a manhã inteira, fazendo esse levantamento de cela em cela, aí...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Não, não, eu estou falando só na cela nº 8, porque é lá que estavam os corpos. Eu pergunto se 25 corpos queimados, que necessitam ser fotografados, fazer croqui, identificar, se menos de 1 hora era tempo suficiente para a conclusão, mesmo inicial, do trabalho dos senhores.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Era sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Baseada em quê?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não dava para a gente gastar tanto tempo. Também a luminosidade não era boa. Então a gente, por mais que ficasse procurando lá, chega num ponto em que a gente não consegue enxergar com detalhes nas condições que eram apresentadas para nós.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, Sr. Marcelo, um corpo leva 24 horas para ser enterrado. Eles começaram a ser mortos, pressupõe-se, de uma a uma e meia. Portanto, quando os senhores chegaram, estava com pouco mais de 2 horas. Não seria prudente, já que não tinha luminosidade suficiente, não seria prudente deixar o dia amanhecer para fazer um trabalho mais criterioso, considerando o tempo de experiência dos senhores?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Olha, eu imagino que, se nós tivéssemos optado por fazer isso, isso ia vazar rapidinho, os meios de comunicação iriam ficar sabendo, como ficaram sabendo, e aí que ia ser muito difícil nós trabalharmos. A gente tinha que aproveitar enquanto só estávamos nós, profissionais da área, porque, depois que muitas pessoas estivessem envolvidas, aí ia ficar muito mais complicado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Mas, Sr. Marcelo, hoje nós estivemos lá, e a imprensa foi devidamente contida, não teve acesso, os policiais não permitiram. Só tem uma entrada, portanto a imprensa não teria como adentrar sem uma autorização da autoridade competente. O senhor não acha que seria mais prudente ter esperado o dia amanhecer para poder tirar fotografia com luz? Como é que vocês tiraram fotografia sem luz suficiente?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O fato é o seguinte: isso passou, né? Talvez o que o senhor está falando seja o melhor, agora, isso só pode ser feito e reavaliado — esperamos que não aconteça — se isso acontecer uma outra vez. No momento, nós fizemos o que foi possível fazer e o que nós achamos que era o melhor, o que não quer dizer que nós fizemos o que é o melhor. Pode ser que alguém faria um trabalho melhor, mas era o que foi possível fazer no momento. Nós fizemos, e é isso aí.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Me diga o seguinte: o senhor se lembra em que posição estava o corpo que estava com uma marca de bala no peito, em relação à porta?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estava mais ou menos na direção da porta.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - E o que estava com uma parte do cérebro à mostra?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Estava no canto direito, para quem está entrando dentro da cela.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês conseguiram ver marca de sangue próximo ao cadáver?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Com aquele calor todo, sangue, só se a pessoa começa... Algumas pessoas começaram a sangrar depois de tirados os corpos, ou no momento em que a gente estava tirando.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Para a gente concluir.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Começavam a espumar, alguma coisa assim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Porque uma das teses que pode ser uma hipótese é que alguns dos presos foram mortos antes de serem queimados, portanto é possível haver sangue. Mas eu pergunto para o senhor: pela posição dos corpos, daria para ser atingida uma maioria deles a partir da porta?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Depende... Da porta ali daria para acertar... atingir a maioria deles. Agora, depende de quantas armas tinha, que tipo de arma. A princípio, nós só achamos esse revólver calibre 38. Apenas com ele não seria possível não.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto ao senhor: se tivesse bombeiros na cidade, já que a delegacia... A delegacia está no centro, né?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Bairro Santa Teresa. É próximo sim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Se tivesse bombeiros na cidade, era possível evitar parte, pelo menos parte dessa tragédia?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não creio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Tem alguma pergunta?

Eu, da minha parte, Presidente, fico não satisfeito, porque creio que a perícia envolve outros elementos. É preciso esperar o laudo do Instituto Médico Legal, saber que tipo de lesão os presos podem ter. Mas queria aqui, respeitosamente, sugerir aqui ao Dr. Genilson, representante do Governo do Estado, que pudesse designar peritos, sem desmerecer a intelectualidade do senhor, que é jovem, e do senhor, que é um pouco mais idoso mas está jovem na atividade, porque esse fato, ele vai repercutir por muitos anos. Com certeza, entidades internacionais vão cobrar do Governo brasileiro, do Governo de Minas Gerais esclarecimento bem detalhado. E acho que seria bem oportuno que o Governo de Minas Gerais, através dos seus organismos, indicasse peritos para, primeiro, concluir a perícia com brevidade e,



depois, examinar todos os aspectos dessa perícia. Porque eu acho que é um fato bastante complexo, envolve pesquisas minuciosas. Hoje, a medicina legal, a medicina forense coloca à disposição uma série de instrumentos científicos que são capazes, com minúcias, de chegar a uma conclusão sobre um fato desses, tão complexo. Porque nós estamos diante aqui da possibilidade de uso de material bastante inflamável — é uma possibilidade — e da possibilidade de que boa parte dos presos tenham sido alvejados de fora — mas aí só tem uma arma. Tem que se vasculhar urgentemente e preservar mais do que nunca o local, para poder se coletar todos os elementos, todos os dados, todos os indícios capazes de se chegar a uma conclusão. Não é bom para o Governo brasileiro, para o Governo de Minas Gerais que não se chegue a uma conclusão sobre o que realmente... As causas a gente já tem mais ou menos uma noção. Como nós não estamos aqui apressadamente, por conta do fato, para chegar a nenhuma conclusão precipitada, o que nós podemos... eu, como Relator, posso sugerir para contribuir para a elucidação é que sejam designados peritos com uma experiência mais acumulada, de tal forma que, com brevidade, a gente possa ter esses laudos, que são fundamentais para esclarecer, já que não há nenhuma testemunha da cela 8, da cela nº 9 nós vamos ter dificuldade de saber a verdade e das demais celas vai ser muito difícil a gente colher alguma informação. Então conluo por aqui, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós queríamos agradecer ao Relator, agradecer aos Parlamentares, dizer que realmente nós esperávamos que esse episódio pudesse receber uma atenção especial por parte das autoridades locais. Como disse o Relator, os 2 peritos são peritos praticamente da mesma fase dos peritos aqui da cidade, peritos de 1 ano de trabalho, que nunca talvez tiveram a oportunidade de atuar em caso tão complexo como esse. Já começaram pegando uma feijoada... recém-nascidos comendo feijoada. Então é um alimento, quem sabe, muito forte aí para ser avaliado por peritos que estão iniciando a carreira. Normalmente nós temos peritos que são deslocados para acompanhar casos como esse, que, como disse o nobre Deputado, é um caso que, com certeza, vai repercutir alguns dias ainda na mídia nacional, na mídia local, e vai repercutir em alguns organismos internacionais. E, com certeza, será cobrado do Governo brasileiro e do



Governo de Minas, das autoridades locais, um posicionamento firme e uma investigação profunda sobre os fatos. E, conforme afirmado pelos próprios peritos, não foi feita uma investigação, uma perícia profunda. Sem perícia profunda, não tem investigação profunda a respeito dos fatos, porque nós entendemos que a perícia, neste caso, é um instrumento muito importante. Aparentemente, a morte é uma morte causada por gangues de dentro da cadeia, mas nós não podemos descartar a possibilidade de alguém de dentro da cadeia ter facilitado a morte dessas pessoas. Se entrou essa arma, alguém foi omissos, alguém foi omissos, alguém deixou essa arma entrar. Se entrou munição, alguém deixou essa munição entrar. Então omissão já existe. Não sabemos de quem. Esperamos que as investigações apontem para quem foi omissos para com a entrada dessa arma. Se foi feito vistoria na cela e não foi encontrado, de repente apareceu uma arma... Na cela 8 não foi, porque todos morreram. A cela 9 foi vistoriada, não encontraram nada. De onde, então, apareceu essa arma, de repente, dentro do presídio? Não sabemos se é uma arma ou se são várias as armas que foram encontradas ali. Por que que só uma até agora apareceu? Onde é que foram parar, caso existisse uma outra arma, ou outras armas? Porque a cena do crime ainda não ficou clara para nós. Nós temos dificuldade de acreditar que 25 presos, numa sala de quase 40 metros quadrados, morreram queimados. Poderíamos até entender que todos tivessem morrido intoxicados: jogado os colchões para um canto — porque ninguém é besta de ficar com um colchão queimando perto, e dava para empurrar, dava para jogar — e morrido todo mundo do outro lado lá, intoxicado. Mas todos queimados? É difícil. É difícil até porque os próprios colchões espalhados pelo ambiente, para queimar todos os corpos e carbonizar alguns aí, com queimaduras bem profundas aí, de grau bem alto... Com certeza, para queimar todos os corpos, só se todos os colchões estivessem em cima de todos os presos. E eu pergunto agora aos peritos que estiveram no local: se tivesse sido usado gasolina ou querosene para ajudar a queimar esses corpos e encharcar os colchões, esses 2 combustíveis deixariam marca no piso?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Se ele tiver queimado completamente, não deixaria. Mas se não houve combustão total, deixaria marca semelhante à gordura.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na região, por exemplo. Usando querosene ou a gasolina na região onde foi espalhada, não ficaria uma marca mais escura, com a presença ali do combustível, depois?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Por ser um ambiente fechado e o próprio colchão uma substância que, ao queimar, vai liberar muita fumaça, então a fumaça produzida pela gasolina ou a querosene seria seguramente também misturada com as demais fumaças dos outros elementos que queimaram: colchões, toalhas, roupas que existiam lá na cela.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês sabem... vocês poderiam nos fornecer o nome dos 2 peritos que vieram de Belo Horizonte auxiliá-los?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - O perito da Engenharia Legal se chama Arnaldo, e o perito de Crimes contra a Vida é José Maria.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Vocês julgam que todos os elementos necessários a desenvolver o laudo e a precisar, dentro da mais concreta... vocês conseguiram colher?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Deixe eu fazer um aparte. É José Carlos.

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - José Carlos? José Carlos.

Vocês acreditam que vocês colheram todos os elementos necessários à elaboração do laudo e necessários para que vocês tirem as conclusões dentro desse prazo que vocês têm, legal, de 30 dias para concluir? Estou perguntando isso porque o local ainda está relativamente preservado, né? Relativamente porque nós já entramos lá. E eu, pela insegurança que foi transmitida para a Comissão durante o depoimento de vocês — eu tenho que ser sincero nisso —, eu acho que seria prudente até aconselhar as autoridades policiais locais que, se fosse o caso e vocês não se sentirem seguros para isso, que mandassem até uma nova equipe no local, já que o local está relativamente preservado. É tão importante a prova pericial, que nós não podemos perder nenhum momento. Então, vocês julgam que colheram todos os dados necessários à elaboração do laudo?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Seguramente, é necessário. O instrumento que foi usado para romper os cadeados, nós não achamos e precisa ser



procurado. E outras evidências também devem ser procuradas. No momento, ali, naquele dia, por mais experiente que qualquer perito fosse, eu não creio que ele conseguiria coletar tudo o que era necessário numa visita só ao local. Em locais de grande complexidade é muito comum o perito ir lá mais de uma vez. Às vezes vai até 5 vezes, o quanto for necessário, porque o trabalho é um trabalho bastante técnico, não é de achar. Então, à medida que vai sendo trabalhado, as dúvidas vão surgindo. Quando a gente chega ao local, algum elemento que aparentemente não tinha importância torna-se importante.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Sr. Deputado Alexandre...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Sim, Deputada.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Não sei se você estava aqui na hora em que o Deputado Domingos Dutra falou da importância de chamar outros peritos para somar, de preservar o local, apesar de que outras pessoas estejam lá, continuar preservando. Quer dizer, o Deputado Neucimar fez também essa observação, referendou no sentido de que não é um fato simples. Por mais que os peritos possam ter boa vontade, eles são recém-iniciados na profissão. Nós temos também que reconhecer isso, não no sentido de desmerecer vocês, mas no sentido da gravidade do caso, do tamanho do caso, que o Governo do Estado, o Governo do Brasil, como o Deputado Domingos disse ontem, vai ser cobrado por isso, não só aqui no Brasil, mas fora.

Então, já foi orientado pelo Deputado Neucimar que a gente devia reforçar aqui que continue sendo isolado o local e que as autoridades aqui do Estado tomem as providências para que possa fazer a perícia mais rápida e somar com eles...

O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA - Só um aparte, Doutora. Os 2 peritos, o Arnaldo e o José Carlos, eles continuam no trabalho com vocês? Ficou combinado de eles continuarem fazendo um acompanhamento local, continuarem auxiliando vocês?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eles falaram que, a qualquer necessidade, a gente poderia entrar em contato.

A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO - Acho que é uma questão, Deputado Alexandre, não deles, mas das autoridades. Diante do que a gente ouviu hoje o dia todo, da repercussão do caso, que as autoridades que estão



acompanhando conosco aqui o dia todo também, que estão nos dando atenção, que tomem as providências no sentido de que tenha uma perícia no sentido de contribuir para a elucidação do caso. Se for preciso, acompanhar a elucidação do caso, para as famílias, para a sociedade da cidade, para o Estado e para o País. O Deputado Neucimar já colocou isso, eu queria reforçar e concordar com a sua orientação e com a orientação do Relator.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto aos dois: a formação de vocês é de perito criminal?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Perito criminal.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Nesse casos, vocês se bastam? Quando tem um corpo, não precisa do legista, basta vocês?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não entendi bem a pergunta do Deputado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Há o médico legal, o médico que faz o laudo, a necropsia, etc. Nesse caso, considerando a quantidade de corpos, não haveria também a necessidade de também ter um perito legista, formado em Medicina legal?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Olha, o perito criminal faz o levantamento de local, e o médico-legista preocupa-se com o corpo. Então, é um trabalho conjunto. Em alguns casos, às vezes, se o médico legista puder acompanhar, é bom. Como também, às vezes, em alguns casos, se o perito pudesse acompanhar o médico legista, seria bom. Só que o Estado não oferece condições para isso. São poucos médicos legistas, poucos peritos e, realmente, isso não é fácil. Mas se o Estado oferecer a possibilidade, em muitos casos, seria de grande ajuda, realmente.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quem tirou as fotos?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Eu tirei algumas fotografias, e o Araken tirou outras. Em alguns momentos, inicialmente, eu tirei fotografias. Depois, ele comandou o restante.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Vocês também são habilitados para produzir fotografias?



O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós fizemos curso na academia.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Para isso. Essas fotos, os negativos estão aonde?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Fizemos em máquina digital. Mas o Instituto de Criminalística tem equipamento que, além de revelar fotografia, também produz o negativo.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, eu gostaria que a Presidência solicitasse à autoridade do Governo que fornecesse cópia das fotografias para a Comissão. E queria perguntar ainda para o Sr. Araken: aqui tem o seu ofício encaminhando aqui os cadeados — são, em um total, 4 cadeados, não é isso?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Isso. Isso.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Um cadeado marca Soprano S-50, danificado em seu sistema de abertura, com várias marcas de objetos contundentes em sua caixa de fechamento. Um outro cadeado, da mesma marca, danificado em seu sistema de abertura com várias marcas de objetos contundentes em sua caixa de fechamento e com uma parte de sua alça de tranca acoplada ao seu corpo, sendo que um de seus orifícios de trancamento encontra-se rompido. Um cadeado marca Papaiz C-45, danificado em seu sistema de abertura, com várias marcas de objetos contundentes em sua caixa de fechamento. E um cadeado marca Pado E-45, danificado em seu sistema de abertura, com várias marcas de objetos contundentes em sua caixa de fechamento, com parte de sua alça de tranca em ambos os lados de seu encaixe. Além das peças acima descritas, seguem 4 alças de trancamento de cadeados danificadas. Eram 5 celas, por que só 4 cadeados?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - O que nós encontramos no momento, não é?

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Só encontraram 4.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Por isso que a gente está querendo fazer uma busca mais minuciosa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Pela experiência...



O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Porque a gente acha que há até mais cadeados, não só mais um.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - O senhor já falou que só encontraram 2 chuchos; esses chuchos seriam incapazes de promover essas marcas nos cadeados.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - As marcas, eles poderiam produzir, eles não conseguiriam...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Abrir...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - ... romper o cadeado.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Eu pergunto aos senhores sobre objetos contundentes: vocês poderiam classificar, aqui, 3 objetos contundentes capazes de romper esses cadeados que são bastante fortes?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Poderia ser um vergalhão que tivesse um diâmetro de 50 mm, aquele GG-50, ele conseguiria abrir, romper um cadeado daquele. Uma barra de ferro.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Quando o senhor afirma: "*várias marcas de objeto contundente em sua caixa de fechamento*". O senhor poderia explicar o que é caixa de fechamento.

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Caixa de fechamento é aquela parte mais maciça mesmo. A alça é parte de cima e a caixa de fechamento é a parte...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - A batida é na parte externa? Essas marcas?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Na parte externa.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Isso significa que alguém bateu de fora para dentro ou era possível quem estava de dentro da cela fazer essas marcas?

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Não é possível determinar não, porque não se sabe a posição que o cadeado estava na hora. Se bateu assim ou o jeito que ele caiu. Não dá para determinar assim.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sr. Presidente, obrigado. Eu só perguntaria: pela experiência dos senhores, considerando que teria que se fazer esforço, teria que fazer zoada para amassar, deixar essas marcas nos cadeados...

O SR. ARAKEN RESENDE COSTA - Repita a pergunta, por favor.



O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Você afirmou que todos eles tinham várias marcas, o senhor já afirmou que são marcas externas, portanto, alguém bateu. Vocês têm uma dimensão...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Possivelmente, pode ter sido usado alavanca também...

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Sim, mas se é na parte externa.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não necessariamente vai bater. Alavanca. Aliás, seria até mais fácil fazer alavanca para abrir do que bater.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Poderiam ser todos eles abertos sem fazer zoada?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não. Barulho faria sim. Mas, se fosse para bater, com certeza, o barulho seria muito maior do que o de alavanca.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA - Presidente, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queremos agradecer aos 2 peritos e reforçar aqui, por solicitação dos membros da Comissão, aos membros da Segurança Pública do Estado, a possibilidade de enviar à cidade uma equipe de peritos que possam estar colaborando com o trabalho inicial feito pelos 2 peritos, os 2 que estão aqui e os outros 2 que já vieram aqui à cidade, tendo em vista que, segundo as informações prestadas pelos peritos locais, eles não tiveram nem oportunidade de voltar ao local durante o dia. Fizeram o trabalho durante a noite e não voltaram mais ao local, tendo em vista que eles deram prioridade à liberação dos corpos.

É curioso que a especialidade de vocês, que seria a perícia, na verdade, do local, e deixar a perícia legista ser feita pelos médicos...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Nós não fomos fazer trabalho de perícia de médico-legista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu sei, mas a aplicabilidade da função de vocês não seria priorizar a perícia nos corpos. Não é isso?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Sim.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E sim a criminal, no local do crime. Por falta dos peritos legais para fazer o exame dos corpos, vocês priorizaram a liberação dos corpos...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - A questão de tirar os corpos dali do local de crime seria... A gente mesmo é que precisaria de acompanhar, entendeu? E nós acompanhamos os peritos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sim, mas seria bom se tivessem os médicos legislas para fazer ali a retirada dos corpos, fazer o acompanhamento ali, a liberação...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - É, se o Estado colocar à disposição médicos para trabalhar dessa maneira, tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas a função do médico legista é essa, não é? Na cena do crime?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Não. Médico Legista normalmente não vai à cena do crime.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas quando se vai à cena...

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Ele vai fazer a perícia, depois, no corpo. Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na hora de estar fazendo a autópsia.

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Agora, nós fomos até o hospital, junto com os médicos legistas. Por ter visto, acompanhado, feito o levantamento do local, a gente poderia dar alguma ajuda a eles, para que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Os corpos foram levados para o hospital de Ponte Nova ou de BH?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Hospital de Ponte Nova, inicialmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Antes de ir para BH, passaram aqui?

O SR. MARCELO ALEXANDRE DA SILVA - Isso. Aí, os médicos-legistas chegaram, nós os acompanhamos. Alguns nós auxiliamos, até para levá-los a



entender. Eles iam olhando os corpos, fazendo perguntas, e a gente ia respondendo, para ajudá-los no trabalho deles também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O.k. Nós agradecemos.

Está encerrado o depoimento.